



Universidade de Brasília
Centro de Excelência em Turismo
Programa de Pós-Graduação em Turismo
Mestrado Profissional em Turismo
Área de Concentração: Cultura e Desenvolvimento Regional
Linha de Pesquisa: Cultura e Sustentabilidade

**A PARTICIPAÇÃO DE PESSOAS IDOSAS NO MERCADO DE TRABALHO DO
SETOR DE TURISMO DO DISTRITO FEDERAL: POSSIBILIDADES E LIMITES.**

Elmar Rodrigues de Lima

Brasília - DF
2014

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de
Brasília. Acervo 1016070.

L732p Lima, Elmar Rodrigues de.
A participação de pessoas idosas no mercado de trabalho
do setor de turismo do Distrito Federal : possibilidades
e limites / Elmar Rodrigues de Lima. -- 2014.
221 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília,
Centro de Excelência em Turismo, Programa de Pós-Graduação
em Turismo, Mestrado Profissional em Turismo, 2014.
Inclui bibliografia.
Orientação: Neuza de Farias Araújo.

1. Turismo. 2. Idosos. 3. Mercado de trabalho. 4. Divisão
do trabalho por sexo. I. Araújo, Neuza de Farias. II. Título.

CDU 338.482.2



Universidade de Brasília
Centro de Excelência em Turismo
Programa de Pós-Graduação em Turismo
Mestrado Profissional em Turismo
Área de Concentração: Cultura e Desenvolvimento Regional
Linha de Pesquisa: Cultura e Sustentabilidade

**A PARTICIPAÇÃO DE PESSOAS IDOSAS NO MERCADO DE TRABALHO DO
SETOR DE TURISMO DO DISTRITO FEDERAL: POSSIBILIDADES E LIMITES.**

Elmar Rodrigues de Lima

Dissertação apresentada ao programa de
Mestrado Profissional em Turismo da
Universidade de Brasília, na área de
Concentração: Cultura e Desenvolvimento
Regional, na linha de pesquisa: Cultura e
Sustentabilidade, como requisito parcial
para obtenção de título de mestre.
Orientadora: Profa. Dra. Neuza de Farias
Araújo.

Brasília - DF
2014



Universidade de Brasília
Centro de Excelência em Turismo
Programa de Pós-Graduação em Turismo
Mestrado Profissional em Turismo
Área de Concentração: Cultura e Desenvolvimento Regional
Linha de Pesquisa: Cultura e Sustentabilidade

Dissertação de autoria de Elmar Rodrigues de Lima, intitulada A Participação de Pessoas Idosas no Mercado de Trabalho do Setor de Turismo do Distrito Federal: Possibilidades e Limites, submetida ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Turismo, em ----/----/---, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Neuza de Farias Araújo

Orientadora

Profa. Dra. Marutschka Martini Moesch

CET/UnB

Profa. Dra. Zilda Vieira de Souza Pfeilsticker

Professora Pesquisadora Associada da Sociologia – UnB

Profa. Dra. Maria Elenita Menezes Nascimento

CET/UnB

DEDICATÓRIA

À memória do meu pai, José Rodrigues de Lima,
Ex-combatente da II Guerra Mundial, pelo
caráter de luta, abnegação, exercício da cidadania.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora, Professora Doutora Neuza de Farias Araújo, pelas orientações, dedicação, capacidade intelectual e firmeza para a conclusão dessa Dissertação.

A minha família, sempre presentes, pelo apoio.

A minha mulher “Edilce Ramos de Oliveira Rodrigues”, pela sua colaboração, paciência e participação no dia-a-dia.

Aos professores do Curso de Mestrado que muito colaboraram e me inspiraram para as análises e conceitos diversos.

Aos professores que participaram da Banca de Qualificação, pela contribuição para novos estudos rumos a Dissertação.

Aos professores que participaram da minha Banca de Defesa da Dissertação.

Aos colegas de turma do Curso de Mestrado. (2011-2012).

Aos colegas de trabalho do Centro de Excelência em Turismo – CET, pela colaboração e compreensão.

As instituições públicas e privadas que me receberam para informações, entrevistas e concessão de documentos durante as visitas para aquisição de dados, leitura e posteriormente elaboração da Dissertação.

Enalteço e agradeço aos anônimos das entrevistas que colaboraram com suas experiências de vida, seu profissionalismo, sua participação, seus ensinamentos, suas observações, suas críticas e suas autocríticas. Por um lado, o zelo, a reverência pelas colocações diversas, e o carinho dos entrevistados. Por outro lado, o respeito, o acatamento com o compromisso de cada instituição visitada.

Nesta máquina do mundo, entrando também nela os céus, as estrelas têm seu curso

ordenado que não pervertem;

o sol tem seus limites e trópicos fora dos quais não passa;

o mar, com ser um monstro indômito, em chegando às areias, pára;

as árvores, onde as põem não se mudam;

os peixes contentam-se com o mar;

as aves com o ar;

os outros animais com a terra.

Pelo contrário o homem, monstro e quimera de todos os elementos,

em nenhum lugar pára, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição, nem apetite o farta;

tudo perturba, tudo perverte, tudo excede, tudo confunde, e como é maior que o mundo não cabe

Nele.

Antonio Vieira

RESUMO

A dissertação versa sobre a participação dos idosos-idosas no mercado de trabalho no setor de turismo no Distrito Federal possibilidades e limites. Considerando que as pessoas idosas estão atuantes na sociedade, sendo condição de todos os seres vivos, pretendemos fazer uma reflexão sobre a questão do trabalho dos idosos/as e sua atuação em tarefas, em especial pensar nas questões de contribuição e aumento de renda, muito particulares aos idosos-idosas. Esta dissertação faz parte da pesquisa desenvolvida no âmbito do mestrado profissional em Turismo no CET da Universidade de Brasília e insere-se na linha de pesquisa Cultura e Sustentabilidade em Turismo. O objetivo geral deste trabalho é analisar a inserção do idoso/idosa no setor de Turismo. O contexto do tema escolhido é caracterizado por espaço e tempo envolvendo um estudo do Idoso, do Trabalho, no setor de Turismo. Utilizamos o método quanti-qualitativo e análise das categorias idoso, trabalho, turismo e gênero. O Estatuto do Idoso e a Política Nacional do Idoso definem como população idosa, aquela de sessenta (60 anos ou mais). Essa definição resulta numa heterogeneidade do segmento considerado idoso/idosa. Apresentaremos o perfil da população idosa, os aspectos demográficos, renda, políticas públicas, os idosos em estatística do IBGE. Procuramos tecer algumas considerações sobre os direitos das pessoas idosas, gerações, a feminização de idosas, os sentidos do trabalho, novas configurações da divisão sexual do trabalho. Apresentamos o turismo como fenômeno social, e gênero, suas relações na divisão do trabalho no setor de turismo.

Palavras-chave: Turismo. Idoso. Inserção. Trabalho. Gênero.

ABSTRACT

This Dissertation examines the possibility and limits of the participation of old-aged people in the employment market of the tourism sector at the Federal District. Whereas older people are active in society as a condition of all living beings, we want to reflect on the question of the work of elderly, their performance in the tasks and in particular considering the issues of contribution to income growth, a very private question to the elderly. This work is part of the research conducted under the Professional master's degree in Tourism at the *Centro de Excelência em Turismo – CET* of the University of Brasília and fits into the line of research Culture and Sustainability in Tourism. The general objective of this work is to analyze the insertion of senior / elderly in the Tourism sector. The context of the chosen topic is characterized by space and time involving a study of elderly employment in the Tourism sector. We used quantitative and qualitative methods and the analysis of the categories old, business, tourism and gender. The Elderly Statute and the National Policy for the Elderly defined as elderly the population sixty years old or older. This definition results in heterogeneity of the segment of population considered elderly. We will present the profile of the elderly population, demographics, income, public policies and the elderly in the IBGE statistics. We seek to present some considerations on the rights of older people, generations, the feminization of the elderly, the meanings of work, new configurations of the sexual division of labor. Tourism is presented as a social phenomenon, gender and the relations in the division of labor in the tourism sector.

Keywords: Tourism. Elderly. Insertion. Employment. Gender.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Pirâmide etária da população do Distrito Federal – 2010.....	35
Figura 2 - População idosa do Distrito Federal por situação de atividades econômica e ocupação - 2010.....	39
Figura 3 - Rendimento nominal médio mensal em reais no Distrito Federal por faixa etária – 2010.....	40
Figura 4 - Distribuição da população idosa do Distrito Federal por faixa etária – 2010.....	43
Figura 5 - Cobertura previdenciária da população no Brasil e no Distrito Federal – 2010.....	45
Gráfico 1 - Proporção de idosos de 60 anos ou mais e de 65 anos ou mais de idade – Brasil – 1999/2009.....	51
Gráfico 2 - Pessoas de 60 anos ou mais de idade, segundo características – Brasil – 2009....	51
Quadro 1 - Quadro dos/as entrevistados/as.....	130

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Pessoas de 65 anos ou mais de idade, total, com indicação da média de anos De estudo e respectiva distribuição percentual, por grupos de anos de estudo, Segundo as Grandes Regiões – 2009.....	37
Tabela 2 - Distribuição da população idosa do Distrito Federal por classe de rendimento nominal médio mensal em salários mínimos * e faixa etária – 2010.....	41
Tabela 3 - Percentual da população de 60 anos ou mais em relação à população total por Região Administrativa do Distrito Federal – 2010*	42
Tabela 4 - Percentual de mulheres idosas por faixa etária e Região Administrativa do Distrito Federal - 2010*	44
Tabela 5 - Distribuição da população idosa do Distrito Federal por grupo de Regiões.....	47
Tabela 6 - Pessoas de 65 anos ou mais de idade, total e respectiva distribuição percentual, por situação do domicílio e sexo, segundo as Grandes Regiões, as Unidades da Federação e as Regiões Metropolitanas – 2009.....	52
Tabela 7 - Pessoas de 65 anos ou mais de idade, total, com indicação da média de anos De estudo e respectiva distribuição percentual, por grupos de anos de estudo, Segundo as Grandes Regiões - 2009.....	54
Tabela 8 – Pessoas de 60 anos ou mais de idade, total, com indicação da média de anos de estudo e respectiva distribuição percentual, por grupos de anos de estudo, segundo as Grandes Regiões, as Unidades da Federação e as Regiões Metropolitanas – 2009.....	56
Tabela 9 – Pessoas de 60 anos ou mais de idade, residentes em domicílios particulares, total e respectiva distribuição percentual, por classes de rendimento médio mensal domiciliar per capita, segundo as Grandes regiões, as Unidades da Federação e as Regiões Metropolitanas – 2009.....	58
Tabela 10 – Pessoas de 65 anos ou mais de idade, residentes em domicílios particulares, total e respectiva distribuição percentual, por classes de rendimento médio mensal domiciliar per capita, segundo as Grandes Regiões – 2009.....	59
Tabela 11 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por situação do domicílio e sexo, segundo o numero de trabalhos, a condição de contribuição para instituto de previdência oficial no trabalho principal, os grupos habitualmente trabalhadas por semana no trabalho principal e os grupos de idade.....	60
Tabela 12 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por condição de aposentada ou pensionista de instituto de previdência oficial no mês de referência e o sexo, segundo a situação de ocupação na semana de referência e os grupos de idade.....	61

Tabela 13 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por situação do domicílio e sexo, segundo o número de trabalhos, a condição de contribuição para instituto de previdência oficial no trabalho principal, os grupos de horas habitualmente trabalhadas por semana no trabalho principal e os grupos de idade.....	62
Tabela 14 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por sexo e nível de instrução, segundo, a condição de contribuição para instituto de previdência oficial no trabalho principal, os grupos de horas habitualmente trabalhadas por semana no trabalho principal, os grupos e idade e a seção de atividade do trabalho principal.....	63
Tabela 15 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por sexo e nível de instrução, segundo, a condição de contribuição para instituto de previdência oficial no trabalho principal, os grupos de horas habitualmente trabalhadas por semana no trabalho principal, os grupos de idade e a seção de atividade do trabalho principal.....	64
Tabela 16 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, valor do rendimento nominal médio mensal, e mediano mensal, de todos os trabalhos, das pessoas de 10 anos ou mais de idade ocupadas na semana de referência, por situação do domicílio e sexo, segundo as classes de rendimento nominal mensal de todos os trabalhos e os grupos de idade.....	65
Tabela 17 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por condição de atividade e de ocupação na semana de referência, segundo o sexo, a condição no domicílio e o compartilhamento da responsabilidade pelo domicílio, a naturalidade em relação ao município e os grupos de idade.....	66
Tabela 18 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por condição de aposentada ou pensionista de instituto de previdência oficial no mês de referência e o sexo, segundo a situação de ocupação na semana de referência e os grupos de idade.....	67
Tabela 19 – Envelhecimento pelo topo e envelhecimento pela base.....	72

LISTA DE SIGLAS

ANG	Associação Nacional de Gerontologia
BPC	Benefício de Prestação Continuada
CGDI	Coordenação Geral dos Direitos do Idoso
CNDI	Conselho Nacional dos Direitos do Idoso
CODEPLAN	Companhia de Planejamento do Distrito Federal
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
DF	Distrito Federal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INSS	Instituto Nacional de Seguro Social
OCT	Organização Científica do Trabalho
ODM	Objetivo de Desenvolvimento do Milênio
OEA	Organização dos Estados Americanos
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial da Saúde
OMT	Organização Mundial de Turismo
ONGs	Organizações Não-Governamentais
ONU	Organização das Nações Unidas
PDV	Programa de Demissão Voluntária
PEA	População Economicamente Ativa
PIB	Produto Interno Bruto

PNAD	Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios
PNDH	Plano Nacional de Direitos Humanos
RAs	Regiões Administrativas
RH	Recursos Humanos
RIPSA	Rede Interagencial de informação para a Saúde
RSE	Responsabilidade Social Empresarial
SCIA	Setor Complementar de Indústria e Abastecimento
SECHOSC	Sindicato dos Empregados no Comércio Hoteleiro, Restaurantes, Bares e Similares do DF
SIA	Setor de Indústria e Abastecimento
SIDRA	Sistema IBGE de Recuperação Automática
UTL	Universidades do Tempo Livre

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
I - CAPÍTULO.....	20
....1.2 TEMA.....	20
1.3 DELIMITAÇÃO DO TEMA	20
1.4 JUSTIFICATIVA	20
1.5 OBJETIVO GERAL.....	22
1.6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	22
1.7 HIPÓTESE	22
II - CAPÍTULO.....	23
2.1 QUADRO TEÓRICO:.....	23
2.2 CONCEITOS DE IDOSO:	26
2.3 CONCEITO DE TRABALHO	28
2.4 CONCEITO DE TURISMO.....	31
2.5 CONCEITO DE GÊNERO	32
2.6 METODOLOGIA.....	32
2.7 CAMINHO METODOLÓGICO	32
III - CAPÍTULO	34
3.1 OS IDOSOS NO DISTRITO FEDERAL.....	34
3.2 PERFIL DA POPULAÇÃO IDOSA DO DISTRITO FEDERAL.....	34
3.3 ASPECTOS DEMOGRÁFICOS.....	35
3.4 EDUCAÇÃO	36
3.5 TRABALHO E RENDA	39
3.6 ASPECTOS ESTATÍSTICOS COMPARATIVOS DA POPULAÇÃO COM OUTRAS REGIÕES DO BRASIL	51
3.6.1 Os idosos em estatística do IBGE	51
3.7 SISTEMA IBGE DE RECUPERAÇÃO AUTOMÁTICA – SIDRA	61
IV - CAPÍTULO	70
4.1 OS DIREITOS DAS PESSOAS IDOSAS	70
4.2 O PAPEL DO CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DO IDOSO.....	70
4.3 REFERÊNCIAS AOS IDOSOS.....	71
4.4 SER IDOSO/A COM DIGNIDADE	71

4.5 REFERÊNCIAS A SITUAÇÃO DE IDOSOS/IDOSAS A NÍVEL INTERNACIONAL	72
4.6 A FEMINILIZAÇÃO DAS IDOSAS	76
4.7 AS TRATATIVAS INTERNACIONAIS A RESPEITO DOS IDOSOS E A PARTICIPAÇÃO DO BRASIL	78
4.8 ESTATUTO DO IDOSO, LEI NACIONAL DO IDOSO:	79
4.9 O IDOSO:	83
4.10 ENTRE A LIBERDADE E A DEPENDÊNCIA: REFLEXÕES SOBRE O FENÔMENO SOCIAL DO IDOSO	87
V - CAPÍTULO	89
5.1 O TRABALHO	89
5.1.1 Introdução	89
5.2 REFERÊNCIAS AO SENTIDO DO TRABALHO	90
5.3 TRABALHO DECENTE: DIGNIDADE E SUSTENTABILIDADE	92
5.4 TRABALHO	95
5.5 NOVAS CONFIGURAÇÕES DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO	97
5.6 A INSERÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO	103
5.7 PARTICIPAÇÃO DE IDOSOS/AS NA VIDA DO TRABALHO	105
5.8 CONTRIBUIÇÃO DO TRABALHO DE IDOSOS/IDOSAS NO MERCADO DE TRABALHO	106
VI - CAPÍTULO	108
6.1 O TURISMO E SUAS CATEGORIAS	108
6.2 O CONCEITO DE TURISMO:	109
6.3 TURISMO COMO FENÔMENO SOCIAL	111
6.4 A CONTRIBUIÇÃO DO TRABALHO DAS PESSOAS IDOSAS NO MERCADO DE TRABALHO DO SETOR DE TURISMO	114
VII - CAPÍTULO	116
7.1 A PARTICIPAÇÃO DOS GÊNEROS IDOSOS E IDOSAS NO TRABALHO DO SETOR DE TURISMO	116
7.2 TRABALHO E GÊNERO	118
7.3 A PESSOA IDOSA	120
7.4 O TRABALHO COMO FATOR DE QUALIDADE DE VIDA	122
7.5 O CONCEITO DE GÊNERO	124
7.6 RELAÇÕES DE GÊNERO	127

7.7 A CONTRIBUIÇÃO DO TRABALHO DAS PESSOAS IDOSAS NO MERCADO DE TRABALHO DO SETOR DE TURISMO - ANÁLISES.....	128
VIII - CAPÍTULO	130
8.1 A CONTRIBUIÇÃO DO TRABALHO DAS PESSOAS IDOSAS NO MERCADO DE TRABALHO DO SETOR DE TURISMO - ANÁLISES.....	130
8.1.1 Introdução.....	130
8.2 CONDIÇÕES DE TRABALHO	132
8.3 CONTEÚDO QUALITATIVO	137
8.4 PRINCIPAIS CATEGORIAS ANALÍTICAS: Idoso, Trabalho, Turismo, Gênero. .	138
8.4.1 Categoria Idoso.....	138
8.4.2 Categoria Trabalho	146
8.4.3 Categoria Turismo	149
8.4.5 Categoria Gênero.....	154
8.5 ANÁLISES DAS CATEGORIAS.....	159
8.6 CONCLUSÃO DAS ANÁLISES DAS CATEGORIAS	166
8.7 INSERÇÃO DOS IDOSOS/AS NO MERCADO DE TRABALHO.....	167
8.7.1 Segundo os Entrevistados.....	167
8.7.2 Segundo os Teóricos Sobre as Declarações dos Entrevistados	182
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	185
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	190
REFERÊNCIA ELETRÔNICA	202
NOTAS:.....	203
ANEXO A - Carta de apresentação.....	204
ANEXO B - Lista de ilustrações	205
APÊNDICE A - Guia das entrevistas proposta de e guia das entrevistas para pesquisa de campo:	206
APÊNDICE B - Guia dos questionários proposta de questionário para	211
pesquisa de campo	211
APÊNDICE C - Locais de visitas para aquisição de dados para leitura e posteriormente fazer a pesquisa de campo.....	215
APÊNDICE D – Capítulo referente a pesquisa aos locais de visita: Orgão Distrito Federal	218
APÊNDICE E – Relatório de visitas aos hotéis e restaurantes questionário e guia de visitas	219

INTRODUÇÃO

Tem dias que a gente se sente
como quem partiu e morreu
a gente estancou de repente
ou foi o mundo então que cresceu
a gente quer ter voz ativa
no nosso destino mandar
mas eis que chegou a roda-viva
e carrega o destino pra lá
Chico Buarque de Hollanda

O trabalho aqui apresentado versa sobre a participação dos idosos/idosas no mercado de trabalho do setor de turismo do Distrito Federal. Considerando que envelhecer é condição de todos os seres vivos, independentemente de origem e classe social ou gênero, todos envelhecem.

O discurso sobre “terceira idade” ou “melhor idade” é bastante aceito, contudo a velhice parece algo rejeitado. Comumente a velhice é vista como uma etapa de perdas, seja da força física, seja quanto à agilidade mental, é tornar-se dependente e limitado, impossibilitado de realizar as atividades e trabalhos praticados na juventude. Porém, essa é uma ideia limitante, pois, como em todas as etapas da vida, encontramos-nos em constante mudança, e essas não são iguais a todos.

Junto às imagens de perda e incapacidade, podem-se perceber muitos idosos/idosas conservando práticas como ir as festas exercitar-se, manter sociabilidades e autonomia, estar ativo e informado. Assim, é permitida aqui uma reflexão sobre a questão do trabalho dos idosos/as e sua participação na esfera do trabalho remunerado.

Esta dissertação faz parte da pesquisa desenvolvida no âmbito do mestrado profissional em Turismo do Centro de Excelência em Turismo - CET da Universidade de Brasília. Neste sentido estamos desenvolvendo um tema incluso na Linha de Pesquisa: Cultura e

Sustentabilidade, argumentando como se processa a participação de pessoas idosas no trabalho do setor de turismo.

O objetivo inicial é pesquisar práticas e estratégias da participação dos idosos/idosas no setor de turismo do DF, tentando observar como esses idosos/idosas exercitam essa experiência, e procuram propiciar melhores condições de vida seja através da troca de experiências profissionais e de sociabilidade, ou seja, visando aumentar o nível de sua renda mensal.

A metodologia utilizada foi de caráter quanti-qualitativo. O caráter quantitativo está vinculado à tentativa de generalização do contexto e foi constituída com base em dados estatísticos. A qualitativa teve como propósito pensar a realidade a partir do contexto onde foram estabelecidas as interações. Portanto, não houve uma pretensão de uma verdade absoluta e atemporal, mais sim uma análise contextual destas interações. Consistirá das análises de conteúdo, onde fomos inspirados nas conceituações da autora Bardin (1977), sobre as referidas análises.

O objeto de estudo: têm como objetivo geral: analisar a inserção do idoso/idoso no mercado de trabalho no setor de Turismo e como objetivos específicos:

- (1) Verificar se havia inserção com os diferentes campos de atuação do Turismo, considerando a participação de idoso/idoso no mercado de trabalho do setor de turismo.
- (2) Analisar a participação dos idosos/idosas na atividade do turismo..
- (3) Analisar no caso dos idosos/idosas que atuam na área de turismo a qualidade de sua inserção social e sua qualidade de vida.

O Capítulo I trata do Tema, sua delimitação, Justificativa, hipótese, objetivos gerais e específicos.

O II Capítulo demonstra o quadro teórico, os conceitos de idoso, de trabalho, turismo e gênero, e a metodologia.

Na presente pesquisa foram analisadas as seguintes categorias: Idoso, Trabalho, Turismo e Gênero. A nossa escolha por estas categorias resulta das suas permanências durante todo o percurso de nossa reflexão, quer nos aspectos teóricos como de campo, nomeadamente nos depoimentos dos entrevistados/as.

O Estatuto do Idoso e a Política Nacional do Idoso definem, como população idosa, aquela de sessenta (60 anos ou mais). Essa definição resulta numa heterogeneidade do segmento considerado idoso/idosa.

Quanto ao Trabalho orientamo-nos por Ricardo Antunes, uma vez através do trabalho as pessoas se relacionam com o mundo, nas formas específicas do trabalho para suprir suas necessidades materiais, sociais e afetivas.

O Turismo segundo a autora GASTAL (2002, p. 25, 31, 32) é uma totalidade vista não como soma aritmética das partes, mas como a articulação interna de todas as múltiplas relações do fenômeno turístico. A possibilidade de ressignificação dessas categorias, bem como o desenvolvimento de nova concepção do fenômeno turístico requer, por parte do pesquisador, uma postura interdisciplinar.

Segundo Scott em suas indagações: as mulheres tiveram uma história: Como o gênero funciona nas relações sociais e humanas? Como o gênero dá um sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico? (SCOTT, 1995, p. 86).

Quanto ao Gênero, além de Joan Scott; Guita Grin Debert, Simone de Beauvoir, Helena Hirata, Alda Britto da Motta, Heleieth Saffioti, estas autoras definem, conceituam o gênero como uma categoria de análise em construção.

O Capítulo III apresenta o perfil da população idosa do Distrito Federal, os aspectos demográficos, a educação, trabalho e renda, políticas públicas, os idosos em estatística do IBGE e da CODEPLAN. Os censos demográficos e as projeções populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram como o envelhecimento da população tem ocorrido de maneira acelerada. Uma das transformações sociais mais importante observada no país desde a metade do século passado é o prolongamento da vida – a continuação do aumento da esperança de vida. Os censos demográficos e as projeções populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram como o envelhecimento da população tem ocorrido de maneira acelerada.

Em 2000, o Distrito Federal tinha uma população de pouco mais de 2 milhões de pessoas das quais 5,3% eram idosos. Em 2010, esse percentual era de 7,7%. As projeções para 2020 e 2030 são, respectivamente, de 10,4% e 14,9%. Para o país, o percentual de pessoas idosas é ainda maior, variando de 8,6% em 2000 para 10,8% em 2010. Estima-se que, no Brasil, em

2020, 13,7% da população serão de idosos, subindo para 18,7% em 2030 (CODEPLAN, 2012, p. 9).

O Capítulo IV, objetiva estudar os idosos/idosas, os direitos das pessoas idosas, políticas de Estado, enfatizando a feminilização da idade, o Estatuto do Idoso, as gerações.

Durante a elaboração deste trabalho, permitiu-me refletir um pouco a mim próprio como sujeito: da minha própria experiência de vida como “idoso”, conhecedor das contradições, das histórias, das utopias, dos sonhos, das realidades do dia-a-dia; como um trabalhador, que vivenciou as dificuldades para uma colocação no mercado de trabalho, das dificuldades para se fazer turismo “sem um mínimo de recursos para tal, das grandes diferenças entre gêneros”; quer em Brasília, ou na região do nordeste brasileiro, e em outros lugares. Estes aspectos aliados com minha própria história de vida, de imigração regional e trajetória profissional me ajudaram bastante na compreensão dos atores envolvidos nesta pesquisa, uma vez que me sinto imerso na problemática do idoso em todas as suas dimensões: econômicas, sociais e políticas e certas implicações existentes na nossa sociedade, que apesar ter aderido às tratativas nacionais e internacionais sobre direitos e obrigações com relação à cidadania das pessoas idosas, ainda persistem as desigualdades e discriminações.

O Capítulo V desenvolve a questão do trabalho de pessoas idosas, partindo de certas significações como, o sentido do trabalho, trabalho decente, novas configurações da divisão sexual do trabalho, a inserção da mulher no mercado de trabalho, participação de idosos/idosas na vida do trabalho, contribuição do trabalho de idosos/idosas no mercado de trabalho.

O Capítulo VI apresenta o turismo, como fenômeno, fato social e político que é movido por ação que pode dinamizar uma cultura, no caso específico a cultura do Turismo. A sociedade determinando as ações sociais é um ponto de partida para interagir cidadão e sociedade, isso significa o valor do exercício da cidadania com mobilização social, com participação, também defendida por este trabalho.

No capítulo VII versa sobre o gênero; a participação dos idosos e idosas no trabalho do setor de turismo, trabalho, gênero, e suas relações.

Neste capítulo abordamos questões dos gêneros e desenvolvemos algumas referências sobre o feminismo e análises sobre a participação destas pessoas no trabalho do setor de turismo no Distrito Federal.

Segundo Saffioti:

[...] Simone de Beauvoir não dispunha do termo gênero, mas conceituou gênero, mostrando que ninguém nasce mulher, mas se torna mulher e, por conseguinte, ninguém nasce homem, mas se torna homem, ou seja: mostrou que ser homem ou ser mulher consiste numa aprendizagem. As pessoas aprendem a se conduzir como homem ou como mulher, de acordo com a socialização que receberam, não necessariamente de acordo com o seu sexo (SAFFIOTI, p. 23)¹.

Vale ressaltar que apresentamos aspectos preliminares desta pesquisa constando os passos metodológicos e seu desenvolvimento no Simpósio Temático nº 106 Relações de Poder e Gênero Desafios dos Feminismos, por ocasião do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 – Desafios Atuais dos Feminismos realizado na UFSC Florianópolis, no período de 16 a 20 de setembro de 2013.

O capítulo VIII demonstra a contribuição do trabalho das pessoas idosas no mercado de trabalho do setor de turismo, desafios, análise da pesquisa de campo e seus resultados, de conteúdos, condições de trabalho, limites e possibilidades.

*Os intelectuais têm condições de denunciar as mentiras dos governos e
de analisar suas ações, suas causas e suas intenções escondidas.
É responsabilidade dos intelectuais dizer a verdade e denunciar as mentiras.*

Noam Chomsky

¹ <http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/simone.pdf>

I - CAPÍTULO

“Aos que sabem dar a verdade à sua pátria
não a adulam, não a iludem, não lhe dizem que é grande,
porque tomou Calicute;
dizem-lhe que é pequena porque não tem escolas.
Gritam-lhe sem cessar a verdade rude e brutal.
Gritam-lhe: Tu és pobre, trabalha! Tu és ignorante estuda! Tu és fraco arma-te!”
Eça de Queirós

1.2 TEMA

A participação de pessoas idosas no mercado de trabalho do setor de turismo do Distrito Federal: Possibilidades e Limites foram caracterizados por espaço e tempo envolvendo um estudo do Turismo e do idoso/idoso. O contexto ocorreu no campo de ação do Turismo, da participação do idoso/idoso no mercado de trabalho – suas perspectivas, e teve como foco a análise dos limites e possibilidades do Turismo com a inserção do idoso/idoso levando-se em consideração o Estatuto do Idoso.

1.3 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Dotado necessariamente de um sujeito e de um objeto, o tema passou por um processo de especificação. A pesquisa abrangeu a limitação geográfica de Brasília – Distrito Federal, nos espaços mais freqüentados pelos idosos/idosas, onde foram feitas as abordagens.

1.4 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema nasceu da importância acadêmica e da necessidade social de pesquisar a participação dos idosos/idosas no mercado de trabalho do turismo. Entendidos aqui sob o olhar das Ciências Humanas e Sociais, procurando um diálogo com os domínios interdisciplinares e experiência profissional as quais merecem nossa atenção.

O crescente envelhecimento da população é um fato que diz respeito à sociedade em geral. O idoso/idoso, ao aposentar-se, já não tem participação no mercado de trabalho formal, é visto como um indivíduo que produziu e contribuiu para a sociedade e agora conta com a renda da aposentadoria. Ao não ser mais uma pessoa ativa no trabalho e contribuinte, o idoso/idoso aposentado gera gastos ao Estado com a aposentadoria e demandas em saúde. Pensando neste sentido, ao aumentar a expectativa de vida da população aumenta juntamente os gastos governamentais com tal parte da população, seja com pagamentos dos benefícios, seja em assistência à saúde e bem estar. Portanto, a reflexão sobre o envelhecimento vincula-se com a postura governamental de um país que precisa de decisões e estratégias políticas para essa parte da população. É importante ressaltar que o/a idoso/idoso contribuiu toda a sua vida ativa para previdência e os gastos do governo para com esta categoria são obrigações e direitos dos trabalhadores/as.

De acordo com o último censo, realizado em 2010 pelo IBGE, o crescimento da população brasileira, se comparado ao ano 2000, foi de 12,3%. Pesquisas do IBGE, explicam que a base da pirâmide etária no Brasil está se estreitando e o topo se alargando. Em 2000, a pirâmide ia até os 80 anos de idade, agora tivemos que esticá-la até os 100 anos, o que representaria a transição demográfica pela qual está passando o país, onde a população envelhece e a taxa de natalidade diminui (IBGE, 2010).

No Brasil, o ritmo de crescimento da população idosa tem sido sistemática e consistente. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD 2009, o País contava com uma população de cerca de 21 milhões de pessoas de 60 anos ou mais de idade. Com uma taxa de fecundidade abaixo do nível de reposição populacional, combinada ainda com outros fatores, tais como os avanços de tecnologia, especialmente na área da saúde, atualmente o grupo de idosos ocupa um espaço significativo na sociedade brasileira (IBGE, 2010, p. 191).

O que nos motivou a formular o estudo sobre a inserção do idoso/a no mercado de trabalho foi a necessidade de refletir sobre alguns aspectos contidos nas questões iminentes a partir da Constituição de 1988, do Estatuto do Idoso, da Política Nacional do Idoso e do Conselho Nacional do Idoso. Essas reflexões surgem nas seguintes indagações:

Existe um campo de atuação para os idosos/idosas no trabalho do setor de turismo no Distrito Federal? Neste sentido há a inserção destes no mercado de trabalho? Quais as respostas desde a Constituição de 1988, do Estatuto do Idoso, da Política Nacional do Idoso e do Conselho

Nacional do Idoso? Quais as possibilidades da inserção do idoso/idoso no mercado de trabalho do setor de turismo abrangendo as dimensões econômicas e sociais?

1.5 OBJETO: A participação de pessoas Idosas no Mercado de Trabalho do Setor de Turismo do Distrito Federal: Possibilidades e Limites

1.6 OBJETIVO GERAL

Analisar a inserção do idoso/idoso no mercado de trabalho no setor de turismo.

1.7 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1 – Verificar se havia campos de atuação de trabalho do Turismo, considerando a participação de idoso/idoso no mercado de trabalho do setor de turismo.
- 2 – Analisar a participação dos idosos/idosas na atividade do turismo.
- 3 – Analisar no caso dos idosos/idosas que atuam na área de turismo a qualidade de sua inserção social e sua qualidade de vida.

1.8 HIPÓTESE

Existe um campo de atuação para os idosos/idosas no Mercado de Trabalho do Setor de Turismo no Distrito Federal, e neste sentido há a inserção destes no Mercado de Trabalho.

A coragem é a primeira das qualidades humanas porque garante todas as outras.

Aristóteles

II - CAPÍTULO

Não vos aconselho o trabalho, mas a luta. Não vos aconselho a paz, mas a vitória! Seja o vosso

Trabalho uma luta! Seja vossa paz uma vitória.

Frederich Nietzsche

2.1 QUADRO TEÓRICO

Os principais elementos trabalhados na exposição dos referenciais teóricos compreenderam: No campo interdisciplinar vamos dialogar com vários autores; Moesh, Beni, Krippendorf. Hirata, Antunes, Britto da Motta, Debert, Camarano, Scott.

A análise do objeto: A participação dos idosos/idosas no mercado de trabalho está estruturada a partir dos pontos observados na concepção do Turismo, Trabalho e Gênero, sua realidade nas questões abordadas neste trabalho.

Segundo Scott em suas indagações: as mulheres tiveram uma história: Como o gênero funciona nas relações sociais e humanas? Como o gênero dá um sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico? (SCOTT, 1995, p. 86).

No nosso ponto de vista essas respostas dependem do gênero como categoria de análise, o grande desafio será estabelecer critérios de avaliação: Como por exemplo; o saber e o poder, como forma de dar sentido às relações de gênero, às relações de poder. Tratar o gênero como prática social. Debater o gênero com um sentido político. Discorrer o gênero como uma construção social, sexual e cultural. Neste estudo veremos o gênero nas categorias de idoso no mercado de trabalho no setor de turismo e seus significados.

Segundo Liudvik, (2010)²

As mulheres são hoje construtoras de uma nova cultura, válida não só para elas mesmas, mas também para o conjunto da sociedade. Uma cultura marcada pela priorização não mais da “conquista do mundo”, típica da época da dominação masculina, mas sim de uma “construção de si” sustentada na sexualidade e na combinação do que, antes eram pólos opostos, por exemplo, afetividade e razão, corpo e espírito, masculino e feminino (LIUDIK, 2010).

² <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/inde26082007.htm>

É importante observar que as posições herdadas da família e/ou as posições adquiridas com a educação escolar, com a formação da moral vivenciada em sociedade; quer na igreja, quer no trabalho, quer em outra atividade qualquer, a mulher com uma nova cultura na sua formação passam a exercer também funções primordiais no seu meio de convivência e de experiência social. Essa também tem sido uma visão do nosso trabalho a respeito da formação da mulher.

Concordamos com o autor, a nova cultura e a velha cultura influenciaram as mulheres em sua construção. A mulher, sempre foi muito ligada a família e é nessa concepção na qual a mulher exerce um papel fundamental que surge na visão de mundo feminino na construção da sociedade.

Diante destas fundamentações, consideramos o turismo atualmente o segundo setor mais globalizado, perdendo apenas para o setor de serviços financeiros e tem como resultados principais os fatores de aumento da liberalização do comércio mundial; a incorporação de novas tecnologias (informática, telecomunicações); a integração de empresas de turismo; a difusão territorial do consumo; a flexibilização do trabalho nos diversos setores produtivos. Essas conseqüências atingem homens e mulheres na sociedade.

A consequência mais imediata da globalização é a mundialização dos problemas ambientais associados, principalmente, ao grande volume de poluentes e materiais descartáveis agregados aos produtos comercializados de forma compulsiva, e que atingem, inclusive a camada social formada pelos excluídos (SEABRA, 2000?, p. 01).

No nosso entendimento o consumo do supérfluo sem a observância de danos tem levado a conseqüências graves para o planeta tem atingido a todas as classes sociais; população, homens mulheres, crianças, idosos, mas principalmente com esse desrespeito aos menos favorecidos, que deixam de participar da mesa das camadas que podem tudo, inclusive ao exagero do consumo.

O turismo é uma atividade que envolve o deslocamento de pessoas de um lugar para o outro. É uma mistura complexa de elementos materiais, que são os transportes, os alojamentos, as atrações e as diversões disponíveis, e dos fatores psicológicos, que seriam desde uma simples fuga, passando pela concretização de um sonho ou fantasia, até simplesmente a recreação, o descanso e incluindo ainda inúmeros interesses sociais, históricos, culturais e econômicos. Devido a esses elementos, cada vez mais pessoas em todo o mundo encontram

nas viagens a melhor alternativa para preencher seu tempo livre. Daí as boas perspectivas para o mercado de turismo (PEREIRA, 2008?)³

Diante da demanda turística, do desempenho do idoso/idoso, o desafio tem sido iniciado com a oferta de mercado de trabalho para o setor do Turismo, no âmbito do Distrito Federal. Os resultados e as análises terão como base a inserção deste sujeito, segundo as considerações da Política Nacional do Idoso no que concerne oportunidade de trabalho no mercado de turismo.

Pretende-se analisar como se processa a participação dos idosos/idosas no Mercado de trabalho do setor de turismo considerando a Política Nacional do Idoso, instituída pela Lei 8.842/94, regulamentada em 3/6/96 através do Decreto 1.948/96, que amplia significativamente os direitos dos idosos/idosas e define como idoso/idoso, para os seus efeitos, a pessoa maior de 60 anos de idade, o que está norteada por cinco princípios: (LIMOIERO)⁴

- A família, a sociedade e o Estado têm o dever de assegurar ao idoso/idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida.
- O processo de envelhecimento diz respeito à sociedade como um todo, devendo ser, portanto, objeto de estudo da sociedade que a constitui e por parte do Estado.
- O idoso/idoso não deve sofrer discriminação de qualquer natureza.
- O idoso/idoso deve ser o principal agente e o destinatário das transformações a serem efetivadas através dessa política.
- As diferenças econômicas, sociais, regionais e, particularmente, as contradições de trabalho deve passar por um debate amplo e democrático para conhecimento e concordância de todos.

Na nossa visão, a Política Nacional do Idoso ao ser implementada deve ser cobrada por toda a sociedade o cumprimento de seus princípios. A política só se torna dinâmica para a transformação da sociedade se houver vigilância, participação e questionamentos para a sua aplicação. É necessário mais debates, mais informações, mais conhecimentos. Os nossos entrevistados nos mostraram que se faz necessário este debate.

³<http://www.agitocampinas.com.br/materias/o-que-e-turismo/1498>

⁴http://www2.ufpel.edu.br/ifisp/ppgs/eics/dvd/documentos/gts_1lleics/gt1/gt1beatrice.pdf

De acordo com Camarano, (2011)⁵, uma das possibilidades tidas como certas que se pode antever para o futuro próximo é o crescimento a taxas elevadas do contingente de idosos/idosas vivendo mais tempo e do aumento da proporção de famílias e filho único. Nos próximos 30 anos crescerá mais a população muito idosa, ou seja, a de 80 anos ou mais.

Para Camarano, (2011) uma indagação é preocupante: Até quando a população idosa irá crescer a taxas elevadas e quais as principais implicações para as políticas públicas?

Além dessa, outras questões merecem reflexões: Quais serão os novos costumes para esses novos idoso/idosas? Quem vai cuidar da população idosa frágil? Até onde avançará a tecnologia médica? Quais os limites para o aumento da esperança de vida? (CAMARANO, 2011).

De acordo com as considerações da autora acima mencionadas nossas reflexões sobre a família, a sociedade, os questionamentos sobre as políticas públicas encontram-se no debate atual, sendo importante implementar ações que visem garantir a proteção social dos idosos/idosas, sendo o Estado o principal ator que deve por em práticas políticas voltadas para este atendimento.

2.2 CONCEITOS DE IDOSO

A partir de sessenta (60 anos), o Estatuto do Idoso e a Política Nacional do Idoso definem, como população idosa, aquela de sessenta (60 anos ou mais). Essa definição resulta numa heterogeneidade do segmento considerado idoso/idoso. (Estatuto do Idoso)⁶.

Com frequência, encontramos trabalhos que se iniciam por colocações acerca das dificuldades no estabelecimento de limites para a definição da linha divisória entre vida adulta e velhice; também, com a mesma frequência, informa-se a adoção de um critério – como o referenciado por algum organismo internacional – e o objeto de estudo já pode ser desenvolvido. Este tipo de abordagem caracteriza a existência humana como “ciclos de vidas”; fases sucessivas e universais, a saber: infância, adolescência, maturidade e velhice. As idades são agrupadas e postas em sequência linear, progressiva; cada período com suas características próprias, em

⁵ http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&layout=item&id=58&Itemid=76&idrev=8

⁶ lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.

modelo aplicável a todas as sociedades como grandes conceitos homogeneizadores (PRADO, 2002)⁷.

Se nas sociedades pré-modernas a idade cronológica não correspondeu a critério de diferenciação de grupos da forma como se pode observar na modernidade – com as idades de ir para a escola, de trabalhar e de se aposentar, entre outras – a atualidade parece indicar um forte dinamismo no interior dos diferentes grupos etários e nas relações que estabelecem entre si (PRADO, 2002)⁸

Uma segunda visão, colocada por um ângulo sensivelmente distinto do anterior, considera que a idade como critério de constituição de grupos tende a se dissolver, uma vez que a ideia do idoso/idoso como grupo caracterizado pela doença, pelo isolamento e pela pobreza não encontra esteio na literatura atual e também porque os Idosos/idosas têm se mostrado capazes de criar estilos de vida e de lutar por/pelo reconhecimento de sua individualidade como outros setores da população. Essa abordagem considera seriamente a tendência à perda de relevância da idade cronológica como marcador de grupos e como forma de controle social. Por esse caminho, estaríamos seguindo em direção a uma sociedade marcada pelo unietarismo (PRADO, 2002)⁹.

Os avanços da ciência e da tecnologia, em suas articulações como grandes interesses econômicos certamente terão peso bastante diferenciado em relação às vozes que se manifestam por um mundo mais natural. A medicina, a engenharia, a informática e a genética crescem vigorosamente constituindo um mundo de inovações para o corpo. Amplos setores da população dão demonstrações de necessidade das intervenções médicas, de forma que, num movimento de convergência, a tecnociência busca corpos que se oferecem para a construção de um futuro desejado. Evidentemente, esse processo não se dá sem percalços, mas parece hegemônico na atualidade. A que preços faremos esse caminho? Que repercussão trará para a velhice? Não há como responder agora com precisão. Mas, certamente, é um caminho em que as velhices serão muito diferentes destas que conhecemos agora (PRADO, 2002)¹⁰.

Os desafios trazidos pelo envelhecimento da população têm diversas dimensões e dificuldades, mas nada é mais justo do que garantir ao idoso/idoso a sua integração na comunidade (ANDRADE FILHO; RAMALHO, 200?)¹¹. O envelhecimento da população influencia o mercado como um todo. São novas regras para os próprios hábitos da população,

⁷ http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-59282002000200006&lng=pt&nrm=iso

⁸.Idem

⁹.Idem

¹⁰.Idem

¹¹ <http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca->

[virtual/files/a_efetividade_legal_do_estatuto_do_idoso_constituado_sob_a_lei_10.7412003_1343915256.pdf](http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/a_efetividade_legal_do_estatuto_do_idoso_constituado_sob_a_lei_10.7412003_1343915256.pdf)

com filas exclusivas para idosos/idosas, por exemplo. Traz novas influências para o consumo, as pensões, o mercado de trabalho, a saúde e assistência médica, bem como para a composição e organização da família. É um processo normal de todo ser humano, além de ser inevitável e irreversível.

Portanto, o envelhecimento é um fenômeno biológico, psicológico e social que atinge o ser humano na plenitude de sua existência, modifica a sua relação com o tempo, o seu relacionamento com o mundo e com sua própria história.

2.3 CONCEITO DE TRABALHO

O indivíduo autônomo é uma ilusão, afirma Charles Taylor. O eu individual está sempre arraigado e situado no interior de um grupo. Um pensamento se forma sempre no interior de um diálogo – invisível, por vezes – como um interlocutor. Não podemos fundar o sentido de nossa vida fora de um vínculo com o outro, pois “a liberdade completa seria um vazio no qual nada valeria a pena ser realizado, nada mereceria que se lhe atribuísse algum valor. O eu que obtém sua liberdade afastando todos os obstáculos e todos os entraves externos são desprovidos de caráter e privado de todo objetivo definido” (TAYLOR, 2005).

A organização científica do trabalho (OCT) preconizada por Frederico W. Taylor no início do século XX apóia-se em três princípios maiores: organização da produção, fundada na separação radical entre a concepção e a execução; divisão das atividades em tarefas elementares não qualificadas; e o salário de acordo com o rendimento. Na mente de Frederico W Taylor, essa organização favoreceria a todos (DORTIER, 2010).

Trabalho é o esforço humano dotado de um propósito e envolve a transformação da natureza através do dispêndio de capacidades mentais e físicas. Tal interpretação, contudo, conflita com o significado e a experiência mais limitada do trabalho nas atuais sociedades capitalistas. Para milhões de pessoas, trabalho é sinônimo de emprego remunerado, e muitas atividades que se qualificariam como trabalho na definição mais ampla são descritas e vivenciadas como ocupações em horas de lazer, como algo que não significa verdadeiramente trabalho. O conceito de trabalho é ambíguo e disputado indicando diferentes atividades em diferentes sociedades e contextos históricos (CAVALCANTE, 2007, p. 44 *apud* Dicionário do Pensamento Social do Século XX, 1996).

A análise marxista, que tem exercido profunda influência sobre o estudo do trabalho e das relações no trabalho, desenvolve esse critério básico.

O trabalho, de acordo com a perspectiva marxista, está subordinado ao propósito de reproduzir e expandir o domínio material e político da classe capitalista. A massa da população está separada dos meios de produção e subsistência e, por conseguinte, é compelida a ingressar no trabalho assalariado a fim de sobreviver (COLMAN; DALA POLA)¹²

A análise de Marx enfatizou a subordinação do trabalho ao capital em processos de produção que estavam sujeitos a transformações contínuas na busca de ganhos de produtividade. Em tais transformações, a mecanização fragmenta a atividade laboral em uma tarefa simples, uniforme e repetida sob a rigorosa disciplina da fábrica, as habilidades artesanais desaparecem e novas hierarquias de trabalho mental e manual são construídas com base no controle do capital sobre o trabalho. Marx forneceu extensas ilustrações empíricas dessas teses, extraídas principalmente de documentos oficiais de meados do século XIX (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996, p. 774).

A classe que vive do trabalho, a classe trabalhadora, hoje inclui a totalidade daqueles que vendem sua força de trabalho, tendo como núcleo central os trabalhadores produtivos (no sentido dado por Marx, especialmente no Capítulo VI Inédito). Ela não se restringe, portanto, ao trabalho manual direto, mas incorpora a totalidade do trabalho social, a totalidade do trabalho coletivo assalariado. Sendo o trabalhador produtivo aquele que produz diretamente mais valia e participa diretamente do processo de valorização do capital, ele detém, por isso, um papel de centralidade no interior da classe trabalhadora, encontrando no proletariado industrial o seu núcleo principal. Portanto, o trabalho produtivo onde se encontra o proletariado, no entendimento que fazemos de Marx, não se restringe ao trabalho manual direto (ainda que nele encontre seu núcleo central), incorporando também formas de trabalho que são produtivas, que produzem mais-valia, mas que não são diretamente manuais. (ANTUNES, 2009. p. 102).

Antunes (2009, p. 15) procura mostrar como as relações entre trabalho produtivo e improdutivo, manual e intelectual, material e imaterial, bem como a forma assumida pela divisão sexual do trabalho, a nova configuração da classe trabalhadora, dentre vários elementos apresentados, permite recolocar e dar concretude à tese da centralidade (e da transversalidade) da categoria trabalho na formação social contemporânea.

Antunes (2009) afirma que:

¹² http://www.uel.br/revistas/ssrevista/pdf/2009/2009_2/Artigo%20evaristo.pdf

[...] em vez da substituição do trabalho pela ciência, ou ainda da substituição da produção pela informação, o que vem ocorrendo no mundo contemporâneo é maior inter-relação, maior interpenetração, entre as atividades produtivas e as improdutivas, entre as atividades fabris e as de serviços, entre atividades laborativas e as atividades de concepção, entre produção e conhecimento científico, que se expandem fortemente no mundo do capital e de seu sistema produtivo (ANTUNES, 2009. p. 133, 134).

O trabalho é o elemento mediador introduzido entre a esfera da necessidade e a da realização desta; dá-se “uma vitória do comportamento consciente sobre a mera espontaneidade do instinto biológico quando o trabalho intervém como mediação entre necessidade e satisfação imediata”. Nesse processo de auto-realização da humanidade, de avanço do ser consciente em relação ao seu agir instintivo, bem como do seu avanço em relação à natureza, configura-se o trabalho como referencial ontológico fundante da práxis social (ANTUNES, 2009. p. 139).

Entendemos que a classe trabalhadora é livre para escolher entre o trabalho manual, o trabalho intelectual e o trabalho social, como também nessa troca capital-trabalho, livre está para passar por certas necessidades, por certas privações.

O trabalhador enfrenta problemas da porta para dentro de sua casa e da porta para fora de sua casa. Em sua privacidade enfrenta as necessidades do dia-a-dia da compra de alimento, do remédio, do aluguel, da educação, de suas prestações, inclusive com os pagamentos de impostos diversos. No espaço público enfrenta problemas de segurança, de saúde no atendimento hospitalar, de trânsito, de falta de infra-estrutura.

O trabalho é a forma fundamental, mais simples e elementar daqueles complexos cuja interação dinâmica constituiu-se na especificidade do ser social. “Precisamente por essa razão, é necessário enfatizar continuamente que as características específicas do trabalho não podem ser transpostas de modo direto para as mais complexas formas de práxis social. (...) O trabalho realiza materialmente o relacionamento radicalmente novo do metabolismo com a natureza, enquanto as formas mais complexificadas da práxis social, em seu metabolismo com a natureza, têm na reprodução humana em sociedade a sua insuperável pré-condição”. As formas mais avançadas da práxis social encontram no ato laborativo sua base originária. Por mais complexas, diferenciadas e distanciadas, elas se constituem em prolongamento e avanço, e não em uma esfera inteiramente autônoma e desvinculada das posições teleológicas primárias (ANTUNES, 1995. p. 141).

Para nossa pesquisa escolhemos o conceito de trabalho segundo Antunes uma vez que através do trabalho as pessoas idosas se relacionam com o mundo, nas formas específicas do trabalho para suprir suas necessidades materiais, sociais e afetivas.

Antunes (1995) em “Adeus ao Trabalho? analisando as metamorfoses do mundo do trabalho” observa no capitalismo contemporâneo, uma múltipla processualidade: verificou-se de um lado uma desproletarização do trabalho industrial, fabril e por outro se efetivou uma expansão do trabalho assalariado, verificou-se uma significativa heterogeneização do trabalho, expressa também através da crescente incorporação do contingente feminino no mundo operário. O mais brutal resultado dessas transformações é a expansão, sem precedentes na era moderna, do desemprego estrutural, que atinge o mundo em escala global. Pode-se dizer, de maneira sintética, que há uma processualidade contraditória que, de um lado, reduz o operariado industrial e fabril; de outro, aumenta o subproletariado, o trabalho precário e o assalariamento no setor de serviços. Incorpora o trabalho feminino e exclui os mais jovens e os mais velhos. Há, portanto, um processo de maior heterogeneização, fragmentação e complexificação da classe trabalhadora (ANTUNES, 1995, p. 41, 42).

2.4 CONCEITO DE TURISMO

Conforme veremos no capítulo VI, o Turismo é o fenômeno originado pelo deslocamento e permanência de pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que tais deslocamentos não sejam utilizados para o exercício de uma atividade lucrativa principal, permanente ou temporária. Entretanto o Turismo, como campo específico de estudo tem diversos outros conceitos e definições: Com base em Moesch, Marutschka M., a realidade sociocultural é entendida como uma totalidade: um todo integrado, em que as partes – o econômico, o espaço, o tempo, o tecnológico, o sujeito, a ideologia, a diversão, a comunicação, o imaginário e a pós-modernidade – não podem ser entendidos isoladamente, senão em sua relação com o conjunto. É uma totalidade vista não como soma aritmética das partes, mas como a articulação interna de todas as múltiplas relações do fenômeno turístico. A possibilidade de ressignificação dessas categorias, bem como o desenvolvimento de nova concepção do fenômeno turístico requer, por parte do pesquisador, uma postura interdisciplinar (GASTAL, 2002 p. 25, 31, 32). Nossa reflexão neste estudo sobre o turismo está baseada nas afirmações de (Moesch) visto como os idosos inseridos num contexto como sujeitos em relação com o conjunto de múltiplas relações.

2.5 CONCEITO DE GÊNERO

Conforme anunciado no quadro teórico deste capítulo nos inspiramos nas concepções de Scott, Debert, Beauvoir, Hirata e Britto da Motta, que definem, conceituam o gênero como uma categoria de análise em construção.

Segundo Joan Scott: o gênero é um saber sobre as diferenças sexuais. “E, havendo uma relação inseparável entre saber e poder, gênero estaria imbricado a relações de poder, sendo, nas suas palavras, uma primeira forma de dar sentido a estas relações”. “Juntando esses referenciais, Scott conclui que gênero é uma percepção sobre as diferenças sexuais, hierarquizando essas diferenças dentro de uma maneira de pensar engessada e dual” (SCOTT *apud*.SENKEVICS, 2012)¹³.

2.6 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada sobre a participação dos idosos/idasas no Mercado de Trabalho do setor de Turismo a partir de uma abordagem a de caráter quanti-qualitativo. A Metodologia de caráter quantitativo está mais vinculada à tentativa de generalização do contexto e foi constituída com base em dados estatísticos e aplicação de questionários. A qualitativa teve como propósito pensar a realidade a partir do contexto onde foram estabelecidas as interações. Portanto, não houve uma pretensão de uma verdade absoluta e atemporal, mais sim uma análise contextual destas interações. As análises foram realizadas considerando os conceitos de Bardin (1977).

2.7 CAMINHO METODOLÓGICO

Inicialmente entramos em contato com o Sindicato Hoteleiro da cidade de Brasília (SECHOSC: Sindicato dos Empregados no Comércio Hoteleiro, Restaurantes, Bares e Similares do DF), onde colhemos informações a respeito de pessoas idosas trabalhadoras em

¹³ <http://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/04/23/o-conceito-de-genero-por-joan-scott-genero-enquanto-categoria-de-analise>

hotéis. A seguir elaboramos uma carta de informações e solicitação para entrada no campo, elaboramos um questionário e um guia de entrevistas.

O Turismo foi analisado enquanto contexto de inserção de trabalho no Distrito Federal. A pesquisa de campo abrangeu quarenta e cinco (45) hotéis da cidade de Brasília das Asas Norte e Sul.

*É preciso sonhar, mas com a condição de crer em nosso sonho, de
Observar com atenção a vida real, de confrontar a observação com nosso
Sonho, de realizar escrupulosamente nossas fantasias. Sonhos acreditem*

Neles.

Lenin

III - CAPÍTULO

De tudo ficaram três coisas:

a certeza de que estava sempre começando

a certeza de que era preciso continuar

e a certeza de que seria interrompido

antes de terminar.

Fazer da interrupção um caminho novo.

Fazer da queda um passo de dança,

do medo uma escada,

do sono uma ponte,

da procura um encontro”

Fernando Sabino

3.1 OS IDOSOS NO DISTRITO FEDERAL

3.2 PERFIL DA POPULAÇÃO IDOSA DO DISTRITO FEDERAL

Consultando a literatura sobre o assunto constata-se que uma das transformações sociais mais importantes observadas no país desde a metade do século passado é o prolongamento da vida – a continuação do aumento da esperança de vida. Os censos demográficos e as projeções populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram como o envelhecimento da população tem ocorrido de maneira acelerada.

Em 2000, o Distrito Federal tinha uma população de pouco mais de 2 milhões de pessoas das quais 5,3% eram idosos. Em 2010, esse percentual era de 7,7%. As projeções para 2020 e 2030 são, respectivamente, de 10,4% e 14,9%. Para o país, o percentual de pessoas idosas é ainda maior, variando de 8,6% em 2000 para 10,8% em 2010. Estima-se que, no Brasil, em 2020, 13,7% da população serão de idosos, subindo para 18,7% em 2030 (CODEPLAN, 2012, p. 9).

O Estatuto do Idoso, promulgado em 2003, e as conferências dos direitos da pessoa idosa realizadas são marcos importantes, no âmbito das três esferas de governo, no sentido de fortalecer o debate sobre o papel de todos os atores que compõem a rede de proteção à pessoa idosa na afirmação de seus direitos, no aprimoramento das políticas públicas e na necessidade de alargamento do sistema de proteção social brasileiro, de modo a promover ampla inclusão social. A construção de uma sociedade inclusiva implica o fortalecimento do Estado em suas funções com a implementação de políticas que promovem o acesso dos cidadãos aos bens e serviços produzidos pela sociedade (CODEPLAN, 2012, P. 9, 10).

O relatório da Codeplan cujo objetivo é propiciar maior reflexão do tema no Distrito Federal para subsidiar o aperfeiçoamento das políticas públicas voltadas para a pessoa idosa, sinaliza-se que este estudo elaborado pela Diretoria de Estudos e Políticas Sociais, é singular, pois, pela primeira vez, a Codeplan, com base no trabalho técnico de georeferenciamento desenvolvido pela Diretoria de Estudos e Pesquisa socioeconômica, organiza, analisa e divulga, por Região Administrativa do Distrito Federal, dados e indicadores do Censo Demográfico 2010, a partir dos dados estatísticos disponibilizados pelo IBGE por setor censitário (CODEPLAN, 2012, p. 9).

3.3 ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

- Em 2010, o Distrito Federal tinha 197.613 pessoas com 60 anos ou mais, o que representa 7,69% de sua população.

- A esperança de vida aos 60 anos de idade, em 2009, era de 24,3 anos para mulheres e 20,6 anos para homens. A esperança de vida ao nascer das mulheres era de 79,6 anos, enquanto a dos homens chegava a 72,2 anos.

- O percentual de idosos é maior na população do Lago Sul, onde esse grupo compõe quase 20% da população total. Essa parcela também é grande no Lago Norte (15,28%) e em Brasília (13,93%). Os menores percentuais aparecem no SIA, SCIA-Estrutural, Itapoã, Varjão e São Sebastião, onde a parcela de idoso é menor que 3%.

- Dentre os idosos, 59,73% são pessoas de 60 a 69 anos, 28,82% têm de 70 a 79 anos e 11,45% têm 80 anos ou mais.

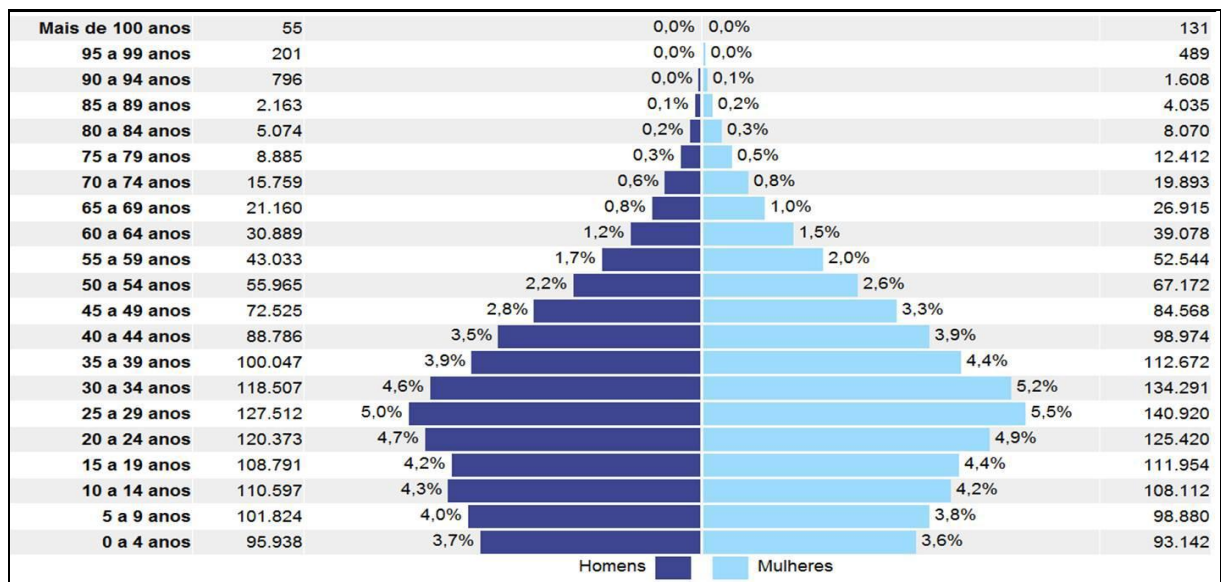
- As mulheres compõem a maioria da população idosa – 57% – chegando a aparecer em número superior ao dobro da população masculina nos grupos etários mais avançados. No grupo etário de 80 anos ou mais, as mulheres compõem mais de 60% da população na maioria das Regiões Administrativas.

- A população idosa negra, que reúne aqueles que se declaram pardos e pretos no Censo Demográfico 2010, compõe 45,62% do total de idosos do

Distrito Federal. A maioria, portanto, é composta por brancos, o que se repete em grande parte das Regiões Administrativas. A população idosa que se declara preta não ultrapassa 15% em nenhuma Região Administrativa (CODEPLAN, 2012, p. 11).

A expectativa de vida vem crescendo regularmente no Brasil e, com a redução simultânea da fecundidade, o perfil da população vem se alterando. Mortalidade e natalidade em queda levam a um envelhecimento relativo da população. No Distrito Federal, em 2010, a população idosa representava 7,69% da população total, o que equivale a 197.613 pessoas com 60 anos de idade ou mais. A participação das mulheres na população idosa é relevante e, em alguns grupos etários, elas apresentam-se em número maior que o dobro da população masculina. Isso ocorre, conforme a figura 1, entre as pessoas com 90 anos ou mais (CODEPLAN, 2012, p. 16).

Figura 1 – Pirâmide etária da população do Distrito Federal – 2010



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo Demográfico 2010 *apud* Codeplan, 2012, p. 16.

A partir dos 60 anos as faixas etárias entre homens e mulheres começam a se destacar com percentual sempre maior de mulheres, nas faixas dos 70 e 80 anos observa-se esse destaque.

3.4 EDUCAÇÃO

Dentre os idosos do Distrito Federal, 13,27% não são alfabetizados. Esses números aumentam conforme a idade, chegando a 21,94% na faixa etária de 80 anos. Paranoá, SCIA–Estrutural, Itapoã, Varjão e São Sebastião têm percentuais de analfabetismo superiores a 30% na sua

população idosa. Os menores índices ocorrem no Lago Sul e no Sudoeste/Octogonal (CODEPLAN, 2012, p. 21).

O principal indicador de educação para a população idosa é a taxa de analfabetismo. No Distrito Federal, na população total (de 15 anos ou mais), essa taxa é de 3,47%. Na população idosa, no entanto, as pessoas não alfabetizadas somam 13,27%, números que aumentam conforme a faixa etária. O analfabetismo é maior entre pessoas mais velhas e chega a 21,94% no último grupo etário da população (CODEPLAN, 2012, p. 20).

Verifica-se que o analfabetismo na população idosa é maior entre as mulheres. Isso acontece tanto devido à sua previdência nesse grupo, quanto pelo não acesso à educação no decorrer da vida, fato comum à população feminina, por seu papel social histórico de mãe, esposa e cuidadora (CODEPLAN, 2012, p. 20/21).

Dentre as Regiões Administrativas do Distrito Federal, o Paranoá detém o maior percentual de idosos não alfabetizados, com 36,46%. SCIA-Estrutural, Itapoã, Varjão e São Sebastião também apresentam um percentual de mais de 30% de analfabetos em sua população idosa. Lago Sul e Sudoeste/Octogonal apresentam, por seu turno, os menores índices: 0,73% e 0,94%, respectivamente (CODEPLAN, 2012, p. 21).

Tabela 1 – População idosa não alfabetizada por Região Administrativa e faixa etária no Distrito Federal – 2010*

Tabela 4 – População idosa não alfabetizada por Região Administrativa e faixa etária no Distrito Federal – 2010*								
Região Administrativa	60 a 69 anos		70 a 79 anos		80 anos ou mais		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Distrito Federal	12.524	10,61	8.739	15,35	4.964	21,95	26.227	13,27
Águas Claras	127	3,30	97	6,64	73	14,07	297	5,10
Brasília	136	0,87	100	1,10	115	2,64	351	1,21
Brazlândia	519	21,91	399	33,61	194	40,50	1.112	27,56
Candangolândia	81	10,59	72	19,35	43	33,86	196	15,51
Ceilândia	3.167	17,38	2.200	26,81	1.069	39,00	6.436	22,07
Cruzeiro	37	1,87	31	2,61	27	6,03	95	2,63
Gama	865	12,03	846	19,78	511	31,96	2.222	17,00
Guará	187	2,62	165	4,36	140	9,16	492	3,95
Itapoã	275	29,16	133	39,12	54	46,15	462	33,00
Jardim Botânico	26	2,21	15	3,03	9	4,29	50	2,66
Lago Norte	52	1,63	28	2,15	18	3,30	98	1,95
Lago Sul	15	0,45	12	0,67	16	2,03	43	0,73
Núcleo Bandeirante	48	3,93	47	7,21	38	14,29	133	6,21
Paranoá	487	30,51	265	44,17	139	56,05	891	36,46
Park Way	38	2,79	31	5,32	32	10,85	101	4,50
Planaltina	1.479	23,95	978	32,86	422	46,32	2.879	28,61
Recanto das Emas	715	23,24	427	36,25	251	52,62	1.393	29,44
Riacho Fundo	93	6,34	54	9,52	47	23,04	194	8,67
Riacho Fundo II	147	15,34	104	26,87	63	40,91	314	20,95
Samambaia	1.225	19,48	781	32,43	396	44,30	2.402	25,04
Santa Maria	751	20,82	449	32,68	226	45,20	1.426	26,02
São Sebastião	407	25,25	236	35,22	113	48,09	756	30,04
SCIA - Estrutural	163	29,37	84	41,18	21	47,73	268	33,37
SIA	5	16,67	1	10,00	1	33,33	7	16,28
Sobradinho	235	7,32	233	11,35	213	24,45	681	11,10
Sobradinho II	469	12,65	269	17,64	181	30,12	919	15,75
Sudoeste/Octogonal	16	0,66	14	1,24	7	1,88	37	0,94
Taguatinga	599	4,89	574	9,24	461	17,22	1.634	7,73
Varjão	52	30,06	18	36,00	9	42,86	79	32,38
Vicente Pires	108	4,27	76	8,57	75	19,63	259	6,82

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo Demográfico 2010
 *Informações organizadas por Região Administrativa pela Codeplan, a partir dos dados disponíveis por setor censitário.

Fonte: (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo Demográfico 2010 *apud* Codeplan, 2012, p. 21).

*Informações organizadas por Região Administrativa pela Codeplan, a partir dos dados disponíveis por setor censitário.

3. 5 TRABALHO E RENDA

A maior parte (69,77%) da população idosa do Distrito Federal é inativa economicamente; 29,44% estão ativos e ocupados; 0,79% estão ativos, embora não ocupados (CODEPLAN, 2012, p. 21).

O rendimento nominal médio mensal da população de 60 a 69 anos do Distrito Federal é de R\$ 3.829,94. Entre os idosos de 70 anos ou mais, esse rendimento é de R\$ 3.187,45. Numa distribuição de idosos por rendimento médio mensal em salários mínimos, os maiores percentuais aparecem nos grupos de mais de ½ a 1 salário mínimo (25,41%), mais de 1 a 2 salários mínimos (11,81%), mais de 5 a 10 salários mínimos (13,19%) e entre os sem rendimento ou beneficiários de programas sociais (16,52%) (CODEPLAN, 2012, p. 21).

- O Benefício de Prestação Continuada é pago a 15,2% da população com 65 anos ou mais no Distrito Federal.

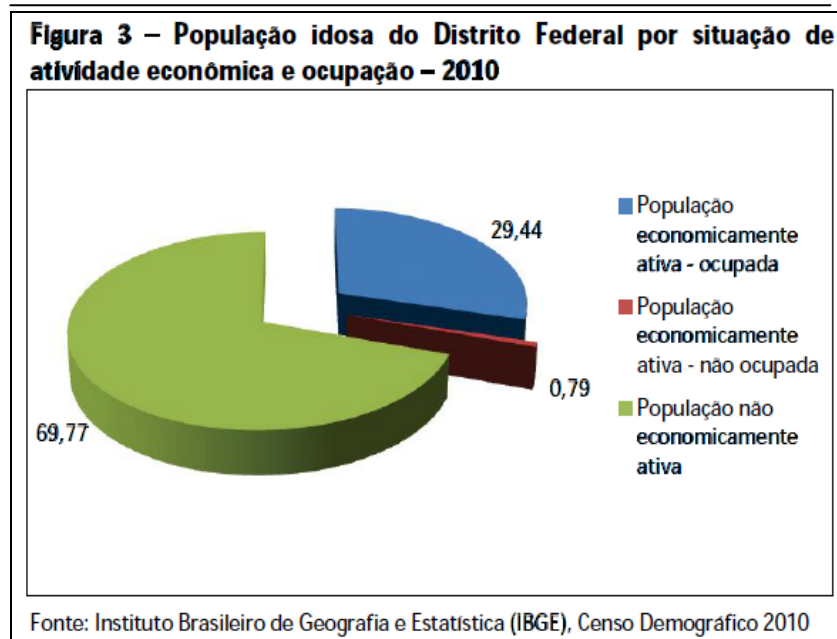
- No Distrito Federal, 77,0% da população idosa é coberta pela previdência social.

- Distribuindo a população idosa por faixas de renda, verifica-se que 36,43% residem em domicílios com renda baixa, 35,4% estão em domicílios de renda alta e 28,17% estão em domicílios na faixa média de renda.

- Verifica-se que 15,56% dos domicílios do Distrito Federal estão sob responsabilidade de idosos. A maioria dos idosos responsáveis pelo domicílio está no último grupo etário, de 70 anos ou mais.

O primeiro aspecto a ser considerado quando se observa a situação de trabalho e renda de uma população é a sua posição na atividade econômica. A população idosa do Distrito Federal é predominantemente inativa economicamente (69,77%), ou seja, comporta, em sua maioria pessoas não aptas ou não disponíveis para o trabalho. Assim, 29,44% dos idosos estão ativos e ocupados, enquanto 0,79% não estão ocupados, embora estejam ativos economicamente.

Figura 2 – População idosa do Distrito Federal por situação de atividades econômica e ocupação – 2010

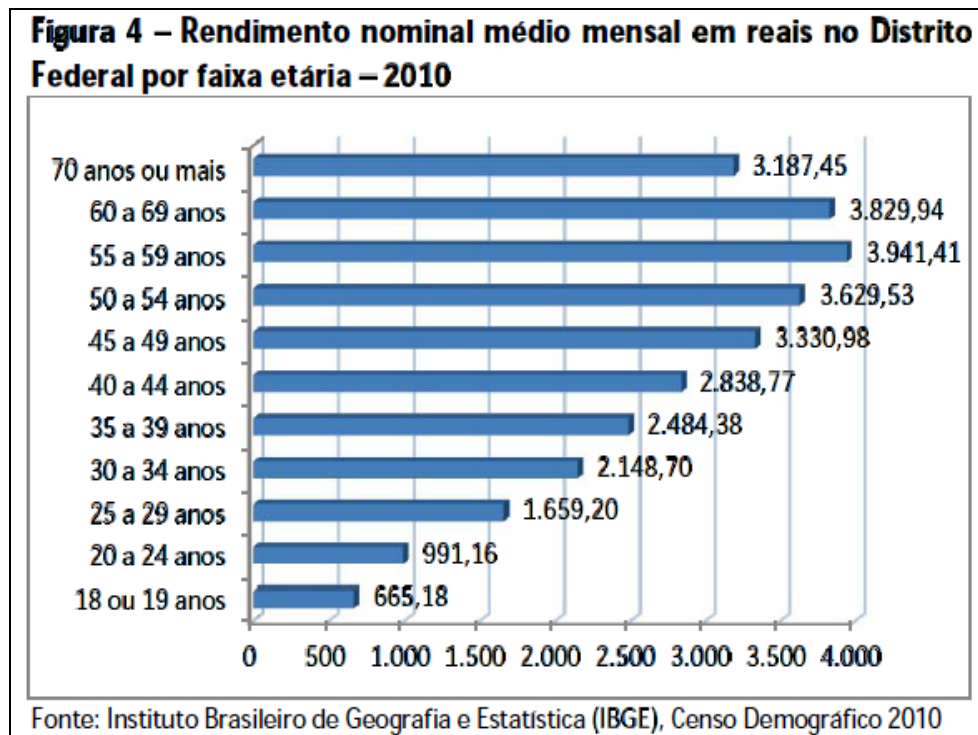


Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo Demográfico 2010 *apud* Codeplan, 2012, p. 22

A renda da população idosa do Distrito Federal é muito mais alta que a do mesmo grupo etário no país. Enquanto o rendimento nominal médio brasileiro para pessoas entre 60 e 69 anos é de R\$ 1.413,65, no Distrito Federal é de R\$ 3.829,94, superior em mais de 170%. Entre as pessoas com 70 anos ou mais, a diferença é de 166% (CODEPLAN, 2012, p. 22).

Observa-se uma tendência de aumento no rendimento nominal conforme a idade, até a faixa de 55 a 59 anos. Após essa faixa, o rendimento cai, como pode ser observado na tabela abaixo. Essa tendência também é notada nos dados para o país. Isso evidencia uma perda nos rendimentos provocada pela aposentadoria ou pela inatividade, que culmina na ausência de renda ou no recebimento de benefícios sociais não contributivos mais baixos do que o valor que se receberia trabalhando.

Figura 3 – Rendimento nominal médio mensal em reais no Distrito Federal por faixa etária – 2010



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo Demográfico 2010 *apud* Codeplan, 2012, p. 23

Verifica-se a distribuição da população idosa por classe de rendimento nominal mensal, destacam-se os percentuais de três classes: de $\frac{1}{2}$ a 1 salário mínimo, que representa 25,41% da população idosa; de mais de 1 a 2 salários, com 11,81% desse grupo etário; e a de mais de 5 a 10 salários mínimos, que concentra 13,19% dos idosos. Além dessas classes, o grupo de idosos sem rendimento ou cuja renda advém exclusivamente de benefícios sociais é comparativamente grande: 16,52% (CODEPLAN, 2012, p. 23).

A partir de dados do Ministério do Departamento Social e Combate à fome, verifica-se que 19.510 idosos de 65 anos ou mais receberam o Benefício de Prestação Continuada (BPC), no valor de um salário mínimo, em dezembro de 2010 no Distrito Federal. Isso representa 15,2% da população de idosos nessa faixa etária. Naquele ano foram pagos 226.480 benefícios, que somaram mais de 115 milhões de reais gastos apenas com o BPC para idosos (CODEPLAN, 2012, p. 23).

Tabela 2 – Distribuição da população idosa do Distrito Federal por classe de rendimento nominal médio mensal em salários mínimos* e faixa etária – 2010

Tabela 5 – Distribuição da população idosa do Distrito Federal por classe de rendimento nominal médio mensal em salários mínimos* e faixa etária – 2010						
Classe de renda	60 a 69 anos		70 anos ou mais		Total	
	N	%	N	%	N	%
Até 1/4 de salário mínimo	264	0,22	65	0,08	329	0,17
Mais de 1/4 a 1/2 salário mínimo	1.053	0,89	164	0,21	1.217	0,62
Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	22.993	19,48	27.213	34,20	50.206	25,41
Mais de 1 a 2 salários mínimos	14.348	12,15	8.998	11,31	23.346	11,81
Mais de 2 a 3 salários mínimos	7.784	6,59	4.798	6,03	12.582	6,37
Mais de 3 a 5 salários mínimos	11.388	9,65	6.646	8,35	18.034	9,13
Mais de 5 a 10 salários mínimos	17.154	14,53	8.915	11,20	26.069	13,19
Mais de 10 a 15 salários mínimos	6.507	5,51	3.304	4,15	9.811	4,96
Mais de 15 a 20 salários mínimos	6.321	5,35	3.647	4,58	9.968	5,04
Mais de 20 a 30 salários mínimos	4.808	4,07	3.077	3,87	7.885	3,99
Mais de 30 salários mínimos	3.432	2,91	2.081	2,62	5.513	2,79
Sem rendimento ou beneficiários de programas sociais	21.990	18,63	10.663	13,40	32.653	16,52

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo Demográfico 2010
*Salário mínimo considerado: R\$ 510,00

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo Demográfico 2010 *apud* Codeplan, 2012, p. 23.

*Salário mínimo considerado: R\$ 510,00

Segundo a Rede Interagencial de informação para a Saúde (Ripsa), na publicação “Indicadores e Dados Básicos 2010”, a esperança de vida aos 60 anos de idade era, em 2009, de 24,3 anos para mulheres e 20,6 anos para homens. Essas informações corroboram o que se observa na figura acima. Essas pessoas possivelmente passarão dos 80 anos de idade. Isso ocorre por melhoria da qualidade de vida, maior acesso a serviços de saúde, mudanças de hábitos alimentares e maior prática de atividade física, entre outros fatores (CODEPLAN, 2012, p. 16).

Ao nascer, a esperança de vida feminina cresceu dois anos entre 2000 e 2009, passando de 77,6 para 79,6 anos. Para o sexo masculino, o aumento foi de 2,3 anos, passando de 69,9, em 2000 para 72,2 anos, em 2009 (CODEPLAN, 2012, p. 16).

A Região Administrativa com maior percentual de idosos em sua população é o Lago Sul com 19,95%. Lagos Norte e Brasília também apresentam grande parcela de idosos em sua população, com 15,28% e 13,93%, respectivamente. Regiões administrativas com renda mais alta têm maiores populações idosas, portanto. Os menores percentuais de idosos aparecem no SIA (1,73%), que por se tratar de setor industrial e de serviços, possivelmente concentra uma população em idade produtiva. SCIA-Estrutural, Itapoã, Varjão e São Sebastião também apresentam baixo percentual de idosos, que compõem menos de 3% da população (CODEPLAN, 2012, p. 16).

Tabela 3 – Percentual da população de 60 anos ou mais em relação à população total por Região Administrativa do Distrito Federal – 2010*

Região Administrativa	População total	Total de idosos	
		N	%
Distrito Federal	2.570.160	197.583	7,69
Águas Claras	102.076	5.824	5,71
Brasília	208.666	29.061	13,93
Brazlândia	57.542	4.035	7,01
Candangolândia	15.924	1.264	7,94
Ceilândia	402.729	29.168	7,24
Cruzeiro	31.379	3.618	11,53
Gama	135.723	13.067	9,63
Guará	107.226	12.458	11,62
Itapoã	51.501	1.400	2,72
Jardim Botânico	23.124	1.881	8,13
Lago Norte	32.903	5.027	15,28
Lago Sul	29.537	5.893	19,95
Núcleo Bandeirante	22.810	2.140	9,38
Paranoá	46.365	2.444	5,27
Park Way	20.955	2.242	10,70
Planaltina	171.303	10.063	5,87
Recanto das Emas	122.619	4.732	3,86
Riacho Fundo	35.545	2.238	6,30
Riacho Fundo II	36.309	1.499	4,13
Samambaia	199.533	9.592	4,81
Santa Maria	118.782	5.481	4,61
São Sebastião	84.788	2.517	2,97
SCIÁ-Estrutural	30.388	803	2,64
SIA	2.488	43	1,73
Sobradinho	60.209	6.135	10,19
Sobradinho II	98.409	5.834	5,93
Sudoeste/Octogonal	49.696	3.946	7,94
Taguatinga	199.715	21.136	10,58
Varjão	8.724	244	2,80
Vicente Pires	63.192	3.798	6,01

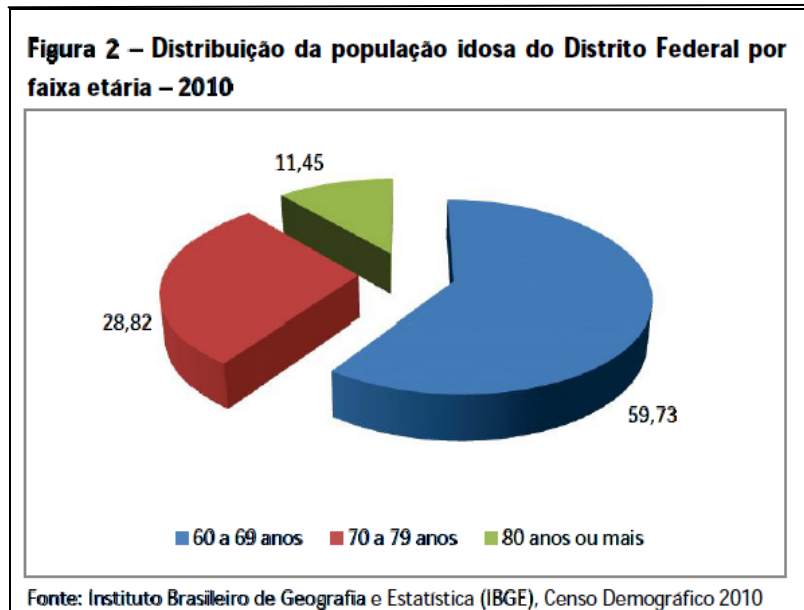
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo Demográfico 2010
 *Informações organizadas por Região Administrativa pela Codeplan, a partir dos dados disponíveis por setor censitário.

Fonte: Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), Censo Demográfico 2010 *apud* Codeplan, 2012, p. 17.

*Informações organizadas por Região Administrativa pela Codeplan, a partir dos dados disponíveis por setor censitário.

A maior parte da população idosa do Distrito Federal é composta por pessoas de 60 a 69 anos de idade, que representam 59,73% desse grupo, como é possível verificar na Figura 4.

Figura 4– Distribuição da população idosa do Distrito Federal por faixa etária - 2010



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo Demográfico 2010 *apud*. Codeplan, 2012, p.18

As mulheres são maioria na população em geral, mas, entre os idosos, as diferenças entre os sexos são ainda maiores. As mulheres compõem 57% da população idosa do Distrito Federal. Entre as Regiões Administrativas, os maiores percentuais são observados no Guará, no Cruzeiro e em Sobradinho, onde a parcela entre os idosos é maior que 60%. Brasília, Taguatinga e Gama se aproximam desse percentual. No Itapoã, os valores ficam equiparados, enquanto os menores percentuais de mulheres idosas são encontrados apenas no Park Way e SCIA–Estrutural (CODEPLAN, 2012, p. 18).

Entre os gêneros a pesquisa mostrou uma nítida predominância feminina na população idosa de baixa renda nas regiões pesquisadas, numa relação de sexo de 73 homens para 100 mulheres.

As parcelas da população com maior idade contam com presença mais expressiva de mulheres. No último grupo etário, de 80 anos ou mais, elas ultrapassam os 60% da população no Distrito Federal e em quase todas as Regiões Administrativas, com exceção de Planaltina, Brazlândia, Lago Sul, Paranoá, Riacho Fundo II, São Sebastião e SCIA-Estrutural, onde elas permanecem sendo maioria, mas com percentuais menores (CODEPLAN, 2012, p. 18).

Em função de a Capital (Brasília) ter menos de 60 anos, ainda não se encontram idosos naturais no Distrito Federal e a população é, portanto formada por imigrantes. Outro dado a ser levado em consideração é com relação à maioria de mulheres, no início nem sempre foi assim, na década de 1960 na época da construção da cidade, prevalecia a maioria masculina.

Tabela 4 – Percentual de mulheres idosas por faixa etária e Região Administrativa do Distrito Federal – 2010*

Tabela 2 – Percentual de mulheres idosas por faixa etária e Região Administrativa do Distrito Federal – 2010*								
Região Administrativa	60 a 69		70 a 79		80 anos ou mais		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Distrito Federal	65.985	55,91	32.299	56,73	14.330	63,36	112.614	57,00
Águas Claras	2.122	55,20	781	53,46	331	63,78	3.234	55,53
Brasília	9.112	58,23	5.387	59,49	2.882	66,12	17.381	59,81
Brazlândia	1.262	53,27	678	57,12	283	59,08	2.223	55,09
Candangolândia	387	50,59	222	59,68	81	63,78	690	54,59
Ceilandia	10.156	55,73	4.590	55,94	1.663	60,67	16.409	56,26
Cruzeiro	1.221	61,60	681	57,32	280	62,50	2.182	60,31
continua								
Gama	4.295	59,73	2.418	56,53	966	60,41	7.679	58,77
Guara	4.441	62,14	2.204	58,26	1.016	66,49	7.661	61,49
Itapoá	432	45,81	182	53,53	86	73,50	700	50,00
Jardim Botânico	601	51,11	267	53,94	137	65,24	1.005	53,43
Lago Norte	1.560	49,03	627	48,23	339	62,20	2.526	50,25
Lago Sul	1.737	52,65	918	50,89	462	58,48	3.117	52,89
Núcleo Bandeirante	696	56,96	375	57,52	167	62,78	1.238	57,85
Paranoá	852	53,38	353	58,83	143	57,66	1.348	55,16
Park Way	625	45,82	281	48,20	190	64,41	1.096	48,88
Planaltina	3.390	54,89	1.599	53,73	538	59,06	5.527	54,92
Recanto das Emas	1.623	52,75	669	56,79	301	63,10	2.593	54,80
Riacho Fundo	817	55,69	318	56,08	141	69,12	1.276	57,02
Riacho Fundo II	521	54,38	208	53,75	83	53,90	812	54,17
Samambaia	3.393	53,94	1.391	57,77	571	63,87	5.355	55,83
Santa Maria	1.913	53,04	823	59,90	314	62,80	3.050	55,65
São Sebastião	827	51,30	379	56,57	130	55,32	1.336	53,08
SCIA-Estrutural	273	49,19	96	47,06	25	56,82	394	49,07
SIA	13	43,33	7	70,00	2	66,67	22	51,16
Sobradinho	1.903	59,25	1.231	59,99	554	63,61	3.688	60,11
Sobradinho II	1.965	52,99	817	53,57	395	65,72	3.177	54,46
Sudoeste/Octogonal	1.364	55,90	617	54,46	242	64,88	2.223	56,34
Taguatinga	7.184	58,67	3.669	59,04	1.746	65,22	12.599	59,61
Varjão	93	53,76	24	48,00	13	61,90	130	53,28
Vicente Pires	1.207	47,73	487	54,90	249	65,18	1.943	51,16

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo Demográfico 2010
 *Informações organizadas por Região Administrativa pela Codeplan, a partir dos dados disponíveis por setor censitário.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo Demográfico 2010 *apud* Codeplan, 2012, p.18/19

*Informações organizadas por Região Administrativa pela Codeplan, a partir dos dados disponíveis por setor censitário.

A crescente participação do idoso na população assim como na força de trabalho tem levado os governos a realizarem estudos e pesquisas com vistas à importante necessidade de elaboração de políticas públicas para esse segmento. Se os programas voltados para a melhoria de qualidade de vida da terceira idade são necessários, tornam-se imprescindíveis para a população de maior vulnerabilidade social, com menor poder aquisitivo aliado à baixa escolarização e conseqüente pior qualidade de vida.

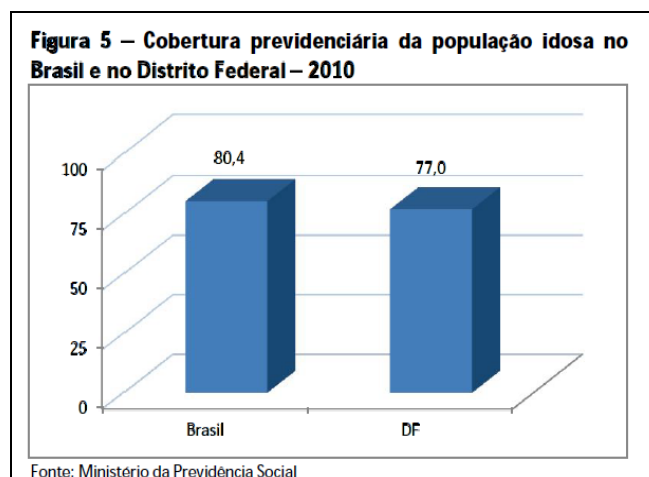
O crescimento da população idosa é uma realidade assim como a necessidade de implantação de programas sociais para o atendimento dessa população, principalmente voltados para a questão de qualificação profissional, com vistas à melhoria da qualidade de vida, essencialmente aquela de menor poder aquisitivo.

A expectativa de vida e da qualidade de vida da mulher, em Brasília (Plano Piloto), mostra um destaque em comparação com as Cidades Satélites, como Guará, Cruzeiro e Taguatinga que seguem o mesmo padrão. Diferentemente da expectativa de vida e da qualidade de vida apresentada pelas Cidades Satélites como SCIA-Estrutural, SIA, Itapoã e Varjão.

Dentre as políticas públicas sociais, a previdência social, como componente da seguridade social brasileira, é uma das mais importantes para a população idosa, pois se destina, entre outras coisas, a dar amparo às pessoas quando da impossibilidade de trabalho. As aposentadorias são sua principal expressão de segurança social àqueles que tiverem contribuído ao Instituto Nacional de Seguro Social (INSS) durante os anos de trabalho. As aposentadorias podem ocorrer por idade, com o alcance de uma idade específica pelo segurado, por invalidez, quando o segurado tem cessadas as possibilidades de trabalho por algum motivo de saúde física ou mental, ou por tempo de contribuição quando o segurado atinge um período predefinido junto ao INSS (CODEPLAN, 2012, p.24).

Em 2010, foram emitidas 115.255 aposentadorias urbanas e 33.329 aposentadorias rurais no Distrito Federal, em todas as modalidades. A cobertura previdenciária da população idosa é de 77,0% no Distrito Federal e 80,4% no Brasil. Isso significa que a maior parte dos idosos está protegida pela previdência social (CODEPLAN, 2012, p.24).

Figura 5 – Cobertura previdenciária da população no Brasil e no Distrito Federal – 2010



Fonte: Ministério da Previdência Social *apud* Codeplan, 2012, p. 24

A fim de conhecer melhor o perfil da população idosa no Distrito Federal, é possível verificar as classes de renda dos domicílios em que ela se concentra. A partir de uma distribuição gráfica, foram identificados três grandes grupos de Regiões Administrativas com características aproximadas em relação à renda média domiciliar. Assim, as Regiões Administrativas que compõem o grupo de renda alta são aquelas que concentram os maiores percentuais de domicílios com renda média e mais de 5 salários mínimos. As consideradas de renda média variam entre mais de 2 e 5 salários mínimos mensais, enquanto as identificadas como de renda baixa são aquelas com menos de 2 salários mínimos mensais no domicílio (CODEPLAN, 2012, p.24).

A partir dessa distribuição, é possível verificar que o maior percentual da população idosa reside em Regiões Administrativas com domicílios com renda considerada baixa, 36,43%. Enfatizando as desigualdades encontradas no Distrito Federal, o segundo grande grupo percentual está nas faixas mais altas de renda, com 35,40%. Os idosos residentes em domicílios com renda média compreendem 28,17% da população desse grupo etário (CODEPLAN, 2012, p.24).

No Brasil, em 2009, uma em cada dez pessoas tinha pelo menos 60 anos, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. O Distrito Federal por ter uma população mais jovem, esta população era de um idoso em cada 14 pessoas e em 2015 será de um em cada 11 (CODEPLAN, 2009).

O conhecimento da situação socioeconômica, educação, condição de moradia, renda, entre outros indicadores é importante no estudo da velhice, no sentido de criar oportunidades e eliminar preconceitos contra este segmento da sociedade. Entretanto a renda per capita de Brasília-DF não representa a renda per capita do Brasil.

Tabela 5 – Distribuição da população idosa do Distrito Federal por grupo de Regiões

Tabela 6 – Distribuição da população idosa do Distrito Federal por grupo de Regiões Administrativa por caracterização da renda domiciliar mensal média – 2010*

Renda	Região administrativa	População idosa	Percentual da população idosa total
Alta	Águas Claras	5.824	2,95
	Brasília	29.061	14,71
	Cruzeiro	3.618	1,83
	Guará	12.458	6,31
	Jardim Botânico	1.881	0,95
	Lago Norte	5.027	2,54
	Lago Sul	5.893	2,98
	Park Way	2.242	1,13
	Sudoeste/Octogonal	3.946	2,00
Média	Candangolândia	1.264	0,64
	Gama	13.067	6,61
	Núcleo Bandeirante	2.140	1,08
	Riacho Fundo	2.238	1,13
	SIA	43	0,02
	Sobradinho	6.135	3,11
	Sobradinho II	5.834	2,95
	Taguatinga	21.136	10,70
Baixa	Vicente Pires	3.798	1,92
	Brazlândia	4.035	2,04
	Ceilandia	29.168	14,76
	Itapoá	1.400	0,71
	Paranoá	2.444	1,24
	Planaltina	10.063	5,09
	Recanto das Emas	4.732	2,39
	Riacho Fundo II	1.499	0,76
	São Sebastião	2.517	1,27
	Santa Maria	5.481	2,77
	Samambaia	9.592	4,85
	SCIA - Estrutural	803	0,41
Varjão	244	0,12	

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo Demográfico 2010
 *Informações organizadas por Região Administrativa pela Codeplan, a partir dos dados disponíveis por setor censitário.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Censo Demográfico 2010 *apud* Codeplan, 2012, p. 25

*Informações organizadas por Região Administrativa pela Codeplan, a partir dos dados disponíveis por setor censitário.

Análise:

A partir dos dados apresentados (pela Codeplan), é possível identificar algumas necessidades da população do Distrito Federal no que concerne o processo de envelhecimento, seja ele individual ou em escala demográfica, tais como: Saúde, deslocamento dos idosos, meio de transporte para a população idosa, fazer compras, necessidades sociais que os idosos sentem, acessibilidade, a melhoria da qualidade de vida. A revelação de que 7,69% da população desta unidade da Federação são compostos por idosos (Censo Demográfico 2010, IBGE) traz consigo a responsabilidade de respostas a essa parcela relevante da sociedade (CODEPLAN, 2012, p. 31).

O percentual de idoso é maior nas populações das Regiões Administrativas de rendas médias mais altas, o que demonstra uma relação direta entre longevidade e qualidade de vida. Para garantir equidade nos níveis de longevidade a toda a população, é preciso investir nos aspectos que compõem a qualidade de vida: saúde, educação, trabalho digno, alimentação adequada, segurança e, muito especificamente no caso dos idosos, acessibilidade aos serviços de turismo acessível se coloca como forma de inclusão para combater a exclusão social, fatores como adaptabilidade de todos os locais desde o perímetro urbano para que a locomoção seja facilitada independente da deficiência, até os meios de transporte em geral, os locais de hospedagem incluindo as dependências, dormitórios, banheiros, etc. (REIS, 2010). Assim é necessário pensar em propostas de qualidade para o Turismo Sênior e no Turismo acessível para pessoas com mobilidade reduzida (MR).

O IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) tem mostrado nas análises a caracterização da renda média individual deste segmento populacional. É relativamente homogênea nas regiões pesquisadas, variando de região para região.

A pesquisa mostrou que a renda da população de 60 anos e mais é essencial na renda do seu domicílio. A renda do idoso é muito importante para a família e a sua baixa escolaridade impede sua ascensão ao mercado de trabalho e conseqüente melhoria da renda domiciliar.

Em termos de comparação a renda alta, média e baixa há uma proporcionalidade nos três grupos, quando analisamos, por exemplo; Brasília no grupo considerado alta, Taguatinga considerada média e Ceilândia considerado baixa. No geral não há muito distanciamento entre os grupos com exceção desses três exemplos.

Um fator a ser observado pelas políticas públicas é a longevidade feminina, que significa, em termos de ação, maior ênfase na saúde da mulher idosa, cuidado para com a idosa cuidadora e responsável pelo lar, priorização nos serviços para esse grupo etário, entre outras. O fato de elas viverem mais também representa a necessidade de desenvolvimento de estratégias para a saúde do homem idoso, tradicionalmente menos preocupado com a saúde e, conseqüentemente, mais susceptível a diagnósticos tardios e a hábitos menos saudáveis (CODEPLAN, 2012, p.31).

Significa que as mulheres procuram os serviços de prevenção e tratamento com mais frequência.

O analfabetismo entre os idosos é maior do que em outras faixas etárias, muito acentuado em Regiões Administrativas de renda mais baixa. Trata-se de um fenômeno em processo de mudança, pois as taxas de analfabetismo no total da população do Distrito Federal são muito baixas, o que garante futuros idosos com maiores taxas de escolaridade e, conseqüentemente, melhor inserção socioeconômica. Ainda assim, dada a longevidade da população, ações de educação exclusivas para esse grupo etário é uma necessidade (CODEPLAN, 2012, p.31).

Considera-se que atualmente existem no Brasil programas de erradicação do analfabetismo para jovens e adultos, incluindo idosos/idosas principalmente nas zonas rurais.

Mais de 30% dos idosos do Distrito Federal são economicamente ativos, percentual que tende a aumentar conforme cresce a expectativa de vida. O rendimento médio nominal da população idosa desta Unidade da Federação é alto em relação à média nacional, mas é interessante observar que, a partir dos 60 anos de idade, há uma queda do rendimento em relação às outras faixas etárias, o que dificulta a manutenção de padrões de vida acumulados nos anos de trabalho (CODEPLAN, 2012, p.24).

No caso em que o nível de rendimento tende a ser inferior dos que se encontram na ativa:

O Benefício de Prestação Continuada aparece como grande impulsor da situação socioeconômica dos idosos, mas denuncia a vinculação de grande parcela da população a empregos informais, inseguros e instáveis, que não garantem contribuição prévia ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), para o recebimento de aposentadoria quando do fim da aptidão para o trabalho (CODEPLAN, 2012, p.24).

Este benefício se apresenta de forma especial, para os casos específicos segundo as necessidades dos beneficiados.

O percentual de domicílio sob responsabilidade de pessoas idosas é outro elemento interessante para a compreensão da organização sociofamiliar contemporânea. Os idosos, inclusive os de faixas etárias mais avançadas, estão distantes da concepção preconceituosa que os julga como não produtivos ou não participantes ativos da vida intrafamiliar (CODEPLAN, 2012, p.24).

A responsabilidade dos domicílios e sustento econômico e social do grupo familiar tem acontecido de forma ampla, uma vez que idosos/idosas estão atualmente assumindo compromissos com filhos, netos que não possuem renda suficiente para sobrevivência.

Com esses apontamentos, acredita-se ser possível implementar ações capazes de garantir aos idosos um cotidiano melhor, com o atendimento de demandas específicas, que permitam o exercício real da cidadania, a

convivência familiar e comunitária em condições equânimes e o pleno acesso a direitos (CODEPLAN, 2012, p.24).

É importante a implementação de políticas que garantam esse atendimento para o pleno exercício da cidadania dos idosos/idosas.

3.6 ASPECTOS ESTATÍSTICOS COMPARATIVOS DA POPULAÇÃO COM OUTRAS REGIÕES DO BRASIL

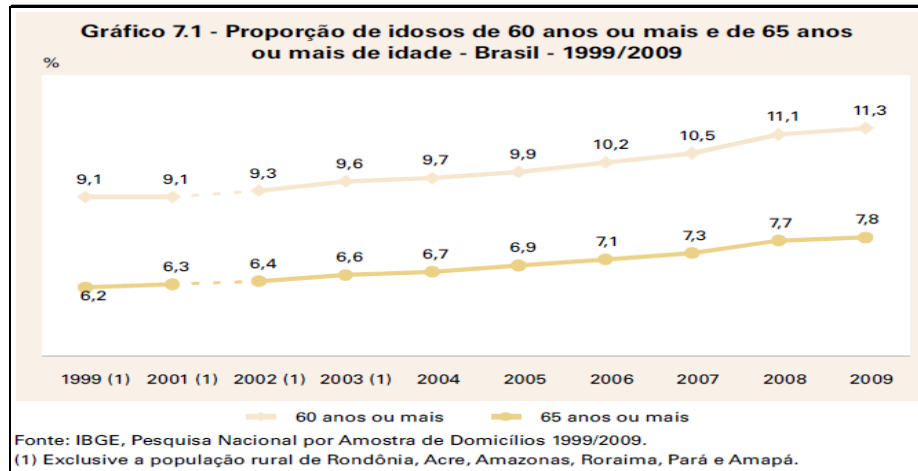
3.6.1 Os idosos em estatística do IBGE

Em vários países, as populações estão envelhecendo. Estudos mostram que o número de pessoas idosas cresce em ritmo maior do que o número de pessoas que nascem acarretando um conjunto de situações que modificam a estrutura de gastos dos países em uma série de áreas importantes (IBGE, 2010, p. 191).

No Brasil, o ritmo de crescimento da população idosa tem sido sistemática e consistente. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD 2009, o País contava com uma população de cerca de 21 milhões de pessoas de 60 anos ou mais de idade. Com uma taxa de fecundidade abaixo do nível de reposição populacional, combinada ainda com outros fatores, tais como os avanços de tecnologia, especialmente na área da saúde, atualmente o grupo de idosos ocupa um espaço significativo na sociedade brasileira (IBGE, 2010, p. 191).

No período de 1999 a 2009, o peso relativo dos idosos (60 anos ou mais de idade) no conjunto da população passou de 9,1% para 11,3%. O Gráfico 1 mostra, também, a evolução do peso relativo das pessoas (65 anos ou mais de idade), faixa etária considerada para fins de estudos demográficos e, também, como limites a condição de velhice nos países mais desenvolvidos (IBGE, 2010, p. 191).

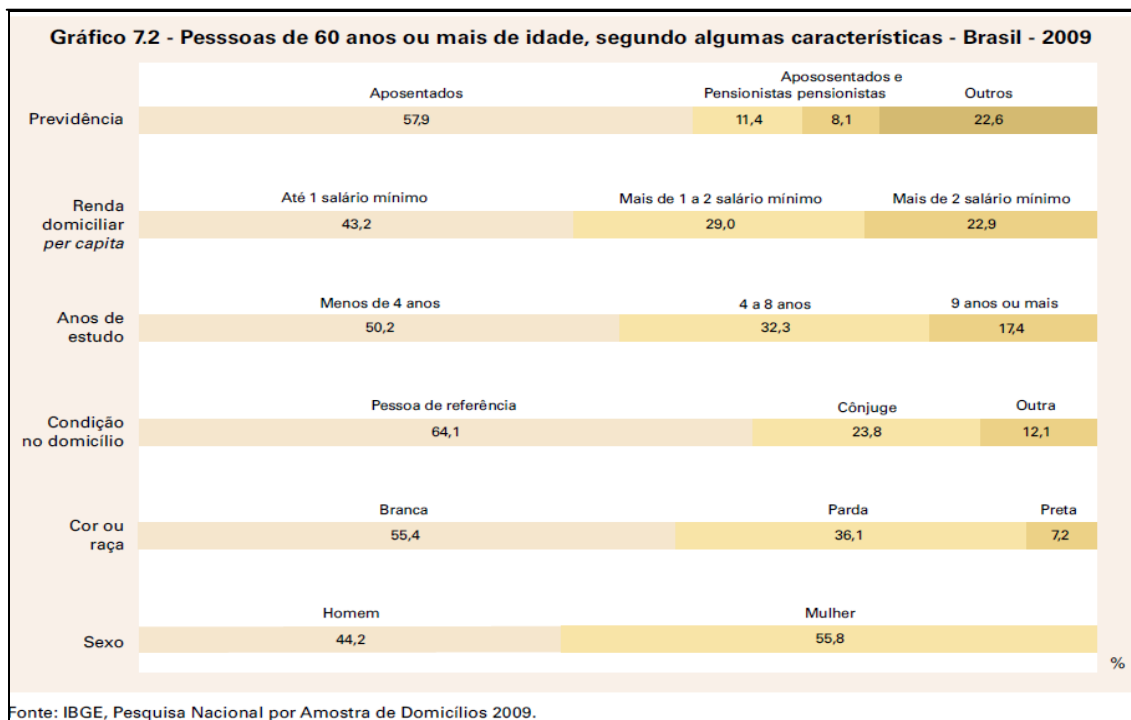
Gráfico 1 – Proporção de idosos de 60 anos ou mais e de 65 anos ou mais de idade – Brasil – 1999/2009.



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por amostra de Domicílios 1999/2009
(1) Exclui a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

Com os dados da PNAD 2009, é possível traçar um breve perfil socioeconômico deste segmento populacional. As mulheres são a maioria (55,8%), assim como os brancos (55,4%), e 64,1% ocupavam a posição de pessoas de referência no domicílio. A escolaridade dos idosos brasileiros é ainda considerada baixa: 30,7% tinham menos de um ano de instrução. Pouco menos de 12,0% viviam com renda domiciliar per capita de até $\frac{1}{2}$ salário mínimo e cerca de 66% já se encontravam aposentados (Gráfico 2) (IBGE, 2010, p. 191).

Gráfico 2 – Pessoas de 60 anos ou mais de idade, segundo características – Brasil – 2009



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009

Tabela 6 – Pessoas de 65 anos ou mais de idade, total e respectiva distribuição percentual, por situação do domicílio e sexo, segundo as Grandes Regiões, as Unidades da Federação e as Regiões Metropolitanas – 2009

Tabela 7.3 - Pessoas de 65 anos ou mais de idade, total e respectiva distribuição percentual, por situação do domicílio e sexo, segundo as Grandes Regiões, as Unidades da Federação e as Regiões Metropolitanas - 2009					
Grandes Regiões, Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas	Pessoas de 65 anos ou mais de idade				
	Total (1 000 pessoas)	Distribuição percentual (%)			
		Situação do domicílio		Sexo	
		Urbana	Rural	Homem	Mulher
Brasil	15 088	83,4	16,6	43,3	56,7
Norte	767	77,0	23,0	48,5	51,5
Rondônia	70	69,6	30,4	53,9	46,1
Acre	33	82,4	(1)17,6	48,5	51,5
Amazonas	152	81,8	18,2	43,5	56,5
Roraima	14	79,9	(1)20,1	(1)52,1	(1)47,9
Pará	379	77,3	22,7	47,6	52,4
Região Metropolitana de Belém	122	96,8	(1)3,2	38,7	61,3
Amapá	26	97,7	(1)2,3	(1)55,1	(1)44,9
Tocantins	93	65,4	34,6	54,0	46,0
Nordeste	4 012	70,4	29,6	44,7	55,3
Maranhão	437	66,8	33,2	48,0	52,0
Piauí	249	65,8	34,2	45,8	54,2
Ceará	643	73,6	26,4	45,0	55,0
Região Metropolitana de Fortaleza	219	96,4	(1)3,6	36,9	63,1
Rio Grande do Norte	233	72,1	27,9	44,4	55,6
Paraíba	319	78,6	21,4	43,2	56,8
Pernambuco	678	77,1	22,9	42,6	57,4
Região Metropolitana de Recife	286	98,6	(1)1,4	37,5	62,5
Alagoas	224	66,3	33,7	44,7	55,3
Sergipe	107	76,0	24,0	42,4	57,6
Bahia	1 120	64,5	35,5	45,0	55,0
Região Metropolitana de Salvador	223	98,3	(1)1,7	37,1	62,9
Sudeste	7 098	92,3	7,7	41,7	58,3
Minas Gerais	1 711	84,1	15,9	42,7	57,3
Região Metropolitana de Belo Horizonte	385	98,9	(1)1,1	40,4	59,6
Espírito Santo	248	78,6	21,4	45,0	55,0
Rio de Janeiro	1 659	96,7	3,3	39,3	60,7
Região Metropolitana do Rio de Janeiro	1 244	99,0	(1)1,0	38,6	61,4
São Paulo	3 480	95,2	4,8	42,1	57,9
Região Metropolitana de São Paulo	1 516	97,7	(1)2,3	40,7	59,3
Sul	2 321	80,3	19,7	42,7	57,3
Paraná	848	84,1	15,9	44,3	55,7
Região Metropolitana de Curitiba	248	89,2	10,8	42,2	57,8
Santa Catarina	447	75,3	24,7	43,7	56,3
Rio Grande do Sul	1 027	79,3	20,7	41,0	59,0
Região Metropolitana de Porto Alegre	332	94,7	5,3	38,9	61,1
Centro-Oeste	890	85,1	14,9	47,1	52,9
Mato Grosso do Sul	169	84,2	15,8	48,8	51,2
Mato Grosso	192	75,5	24,5	50,0	50,0
Goiás	399	87,1	12,9	46,4	53,6
Distrito Federal	130	94,3	(1)5,7	42,3	57,7

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009.
(1) Dados sem significância estatística.

Fonte: IBGE, pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio 2009.

A composição por sexo na zona urbana e na zona rural nas diferentes regiões brasileira tem a razão de 96 homens para cada grupo de 100 mulheres, conforme estimativas de 2008. Até os 60 anos de idade, há um equilíbrio quantitativo entre homens e mulheres, acentuando-se a partir desta faixa etária o predomínio feminino. Esse fato pode ser explicado por uma longevidade maior da mulher, devido por outras razões, ao fato de ela ser menos atingida por moléstias cardiovasculares, causa frequente de morte após os 40 anos (WIKIPÉDIA)¹⁴.

O número de mulheres, na população rural brasileira, pode-se dizer que no Nordeste, por ser uma região de repulsão populacional, há o predomínio da população feminina. Já nas regiões Norte e Centro-Oeste predominam a população masculina, atraída pelas atividades econômicas primárias, como o extrativismo vegetal, a pecuária e, sobretudo, a mineração (WIKIPÉDIA)¹⁵.

O número de mulheres, na população rural brasileira, também tende a ser menor, já que as cidades oferecem melhores condições sociais e de trabalho à população feminina (WIKIPÉDIA)¹⁶.

Um relativo equilíbrio entre os sexos, entretanto, só se estabeleceu a partir dos anos 1940 – pois até a década de 1930 o país apresentava nítido predomínio da população masculina, devido principalmente à influência da imigração – e, ainda que nascessem mais meninos que meninas, a maior mortalidade masculina (até a faixa de 5 anos de idade) fez com que se estabelecesse o equilíbrio (WIKIPÉDIA)¹⁷.

Na nossa avaliação comparando o percentual de homens e de mulheres da Região do Distrito Federal com as demais regiões do país: Urbana e Rural verificamos o quadro nas seguintes regiões:

Região Norte: Proporcionalmente é a quarta região que mais concentra a população na área urbana. Na área rural predomina a população masculina, atraída pelas atividades econômicas primárias, como o extrativismo vegetal, a pecuária e, sobretudo, a mineração.

Região Nordeste: É a quinta região em proporção de concentração de sua população em área urbana. O número de mulheres na área rural do Nordeste por ser uma região de repulsão populacional, há o predomínio da população feminina.

¹⁴ http://pt.wikipedia.org/wiki/Demografia_do_Brasil

¹⁵ Idem

¹⁶ Idem

¹⁷ Idem

Região Sudeste: Proporcionalmente é a região que mais concentra a população na área urbana, conseqüentemente é a região que tem menos habitante na zona rural, o número de mulheres é maior que o número de homens.

Região Sul: É a terceira região que proporcionalmente mais concentra a população na área urbana.

Região Centro-Oeste: É a segunda região que proporcionalmente mais concentra a população na área urbana, conseqüentemente é a segunda que tem menos habitante na zona rural, o número de mulheres é maior que o número de homens. O número de homens na área rural é predominante, pelas mesmas razões que ocorre na região Norte.- Em nível de Brasil, as razões para uma diminuição do crescimento demográfico relacionam-se com a urbanização e industrialização e com incentivos à redução da natalidade (com a disseminação de anticoncepcionais). Embora a taxa de mortalidade no país tenha caído bastante desde a década de 1940, a queda na taxa de natalidade foi ainda maior.

- Com relação à pirâmide etária no Brasil pode-se afirmar que até os 60 anos de idade, há um equilíbrio quantitativo entre homens e mulheres, acentuando-se a partir desta faixa etária o predomínio feminino.

A partir da década de 1980, os fluxos intra-regionais e até intra-estaduais tornaram-se mais significativos, especialmente na Região Nordeste, com a consolidação de várias metrópoles ao redor das capitais de cada estado nordestino. Por conta do Brasil já ser um país essencialmente urbano, os fluxos migratórios encontram-se em menor dimensão de décadas passadas, e concentram-se mais na ocupação de espaço com maior dinamismo (em geral cidades médias do interior e algumas capitais, além da fronteira agrícola). Ações sociais como o Fome Zero e o Bolsa Família também reduzem os fluxos migratórios, ao responder mais rapidamente situações de calamidade pública especialmente em função da seca, que intensificam os fluxos no passado (WIKIPÉDIA)¹⁸.

- O número de mulheres, na população rural brasileira, também tende a ser menor, já que as cidades oferecem melhores condições sociais e de trabalho à população feminina.

- De um modo geral a Região do Distrito Federal, tem características particulares. Por ser uma região que recebe pessoas de todo o país.

¹⁸ http://pt.wikipedia.org/wiki/Demografia_do_Brasil

Tabela 7 – Pessoas de 65 anos ou mais de idade, total, com indicação da média de anos de estudo e respectiva distribuição percentual, por grupos de anos de estudo, Segundo as Grandes Regiões – 2009

Tabela 7.6 - Pessoas de 65 anos ou mais de idade, total, com indicação da média de anos de estudo e respectiva distribuição percentual, por grupos de anos de estudo, segundo as Grandes Regiões - 2009			
Grandes Regiões	Pessoas de 65 anos ou mais de idade		
	Total (1 000 pessoas) (1)	Média de anos de estudo	Distribuição percentual, por grupos de anos de estudo (%)
			Sem instrução e menos de 1 ano
Brasil	15 083	3,8	34,4
Norte	767	2,7	44,4
Nordeste	4 011	2,5	53,7
Sudeste	7 095	4,5	25,3
Sul	2 320	4,1	23,4
Centro-Oeste	889	3,3	39,6
Grandes Regiões	Pessoas de 65 anos ou mais de idade		
	Distribuição percentual, por grupos de anos de estudo (%)		
	1 a 3 anos	4 a 8 anos	9 anos ou mais
Brasil	20,1	30,9	14,6
Norte	23,5	23,0	9,1
Nordeste	17,8	18,5	10,0
Sudeste	19,5	36,9	18,3
Sul	24,0	38,7	13,9
Centro-Oeste	21,7	25,8	13,0

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009.
(1) Excluídas as pessoas com anos de estudo não determinados.

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009.

(1) Excluídas as pessoas com anos de estudo não determinados.

Buscando interpretar os índices mais altos e mais baixos das pessoas de 65 anos ou mais de idade, total, com indicação da média de anos de estudo e respectiva distribuição percentual, por grupos de anos de estudo, segundo as Grandes Regiões – 2009 percebe-se que as regiões mais desenvolvidas do país têm maior destaque no número maior de anos de estudo da população brasileira, como o Sudeste, o Sul e o Centro Oeste respectivamente, sendo que as regiões Norte e Nordeste tem índices menores.

Tabela 8 – Pessoas de 60 anos ou mais de idade, total, com indicação da média de anos de estudo e respectiva distribuição percentual, por grupos de anos de estudo, segundo as Grandes Regiões, as Unidades da Federação e as Regiões Metropolitanas – 2009.

Tabela 7.5 - Pessoas de 60 anos ou mais de idade, total, com indicação da média de anos de estudo e respectiva distribuição percentual, por grupos de anos de estudo, segundo as Grandes Regiões, as Unidades da Federação e as Regiões Metropolitanas - 2009						
Grandes Regiões, Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas	(continua)					
	Pessoas de 60 anos ou mais de idade					
	Total (1 000 pessoas) (1)	Média de anos de estudo	Distribuição percentual, por grupos de anos de estudo (%)			
Sem instrução e menos de 1 ano			1 a 3 anos	4 a 8 anos	9 anos ou mais	
Brasil	21 722	4,2	30,7	19,5	32,3	17,4
Norte	1 133	3,2	40,4	22,7	24,3	12,6
Rondônia	112	2,9	46,5	19,6	23,5	10,4
Acre	47	2,7	58,0	10,9	(2)17,4	(2)13,7
Amazonas	224	3,6	35,1	23,7	26,2	15,0
Roraima	20	3,2	48,0	11,6	(2)27,4	(2)13,0
Pará	556	3,3	37,7	23,9	26,1	12,2
Região Metropolitana de Belém	184	5,4	16,8	22,4	35,0	25,7
Amapá	39	4,1	25,7	(2)36,9	(2)17,0	(2)20,4
Tocantins	135	2,4	51,9	20,0	18,4	9,7
Nordeste	5 641	2,8	50,0	17,9	20,0	12,2
Maranhão	589	2,1	55,6	19,9	17,3	7,1
Piauí	365	2,4	58,2	16,6	13,0	12,1
Ceará	902	2,9	50,3	17,9	19,6	12,2
Região Metropolitana de Fortaleza	318	5,1	29,4	17,3	26,7	26,5
Rio Grande do Norte	331	3,0	45,7	18,9	22,8	12,6
Paraíba	437	3,1	47,9	17,4	21,6	13,1
Pernambuco	960	3,6	43,3	16,0	24,0	16,7
Região Metropolitana de Recife	413	5,7	23,5	14,2	31,5	30,8
Alagoas	320	2,3	53,7	21,9	16,1	8,4
Sergipe	172	3,3	40,8	22,9	22,7	13,6
Bahia	1 565	2,7	51,5	17,2	19,8	11,5
Região Metropolitana de Salvador	331	6,0	20,0	15,3	33,0	31,6

Grandes Regiões, Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas	(conclusão)					
	Pessoas de 60 anos ou mais de idade					
	Total (1 000 pessoas) (1)	Média de anos de estudo	Distribuição percentual, por grupos de anos de estudo (%)			
Sem instrução e menos de 1 ano			1 a 3 anos	4 a 8 anos	9 anos ou mais	
Sudeste	10 219	5,0	22,1	18,6	38,0	21,2
Minas Gerais	2 443	3,9	29,6	21,6	34,1	14,7
Região Metropolitana de Belo Horizonte	569	5,4	18,5	17,4	39,5	24,6
Espírito Santo	375	4,1	33,2	18,9	29,3	18,7
Rio de Janeiro	2 375	6,0	15,4	16,2	39,7	28,6
Região Metropolitana do Rio de Janeiro	1 783	6,4	13,9	14,3	40,4	31,4
São Paulo	5 027	5,0	20,9	18,2	39,8	21,1
Região Metropolitana de São Paulo	2 221	5,7	18,8	13,4	42,1	25,8
Sul	3 403	4,6	19,9	23,0	40,2	16,8
Paraná	1 237	4,2	26,1	24,9	32,7	16,3
Região Metropolitana de Curitiba	361	5,6	14,8	20,0	39,4	25,9
Santa Catarina	668	4,4	18,1	24,3	41,3	16,4
Rio Grande do Sul	1 499	5,0	15,7	20,9	46,0	17,4
Região Metropolitana de Porto Alegre	506	6,1	11,6	17,6	44,9	25,9
Centro-Oeste	1 325	3,9	34,8	21,4	27,5	16,4
Mato Grosso do Sul	247	3,3	35,2	24,4	30,7	9,7
Mato Grosso	281	3,2	40,6	22,8	23,1	13,5
Goiás	593	3,4	38,3	21,5	27,1	13,1
Distrito Federal	204	6,8	15,9	15,4	30,8	37,9

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009.

(1) Excluídas as pessoas com anos de estudo não determinados. (2) Dados sem significância estatística.

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009.

(1) Excluídas as pessoas com anos de estudo não determinados. (2) Dados sem significância estatística

Ao verificarmos a Tabela nº 8, reflete-se que o Distrito Federal tem característica própria, a imigração trouxe maior quantidade de pessoas jovens com maior número de anos de estudo, fato este, que apresenta uma diferenciação entre as demais regiões no que concerne aos anos de estudos da população.

Tabela 9 – Pessoas de 60 anos ou mais de idade, residentes em domicílios particulares, total e respectiva distribuição percentual, por classes de rendimento médio mensal domiciliar per capita, segundo as Grandes regiões, as Unidades da Federação e as Regiões Metropolitanas – 2009

Tabela 7.7 - Pessoas de 60 anos ou mais de idade, residentes em domicílios particulares, total e respectiva distribuição percentual, por classes de rendimento médio mensal domiciliar per capita, segundo as Grandes Regiões, as Unidades da Federação e as Regiões Metropolitanas - 2009					
Grandes Regiões, Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas	Pessoas de 60 anos ou mais de idade, residentes em domicílios particulares				
	Total (1 000 pessoas) (1)	Distribuição percentual, por classe de rendimento médio mensal domiciliar per capita (salário mínimo) (%)			
		Até 1/2	Mais de 1/2 a 1	Mais de 1 a 2	Mais de 2
Brasil	21 698	11,2	32,0	29,0	22,9
Norte	1 132	18,9	40,4	23,6	13,2
Rondônia	111	10,3	(2)39,1	29,8	18,9
Acre	47	13,2	(2)39,9	28,4	15,6
Amazonas	225	20,9	37,0	27,0	12,0
Roraima	20	17,4	(2)35,9	(2)19,8	(2)24,0
Pará	555	20,2	41,2	20,8	12,3
Região Metropolitana de Belém	184	16,5	31,7	23,0	21,6
Amapá	39	28,7	(2)39,3	(2)16,3	(2)14,4
Tocantins	135	16,6	45,2	25,6	11,7
Nordeste	5 637	20,9	44,6	20,7	11,1
Maranhão	588	28,7	45,4	17,8	7,2
Piauí	365	17,2	44,2	24,5	11,8
Ceará	901	19,3	47,3	21,2	9,8
Região Metropolitana de Fortaleza	317	18,1	33,9	22,4	22,7
Rio Grande do Norte	331	19,1	44,1	23,7	13,0
Paraíba	437	22,2	45,2	18,5	13,3
Pernambuco	961	21,3	41,1	19,7	12,7
Região Metropolitana de Recife	414	17,8	32,2	22,2	22,0
Alagoas	321	24,9	49,6	15,2	8,0
Sergipe	172	17,8	41,2	24,7	15,2
Bahia	1 562	18,9	44,4	21,8	11,5
Região Metropolitana de Salvador	330	13,9	31,3	22,6	29,9
Sudeste	10 210	6,8	25,6	32,1	28,7
Minas Gerais	2 442	9,7	33,7	30,2	22,7
Região Metropolitana de Belo Horizonte	568	7,0	26,5	29,6	32,3
Espírito Santo	375	11,9	31,2	30,2	25,0
Rio de Janeiro	2 371	5,8	23,0	29,9	32,1
Região Metropolitana do Rio de Janeiro	1 781	5,2	20,9	29,0	34,1
São Paulo	5 022	5,5	22,4	34,1	30,3
Região Metropolitana de São Paulo	2 220	6,1	18,7	30,3	34,4
Sul	3 395	6,0	26,8	35,2	28,8
Paraná	1 236	8,1	31,3	33,4	25,0
Região Metropolitana de Curitiba	360	5,7	21,7	32,3	37,6
Santa Catarina	666	3,7	23,7	38,2	30,2
Rio Grande do Sul	1 492	5,4	24,4	35,4	31,4
Região Metropolitana de Porto Alegre	504	5,1	19,3	33,0	37,2
Centro-Oeste	1 324	11,5	33,6	28,7	21,7
Mato Grosso do Sul	248	12,6	36,8	30,2	19,9
Mato Grosso	281	14,6	35,4	28,0	17,6
Goiás	592	10,8	36,3	32,1	16,5
Distrito Federal	204	7,7	19,2	18,2	44,4

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009.
(1) Inclusive pessoas de 60 anos ou mais de idade sem declaração de rendimento e sem rendimento. (2) Dados sem significância estatística.

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009.

(1) Inclusive pessoas de 60 anos ou mais de idade sem declaração de rendimento e sem rendimento.

(2) Dados sem significância estatística.

O maior percentual de pessoas com mais de 60 anos ou mais de idade residentes em domicílios particulares deve-se ao fato das facilidades da aquisição da casa própria, tanto por parte da distribuição por parte do governo, como pela facilidade de compra através de financiamento, em função do salário.

Tabela 10 – Pessoas de 65 anos ou mais de idade, residentes em domicílios particulares, total e respectiva distribuição percentual, por classes de rendimento médio mensal domiciliar per capita, segundo as Grandes Regiões – 2009.

Tabela 7.8 - Pessoas de 65 anos ou mais de idade, residentes em domicílios particulares, total e respectiva distribuição percentual, por classes de rendimento médio mensal domiciliar <i>per capita</i>, segundo as Grandes Regiões - 2009					
Grandes Regiões	Pessoas de 65 anos ou mais de idade, residentes em domicílios particulares				
	Total (1 000 pessoas) (1)	Distribuição percentual, por classes de rendimento médio mensal domiciliar <i>per capita</i> (salário mínimo) (%)			
		Até 1/2	Mais de 1/2 a 1	Mais de 1 a 2	Mais de 2
Brasil	15 068	10,2	33,6	29,3	22,0
Norte	766	17,1	42,8	23,7	12,9
Nordeste	4 006	18,8	47,2	20,8	10,7
Sudeste	7 092	6,2	26,3	32,7	27,9
Sul	2 314	5,6	29,1	35,7	26,7
Centro-Oeste	889	9,9	35,2	29,6	21,1

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009.
(1) Inclusive pessoas de 65 anos ou mais de idade sem declaração de rendimento e sem rendimento.

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009.

(1) Inclusive pessoas de 65 anos ou mais de idade sem declaração de rendimento e sem rendimento.

3.7 SISTEMA IBGE DE RECUPERAÇÃO AUTOMÁTICA – SIDRA

Tabela 11 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por situação do domicílio e sexo, segundo o número de trabalhos, a condição de contribuição para instituto de previdência oficial no trabalho principal, os grupos habitualmente trabalhadas por semana no trabalho principal e os grupos de idade

Tabela 3582 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por situação do domicílio e sexo, segundo o número de trabalhos, a condição de contribuição para instituto de previdência oficial no trabalho principal, os grupos de horas habitualmente trabalhadas por semana no trabalho principal e os grupos de idade			
Unidade da Federação = Distrito Federal			
Variável = Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência (Pessoas)			
Situação do domicílio = Total			
Sexo = Total			
Número de trabalhos = Total			
Condição de contribuição para instituto de previdência oficial no trabalho principal = Total			
Ano = 2010			
Grupos de horas habitualmente trabalhadas por semana no trabalho principal	Grupos de idade		
	Total	60 a 69 anos	70 anos ou mais
Total	1.287.544	46.720	11.581
Até 14 horas	108.330	6.017	2.904
15 a 29 horas	83.372	3.928	1.162
30 a 39 horas	148.118	4.640	924
40 a 44 horas	666.597	23.100	4.750
45 a 48 horas	132.881	3.521	644
49 horas ou mais	148.246	5.515	1.198

Nota:

1 - Dados da Amostra

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Fonte: IBGE – Censo Demográfico

Há a necessidade da diminuição das horas de trabalho do idoso com mais de 60 anos de idade, o horário de 6 horas diárias é um horário reduzido para esse grupo de idosos. Essa proposta já é adotada em instituições públicas e privadas, uma experiência já utilizada em supermercados e outras repartições.

Tabela 12 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por condição de aposentada ou pensionista de instituto de previdência oficial no mês de referência e o sexo, segundo a situação de ocupação na semana de referência e os grupos de idade

Tabela 3580 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por condição de aposentada ou pensionista de instituto de previdência oficial no mês de referência e o sexo, segundo a situação de ocupação na semana de referência e os grupos de idade				
Unidade da Federação = Distrito Federal				
Variável = Pessoas de 10 anos ou mais de idade (Pessoas)				
Sexo = Total				
Ano = 2010				
Condição de aposentada ou pensionista de instituto de previdência oficial no mês de referência	Grupos de idade	Situação de ocupação na semana de referência		
		Total	Ocupadas	Não ocupadas
Total	Total	2.180.903	1.287.544	893.358
	60 a 69 anos	118.604	46.720	71.884
	70 anos ou mais	79.408	11.581	67.827
Aposentadas ou pensionistas	Total	230.883	69.595	161.287
	60 a 69 anos	67.158	18.334	48.824
	70 anos ou mais	65.436	8.886	56.550
Não eram aposentadas nem pensionistas	Total	1.946.737	1.215.628	731.109
	60 a 69 anos	51.081	28.163	22.918
	70 anos ou mais	13.650	2.610	11.040
Sem declaração	Total	3.283	2.321	962
	60 a 69 anos	365	223	142
	70 anos ou mais	322	86	236

Nota:
1 - Dados da Amostra

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Fonte: IBGE – Censo Demográfico

A condição de pessoas aposentadas ou pensionistas no Distrito Federal por grupo de idade entre 60 e 69 anos é maior do que outro grupo de idade.

Tabela 13 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por situação do domicílio e sexo, segundo o número de trabalhos, a condição de contribuição para instituto de previdência oficial no trabalho principal, os grupos de horas habitualmente trabalhadas por semana no trabalho principal e os grupos de idade

Tabela 3582 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por situação do domicílio e sexo, segundo o número de trabalhos, a condição de contribuição para instituto de previdência oficial no trabalho principal, os grupos de horas habitualmente trabalhadas por semana no trabalho principal e os grupos de idade			
Unidade da Federação = Distrito Federal			
Variável = Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência (Pessoas)			
Situação do domicílio = Total			
Sexo = Total			
Condição de contribuição para instituto de previdência oficial no trabalho principal = Total			
Grupos de horas habitualmente trabalhadas por semana no trabalho principal = Total			
Ano = 2010			
Grupos de idade	Número de trabalhos		
	Total	1 trabalho	2 ou mais trabalhos
Total	1.287.544	1.223.054	64.491
60 a 69 anos	46.720	44.277	2.443
70 anos ou mais	11.581	11.030	552

Nota:

1 - Dados da Amostra

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Fonte: IBGE – Censo Demográfico

Os grupos de horas habitualmente trabalhadas por semana no trabalho principal e os grupos de idade no Distrito Federal, com maior e percentual.

Tabela 14 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por sexo e nível de instrução, segundo, a condição de contribuição para instituto de previdência oficial no trabalho principal, os grupos de horas habitualmente trabalhadas por semana no trabalho principal, os grupos e idade e a seção de atividade do trabalho principal

Tabela 3584 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por sexo e nível de instrução, segundo, a condição de contribuição para instituto de previdência oficial no trabalho principal, os grupos de horas habitualmente trabalhadas por semana no trabalho principal, os grupos de idade e a seção de atividade do trabalho principal			
Unidade da Federação = Distrito Federal			
Variável = Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência (Pessoas)			
Nível de instrução = Total			
Condição de contribuição para instituto de previdência oficial no trabalho principal = Total			
Grupos de horas habitualmente trabalhadas por semana no trabalho principal = Total			
Grupos de idade = 60 a 64 anos + 65 a 69 anos + 70 anos ou mais			
Ano = 2010			
Seção de atividade do trabalho principal	Sexo		
	Total	Homens	Mulheres
Total	58.301	35.294	23.007
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	3.492	2.359	1.133
Indústrias extrativas	68	68	-
Indústrias de transformação	3.970	1.499	2.471
Eletricidade e gás	107	107	-
Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	421	377	44
Construção	4.758	4.626	132
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	7.088	4.294	2.794
Transporte, armazenagem e correio	2.256	2.065	191
Alojamento e alimentação	2.227	1.382	845
Informação e comunicação	651	558	93
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	1.050	746	304
Atividades imobiliárias	583	540	43
Atividades profissionais, científicas e técnicas	2.043	1.482	561
Atividades administrativas e serviços complementares	2.251	1.549	703
Administração pública, defesa e seguridade social	9.477	5.808	3.668
Educação	3.473	1.279	2.194
Saúde humana e serviços sociais	2.102	1.042	1.060
Artes, cultura, esporte e recreação	273	191	82
Outras atividades de serviços	1.573	934	639
Serviços domésticos	4.092	573	3.518
Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	135	135	-
Atividades mal especificadas	6.211	3.679	2.532

Nota:

1 - Dados da Amostra

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Fonte: IBGE – Censo Demográfico

Observa-se que na tabela nº 14, as atividades de homens e mulheres com maior e menor percentual destacam-se entre os sexos: Na agricultura existem mais homens trabalhando, na eletricidade e gás, assim como nos organismos internacionais e, outras instituições, construção civil, reparação de veículos automotores e indústria da transformação o sexo masculino predomina. Quanto às mulheres as atividades são mais freqüentes nos serviços sociais, domésticos e saúde humana.

Tabela 15 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por sexo e nível de instrução, segundo, a condição de contribuição para instituto de previdência oficial no trabalho principal, os grupos de horas habitualmente trabalhadas por semana no trabalho principal, os grupos de idade e a seção de atividade do trabalho principal

Tabela 3584 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por sexo e nível de instrução, segundo, a condição de contribuição para instituto de previdência oficial no trabalho principal, os grupos de horas habitualmente trabalhadas por semana no trabalho principal, os grupos de idade e a seção de atividade do trabalho principal				
Unidade da Federação = Distrito Federal				
Variável = Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência (Pessoas)				
Sexo = Total				
Nível de instrução = Total				
Condição de contribuição para instituto de previdência oficial no trabalho principal = Total				
Grupos de horas habitualmente trabalhadas por semana no trabalho principal = Total				
Ano = 2010				
Seção de atividade do trabalho principal	Grupos de idade			
	Total	60 a 64 anos	65 a 69 anos	70 anos ou mais
Total	1.287.544	31.243	15.477	11.581
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	24.854	1.365	942	1.184
Indústrias extrativas	855	23	-	45
Indústrias de transformação	54.796	2.157	1.227	587
Eletricidade e gás	2.950	67	39	-
Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	9.175	211	148	62
Construção	80.389	2.753	1.319	686
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	204.277	3.825	1.746	1.517
Transporte, armazenagem e correio	49.147	1.265	568	423
Alojamento e alimentação	51.242	1.145	551	531
Informação e comunicação	33.967	313	206	133
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	38.816	489	332	228
Atividades imobiliárias	11.477	253	259	71
Atividades profissionais, científicas e técnicas	46.611	1.064	526	452
Atividades administrativas e serviços complementares	68.098	1.492	431	328
Administração pública, defesa e seguridade social	186.930	5.503	2.523	1.451
Educação	81.863	2.105	971	397
Saúde humana e serviços sociais	58.128	1.064	650	388
Artes, cultura, esporte e recreação	13.121	71	96	105
Outras atividades de serviços	41.522	767	468	338
Serviços domésticos	103.495	2.352	752	987
Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	1.549	48	64	23
Atividades mal especificadas	124.284	2.911	1.658	1.642

Nota:
1 - Dados da Amostra

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Fonte: IBGE – Censo Demográfico

Na tabela nº15 identifica-se o maior e o menor percentual, por grupo de idade. Existe um maior número entre 60 e 64 anos caindo após os 70 anos de idade.

Tabela 16 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, valor do rendimento nominal médio mensal, e mediano mensal, de todos os trabalhos, das pessoas de 10 anos ou mais de idade ocupadas na semana de referência, por situação do domicílio e sexo, segundo as classes de rendimento nominal mensal de todos os trabalhos e os grupos de idade

Tabela 3552 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, Valor do rendimento nominal médio mensal, e mediano mensal, de todos os trabalhos, das pessoas de 10 anos ou mais de idade ocupadas na semana de referência, por situação do domicílio e sexo, segundo as classes de rendimento nominal mensal de todos os trabalhos e os grupos de idade					
Unidade da Federação = Distrito Federal					
Situação do domicílio = Total					
Classes de rendimento nominal mensal de todos os trabalhos = Total					
Ano = 2010					
Sexo	Grupos de idade	Variável			
		Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência (Pessoas)	Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência (Percentual)	Valor do rendimento nominal médio mensal de todos os trabalhos das pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência (Reais)	Valor do rendimento nominal mediano mensal de todos os trabalhos das pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência (Reais)
Total	Total	1.287.544	100,00	2.532,07	1.000,00
	60 a 69 anos	46.720	3,63	3.981,40	1.500,00
	70 anos ou mais	11.581	0,90	3.565,70	1.000,00
Homens	Total	687.333	53,38	2.883,75	1.200,00
	60 a 69 anos	28.217	2,19	4.554,89	2.000,00
	70 anos ou mais	7.078	0,55	4.063,67	1.020,00
Mulheres	Total	600.211	46,62	2.129,35	820,00
	60 a 69 anos	18.503	1,44	3.106,83	1.100,00
	70 anos ou mais	4.504	0,35	2.783,17	610,00

Nota:

- 1 - Dados da Amostra.
- 2 - Salário mínimo utilizado: R\$ 510,00.
- 3 - A categoria **Sem rendimento** inclui as pessoas que recebiam somente em benefícios.

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Fonte: IBGE – Censo Demográfico

Na tabela nº 16 verifica-se o maior e o menor percentual, no Distrito Federal – Segundo as classes de rendimento nominal médio mensal de todos os trabalhos e os grupos de idade. Há uma diferença entre o salário do homem e o salário da mulher.

Tabela 17 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por condição de atividade e de ocupação na semana de referência, segundo o sexo, a condição no domicílio e o compartilhamento da responsabilidade pelo domicílio, a naturalidade em relação ao município e os grupos de idade

Tabela 3573 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por condição de atividade e de ocupação na semana de referência, segundo o sexo, a condição no domicílio e o compartilhamento da responsabilidade pelo domicílio, a naturalidade em relação ao município e os grupos de idade			
Unidade da Federação = Distrito Federal			
Variável = Pessoas de 10 anos ou mais de idade (Pessoas)			
Condição no domicílio e o compartilhamento da responsabilidade pelo domicílio = Total			
Naturalidade em relação ao município = Total			
Ano = 2010			
Condição de atividade e de ocupação na semana de referência	Sexo	Grupos de idade	
Total	Total	Total	2.180.903
		60 a 69 anos	118.604
		70 anos ou mais	79.408
	Homens	Total	1.030.699
		60 a 69 anos	51.155
		70 anos ou mais	33.175
	Mulheres	Total	1.150.203
		60 a 69 anos	67.449
		70 anos ou mais	46.233
Economicamente ativas	Total	Total	1.402.349
		60 a 69 anos	48.022
		70 anos ou mais	11.843
	Homens	Total	733.005
		60 a 69 anos	28.984
		70 anos ou mais	7.278
	Mulheres	Total	669.343
		60 a 69 anos	19.039
		70 anos ou mais	4.566
Economicamente ativas - ocupadas	Total	Total	1.287.544
		60 a 69 anos	46.720
		70 anos ou mais	11.581
	Homens	Total	687.333
		60 a 69 anos	28.217
		70 anos ou mais	7.078
	Mulheres	Total	600.211
		60 a 69 anos	18.503
		70 anos ou mais	4.504
Economicamente ativas - desocupadas	Total	Total	114.804
		60 a 69 anos	1.303
		70 anos ou mais	262
	Homens	Total	45.672
		60 a 69 anos	767
		70 anos ou mais	200
	Mulheres	Total	69.133
		60 a 69 anos	536
		70 anos ou mais	62
Não economicamente ativas	Total	Total	778.554
		60 a 69 anos	70.582
		70 anos ou mais	67.565
	Homens	Total	297.694
		60 a 69 anos	22.171
		70 anos ou mais	25.897
	Mulheres	Total	480.860
		60 a 69 anos	48.410
		70 anos ou mais	41.668

Nota:
1 - Dados da Amostra

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Fonte: IBGE – Censo Demográfico

Interpretando a condição de atividade e de ocupação na semana de referência, segundo o sexo, a condição no domicílio e o compartilhamento da responsabilidade pelo domicílio, a naturalidade em relação ao município e os grupos de idade - no Distrito Federal. A proporção economicamente ativa é maior entre os homens e economicamente não ativa é maior entre as mulheres.

Tabela 18 – Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por condição de aposentada ou pensionista de instituto de previdência oficial no mês de referência e o sexo, segundo a situação de ocupação na semana de referência e os grupos de idade

Tabela 3580 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por condição de aposentada ou pensionista de instituto de previdência oficial no mês de referência e o sexo, segundo a situação de ocupação na semana de referência e os grupos de idade					
Unidade da Federação = Distrito Federal					
Variável = Pessoas de 10 anos ou mais de idade (Pessoas)					
Ano = 2010					
Condição de aposentada ou pensionista de instituto de previdência oficial no mês de referência	Situação de ocupação na semana de referência	Grupos de idade	Sexo		
			Total	Homens	Mulheres
Total	Total	Total	2.180.903	1.030.699	1.150.203
		60 a 69 anos	118.604	51.155	67.449
		70 anos ou mais	79.408	33.175	46.233
	Ocupadas	Total	1.287.544	687.333	600.211
		60 a 69 anos	46.720	28.217	18.503
		70 anos ou mais	11.581	7.078	4.504
	Não ocupadas	Total	893.358	343.366	549.993
		60 a 69 anos	71.884	22.938	48.946
		70 anos ou mais	67.827	26.097	41.729
Aposentadas ou pensionistas	Total	Total	230.883	95.516	135.367
		60 a 69 anos	67.158	28.266	38.892
		70 anos ou mais	65.436	28.781	36.655
	Ocupadas	Total	69.595	33.501	36.094
		60 a 69 anos	18.334	10.392	7.942
		70 anos ou mais	8.886	5.477	3.408
	Não ocupadas	Total	161.287	62.015	99.273
		60 a 69 anos	48.824	17.874	30.950
		70 anos ou mais	56.550	23.304	33.247
Não eram aposentadas nem pensionistas	Total	Total	1.946.737	933.756	1.012.981
		60 a 69 anos	51.081	22.745	28.336
		70 anos ou mais	13.650	4.211	9.439
	Ocupadas	Total	1.215.628	652.785	562.843
		60 a 69 anos	28.163	17.747	10.416
		70 anos ou mais	2.610	1.558	1.052
	Não ocupadas	Total	731.109	280.971	450.138
		60 a 69 anos	22.918	4.999	17.920
		70 anos ou mais	11.040	2.653	8.387
Total	Total	3.283	1.427	1.856	
	60 a 69 anos	365	144	221	
	70 anos	322	183	139	
Sem declaração	Ocupadas	ou mais			
		Total	2.321	1.047	1.274
		60 a 69 anos	223	79	144
	Não ocupadas	70 anos ou mais	86	42	44
		Total	962	380	582
		60 a 69 anos	142	65	77
		70 anos ou mais	236	141	96

Nota:
1 - Dados da Amostra

Fonte: IBGE - Censo Demográfico

Fonte: IBGE – Censo Demográfico

Interpretando a condição de aposentada ou pensionista do Instituto de Previdência oficial no mês de referência e o sexo, segundo a ocupação na semana de referência e os grupos de idade – no Distrito Federal, entre homens e mulheres, apresenta uma pequena diferença maior para as mulheres.

A interpretação das figuras, gráficos e tabelas foram realizadas nas páginas anteriores onde as quais estão apresentadas.

Concluído o Capítulo III, onde o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostrou a Estatística do Idoso no Brasil e a CODEPLAN (Companhia de Planejamento do Distrito Federal) mostrou a Estatística do Idoso no Distrito Federal; a Educação, o Trabalho e a Renda passamos a estudar o Capítulo IV: Os idosos, os direitos da pessoa idosa, envelhecimento, uma introdução ao estudo das gerações.

A injustiça que se faz a um, é uma ameaça que se faz a todos.

Montesquieu

IV - CAPÍTULO

“...E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desafiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida Severina.
João Cabral de Melo Neto

4.1 OS DIREITOS DAS PESSOAS IDOSAS

4.2 O PAPEL DO CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DO IDOSO

“Em 2012, o Brasil festejou 18 anos da criação do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso – CNDI. Em 2012, o Brasil participou da Conferência Mundial do Envelhecimento Madrid + 10. O que mudou nos últimos dez anos?” (GIACOMIN, 2011, p 15).

Estamos mais atentos ao processo de envelhecimento do país? Promovemos o envelhecimento ativo, conforme nos comprometemos? Reduzimos o preconceito contra os mais velhos? Aproximamos as gerações? Acreditamos no envelhecimento como a maior conquista da humanidade (GIACOMIN, 2011, p 15)?

“A sociedade brasileira envelhece a passos largos: somos 21 milhões de idosos e a cada ano 650 mil idosos são incorporados à nossa população. Em 15 anos, o Brasil terá a quinta maior população idosa do mundo! Estamos preparados?” (GIACOMIN, 2011, p 15). De acordo com as afirmações da autora entendemos que esta população de idosos necessita ser incluída nos aspectos sociais, econômicos e políticos da sociedade brasileira.

4.3 REFERÊNCIAS AOS IDOSOS

O fenômeno de tornar-se idoso é uma das mais significativas transformações sociais que vivenciamos neste início de século. O aumento na população das pessoas com 60 anos ou mais e o crescimento progressivo de nossa expectativa de vida, com a ampliação do grupo dos acima de 80 anos de idade, vem alterando a face das sociedades modernas e aportando novos desafios sociais. Novas dinâmicas familiares se instauram, vulnerabilidades específicas se tornam mais frequentes e novas demandas são apresentadas ao Estado e às políticas públicas. Ganha relevo a preocupação com as condições de vida dos idosos, com destaque para o acesso à renda, às condições de saúde e de bem estar. O Estado é chamado não apenas a ampliar a oferta de certos serviços e benefícios, mas também a alterar a dinâmica de sua intervenção, visando a complementariedade face à família e a intersetorialidade da ação pública (JACCOUD, p.23)¹⁹.

4.4 SER IDOSO/A COM DIGNIDADE

Refletir sobre as lutas travadas no campo dos direitos, assim como sobre as conquistas oriundas de tais lutas, nos possibilita perceber melhor o que tem sido feito no Brasil quando o assunto é o papel do estado frente aos desafios da garantia da cidadania plena de seu povo. Ao contrário do que vivemos na primeira metade do século XX, as últimas três décadas imprimiram uma acentuada qualificação em nossa democracia, e, portanto, na consolidação de políticas públicas mais inclusivas e diversificadas. Diante disso, muitos segmentos da sociedade passaram a ser reconhecidos em suas especificidades, e tiveram garantidos direitos, antes ignorados (OLIVEIRA, 2011, p. 31).

Nesse cenário, também a temática do idoso passou a fazer parte da pauta das políticas brasileiras em tempos recentes. É a Constituição de 1988 que anuncia, em seu artigo 203 (inciso I), sua intencionalidade em relação ao segmento dos idosos, no âmbito da assistência social. Tal “aceno”, agregado a todas as possibilidades que se colocavam (e ainda se colocam), no processo de crescente democratização do país, passou a configurar um marco referencial (legal e teórico), subsídio para a compreensão das realidades e

¹⁹ http://portal.mj.gov.br/sedh/3cndpi/doc/Revista_DireitosPessoa_Idosa.pdf

dos imaginários que até então conformaram a vida dos idosos(as) brasileiros(as), ao mesmo tempo em que anunciavam uma nova concepção, e por que não dizer, uma nova cultura no olhar e no acolher os saberes, as potencialidades e as demandas inerentes à terceira idade (OLIVEIRA, 2011, p. 31).

Ao identificar que a perspectiva dos Direitos Humanos é a base para um movimento em direção à percepção e ao reconhecimento do direito à dignidade na diversidade, não podemos desconsiderar as mudanças aceleradas pelas quais passa toda a sociedade: efeitos da globalização na economia e os avanços tecnológicos influenciam fortemente nossos modos de vida; acessamos informações, produzimos conhecimento, conquistamos direitos; fatos que nos possibilitam vislumbrar eventos antes não tão visíveis, tão previsíveis (OLIVEIRA, 2011, p. 31).

Nesse sentido, estudos sobre o perfil demográfico indicam que a crescente melhoria da qualidade de vida tem impactado fortemente os índices de mortalidade e de natalidade, o que significa dizer que a população mundial está em franco processo de envelhecimento, ou, melhor definindo, a expectativa de vida ao nascer se ampliou e estamos vivendo mais. O desafio se faz imediato: será que estamos vivendo melhor? Que aspectos e dispositivos políticos e sociais precisam ser garantidos para que o legado dos Direitos Humanos prevaleça e a dignidade da vida realmente tenha significado ímpar e ganhe concretude em todas as realidades (OLIVEIRA, 2011, p. 32)?

Após as “Diretas Já”, nossa democracia se consolidou, é um fato. Com a Nova República e com a Constituição de 1988 houve avanços incluindo o idoso na pauta do dia, entretanto as políticas públicas, a nosso ver, precisam se voltar mais para esse segmento da sociedade. É importante o investimento nas crianças, o futuro do país, mas sem esquecer-se dos idosos que prepararam o presente.

4.5 REFERÊNCIAS À SITUAÇÃO DE IDOSOS/IDOSAS A NÍVEL INTERNACIONAL

Neste item faremos algumas referências às questões de idosos a nível internacional, no caso da França fornecer alguns subsídios à situação desta categoria.

[...] A fraca taxa de atividade dos idosos tem sido alvo há trinta anos, de um consenso tácito das instâncias governamentais e sindicais e, no mais das vezes, do acordo mais ou menos subentendido dos interessados. A manutenção de limites de idade muito baixos para se beneficiar de uma aposentadoria e a implantação em grande escala de um sistema de “pré-

aposentadorias”²⁰ recebeu, por muito tempo, a aquiescência dos interessados, com tanto mais boa-vontade, visto que as condições financeiras consentidas para sair da ativa eram financeiramente estimulantes – o que não é mais o caso hoje em dia (BAUX, 2009, p. 247).

É indispensável, evocar as perspectivas demográficas mundiais e européias – a França, querendo ou não, é solidária com a Europa, pois a demografia é o fator principal que comanda a evolução na duração do tempo que os seniores são mantidos no trabalho (BAUX, 2009, p. 248).

O 25º. Congresso internacional da população, realizado em Tours (França), em julho de 2005, constatou que uma implosão, e não uma explosão demográfica ameaçava o mundo no horizonte do meio do século. Os números publicados anualmente pela ONU confirmam, ano após ano, essa tendência principal. Essa implosão atingirá nas próximas décadas, a quase totalidade dos países do mundo – um pouco mais tarde, a África – e será comparada de um envelhecimento²¹ que atingirá o Japão e a Europa, incluindo a França. Convém lembrar nesse tocante, que a França foi nos anos 1920 e 1930, o país mais envelhecido do mundo, um privilégio cujos frutos amargos o país experimentou em 1940 (BAUX, 2009, p. 248/249). De acordo com a tabela abaixo.

A fecundidade francesa de 2,01 filhos por mulher em 2008, embora insuficiente para repor as gerações, é nitidamente superior à da Europa (1,4 – 1,5). O envelhecimento da população francesa, contudo, é uma realidade que precisa ser encarada. Ela resulta do aumento na duração da vida (Envelhecimento pelo topo) e da acentuada diminuição da população com menos de 20 anos (Envelhecimento pela base). A tabela abaixo ilustra esse fenômeno (BAUX, 2009, p. 250).

Tabela 19 – Envelhecimento pelo topo e envelhecimento pela base

Ano	População da França continental (milhões)	Menos de 20 anos (milhões e %)	60 anos ou mais (milhões e %)
1970	51	16 (31,3%)	9 (17,6%)
2008	62,4	15 (24,03%)	12,7 (20,35%)

Fonte: BAUX, 2009, p. 250

²⁰ Uma aposentadoria antecipada com diminuição do benefício a ser recebido.

²¹ O envelhecimento é definido como uma modificação na composição etária da população (menos jovens mais idosos).

Ninguém sabe como vai evoluir a fecundidade na Europa e na França durante os próximos anos e décadas. Os demógrafos mantêm para a França uma hipótese média que prevê a manutenção da sua taxa atual (cerca de duas crianças por mulher), que é insuficiente para renovar as gerações. No entanto o aumento do número de pessoas idosas ou “gerontocrescimento” pode ser previsto, pois já se conhecem os efetivos afetados e podem-se formular hipóteses sobre a evolução da mortalidade (BAUX, 2009, p. 250).

Diante disso, existe desde já na França o início de um consenso para prolongar a duração do emprego (BAUX, 2009, p. 261).

A grande maioria dos políticos dos partidos governistas não ignora que é preciso prolongar a duração do emprego na França. Eles apenas divergem quanto às modalidades e ao calendário para implantar essa reforma inevitável. Trata-se, no entanto, de um tema complexo, a ser tratado com prudência, e longe dos anos de eleições... Os responsáveis dos sindicatos sabem, eles também, o que está em questão, porém a posição deles é ainda mais difícil que a dos políticos, o que explica a aspereza das negociações. Sendo assim, o avanço segue passo a passo (BAUX, 2009, p. 261).

A amplitude, inadmissível para um país desenvolvido como a França, do desemprego entre os jovens constitui também um freio poderoso à evolução das mentalidades. Muita gente imagina que, retirando-se da ativa mais cedo eles “dão lugar” para um jovem, o que é uma ilusão fortemente enraizada. Por um lado, é raro que um posto ocupado por um elemento sênior qualificado seja automaticamente dado a um jovem, sobretudo se tiver pouca ou nenhuma qualificação, e por outro lado, um aposentado precoce tem um custo para a sociedade que limita as capacidades de financiamento que esta pode conceder em prol da formação dos jovens [...] (BAUX, 2009, p. 263).

Muito desafortunadamente, um dos trunfos em médio prazo da França, a sua fecundidade menos degradada que a da maioria dos seus vizinhos europeus constitui no curto prazo um impedimento, sobretudo em tempos de crise. A cada ano chegam efetivamente ao mercado de trabalho exércitos de jovens, em maior número do que na Alemanha, Itália ou Grã-Bretanha para citar nações comparáveis à França, porém muitos deles são insuficientemente qualificados. A proporção dos que não encontram emprego (25%) – sem falar dos que são obrigados a aceitar empregos que não correspondem ao seu nível de estudos ou daqueles que pulam de um emprego temporário para outro – só pode manter os pais, amigos, vizinhos e conhecidos, e por tabela a opinião pública, na ilusão de que a aposentadoria precoce é quase um dever de solidariedade intergeracional (BAUX, 2009, p. 263).

A França está envelhecendo, e os que eram chamados de “terceira idade” após os anos 70 e que hoje designamos sob o nome de “sênior” são cada vez mais numerosos com o passar dos anos. Ocupam um lugar de importância indiscutível no contexto francês: os seniores possuem sua emissão de rádio e televisão, possuem suas revistas, seus jornais, são acompanhados em todos os caminhos da França e dos países do mundo por especialistas em viagem, possuem seu concurso anual de tango e valsa no Palais de Bercy, em Paris, e

possuem até mesmo seu concurso de moda. No entanto sua identidade ainda permanece indecisa (URVOY, 2009, p. 269).

No ano de 2000, um novo espaço de investigações abriu-se diante de nós. Depois da Europa, nós estamos encarregados de ajudar os membros da UTL (Universidades do Tempo Livre) a entrar, sem medo e com muita esperança, em um movimento irreversível, o da globalização, que penetra em nossa vida cotidiana dia após dia e, com a aceleração dos meios de comunicação de todo tipo, toma tal dimensão que nos vemos dominado por certa inquietude ao constatar todas as mudanças que ela provoca (URVOY, 2009, p. 277).

Equiparando essa situação com a realidade brasileira e pegando como referência (NERI, 2007, p. 148, 149), com base na análise dos dados da pesquisa “Idosos no Brasil – Vivências, desafios e expectativas na terceira idade”, no que tange à imagem e à auto-imagem da velhice, revelam que a representação tradicional do velho vem sendo questionada.

É no contexto urbano que a violência contra o idoso de certa maneira mostra a desarticulação das relações de sociabilidade familiares e de vizinhança. A individualização, o menosprezo ao outro idoso que serei eu, hoje adulto ou jovem, é evidente no mundo urbano. É nos lares que ocorrem os maiores índices de abusos e de negligência ao idoso. O espaço físico exíguo ou inadequado, as dificuldades financeiras e até mesmo o choque de gerações são alguns de seus determinantes (LOPES, 2007).

O papel do velho vem tendo modificações substanciais através do tempo nos âmbitos familiar e social. Deixou de ser o memorioso por excelência, que constituía uma referência fundamental, à qual alguns idosos ainda amarram, com crescente dificuldade, seu sentimento de pertencimento e de auto-estima. Na pesquisa, o presente aparece, quando a maioria dos idosos avaliou que é melhor ser idoso agora do que antes. Os jovens dividiram-se ao responder sobre a situação no Brasil atual comparando com “20 ou 30 anos” atrás. O avanço tecnológico ocorrido no período contribuiu para que papéis antigamente tidos como tradicionais vividos pelos idosos, perdessem importância (NERI, 2007, p. 150).

Barros (2007) esclarece que casa e rua não são espaços opostos, mas complementares. A primeira é lugar de vivenciar a identidade e as relações familiares e de abrigo. A segunda é o espaço em que acontecem as atividades que viabilizam a dimensão pessoal da vida. Reforçando o caráter complementar desses espaços, diz que a rua nos chega hoje através de tecnologias e que se torna cada vez mais difícil de ser acessada por causa do custo e da insegurança. Ressalta que estar nela restitui a noção de que não somos meros usuários, mas cidadãos, enquanto a casa nos resguarda e nos permite usufruir o que foi apropriado na rua.

As respostas dos idosos aos nossos questionários, como também as declarações das entrevistas, sugerem a presença de limitações econômicas, físicas e de segurança a determinar suas escolhas. Brasília não é diferente das demais cidades. Os problemas enfrentados da porta para dentro de sua casa e da porta para fora de sua casa dos idosos, numa distinção entre o público e o privado, requerem políticas públicas também para os idosos.

Esperemos que se cumpra a previsão de visionários, segundo os quais os idosos do século XXI viverão mais, terão maior rendimento, mas saúde, mais instrução, melhores condições habitacionais, serão profissional e civicamente mais ativos, mais conscientes dos seus direitos e estarão mais disponíveis para usufruir da cultura e do lazer. Se assim for, em uma sociedade que se pretende de todas as idades, o lugar dos idosos será reinventado e sua identidade social recategorizada (NERI, 2007, p. 217, 222).

4.6 A FEMINILIZAÇÃO DAS IDOSAS

Em 2010, dos mais de 20 milhões de idosos 55,5% eram do sexo feminino. A menor mortalidade da população feminina explica esse diferencial na composição por sexo e faz com que a população feminina cresça a taxas mais elevadas do que a masculina. Como consequência, quanto “mais velho” for o contingente estudado maior a proporção de mulheres (COSTA RICA, 2012, p. 5).

A predominância feminina entre os idosos no Brasil é um fenômeno tipicamente urbano. Nas áreas rurais predominam os homens. A maior participação das mulheres no fluxo migratório rural urbano explica essa diferença. Isto implica em necessidades distintas de cuidados para a população idosa. A predominância masculina nas áreas rurais pode resultar em isolamento e abandono das pessoas idosas (COSTA RICA, 2012, p. 6).

Relativamente elevada é a proporção de mulheres no Brasil morando sozinhas, aproximadamente 25,8%, em 2009, e de residentes na casa de “outros parentes”, 15,3%. As mulheres também predominam entre os residentes. Além disso, embora vivam mais do que os homens, passam por um período maior de debilitação física antes da morte do que eles, tornando-as mais dependentes de cuidado, apesar de serem as tradicionais “cuidadoras”. O cuidado com membros dependentes da família é determinado pelas trocas intergeracionais e com fortes características de gênero. Cuidar de netos é em geral visto como uma extensão do trabalho doméstico feminino (COSTA RICA, 2012, p. 7).

Por outro lado, as mulheres mais do que os homens, participam de atividades extras domésticas, de organizações e movimentos de mulheres, fazem cursos

especiais, viagens e trabalho remunerado temporário. Diferentemente do que fizeram na sua vida adulta, progressivamente assumem o papel de chefes de família e de provedoras. Já homens mais velhos têm maiores dificuldades de se adaptarem à saída do mercado de trabalho (COSTA RICA, 2012, p. 7).

A discussão sobre a caracterização do trabalho doméstico como modo de produção constitui um modo de produção específico, distinto e autônomo de produção industrial, onde os homens exploram a força de trabalho feminino; portanto, neste modo de produção patriarcal as mulheres constituem uma classe social (ARAÚJO, N., 2010, p. 24).

As discussões com base nos dados apresentados segundo a Professora Neuza de Farias Araújo (2007, p. 94/96), comprovam inúmeras afirmações que tem sido feita nos estudos de gênero (BRUSCHINI, 2006) as mulheres muito mais que os homens dedicam grande parte do seu tempo às atividades domésticas. “Os dados revelam que a idade e a escolaridade têm efeito relevante sobre o tempo dedicado ao trabalho doméstico, principalmente pelas mulheres” (ARAÚJO, N., 2010, p. 96).

O trabalho gratuito não aparece na circulação do sistema econômico; de fato, quando as mulheres estão lavando e passando a roupa da família, não se paga uma lavanderia ou serviço a terceiros; quando elas estão na cozinha passando algumas horas preparando uma refeição para a família, não estão pagando uma comida vinda do mercado, por exemplo, a marmita, os assados vindos dos supermercados, os restaurantes; da mesma forma, o cuidado com as crianças e idosos, sua saúde, alimentação e guarda o acompanhamento aos postos de saúde, a médicos, à escola, não estão pagando a guarda destes a terceiros, nem o transporte escolar. Portanto, esse trabalho contribui para a economia do país (ARAÚJO, N., 2010, p. 96).

A Professora Neuza Farias de Araújo (2010) preocupa-se com o modo de produção patriarcal vendo a mulher como uma classe social, sem remuneração quanto ao trabalho doméstico de sua própria casa, quer lavando, passando ou cozinhando e limpando a casa, cuidando e levando as crianças para a escola, preparando um futuro cidadão, e uma futura cidadã para o mercado de trabalho, assim cuidando de idosos. Portanto, seguindo o raciocínio da Professora Neuza, não é exagero cobrar do Estado um salário doméstico por esse serviço que é um serviço prestado à sociedade em curto prazo.

A mesma preocupação encontra-se em Britto da Motta (1992) quando trata do emprego doméstico ou do trabalho doméstico como historicamente um trabalho pré-capitalista. Um trabalho assalariado, mal remunerado levando-se em consideração o número de horas que essa empregada utiliza em sua rotina diária de trabalho. Portanto essa empregada doméstica é explorada, quando tem que dormir no trabalho, ou precisa dormir no trabalho. Hoje essa

classe ainda (sem identidade), se liberta para o trabalho de diarista, constituindo-se um passo difícil, mas de grande significado humano, social e político com uma identidade de trabalhadora.

A nossa concordância com a escritora Araújo, N., (2010) diz respeito ao que se refere, por exemplo, a idade e a escolaridade da mulher. As mulheres de hoje, portanto as mais jovens têm em geral um nível de escolaridade melhor, do que as mulheres de mais idade, da qual falamos nas nossas entrevistas e questionários. Aquelas já ocupam uma vaga no mercado de trabalho, estas continuam no mundo patriarcal, constituindo uma classe diferente.

Concordamos com a escritora Britto da Motta (1992), no aspecto do emprego doméstico como trabalho explorado no sentido do número de horas dedicado na casa da patroa, quando dorme no emprego. Concordamos com o seu discurso da falta de identidade enquanto pertencimento a uma classe como categoria, cujo discurso levou diretamente ou indiretamente as empregadas domésticas a buscarem no trabalho de diaristas uma estratégia de conciliar vida pessoal e profissional passando a dedicar mais tempo para atividades como estudo e formação profissional.

4.7 AS TRATATIVAS INTERNACIONAIS A RESPEITO DOS IDOSOS E A PARTICIPAÇÃO DO BRASIL

O poder executivo brasileiro entende que os direitos da pessoa idosa devem receber tratamento de direitos humanos, por tratar-se de direitos de um grupo vulnerável. Isso foi evidenciado na criação, em 2009, da Coordenação Geral dos Direitos do Idoso (CGDI), subordinada ao Departamento de Promoção dos Direitos Humanos, da Subsecretaria de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, e na inclusão da temática do idoso no Terceiro Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3, 2009), o qual estabelece a valorização da pessoa idosa e a promoção de sua participação na sociedade como objetivo estratégico (NOTARI; FRAGOSO, 2011, p. 259).

Ainda que a temática da pessoa idosa tenha ganhado institucionalização com a criação da CGDI, ao substituir o Programa de Promoção e Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa, vigente desde 2008, como ação finalística da Secretaria de Direitos Humanos, prevista no Plano Plurianual de 2008-2011, percebe-se que a temática recebe tratamento diferenciado daquele atribuído aos Direitos Humanos das Crianças e dos Adolescentes e das Pessoas com Deficiência, que tem suas políticas administradas por subsecretarias próprias (NOTARI; FRAGOSO, 2011, p. 260).

Nas Nações Unidas, as discussões sobre o envelhecimento ocorrem ainda de maneira tímida, na Assembléia Geral, no Conselho Econômico e Social e no Conselho de Direitos Humanos. Foram feitos recomendações, estudos, resoluções, pactos, mas ainda não houve consenso sobre a necessidade de uma convenção internacional e de um cargo de relator especial para os direitos humanos das pessoas idosas (NOTARI; FRAGOSO, 2011, p. 271).

O governo brasileiro defende que, antes da redação final do texto de uma Convenção Internacional dos Direitos da Pessoa Idosa, seria importante que grupos de trabalho regionais (constituídos por Estados e ONGs) levantassem diagnósticos acerca da situação dos idosos nos contextos nacional e regional. Mediante esses estudos, o consenso em relação a convenção deveria ser buscado no âmbito de alguns mecanismos regionais de integração (NOTARI; FRAGOSO, 2011, p. 271).

4.8 ESTATUTO DO IDOSO, LEI NACIONAL DO IDOSO

O bem estar da família e da sociedade é dever do Estado. É importante um controle da sociedade civil organizada para acompanhar o que reza o artigo 230 da Constituição da República Federativa (1988) no sentido de amparar as pessoas idosas, assegurando-lhes sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito a vida. De forma que se faz necessário um controle deste papel do Estado por parte da comunidade. Como também só uma educação de base fará valer por parte da família o devido amparo às pessoas idosas.

A assistência social a meu ver passa a ser compreendida não apenas como compromisso de políticas públicas, mas uma necessidade de uma revolução cultural da família pela compreensão da necessidade de dar retorno ao idoso que no passado também lhe cuidou.

Em 04 de janeiro de 1994, surgiu a Lei nº 8.842 que implanta a Política Nacional do Idoso. A lei surgiu devido a pressões da sociedade civil e da Associação Nacional de Gerontologia (ANG), pesquisando e atualizando dados sobre a questão dos idosos/idosas no final da última década. A Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994 revestiu-se de muita modernidade, à época, e propôs medidas exequíveis, dizendo logo que: a política nacional do idoso/idoso tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. Foi a primeira lei, no gênero, que se editou no país, com sensível esforço das entidades de gerontologias; associações que

mobilizaram os grupos mais velhos e as universidades da Terceira Idade, para divulgá-la, esclarecê-la e fazê-la mais conhecida.

Segundo a Constituição Federal, publicada no Diário oficial da União, em 05 de outubro de 1988, seus princípios fundamentais são²²:

“Art. 1º - A soberania, a cidadania, a dignidade da pessoa humana, os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa e o pluralismo político”.

Art. 3º - Constituem objetivos fundamentais do Brasil:

Construir uma sociedade livre, justa e solidária;

Garantir o desenvolvimento nacional;

Erradicar a pobreza e marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

Promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Título VIII da Ordem Social Capítulo II da Seguridade Social Seção III da Previdência Social:

“Art. 201 – A previdência social será organizada sob a forma de regime geral, de caráter contributivo e de filiação obrigatória, observados critérios que preservem o equilíbrio financeiro e atuarial, e atenderá nos termos da lei a: Cobertura dos eventos de doença, invalidez, morte e idade avançada (...)”.

Parágrafo 7 – É assegurada a aposentadoria no regime de previdência social, nos termos da lei, obedecidas as seguintes condições:

35 anos de contribuição se homem e 30 anos de contribuição, se mulher; 65 anos de idade, se homem e 60 anos de idade se mulher (...).

Título VIII da Ordem Social Capítulo II da Seguridade Social Seção IV da Assistência Social: Art. 203 – A assistência social será prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social, e tem por objetivos:

²² BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988.

A proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice;
(...).

A promoção da integração ao mercado de trabalho;

A habilitação e reabilitação das pessoas portadoras de deficiência e a promoção de sua integração à vida comunitária;

A garantia de um salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover à própria manutenção ou de tê-la provida por sua família, conforme dispuser a lei.

Título VIII da Ordem Social Capítulo VII da Família, da criança, do adolescente e do idoso:

Art. 226 – A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado. (...)

Parágrafo 4º - Entende-se também como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes;

Parágrafo 8º - O Estado assegurará a assistência à família na pessoa de cada um dos que a integram, criando mecanismos para coibir a violência no âmbito de suas relações.

Art. 229 – Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade.

Art. 230 – A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade de bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida.

Parágrafo 1º - Os programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares.

Parágrafo 2º - Aos maiores de 65 anos é garantida a gratuidade dos transportes coletivos urbanos.

Quanto às disposições preliminares do Estatuto do Idoso podemos destacar:

Art. 1º - É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos;

Art. 2º - O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 3º - É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

A política nacional do idoso e o Conselho Nacional do Idoso foram estabelecidos pelo Decreto nº 1.948, de 03 de julho de 1996, o qual traçou os direitos dos homens e mulheres com mais de 60 anos.

Entendemos que o homem aprendeu muito com a I Guerra Mundial e conseqüentemente com a II Guerra Mundial. Com a Declaração dos Direitos Humanos, fruto desses dois aprendizados, o homem tem se humanizado mais, refletido mais, socializado mais, no sentido de ver não apenas o progresso como desenvolvimento dos bens materiais, mas também o crescimento e o desenvolvimento humano, uma prova desse entendimento é o uso da tecnologia para o crescimento humano, para o bem-estar-social, para o bem-comum, para a humanidade.

O Estatuto do Idoso (2003), mais precisamente em seu art. 3º, determina à sociedade assegurar ao idoso a prática do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. Isso de forma conjunta com a família, e o Poder Público. Esses direitos, segundo o Estatuto, devem ser assegurados com absoluta prioridade. Mas isto exige da sociedade uma conscientização de seus direitos e do Estado, a maior preocupação com a efetivação de políticas públicas sociais voltadas a este segmento (GIAQUETO; SOARES)²³.

²³ <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/sst/n7/a07.pdf>

4.9 O IDOSO

Para iniciarmos a descrever sobre o/a idoso/a citaremos a obra “A Velhice” de Simone de Beauvoir (1970), a qual faz a seguinte reflexão: “A velhice é menos árida nos indivíduos que, em sua idade adulta, foram capazes de sentimentos calorosos”. Esta obra é um clássico na área do envelhecimento, mesmo sendo publicada em 1970, possui assuntos muito atuais, já que a autora estava muito a frente de seu tempo quando fez a obra. Este ensaio, que exigiu imensa pesquisa, na época em que foi lançado, teve repercussão enorme e imediata, sobretudo no exterior. A imprensa, tanto de direita quanto de esquerda, reconheceu que o problema dos idosos/idosas na sociedade não estava resolvido. Em 1970, com este livro, Simone abre outra brecha nas leis, usos e hábitos das sociedades ocidentais em favor de uma nova defesa da liberdade: “É preciso que todos os homens permaneçam seres humanos durante todo o tempo em que estiverem vivos”.

A imagem da velhice é incerta, confusa, contraditória. Importa observar que, através dos diversos testemunhos, a palavra “velhice” tem dois sentidos diferentes. É uma categoria social, mais ou menos valorizada segundo as circunstâncias. É, para cada indivíduo, um destino singular – o seu próprio. O primeiro ponto de vista é o dos legisladores, dos moralistas; o segundo, o dos poetas; quase sempre, eles se opõem radicalmente um ao outro. Moralistas e poetas pertencem sempre às classes privilegiadas e esta é uma das razões que tira de suas palavras uma grande parte de seu valor: eles dizem sempre apenas uma verdade incompleta e, muito frequentemente, mentem. Entretanto, como os poetas são mais espontâneos, são mais sinceros. Os ideólogos forjam concepções da velhice de acordo com os interesses de sua classe (BEAUVOIR, 1970, p. 109).

Em sinopse do tratamento que as sociedades primitivas davam aos idosos/idosas até conquistas e problemas existentes nas sociedades atuais, a autora propõe uma mudança radical na sociedade, de forma a desmistificar as hipocrisias que cercam a velhice. Uma obra que alcançou repercussão em todo o mundo, levantando questões e soluções para os idosos/idosas.

Em “A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento”, a escritora e antropóloga Debert (1999) oferece uma análise ousada do processo que vem prescindindo a construção social da velhice no Brasil. Atualmente, o idoso/idoso é um ator não mais ausente do conjunto de discursos produzidos. Ele se faz presente no debate sobre

políticas públicas, nas interpretações dos políticos em momentos eleitorais e até mesmo na definição de novos mercados de consumo e novas formas de lazer. Os integrantes do que se convencionou chamar de “terceira idade” crescem a cada ano e já se revela uma porção considerável na nossa população, o que coloca para as famílias, para as empresas e para o governo questões que não podem deixar de ser respondidas. O asilo seria uma solução? A aposentadoria precoce, estimulada em algumas empresas é correta? A gerontologia, “ciência da velhice”, já tem elementos para ajudar a responder a essas perguntas? Todos esses temas são tratados neste livro que inaugura uma contribuição importante da antropologia ao debate acerca da velhice (DEBERT, 1999, p. 274).

De acordo com as declarações da maioria dos entrevistados/as são unânimes em dizer que a aposentadoria precoce não é um assunto sério para um país que quer crescer. Países com determinação de progresso não incentivam a aposentadoria, pelo contrário procuram estimular a mão de obra qualificada e experiente para o crescimento da empresa. Relacionando na pesquisa a visão dos entrevistados com as considerações das autoras (BEAVOIR, 1970 e DEBERT, 1999) há uma contribuição importante. Intelectual ou não, a valorização da velhice depende em muito por um lado da estrutura da família, por outro lado da situação econômica de cada um, essa é uma opinião unânime dos entrevistados.

Debert, entretanto alerta para o fato de que se em todas as sociedades há, de algum modo, a presença de agrupamentos etários e que a consideração das idades para o desenvolvimento de estudos antropológicos é fundamental, essas grades de idade não são as mesmas e guardam significados específicos a cada grupo social, devendo ser entendidas em função do contexto histórico em que foram desenvolvidos. Constitui-se, então, uma crítica ao conceito de ciclos da vida que “(...) estaria impregnada de uma visão essencialista, de caráter ahistórico da vida” (DEBERT, 1999, p. 37).

Um cenário de mudanças que coloca algumas questões para a velhice que merecem registro. Debert aponta duas tendências: a primeira considera que, com a extensão do tempo de vida, novos estágios específicos são propostos para a velhice a partir da combinação da idade e da capacidade funcional dos idosos/idosas, uma vez que não é possível homogeneizar a população de 65 anos e mais. Assim, os idosos-idosas, ou seja, aqueles com mais de 75 ou 85 anos, considerados associadamente indicadores de independência funcional, colocarão em cheque as estruturas atuais.

(...) Na população idosa, é, sobretudo o grupo com 85 anos ou mais que terá um crescimento maior nas próximas décadas. As redes de parentesco, pela primeira vez na história, contarão com um número maior de idosos do que de jovens, ao mesmo tempo em que os casados tenderão a ter um número de filhos menor que o número de pais idosos. Para os idosos mais idosos, a pauperização, a passividade e a dependência marcarão a experiência de envelhecimento. As formas inovadoras de moradia e associações são limitadas para esse grupo e a precariedade das políticas públicas a eles destinadas faz com que o peso recaia nos ombros dos filhos e parentes (DEBERT, 1992, p. 43).

De acordo com as afirmações das autoras acreditamos que há fundamento, uma vez que os entrevistados/as responderam que o futuro da velhice requer qualidade de vida, convivência saudável com os filhos, preocupação com a alimentação e exercícios físicos. Esse trabalho deve começar cedo, desde a juventude, já que todos concordam que a tecnologia não vai ajudar muito nesse sentido.

A questão da idade muda com o tempo, impulsionada não apenas pelos avanços nos vários campos do conhecimento que proporcionam o aumento do tempo de vida como também pelos recursos da medicina e da área de saúde, em geral. Esse ideário também sofre variantes de acordo com o país. Em alguns países da Europa e no Japão a velhice se inicia aos 75 anos. Embora Pierre Bourdieu (1980, p. 145) tenha a idade como “uma variável biológica, socialmente manipulada e manipulável”, muitas variáveis influenciam o envelhecimento como o meio natural, social e econômico em que se vivem as condições de trabalho, o estilo de vida e a situação de saúde. De acordo com o autor e segundo a visão dos entrevistados para efeito de políticas públicas se faz necessário definir a faixa etária inicial que, no Brasil, é de 60 anos, cujas variações incluem condições econômicas e sociais (MARQUES, PADILHA 2007, p. 02).

No ranking mundial o Brasil é sexto do mundo em quantidade de idosos/idosas. (MARQUES, PADILHA 2007, p. 02). O recordista de expectativa de vida é o Japão, com 80,8 anos (ROCHA JUNIOR, 2010)²⁴.

Em “Envelhecimento da População Brasileira: continuação de uma tendência”, de Camarano (2011)²⁵ “não se tem dúvidas de que o alongamento da vida ou das vidas é uma das conquistas sociais mais importantes do século XX. Valores de esperança de vida em torno de 100 anos estão sendo projetados para os países em desenvolvimento para meados deste século”.

²⁴ <http://www.mt.gov.br/imprime.php?sid=151&cid=61168>,

²⁵ http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&layout=item&id=58&Itemid=76&idrev=8

Isto tem sido o resultado do “sucesso” de políticas econômicas e sociais que resultaram numa melhoria generalizada das condições de vida, em geral, e de saúde, em particular. No caso da população brasileira, tem se observado desde a segunda metade dos anos 1950, embora de forma desigual, um maior acesso a serviços médicos preventivos e curativos, a uma tecnologia médica avançada, água encanada, maior acesso a esgoto, à educação, etc. (CAMARANO, 2011).

No que se refere a visão dos entrevistados consideram difícil o acesso aos serviços médicos em Brasília porque há uma grande demanda, principalmente de pessoas que vem de outras regiões.

Segundo Nascimento e Rabêlo (2008), nas últimas duas décadas ocorreram as maiores transformações na pirâmide etária, houve a diminuição da taxa de fecundidade e o aumento do número de idosos/idosas em geral, sendo que a expectativa de vida para o ano de 2025 é de 80 anos.

Esses dados, já conhecidos, podem estar relacionados às novas tecnologias voltadas à saúde, aos avanços em pesquisa da área biomédica, melhora na qualidade de vida, tanto em relação à renda quanto à disposição de serviços de saneamento e saúde. Além disso, presenciamos uma espécie de “educação para a velhice”, através de ensinamento e propagandas acerca das formas de cuidar de si, nas quais alimentar-se de forma saudável, praticar esportes e manter-se ativo são propagados como determinantes da longevidade.

Segundo Beauvoir: Em “A Velhice” (1970) esboçamos uma história do idoso; limitamo-nos a descrever as atitudes das sociedades históricas para com estes, e as imagens que elas forjaram deles. Todas as civilizações conhecidas caracterizam-se pela oposição entre uma classe exploradora e classes exploradas. A palavra velhice representa duas espécies de realidades profundamente diferentes, se considerarmos esta ou aquela. O que falseia as perspectivas é que as reflexões, as obras, os testemunhos que concernem à última idade sempre refletiram a condição dos eupátridas: só eles falam e, até o século XIX, só falam de si mesmos (BEAUVOIR, 1970, p. 261).

Para Beauvoir (1970, p. 129) na tragédia, o idoso é sujeito – é apresentado tal como existe por si mesmo. Quando, cinquenta anos depois de Eurípedes, desabrocha com Aristófanes, a comédia toma o idoso como objeto. O público ateniense continuou a comover-se com a grandeza de Édipo e de Hécuba; mas ria com gosto diante do espetáculo de idosos ridículos.

Essa questão sujeito e objeto também são tratados por Britto da Motta (1998).

Em reunião científica, em 1997, quando pela primeira vez expunha o tema “A família do Idoso”, o seu enunciado causou alguma surpresa. Perguntaram-me: Por que a família do idoso e não o idoso na família? Expliquei a intenção pela evidente diferença de ênfase entre aquele que pode ser pensado como sujeito, personagem central – o idoso, a família do idoso – e o que é acessório, quase-objeto, parente (ou aderente), um entre muitos, o idoso na família (BRITTO DA MOTTA, 1998, p. 72).

Os pontos mais relevantes que as autoras apresentam têm relação com nosso trabalho ao que se relaciona a imagem do idoso, ao ser humano maravilhoso tratado por (Beauvoir), com propostas de mudanças na sociedade. O nosso trabalho não apresenta soluções para os idosos, mas mostra as possibilidades e os limites para as questões, por exemplo, de emprego, após sua aposentadoria. Não concordamos com as afirmações de Beauvoir quanto ao declínio como caracterização do idoso. A nossa caracterização é de ascensão para o espírito humano. Debert trata em “A reinvenção da velhice” da construção social da velhice no Brasil. O nosso trabalho trata de compreender o idoso na sociedade e no mundo do trabalho, no mercado de trabalho. De acordo com Camarano trata do alongamento da vida ou das vidas. Nós tratamos da qualidade de vida, viver bem enquanto viver. Em Britto da Motta e Beauvoir sujeito e objeto se confundem. O nosso trabalho leva em consideração a realidade do dia a dia, onde o idoso muitas vezes ainda é chefe de família e com o seu salário, mesmo que seja da previdência social, mesmo que seja salário mínimo, continua muitas das vezes sendo a maior renda da casa para o sustento da família. No nosso caso o idoso é sujeito de ação, que atua na manutenção do grupo familiar (ARAÚJO, 2010).

4.10 ENTRE A LIBERDADE E A DEPENDÊNCIA: REFLEXÕES SOBRE O FENÔMENO SOCIAL DO IDOSO

É complexo o tema do idoso, pois complexos são todos os processos vitais experimentados desde o nascimento, a infância e a adolescência até a vida adulta. Recusamo-nos não a reconhecer a complexidade, mas sim a colocar as questões de idosos, doença, privação, dependência, tristeza e frustração, como problemas advindos tanto de situações físicas, ou psicológica, econômicas e sociais (MINAYO, COIMBRA JR., 2002).

V - CAPÍTULO

Eu procuro um amor
Que ainda não encontrei
Diferente de todos que amei
Nos seus olhos quero descobrir
Uma razão para viver
E as feridas dessa vida
Eu quero esquecer
Pode ser que eu a encontre
Numa fila de cinema
Numa esquina
Ou numa mesa de bar
Procuro um amor
Que seja bom pra mim
Vou procurar
Eu vou até o fim
Frejat

5.1 O TRABALHO

5.1.1 Introdução

Antunes (2000) destaca a relação entre sentido e trabalho na atual realidade social em uma perspectiva sociológica. Segundo o autor, para que exista uma vida cheia de sentido fora do trabalho, é necessária uma vida dotada de sentido dentro do trabalho. Não é possível compatibilizar trabalho assalariado, fetichizado e estranhado com satisfação, realização e pertença que trazem sentido para a vida dos indivíduos. Uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho.

Para que haja uma vida dotada de sentido, é necessário que o indivíduo encontre na esfera do trabalho o primeiro momento de realização. Se o trabalho for autodeterminado, autônomo e livre, será também dotado de sentido ao possibilitar o uso autônomo do tempo livre que o ser social necessita para se humanizar e se emancipar em seu sentido mais profundo. A busca de uma vida dotada de sentido a partir do trabalho permite explorar as conexões decisivas existentes entre trabalho e liberdade (ANTUNES, 2000*apud* TOLFO; PICCININI, 2007, p. 40).

Relacionando o trabalho dos idosos observados na pesquisa, conforme entrevistas e depoimentos verificamos que houve uma busca de sentido para as suas vidas, durante longos anos no exercício de suas profissões, junto aos seus respectivos locais de trabalho, adaptando-se as condições de vida do trabalhador. O horário de trabalho nem sempre foram de suas escolhas e geralmente oito (8) horas diárias de trabalho, portanto o horário para estudar, para fazer uma reciclagem, ou de lazer, ou para outra atividade, muitas vezes ficava comprometida.

Uma linha de argumento fundamental para os defensores da centralidade do trabalho é o resgate feito à dupla dimensão do trabalho, no capitalismo, em Marx: o trabalho concreto e o trabalho abstrato. O trabalho humano abstrato (trabalho assalariado) é a dimensão do trabalho que dá valor (de troca) às mercadorias, enquanto trabalho concreto (ou trabalho útil) se destina a um fim específico, dando aos produtos do trabalho valor de uso. O Trabalho Humano Abstrato se corporifica nos produtos (ARAUJO, 2010, p. 8)²⁶.

Para Marx o trabalho é o fundamento da vida humana, é o instrumento de mediação entre o homem e a natureza. Resulta como produto do trabalho humano não apenas os objetos de uso como roupas, alimentos, mas também instituições como o Estado, as cidades e as nações. Nesta perspectiva é o trabalho que distingue o homem no reino animal, pois o homem, através do trabalho enquanto atividade consciente regula e domina a natureza para consecução de seus fins enquanto os animais apenas a usam (ARAUJO, 2010, p. 4)²⁷.

5.2 REFERÊNCIAS AO SENTIDO DO TRABALHO

Considerando, que todo trabalhador produtivo é assalariado e nem todo trabalhador assalariado é produtivo, uma noção contemporânea de classe trabalhadora, vista de modo ampliado, deve, em nosso entendimento, incorporar a totalidade dos trabalhadores assalariados. Isso não elide o papel de centralidade do trabalhador produtivo, do trabalho social coletivo, criador de valores de troca, do proletariado industrial moderno no conjunto da classe-que-vive-do-trabalho, o que nos parece por demais evidentes quando a referência é dada pela formulação de Marx. Mas como há uma crescente

²⁶ <http://www.ufpa.br/ce/gepte/imagens/artigos/centralidade%20do%20trabalho%20-%20doutorado.pdf>

²⁷ Idem

imbricação entre trabalho produtivo e improdutivo no capitalismo contemporâneo e como a classe trabalhadora incorpora essas duas dimensões básicas do trabalho sob o capitalismo, essa noção ampliada nos parece fundamental para a compreensão do que é a classe trabalhadora hoje (ANTUNES, 1999, p. 102/103).

A classe trabalhadora hoje, a mim parece uma corporação consciente dos seus direitos e dos seus deveres, com formação profissional, com consciência de classe, com participação e com decisão coletiva. A produção tem repercussão na necessidade do consumo. Há hoje por parte da classe trabalhadora uma compreensão e um entendimento maior no social, envolvendo um compromisso com a família, com a sociedade e com o Estado, indissociáveis da compreensão política, daí uma formação política oriunda dos sindicatos para essa realidade.

Dentre tantas conseqüências da divisão sexual do trabalho, posso lembrar, a título de exemplo, que frequentemente os sindicatos excluem do seu espaço as mulheres trabalhadoras, além de mostrarem-se incapazes também de incluir os trabalhadores terceirizados e precarizados. Ocorre que a classe trabalhadora moderna é crescentemente composta por esses segmentos diferenciados, mulheres e terceirizados e/ou precarizados (e ainda mais frequentemente por mulheres terceirizadas), que são parte constitutiva central do mundo do trabalho. Se os organismos sindicais não forem capazes de permitir a (auto) organização das mulheres e/ou dos/as trabalhadores/as part time no espaço sindical, não é difícil imaginar um aprofundamento ainda maior da crise dos organismos de representação sindical dos trabalhadores (ANTUNES, 1999, p. 107).

O trabalhador idoso sindicalizado viveu uma época em que os sindicatos tinham certa força, mas que depois de 1964 perdeu poder de liderança. E é desse trabalhador ao qual estamos nos referindo, que viveu os anos de ditadura. Os direitos sociais ficaram paralisados, os benefícios sem reivindicações, as liberdades democráticas suspensas. Com essa incapacidade de organização jurídica, política e social, os sindicatos foram impedidos de avançar nos interesses econômicos e pela justiça social. Alguns entrevistados relembram a origem de seus trabalhos na construção civil, antes de trabalharem em hotéis. Brasília, por exemplo, parou por alguns anos no que se refere às obras da construção civil. A relação que se poderia fazer aqui da dupla jornada de trabalho, com Antunes é ao que diz respeito a horas extras muito usadas naquela época.

[...] a luta pela redução da jornada ou tempo de trabalho deve estar no centro das ações do mundo do trabalho hoje, em escala mundial. Lutar pela redução do trabalho visando, no plano mais imediato, minimizar o brutal desemprego estrutural que é consequência da lógica destrutiva do capital e de seu sistema. Reduzir a jornada ou o tempo de trabalho para que não prolifere ainda mais a sociedade dos precarizados e dos desempregados. Á justa

consigna trabalhar menos para todos trabalharem deve-se, entretanto, adicionar outra não menos decisiva: produzir o que? E para quem (ANTUNES, 1999, p. 175)?

Do ponto de vista do enfoque que foi dado, tudo isso é de fundamental importância para a construção e para a consolidação de uma sociedade igualitária. Estar fora do mercado de trabalho hoje significa não usufruir dos mesmos benefícios que aqueles que vivem do trabalho, tanto no terceiro, como também no primeiro mundo. Garantir o direito para todos trabalharem é uma reivindicação necessária.

Dizer que uma vida cheia de sentido encontra na esfera do trabalho seu primeiro momento de realização é totalmente diferente de dizer que uma vida cheia de sentido se resume exclusivamente ao trabalho, o que seria um completo absurdo. Na busca de uma vida cheia de sentido, a arte, a poesia, a pintura, a literatura, a música, o momento de criação, o tempo de liberdade, têm um significado muito especial. Se o trabalho se torna autodeterminado, autônomo e livre, e por isso dotado de sentido, será também (e decisivamente) por meio da arte, da poesia, da pintura, da literatura, da música, do uso autônomo do tempo livre e da liberdade que o ser social poderá se humanizar e se emancipar em seu sentido mais profundo. Mas isso nos remete a pensar, no nível de abstração em que estamos discutindo neste capítulo, as conexões mais profundas existentes entre o trabalho e a liberdade (ANTUNES, 1999, p. 143).

Nesta concepção e de acordo com os depoimentos dos entrevistados/as o sentido dado ao trabalho pelo capital não é o mesmo sentido dado ao trabalho pelo conjunto da classe trabalhadora, em sua nova configuração moderna, que têm não um discurso liberal, mas um discurso voltado para a defesa da humanidade.

5.3 TRABALHO DECENTE: DIGNIDADE E SUSTENTABILIDADE

Trabalho decente é um termo estratégico da Organização Internacional do Trabalho para unificar aspectos qualitativos e quantitativos do progresso social (MAUPAIN, 2000). Com esta perspectiva a OIT pretende abranger em rede de proteção social aqueles trabalhadores que não estão vinculados diretamente numa relação de emprego clássica além de monitorar o respeito dos países membros aos direitos fundamentais no Trabalho. Pode-se dizer que a noção de “trabalho decente” unifica a ação da OIT para com a finalidade de atingir os objetivos previstos na sua Constituição, resumidos na busca da justiça social (BARZOTTO, 2010)²⁸.

²⁸ http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7913#_ftn1

Para a Organização Internacional do Trabalho, o paradigma do trabalho decente significa uma política institucional que procura impulsionar a atenção mundial em torno de quatro pilares laborais: os direitos fundamentais (trabalho com liberdade, igualdade e não forçado ou infantil), o emprego como fator de desenvolvimento para todos, proteção social (redes de amparo em situações de vulnerabilidade) e o diálogo social (busca de consenso entre governo e organizações de trabalhadores e de empregadores sobre condições justas e dignas de trabalho e emprego) (BARZOTTO, 2010)²⁹.

A OIT forneceu ao atual mundo globalizado uma expressão comum “trabalho decente” que facilita a compreensão partilhada dos múltiplos problemas da vida laboral. “Trabalho decente” revitalizou debates sobre temas laborais nos foros internacionais, tendo sido afirmado como prioridade no Fórum Econômico Mundial e Fórum Social em 2000, Cúpula do Milênio das Nações Unidas (de onde o trabalho foi considerado decente como sendo um dos ODM – Objetivo de Desenvolvimento do Milênio), Cúpula Mundial das Nações Unidas de 2005 e Declaração do Conselho Econômico e Social da ONU de 2006. A política do trabalho decente foi reafirmada pela OIT através da Conferência Internacional do Trabalho de 2008 na qual foi elaborada a “Declaração da OIT sobre a justiça social para uma globalização equitativa (BARZOTTO, 2010)³⁰.

“O trabalho decente vem definido pela OIT como “aquele desenvolvido em ocupação produtiva, justamente remunerada e que se exerce em condições de liberdade, equidade, seguridade e respeito à dignidade da pessoa humana” (BARZOTTO, 2010)³¹.

No propósito deste trabalho está a intenção de explicitar o conteúdo “trabalho decente” a partir de duas perspectivas: da dignidade da pessoa humana e o contexto ambiental no qual o trabalho deveria se desenvolver de forma sustentável. Conforme o primeiro ponto de vista, trabalho decente é trabalho digno. De acordo com o segundo, trabalho decente é trabalho ecologicamente adequado, o que denominaremos “trabalho sustentável”.

Os elementos da definição da OIT serão relacionados a estas duas acepções de trabalho digno. “Ocupação produtiva”, “justamente remunerada”, “que se exerce em condições de liberdade e equidade” serão abordadas como determinações do conteúdo de “trabalho digno”. Por sua vez, “em condições de seguridade” será relacionada ao tema do trabalho sustentável (BARZOTTO, 2010)³².

²⁹http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7913#_ftn1

³⁰ Idem

³¹ Idem

³² Idem

Explicitando o trabalho dos idosos entrevistados há uma distância entre a realidade em que é exercido e as condições do trabalho enquanto a dignidade, uma vez que faltam políticas de igualdade para atendimento a esta categoria.

Trabalho digno é o que promove a dignidade da pessoa humana trabalhadora. Esta afirmação necessita que se explicito o conceito de dignidade. A dignidade da pessoa humana se expressa na noção de que “o ser humano é sempre um valor em si e por si, e exige ser considerado e tratado como tal, e nunca ser considerado e tratado como um objeto que se usa, um instrumento, uma coisa e, mais, “tudo o que existe sobre a terra deve ser ordenado em função do homem, como seu centro e seu termo” (BARZOTTO, 2010)³³.

No grupo entrevistado observa-se que ainda existem preconceitos, discriminações, desigualdades, sobretudo quanto à idade, gênero e raça.

Analicamente, compreende-se o conceito de dignidade humana como o passível de ser articulado nas esferas de dignidade jurídica, política, econômica e moral da pessoa humana (BARZOTTO, 2010)³⁴.

Do ponto de vista jurídico, a pessoa é sujeito e fim do direito. O direito protege atributos da personalidade do homem, negando o domínio de uma pessoa sobre outra. A dignidade humana é pressuposto da determinação do direito, como é também o seu limite, visto que introduz no ordenamento jurídico o respeito recíproco, que restringe a esfera de ação de cada indivíduo. O direito é produzido pelo homem e para o homem. O trabalho digno é aquele em que há a defesa dos direitos fundamentais da pessoa humana como trabalhadora. Do ponto de vista da dignidade jurídica, o trabalhador é sujeito de direitos que o protegem na sua autonomia e nas exigências do bem-estar no ambiente laboral (BARZOTTO, 2010)³⁵.

Por sua vez, a dignidade política é complementar à dignidade jurídica, considerando o ser humano enquanto princípio, partícipe e fim do Estado. Certas aspirações humanas são limitadas pelas imposições estatais, visando ao bem comum. Porém, há certos elementos da dignidade humana que precedem a sociedade política e, por isso, o Estado, como comunidade política, deve favorecer a realização do cidadão. Portanto, as relações de coordenação entre os indivíduos, bem como as de “subordinação” destes ao Estado, pressupõem direitos e deveres recíprocos, sustentados no primado da dignidade política da pessoa humana. Nestes termos, o trabalho digno é aquele no qual estão assegurados ao trabalhador os direitos de alcance político próprios do mundo laboral: liberdade de associação (sindicalização), liberdade de ação pública (direito de greve), liberdade de expressão

³³ http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7913#_ftn1

³⁴ Idem

³⁵ Idem

(manifestação e discussão pública das pretensões laborais), etc. (BARZOTTO, 2010)³⁶.

Na opinião dos entrevistados, cidadania não se dá conquista-se. Há uma unanimidade nas afirmações dos idosos de que são conhecedores dos seus direitos e dos seus deveres, não esperam que o Estado faça sua parte cobram políticas públicas. A dignidade do trabalho e a dignidade da política caminham juntas, onde deveria haver uma reciprocidade de obrigações e de direitos e não de uma subordinação, é essa a relação feita.

Na dimensão econômica da dignidade, importa que a economia esteja a serviço do homem, para satisfazer a necessidade da sociedade como um todo. O trabalho, desta forma, vincula-se à dignidade humana de forma inalienável porque através dele o homem faz uso das riquezas da terra e aperfeiçoa sua personalidade. É redutiva a consideração do homem como homo economicus, cuja atividade serve à economia, e não contrário. O trabalho humano possui caráter econômico e ético, contemplando valores de natureza moral: proporciona o imprescindível para a satisfação das necessidades humanas e é meio de afirmação de personalidade do trabalhador. A dignidade econômica da pessoa rejeita a lógica neoliberal, que considera o máximo proveito de algumas pessoas em detrimento de outras. Deste modo, o trabalho digno demanda a não redução do trabalhador a instrumento do sistema produtivo, para obtenção de vantagens econômicas para si ou para outrem (BARZOTTO, 2010)³⁷.

Os entrevistados são da opinião que o sistema produtivo deva estar relacionado ao consumo do trabalhador. Há uma rejeição ao neoliberalismo, onde poucos têm muito e muitos não têm nada. A dignidade humana deve estar relacionada à dignidade econômica para a satisfação de suas necessidades.

5.5 TRABALHO

O envelhecimento da população é um fenômeno inevitável e irreversível. Embora o aumento da esperança de vida deva ser celebrado como uma grande conquista de nossa sociedade, o fato de que a maioria dos idosos viva em condições precárias, abaixo da linha da pobreza e socialmente vulneráveis, faz com que tenham um futuro de privações e incertezas. A pobreza dos idosos, em um mundo que envelhece progressivamente é um grande desafio político, econômico e social e a introdução de medidas para enfrentá-la, é de crucial importância. Tais medidas devem e podem ser encontradas no mercado de trabalho e nos sistemas de transferências sociais e devem funcionar de maneira integrada e coerente no ciclo de vida, promovendo uma perspectiva de igualdade de gênero entre gerações (FORTUNY, 2009, p. 357).

³⁶ http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7913#_ftn1

³⁷ Idem

Estas considerações do autor estão coerentes com os depoimentos dos entrevistados no que diz respeito a igualdade de gênero entre gerações.

A Declaração da OIT sobre a justiça social para uma globalização equitativa adotada pela Conferência Internacional do Trabalho em sua nonagésima sétima reunião (Genebra, 10 de junho de 2008)³⁸ representa o marco geral para adotar uma resposta holística, integrada e coerente. A Declaração reconhece a importância do compromisso dos países no momento de “considerar o emprego pleno e produtivo e o trabalho decente, elemento central das políticas econômicas e sociais” (FORTUNY, 2009, p. 357).

A Declaração expressa a universalidade da Agenda de Trabalho Decente:

“Todos os Membros da Organização devem propiciar políticas baseadas nos objetivos estratégicos, ou seja, o emprego, a proteção social, o diálogo social e os direitos trabalhistas. Ao mesmo tempo, insiste na importância de um enfoque holístico e integrado ao reconhecer que esses objetivos são “inseparáveis, estão inter-relacionados e se reforçam mutuamente”, garantindo a função das normas internacionais do trabalho como meio útil para alcançar todos esses objetivos”³⁹.

A noção de Trabalho Decente integra a dimensão quantitativa e qualitativa do emprego. Ela propõe não só medidas de geração de postos de trabalho e de enfrentamento do desemprego, mas também de superação de formas de trabalho que geram renda insuficiente para que os indivíduos e suas famílias superem a situação de pobreza ou que se baseiam em atividades insalubres, perigosas, inseguras e/ou degradantes. Afirma a necessidade de que o emprego esteja também associado à proteção social e à noção de direitos do trabalho, entre eles os de representação, associação, organização sindical e negociação coletiva.

A noção de trabalho decente é uma tentativa de expressar, numa linguagem cotidiana, a integração de objetivos sociais e econômicos, reunindo as dimensões do emprego, dos direitos no trabalho, da segurança e da representação, em uma unidade com coerência interna e que tem sentido quando considerada na sua totalidade (DAL-ROSSO; FORTES, 2008, p. 40).

A concepção de trabalho decente deve passar necessariamente pelas condições vida digna com vivência de humanidade. Uma categoria de sustentabilidade em termos de dignidade. Mas a justiça social só será aplicada a partir do empenho de todos os trabalhadores na busca

³⁸Declaração da OIT sobre a justiça social para uma globalização equitativa adotada pela Conferência Internacional do Trabalho em sua nonagésima sétima reunião, Genebra, 10 de junho de 2008. www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---cabinet/documents/publication/wcms_099768.pdf

³⁹ Idem

do exercício de sua cidadania. O diálogo entre o Estado e a Sociedade (quer no emprego público quer no emprego privado) e o envolvimento dos Empresários nas mesas de negociações, só avançarão se observadas para isso os direitos e os deveres de cada segmento. A produção deverá necessariamente estar ligada ao consumo dos trabalhadores, assim se faz necessário uma remuneração justa, respeitando assim os pagamentos de horas extras, insalubridades, periculosidades, serviços sociais. O trabalhador contribui para o bem coletivo e é esse espírito que eleva o bem-estar social de toda uma comunidade. O trabalho decente para os idosos deverá ter tratamento digno, assim como todos os trabalhadores, levando-se em consideração a participação destes na vida econômica do país, contribuindo para o desenvolvimento econômico, social e político.

5.6 NOVAS CONFIGURAÇÕES DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma também é modulada histórica e socialmente. Tem como característica a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.) (HIRATA; KERGOAT, 2007. p. 599).

O projeto coletivo que serviu de base na França às primeiras aparições do termo “divisão sexual do trabalho” tinha uma ambição maior que denunciar desigualdades: sob o impulso do movimento feminista, tratava-se nem mais nem menos de repensar o “trabalho”. O ponto de ancoragem dessa ambição era a ideia de que o trabalho doméstico era um “trabalho” e que, portanto, a definição deste deveria obrigatoriamente incluir aquele. Não dava para imaginar para onde isso nos levaria... A questão não era simplesmente somar trabalho profissional e trabalho doméstico. Para ser mais precisas: ao fazer essa soma, logo nos demos conta de que as costuras do paletó “trabalho”, feito sob medida por e para as crenças economicistas, cediam facilmente nas cavas. Assim, pouco a pouco, caminhamos para uma definição não mais centrada na valorização do capital, e sim naquilo que alguns chamaram de “produção do viver” (HIRATA; KERGOAT, 2007. p. 596).

Entendemos segundo as visões de Hirata que a divisão sexual do trabalho tem uma estreita relação com a luta pela sobrevivência entre os sexos, é uma competição e uma concorrência nas relações sociais de homens e de mulheres. Exemplificando o caso de certas atividades antes exercidas pelos homens como a função política e militar, principalmente no Brasil está havendo mudanças. As mulheres já estão ocupando um espaço nestes dois setores, de forma

muito embora permeada de obstáculos e dificuldades. As desigualdades estão diminuindo, muito embora se reconheça que se tem muito a avançar.

Refletimos que todas as questões apresentadas por Hirata levam a propor em relação às ligações e às divergências epistemológicas entre psicopatologia do trabalho e divisão sexual do trabalho, três pontos de discordância ou de diferenças entre nossa conduta e a da psicopatologia do trabalho. Em primeiro lugar, o fato de levarmos em conta a dimensão sexuada da divisão de trabalho, ou seja, o fato de o trabalho ser imediatamente colocado como trabalho masculino ou feminino. Em segundo lugar, o fato de não se considerar implicações psicopatológicas da representação social da virilidade e da feminilidade. E finalmente, a experiência do desemprego parece ser, além do sofrimento material que isso representa um momento de questionamento de sua identidade social, uma vez que a virilidade é estreitamente associada à condição profissional, não sendo da mesma natureza a relação entre feminilidade e emprego. O silêncio da psicopatologia do trabalho sobre essa questão é mais enigmático ainda, uma vez que ela parece melhor colocada e melhor munida do que a sociologia para abordá-la (HIRATA, 2002, p. 265, 269, 270, 271).

Segundo a autora, na França, é possível constatar ligeiras modificações nos conteúdos temáticos das pesquisas sobre a divisão sexual do trabalho em suas duas vertentes da análise do emprego e do trabalho profissional, por um lado, e da análise do trabalho doméstico, por outro, em estreita ligação com a evolução da conjuntura econômica e social, e, em particular, com o desenvolvimento da crise econômica e do desemprego em massa na década de 1990. Uma pista de pesquisa muito heurística é a da ligação entre relações de trabalho e relações de poder (HIRATA, 2002, p. 287/288/289). Essa também foi uma das discussões em tema de debate ocorrido no “Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 - Desafios Atuais dos Feminismos realizado em Florianópolis, Santa Catarina, entre 16 a 20 de setembro de 2013.”

O interesse pelas categorias de classes, de raça e de gênero assinalavam primeiro o compromisso do(a) pesquisador(a) com a história que incluía a fala dos(as) oprimidos(as) e com uma análise do sentido e da natureza de sua opressão: assinalava também que esses(as) pesquisadores(as) levavam cientificamente em consideração o fato de que as desigualdades de poder estão organizadas segundo, no mínimo, esses três eixos (SCOTT, p. 4)⁴⁰.

Enquanto a categoria de “classes” está baseada na teoria complexa de Marx (e seus desenvolvimentos posteriores) da determinação econômica e da mudança histórica, as de “raça” e de “gênero” não veiculam tais associações. Não há unanimidade entre os(as) que utilizam os conceitos de classe.

⁴⁰ http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/6393/mod_resource/content/1/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf

Alguns(mas) pesquisadores(as) utilizam a noção de Weber, outros(as) utilizam a classe como uma fórmula heurística temporária. Além disso, quando mencionamos a “classe”, trabalhamos com ou contra uma série de definições que no caso do Marxismo implica uma idéia de causalidade econômica e uma visão do caminho pelo qual a história avançou dialeticamente. Não existe este tipo de clareza ou coerência nem para a categoria de “raça” nem para a de “gênero”. No caso de “gênero”, o seu uso comporta um elenco tanto de posições teóricas, quanto de simples referências descritivas às relações entre os sexos (SCOTT, p. 4)⁴¹.

Na categoria classe conforme nossas entrevistas: Observou-se que as relações sociais e as relações entre homens e mulheres estão sempre relacionadas à questão de poder e essa questão de poder está diretamente ligada à questão do saber. Muito embora as mulheres entrevistadas não tivessem a oportunidade de porem em prática essa verdade, no entanto há um reconhecimento dessa verdade, daí a orientação que dão para as novas gerações, no caso suas filhas.

Conforme a categoria gênero de nossas entrevistas: Observou-se uma concorrência entre homens e mulheres no mercado de trabalho, os homens ganham mais do que as mulheres. Em Brasília (Distrito Federal), o número de mulheres é maior do que o número de homens, isso é um fato. Elas são conscientes disso, e suas afirmações vão ao encontro do que afirma Joan Scott: O gênero é um saber sobre as diferenças sexuais. No Turismo a mulher toma a primazia sobre os homens.

As feministas marxistas têm uma abordagem mais histórica, já que elas são guiadas por uma teoria da história. Mas quaisquer que sejam as variações e as adaptações, o fato de que elas se impõem a exigência de encontrar uma explicação “material” para o gênero limitou ou pelo menos atrasou o desenvolvimento de novas direções de análise. No caso em que se propõe uma solução baseada no duplo sistema (composto de dois domínios: o patriarcado e o capitalismo, que são separados, mas em interação), como no caso em que a análise desenvolvida se refere mais estreitamente aos debates marxistas ortodoxos sobre os modos de produção, a explicação das origens e das transformações de sistemas de gêneros se encontra fora da divisão sexual do trabalho. Afinal de contas, famílias, lares e sexualidade, são produtos da mudança dos modos de produção. É assim que Engels concluía as suas explorações na Origem da Família, é sobre isso que se baseia a análise da economista Heidi Hartmann. Ela insiste sobre a necessidade de considerar o patriarcado e o capitalismo como dois sistemas separados, mas em interação. Porém, na medida em que desenvolve a sua argumentação, a causalidade econômica se torna prioritária e o patriarcado está sempre se desenvolvendo e mudando como uma função das relações de produção (SCOTT, p. 10, 11).

⁴¹ http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/6393/mod_resource/content/1/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf

A questão do patriarcado referida por Joan Scott tem na nossa pesquisa, uma relação de conquista, conforme revelado nas entrelinhas das nossas entrevistadas, mais do que uma relação de poder. As mulheres estão conseguindo quebrar a hierarquia existente até então entre os homens e descobriram que a solidariedade que existia entre eles é maior e mais forte entre elas. O equilíbrio é proposto pelas mulheres, a partir da educação dos seus filhos. Todas entrevistadas foram unânimes em afirmar que a desigualdade social existente entre homens e mulheres precisa se igualar para que possa existir uma sociedade com menos discriminações e menos explorações. Com isso elas acreditam que as relações entre as pessoas, entre as famílias e entre as comunidades passam a ser iguais. Como também entendem que a ideologia masculina da autoridade patriarcal com esse conceito elimine a subordinação feminina no processo de poder.

O discurso da opressão e da exploração, no sentido de ato ou efeito de oprimir, no sentido de ato ou efeito de explorar, não são propriamente fenômenos distintos. Antes eles se apresentam como dimensões específicas de um mesmo processo multidimensional. Ainda que sua raiz seja de natureza econômica, este processo apresenta outras dimensões: política, cultural, social. As faces da opressão e da exploração deste processo de subordinação da mulher aparecem ligadas.

As observações quanto a exploração e a opressão dos gêneros em nossas entrevistas ficaram claras as exposições no que se refere a obediência. A dupla jornada de trabalho, por exemplo, é vista como uma escravidão.

Com a relativa autonomia do processo econômico nas formações sociais capitalistas, torna-se possível, para fins analíticos, distinguir entre o aspecto opressão e o aspecto exploração da mulher. Entretanto, é preciso chamar a atenção para o fato de que opressão e exploração não têm um fundamento diferente. Em última instância, ambas estão enraizadas na economia, ainda que a dimensão opressão se faça revestir de evidentes elementos ideológicos.

O discurso da dominação/subordinação/submissão começa muitas vezes com uma dívida, com um empréstimo, o que leva a mulher cidadã a uma subordinação, a uma submissão ao homem com um pagamento com juros altos, além de ficar devendo uma gratidão eterna dividida entre o seu favor e o seu poder.

O discurso de dominação observado nas nossas entrevistas começa muitas das vezes pelo afastamento das antigas amigas, que as levam ao isolamento social; muitas das vezes pelo

impedimento do crescimento de formação educacional e intelectual, muitas das vezes da proibição de ocupar uma vaga no mercado de trabalho.

Nas sociedades competitivas a idéia de êxito econômico ocupa posição central de tal modo que um único fracasso social irreparável consiste em abrir-se mão de perseguirem-se alvos culturais. Qualquer fracasso individual temporário é tolerado socialmente desde que os indivíduos que o sofram perseverem nos caminhos indicados para a obtenção dos fins socialmente colocados.

A mulher é cidadã enquanto sujeito e a cidadã é mulher enquanto objeto; quer na participação política, quer na representação política da mulher na relação de poder, isto é, na relação de gênero. Assim sendo, é possível pensar em uma representação de mulheres sujeitos da relação de gênero? Partindo desse ponto de raciocínio parece ser razoável afirmar que a participação da mulher enquanto sujeito das relações de gênero através do processo de representação tradicional é bastante limitada.

Justificando o nosso ponto de vista, o saber e o poder caminham juntos, entretanto é difícil obedecer a dois senhores, daí o nosso questionamento. Para que a mulher quebre essa limitação é necessário que ela proclame a sua independência. Conclui-se daí que a relação entre os gêneros não é uma relação harmoniosa, onde possa se impor um equilíbrio. Por que? Porque a relação de poder não é um jogo de sedução, mas uma competição pelo poder.

Como objeto de um processo de dominação. É neste contexto de relações de gênero entre desiguais que se legitimam a agressão física e emocional da mulher. As mulheres imputam à desigualdade a responsabilidade pela violência, enquanto os homens consideram a questão em termos de uma justiça falha, cega às diferenças entre as pessoas. A ideologia de gênero procede através da naturalização das diferenças que foram socialmente construídas (SAFFIOTI, 1984, p. 19 e 1994, p. 277).

Como exemplo dessa ideologia observada no nosso trabalho de pesquisa, citamos a continuação da subordinação da mulher, da casa à rua, ou seja, a mulher no mercado de trabalho enfrenta uma carga maior do que o homem no que diz respeito à subordinação capitalista, com exceção do serviço público.

Até que ponto caminha no sentido de um mundo novo transformado por ideais feministas? O fenômeno diz respeito à melhoria da situação das mulheres. É pela linha particular do discurso

interpretativo com o qual a pessoa está comprometida na perspectiva feminista com as possibilidades de uma epistemologia social (GERGEN, 1993, p. 14/64).

De acordo com a autora, identificamos que o discurso das mulheres entrevistadas foi por uma mudança cultural na sociedade brasileira, criar um novo modelo de cultura, por atitudes na mudança de relação com a vida, com a família, com o mundo. As mulheres entendem que de 1960 para cá, ao longo do tempo houve avanços, mas que ainda há um longo caminho a percorrer para fazer mais, com as experiências do passado.

Conforme GOLDENBERG e TOSCANO (1992, p. 31) as grandes mudanças que o mundo atravessava no pós-guerra, a guerra fria dividindo a Alemanha e levando o conflito até a Coreia e mais tarde ao Vietnã, as teorias terceiro-mundista, a consolidação das conquistas da revolução chinesa, a deterioração econômica e política do continente sul-americano, o desafio proposto pela Revolução Cubana, entre outros, acabaram por criar um clima de insatisfação e crise que não apenas afetava as relações interpessoais como ao mesmo tempo criava condições para a discussão de novas idéias, no plano social e político.

As relações interpessoais relatadas pelos homens e mulheres na nossa pesquisa criaram condições para avançarmos nas discussões no campo social e político com aqueles que tiveram nas suas mentes marcadas por fatos ocorridos nos anos 1940, 1960, 1990 cujas datas deram continuidades a década de 1940. Lembram por exemplo da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), da Aliança para o Progresso (início da década de 1960) e da queda do muro de Berlim (1990), que marcaram o fim de uma época.

Em 1977, como desdobramento do Ano Internacional da Mulher, foi proposta a instalação no Congresso Nacional de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para “examinar a situação da mulher em todos os tipos de atividade”. Essa CPI acabou se transformando num instrumento para mostrar a que níveis haviam chegado a discriminação contra a mulher, em todas as instâncias de sua vida, e como tal estado de coisas impedia o acesso à sua plenitude como cidadã e como mulher (GOLDENBERG; TOSCANO, 1992, p. 36, 37).

A discriminação contra a mulher precisava ser barrada e para isso era preciso uma iniciativa de um movimento que falasse pelas mulheres. O ano de 1977 foi apenas uma referência, a evolução pelo desenvolvimento da vida da mulher que se caracterizou principalmente pelo que poderia ser feito no espaço e no tempo pela evolução de sua longevidade. As nossas

entrevistadas falam muito dessa discriminação no passado, que muito embora ainda exista há uma expectativa de um futuro igualitário, com equilíbrio, com um mundo melhor.

5.7A INSERÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

São diversas as desigualdades existentes na sociedade brasileira. Uma das mais evidentes refere-se às relações de gênero, menos relacionada à questão econômica e mais ao ponto de vista cultural e social, constituindo, a partir daí, as representações sociais sobre a participação da mulher dentro de espaços variados, seja na família, na escola, igreja, nos movimentos sociais, enfim, na vida em sociedade (CAMARGO)⁴².

“Nas últimas décadas do século XX, presenciamos um dos fatos mais marcantes na sociedade brasileira, que foi a inserção, cada vez mais crescente, da mulher no campo do trabalho, fato este explicada pela continuação de fatores econômicos, culturais e sociais (CAMARGO)⁴³.

Em razão do avanço e crescimento da industrialização no Brasil, ocorreram a transformação da estrutura produtiva, o contínuo processo de urbanização e a redução das taxas de fecundidade nas famílias, proporcionando a inclusão das mulheres no mercado de trabalho (CAMARGO)⁴⁴.

Segundo a PNAD (Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio) realizada pelo IBGE em 2007, a população brasileira chega a quase 190 milhões de brasileiros, com a estimativa de 51% de mulheres. Segundo dados do IBGE de 2000, a PEA (População Economicamente Ativa) brasileira, em 2001, tinha uma média de escolaridade de 6,1 anos, sendo que a escolaridade média das mulheres era de 7,3 anos e a dos homens de 6,3 anos (CAMARGO)⁴⁵.

O avanço das mulheres em relação aos homens, tanto na escolaridade quanto no emprego é visível a partir dos anos de 1950. Em Brasília, local das nossas pesquisas, não é diferente, as mulheres já têm seu emprego garantido no mercado de trabalho, levando-se em consideração principalmente que o número de mulheres em Brasília e no Distrito Federal é maior que o número de homens.

A inserção da mulher no mercado de trabalho foi uma conquista de um movimento social de interesse e necessidade de ambas as partes (empresas e trabalhadoras), com o impacto de benefício direto da sociedade para toda a

⁴² <http://www.brasilecola.com/sociologia/a-mulher-mercado-trabalho.htm>

⁴³ Idem

⁴⁴ Idem

⁴⁵ Idem

sociedade. Posto, que a economia e os interesses sociais são complementares. Bem como, ora salientamos que uma sociedade não sobrevive se não for sustentável (GONSALVES, 2013) ⁴⁶.

Assim, apontamos que esta necessidade, do mercado como um todo, em especial o mercado de trabalho, começou de fato com a 1ª. e a 2ª. Guerras Mundiais (1914-1918 e 1939-1945, respectivamente), período estes, que os provedores dos lares (os homens) foram retirados do seu convívio familiar, e colocados em frente das batalhas. Neste contexto e sem alternativa, as mulheres passaram a assumir os negócios da família e a posição dos homens no mercado de trabalho (GONSALVES, 2013) ⁴⁷.

Inicialmente por necessidade, a história se repete, a mulher surge no mercado de trabalho em substituição ao homem morto na guerra para garantir a sua subsistência e dos seus filhos. A partir desse contexto passou-se a configurar a conquista da mulher no mercado de trabalho, aliado a aceitação e a necessidade do próprio mercado. Hoje as nossas entrevistadas festejam com alegria a nova realidade da mulher na atividade social, na atividade econômica, na atividade política e cultural, como uma vitória do movimento feminista, suas contemporâneas.

Com um acréscimo de 25 milhões de trabalhadoras entre 1976 e 2002, as mulheres vêm desempenhando um papel muito mais relevante do que os homens no crescimento da população economicamente ativa. Elas estão se especializando, através de estudos e qualificação profissional, promovendo assim, um melhor planejamento familiar e conquistando maior respeito e admiração, pois estão cada vez mais conquistando uma posição atuante, dentro e fora de casa (RAQUEL, 2012) ⁴⁸.

No Brasil, devido à luta pelo desenvolvimento social, cultural e político, ao longo dos anos, as mulheres vêm conquistando o seu espaço no mercado de trabalho. Embora de forma lenta, esta conquista tem sido significativa, conforme se observa através dos dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio – PNAD (2005): no ano de 1973, apenas 30,9% da População Economicamente Ativa (PEA) do Brasil era do sexo feminino, em 1999, elas já representavam 41,4% do total da força de trabalho, aproximadamente 33 milhões. Quatro anos depois, mais de 62 mil mulheres ingressaram pela primeira vez no mercado, aumentando a participação em 1,1% (SOUZA; SILVA; SILVA, N., p. 496) ⁴⁹.

Na pesquisa, “Perfil das Mulheres Responsáveis pelos Domicílios no Brasil”, desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (1995), ao longo de 20 anos, houve um acréscimo na participação das

⁴⁶ <http://www.administradores.com.br/artigos/carreira/a-insercao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho-conquista-ou-imposicao-social/69626/>

⁴⁷ Idem

⁴⁸ http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_4029/artigo_sobre_a-evoluao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho

⁴⁹ <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/download/388/216>.

mulheres no mercado de trabalho. A mulher deixou de ser apenas uma parte da família para se tornar a comandante, o que foi ocasionado pelo seu ingresso no mercado de trabalho (RAQUEL, 2008 *apud* MOTA; SOUZA⁵⁰).

Uma dificuldade apontada nesse estudo é a taxa de fecundidade, que teve início na década de 60, e que atualmente, define a média de 2,3 filhos para cada mulher, o que há 40 anos estava na média de 6,3 filhos. A redução da fecundidade ocorreu com mais intensidade nas décadas de 70 e 80. Nos anos 90 a taxa baixou de 2,6% para 2,3%. Acredita-se, assim, que com menos filhos as mulheres possam conciliar melhor o papel de mãe e trabalhadora, desenvolvendo melhor as novas funções que o mercado de trabalho lhes oferece (2014)⁵¹.

Analisando o perfil das mulheres responsáveis pelos domicílios no Brasil e relativizando com as nossas entrevistas, observamos um discurso anti-patriarcalismo, no sentido de libertação do domínio masculino, com a mudança de sua posição de objeto para sujeito da história, numa relação de saber e poder.

5.8 PARTICIPAÇÃO DE IDOSOS/AS NA VIDA DO TRABALHO

O mundo contemporâneo tem se caracterizado como era do trabalho, cujo mercado, movido por uma crescente tecnologia, vem exigindo que o profissional seja mais qualificado e produtivo. Diante desse panorama, como pensar o papel do velho que, em geral teve uma escolaridade baixa e quase nenhuma especialização? Ainda há espaços para que ele possa desempenhar suas atividades (ALCÂNTARA, 2009, p. 108)?

De acordo com (ALCÂNTARA 2009 *apud* GIAQUETO; SOARES)⁵²

o significado do trabalho está ligado a um papel ativo: produtivo, gerador de renda, exigências físicas, psíquicas e sociais, ritmo intenso, obrigação, carga e responsabilidade. Por sua vez, velhice associa-se a um papel passivo: não produtiva, recebedora de pensão, pouca aptidão, ritmo vital lento, isenção de obrigações e de responsabilidades.

Trabalho e velhice são entendidos como realidades contraditórias na sociedade industrial. Esta dicotomia é reproduzida em estereótipos e preconceitos que vinculam os trabalhadores mais velhos à obsolescência, à improdutividade, à resistência, à mudança e à desmotivação. Os

⁵⁰ http://unibhcienciascontabeis.files.wordpress.com/2013/11/artigo_mulher_contabilista_completo.pdf

⁵¹ <http://www.colegiointegracaoonline.com.br/ci/2014/03/o-trabalho-da-mulher-no-brasil/>

⁵² <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/sst/n7/a07.pdf>

estudos demonstram que várias crenças sobre a perda de capacidades cognitivas, motivacionais e sociais ligadas do envelhecimento são mitos que só vêm contribuir para o aumento da discriminação do velho no contexto do trabalho (NERI, 2002).

Na realidade as forças físicas diminuem, o que acarreta certa reserva para o trabalho industrial, mas estamos falando em nosso trabalho de uma nova sociedade, da sociedade da comunicação, da informação, da informática, da tecnologia, neste sentido não há como negar a participação ativa dos idosos na área da comunicação, na área da informação por exemplo. Reconhecemos que a geração da qual estamos falando não é ainda a geração da tecnologia, mas, da comunicação e da informação. Portanto, tem muito a contribuir para o mundo do trabalho, em uma sociedade que se moderniza a cada ano.

Em nossa pesquisa identificamos que os idosos e as idosas entrevistadas estão vencendo preconceitos, com compromisso e com responsabilidade, assumindo suas obrigações no mundo moderno com cursos de atualização para atuação no mercado de trabalho. As perspectivas de trabalho estão cada vez mais próximas, com o desenvolvimento tecnológico, com isso a idade não é mais vista como uma patologia, mas sim como uma expectativa de vida, onde a ascensão para o espírito humano é também uma ascensão para a sua independência e para sua qualidade de vida.

5.9 CONTRIBUIÇÃO DO TRABALHO DE IDOSOS/IDOSAS NO MERCADO DE TRABALHO

O idoso/idoso pode contribuir com suas experiências diversificadas e adquiridas em anos de vivência e de trabalho. Indivíduos saudáveis na dita terceira idade ainda podem exercer atividades profissionais, por apresentarem capacidade física e intelectual e por possuírem conhecimentos e experiências acumuladas.

O mercado de trabalho, entretanto, mostra-se preconceituoso, receoso, limitado à ocupação de determinados cargos obrigando o idoso/idoso a conviver com o problema de recolocação e inserção no mercado que valoriza o jovem e discrimina o “idoso”.

O mercado de trabalho considera o idoso/idoso como um trabalhador que já se tornou improdutivo e obsoleto, coagindo muitos destes sujeitos aposentados ou apenas desempregados a esquadrihar formas alternativas de complementação de renda, objetivando

a garantia de recursos como planos de saúde, medicação, segurança de sobrevivência e, em outros casos, até mesmo o sustento de uma família até a criação dos netos, ressaltando que o benefício aposentadoria auferida não contempla, na maioria dos casos, a conservação do padrão mínimo de sobrevivência. Porém, na ótica econômica, esses indivíduos são admitidos como contributivos, sendo numa esfera social, colaboradores na realização de trabalhos indiretos, participando desta feita do contexto social (GONTIJO; FARIA; SILVA, 2009).

Tá vendo aquele edifício moço
Ajudei a levantar
Foi um tempo de aflição, era quatro condução
Duas pra ir, duas pra voltar
Hoje depois dele pronto
Olho pra cima e fico tonto
Mas me vem um cidadão
E me diz desconfiado
“Tu ta aí admirando ou ta querendo roubar”
Meu domingo ta perdido, vou pra casa entristecido
Dá vontade de beber
E pra aumentar meu tédio
Eu nem posso olhar pro prédio que eu ajudei a fazer

Zé Ramalho

VI - CAPÍTULO

A inquietude não deve ser negada,
mas remetida para novos horizontes
e se tornar nosso próprio horizonte.

Edgar Morin

6.1 O TURISMO E SUAS CATEGORIAS

Como já apresentamos anteriormente, neste capítulo vamos fazer algumas considerações sobre o turismo, mas nossa pesquisa objetiva compreender o mercado de trabalho neste setor no Distrito Federal relacionado a pauta por esses trabalhadores idosos.

Segundo a OEA (Organização dos Estados Americanos) o Turismo: “É o movimento migratório, até um limite máximo de 90 dias, seja internacional ou nacional, sem propósito de longa permanência e sem exercício de uma atividade ou profissão remunerada. O objetivo pode ser por prazer, comercial ou industrial, cultural, artístico ou científico. Não inclui viajantes que juridicamente entram no país, como é o caso dos passageiros de avião que permanecem nos aeroportos, seja por escala ou conexão ou outras linhas aéreas, nem o movimento unicamente de fronteiras” (RABAHY, 1980, p. 111 *apud* LEMOS, 2003)⁵³.

Os aspectos do mercado de trabalho de turismo no Distrito Federal têm o turismo como um valor de troca, e é isso que ele significa um valor de troca. O conceito econômico está representado pela prática, à materialização ideológica do fenômeno turístico daí sua percepção, seu significado, dentro de uma formação social capitalista.

Na visão dos entrevistados a ideologia capitalista não deve interferir no fenômeno turístico e no fenômeno social que Brasília e o Distrito Federal oferecem aos visitantes. A materialização dessa ideologia ou a transformação do turismo em indústria, não encontram eco nos residentes do Distrito Federal.

⁵³ <http://www.revistaturismo.com.br/artigos/valortur.html>

O Turismo, como um campo específico de estudo, tem diversas definições tradicionais como a dos Professores Hunziker e Krapf: “É o fenômeno originado pelo deslocamento e permanência de pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que tais deslocamentos não sejam utilizados para o exercício de uma atividade lucrativa principal, permanente ou temporária” (HUNZILKER; KRAPF, 1942, p. 14 *apud* LEMOS, 2003)⁵⁴.

Em 1991, a Organização Mundial de Turismo (OMT) apresentou uma nova definição entendendo que: “o turismo compreende atividades desenvolvidas por pessoas ao longo de viagens e estadas em locais situados fora do seu enquadramento habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, para fins recreativos, de negócios e outros” (CUNHA, 1997, p. 9 *apud* LEMOS, 2003)⁵⁵.

Mathielsen e Wall consideram que: “o turismo é o movimento temporário de pessoas para destinos fora dos seus locais normais de trabalho e de residência, as atividades desenvolvidas durante sua permanência nesses destinos e as facilidades criadas para satisfazer as suas necessidades” (MATHIELSEN; WALL, 1982, p. 28 *apud* LEMOS, 2003).

6.2 O CONCEITO DE TURISMO

Para (KRIPPENDORF), o turismo, no consumo da paisagem, sempre acarreta danos: a paisagem é somente usada, mas também é explorada. A construção de hotéis, casas de veraneio e fins de semana, facilidades de transporte e sistemas de apoio desgasta a terra e muda a imagem da paisagem. Mas o turismo também pode provocar uma deformação na própria natureza, na flora e fauna, na água e no ar. Se todas essas pressões tornarem-se fortes demais, ultrapassando os limites que a terra pode suportar, ela perde seu valor de recreação e lazer (GASTAL, 2002, p. 16, 17).

O uso da terra, para o aumento da renda, muitas vezes não leva em consideração a beleza da paisagem, causando-lhe prejuízo. O negócio turístico provoca mudanças na agricultura de um lugar alterando-lhe o sentido de produção do morador residente a prol do turismo. Natureza e paisagem ficam comprometidas pela demanda turística, acarretando consequências indiretas para o meio ambiente como também para o próprio turismo, que consideramos negativas. O nosso trabalho avalia custos e benefícios da qualidade do que é benéfico para a terra e do que é benéfico para o turismo.

⁵⁴ <http://www.revistaturismo.com.br/artigos/valortur.html>

⁵⁵ Idem

Segundo Moesch:

As implicações epistemológicas para a construção de uma teoria do turismo sob uma concepção interdisciplinar, requerem a superação de paradigmas fossilizados em muitos discursos acadêmicos, institucionais e profissionais. Revistar as teorias do turismo a partir das novas práticas sociais desse fenômeno não é compromisso exclusivo dos pesquisadores e educadores nos mais de trezentos cursos da área no Brasil: essa preocupação epistemológica deve recair, também, sobre consultores e políticos que atuam no setor, no país e no exterior, cujos discursos eufemísticos apontam números grandiosos, sem se ater ao papel dos sujeitos consumidores e produtores envolvidos (MOESCH, 2002, p. 25).

Na nossa pesquisa nos inspiramos na concepção de (Moesch) sobre a interdisciplinaridade do turismo, sobretudo observando as relações e práticas dos idosos/as entrevistados, como se vem transformando no setor de turismo. Tanto as práticas antigas de viagens quanto as práticas sociais atuais do mundo moderno requerem um estudo dos atores; como o poder público, o poder privado, o consumidor, nós pesquisadores e educadores.

Em um mundo globalizado, a sociedade a partir do século XX, vive uma relação de espaço e tempo de compreensão complexa do turismo. O conhecimento e o reconhecimento de nossa realidade nos levam a concepção de formular novos conceitos a partir dos fatos históricos que se criam. O turismo é muito dinâmico no rol dos fatores que vivencia daí a necessidade de um acompanhamento não só da sociedade, como também do Estado. Este é também um ponto de vista defendido por nosso trabalho.

De acordo com Beni, o turismo é:

[...] um elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço. Nesse processo intervêm numerosos fatores de realização pessoal e social, de natureza motivacional, econômica, cultural, científica, que ditam a escolha dos destinos, a permanência, os meios de transportes e o alojamento, bem como o objetivo da viagem em si para a fruição tanto material como subjetiva dos conteúdos de sonhos, desejos, imaginação projetiva, enriquecimento existencial histórico-humanístico, profissional e expansão de negócios (BENI, 2001, p. 95).

Há uma relação entre consumidor e produtor, no sentido de respeito mútuo. No que diz respeito ao turista, há um perfil requintado na escolha da qualidade dos serviços. A informação é o principal fator para a exigência na pontualidade. O nosso trabalho comunga com essa exigência, não somente pelo fato de se tratar de um trabalho voltado para o idoso, como também pelo fato de respeito ao cidadão contribuinte.

[...] “antes de ser um fenômeno econômico, o turismo é uma expressão social que envolve pessoas que se deslocam no tempo e no espaço em busca de prazer e diversão que atendam não apenas as suas necessidades físicas imediatas, mas também os seus imaginários” (GASTAL, 2002, p. 8).

6.3 TURISMO COMO FENÔMENO SOCIAL

O Turismo como fenômeno social está sustentado por uma extensa base teórica oriunda de várias áreas das ciências sociais. De fato, a interdisciplinaridade ou multidisciplinaridade do turismo transporta-nos para definições e explicações que envolvem a sociologia, a economia, a psicologia, a história, a antropologia, a geografia, e outras ciências fundamentais ao seu estudo. Todas estas áreas incorporam o fenômeno turístico dentro do seu contexto para explicá-lo com os seus instrumentos metodológicos e visões teóricas. A diversidade dos diferentes estudos na área do turismo reflete a interdisciplinaridade do seu objeto. “A interdisciplinaridade, fundamental à análise do turismo como fenômeno social, cultural, comunicacional, econômico e subjetivo, ultrapassa as fronteiras de uma única disciplina ou de um único campo do saber” (MOESCH, 2002. p. 14).

A objetividade do turismo em toda sua interdisciplinaridade, como fenômeno social também é reconhecida por todos os entrevistados. As ciências sociais precisam reconhecer a política como fundamental nesse processo. O objeto do nosso estudo: “A participação de pessoas idosas no mercado de trabalho do setor de turismo do Distrito Federal: Possibilidades e Limites” têm na subjetividade do turismo toda uma visão de sua multidisciplinaridade no contexto do turismo como fenômeno.

Na interação o idoso e o turismo estão a concepção de mundo em que vive o idoso na modernidade, as novas práticas sociais do fenômeno turístico e o papel dos sujeitos consumidores e produtores do turismo. A relação com o nosso objeto de estudo: “A participação de pessoas idosas no mercado de trabalho do setor de turismo do Distrito Federal: possibilidades e limites” nos remete a ideia de avançar na construção de categorias para a análise do fenômeno turístico na investigação interdisciplinar do nosso objeto.

É preciso dissecar o Turismo como fenômeno relacionado com o campo da sociologia, e analisá-lo como um fenômeno social. Implica, portanto, uma série de relações e mudanças sociais em todas as esferas da vida social (MARUJO, 2005. p. 21).

O Turismo pode ser compreendido como um fenômeno social. Separar o Turismo da visão de fenômeno social é impossível, levando-se em consideração a busca por melhor qualidade de vida, tão em voga na atualidade, considerando o modo do agir atual das pessoas.

Nos nossos dias, a sociologia detém um grande campo de intervenção no turismo, por ser um fenômeno social moderno que tem intervenção em temas tão diversos como: o bem-estar e a qualidade de vida, a cultura, a comunicação, os grupos sociais, o desenvolvimento, o encontro entre sociedades diferentes, a psicologia dos indivíduos... a exclusão social, a imigração, a estrutura demográfica... (MAZÓN, 2001, p. 20).

A Sociologia do Turismo procura estudar o comportamento do turista durante as viagens, as relações deste com as comunidades receptoras, e os impactos sociais que esta atividade provoca. Neste sentido, o autor argumenta que a Sociologia do Turismo “dedica-se a estudar o turismo em seus aspectos sociais e sua relação com a sociedade mais geral. Compreende-o como um fenômeno social, passível de ser estudado em seus aspectos particulares” (DIAS, 2003. p. 11, 12).

Se tomarmos como ponto de partida a referência de Émile Durkheim (1990) de que o objeto de estudo da sociologia são os fatos sociais, cujas características consistem nas maneiras de agir, pensar e sentir exteriores ao indivíduo, dotadas de um poder coercivo em virtude do qual se lhe impõem, então poder-se-á identificar o turismo como um fenômeno social. Ou seja, segundo Émile Durkheim, o fenômeno social faz parte do fato social, que pode ser político, econômico, etc., é externo às consciências individuais e exerce coerção sobre os indivíduos, ou seja, é regulador das suas ações. No caso das pessoas idosas concordamos até certo ponto, que os fatos sociais influenciam as suas atitudes no sentido de uma interação na sociedade do trabalho, ligadas também as suas decisões e impulsos de uma maior participação enquanto sujeitos políticos de fato e de direitos.

Ao assumir o papel de turista, por exemplo, o indivíduo toma atitudes que em seu dia-a-dia não assumiria. O fato social turístico apresenta, portanto, maneiras de agir, pensar e sentir que são exteriores ao indivíduo, e que se lhe impõe, pois são dotadas de um poder coercitivo específico. Da mesma forma, todas as interações que ocorrem no turismo compõem-se de ações provocadas pelo poder coercitivo de um tipo de fato social particular, que denominamos turismo (DIAS, 2003. p. 13).

O fenômeno turístico desperta interesse por vários motivos: causa um forte impacto nos indivíduos e grupos familiares que se deslocam, provoca mudanças no comportamento das pessoas e agrega conhecimento àqueles que praticam, permite comparação entre diversas

culturas, contribui para o fortalecimento da identificação grupal, é um meio de difusão de novas práticas sociais e aumenta as perspectivas de obtenção da paz pela compreensão e aceitação das diferenças culturais. Contribui, ainda, para a formação e a educação daqueles que o praticam. Neste âmbito, o turismo pode ser entendido como “... um fenômeno social que atualmente abrange o mundo inteiro do ponto de vista geográfico, e praticamente todas as camadas e grupos sociais” (BARRETO, 2007. p. 9).

Se por um lado, Durkheim (1990) engloba a sociedade na análise dos fenômenos sociais, considerando-a externa aos indivíduos e reguladora das suas ações, ou seja, a sociedade determina as interações sociais, Max Weber, por outro lado, defende que a sociedade deve ser compreendida baseando-se nesse conjunto de interações sociais, ou seja, Weber valoriza o papel dos indivíduos e as suas ações individuais. Deste modo, o ponto de partida de toda a Sociologia weberiana reside na “ação social” e no postulado de que a Sociologia é uma ciência “compreensiva”. A Sociologia “é uma ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la causalmente em seu curso e em seus efeitos” (WEBER, 1991. p. 3).

A sociedade determinando as ações sociais é um ponto de partida para interagir cidadão e sociedade, isso significa o valor do exercício da cidadania com mobilização social, com participação, também defendida por este trabalho.

Relacionando integração como política de uma sociedade e interação como uma ação mútua na execução de um exercício, como a inserção dos idosos no mercado de trabalho, a interpretação social de quem determina essas interações é compreendida através da ação social, o movimento, na declaração de um dos entrevistados.

O Turismo como fenômeno social, e fato social, também é fato político que é movido por ação e como ação pode dinamizar uma cultura, no caso específico a cultura do Turismo.

A sociedade é a soma das interações sociais. A sociedade como um coletivo dos indivíduos tem na ação social o entendimento das ações individuais, da ação coletiva da sociedade em suas causas, efeitos e consequências.

Assim sendo, tanto Émile Durkheim quanto Max Weber explica a sociologia do ponto de vista de uma ciência compreensiva. Nesta concepção a interação de idosos e idosas através do trabalho é compreendida enquanto sujeitos ativos na sociedade.

6.4 A CONTRIBUIÇÃO DO TRABALHO DAS PESSOAS IDOSAS NO MERCADO DE TRABALHO DO SETOR DE TURISMO

(Lírio, 70 anos): Escolaridade: Primário. Ocupação: Barman. Aposentado. Tempo de trabalhado: Trinta e oito anos.

O Distrito Federal ainda não apresenta estrutura para o turismo, falta respeito aos cadeirantes. Os hotéis em Brasília estão se aperfeiçoando, mas são muito caros. Os restaurantes em Brasília também estão se aperfeiçoando, mas são muito caros. O que mais chama a atenção para a atividade turística em Brasília é a catedral, o memorial JK e a ponte JK.

As cidades satélites e principalmente o entorno trazem a criminalidade e incham a cidade de Brasília, não contribuem para o crescimento do turismo do Distrito Federal. É possível sim viver com o trabalho do turismo no Distrito Federal, existem muitos hospedes políticos. A cidade de Brasília não está preparada para sediar os jogos da copa do mundo de 2014, nem vai dar tempo, vão ser iguais à África do Sul, os mesmos problemas de infra-estrutura.

Quanto à pretensão de sediar grandes eventos como as olimpíadas de 2016, considero que continua faltando infra-estrutura. Em minha opinião, todos estes eventos trarão oportunidades de emprego para os idosos/idosas, que já estão entrosados em algum evento, quem está fica, mas para entrar agora considero quase impossível.

(Rosa, 60 anos): Escolaridade: Secundário. Ocupação: Diretoria de Operações Comerciais. Anteriormente: Escotista – Voluntária. Não tem aposentadoria. Tempo de trabalhado: Quarenta e sete anos.

Em minha opinião o Distrito Federal apresenta estrutura para o turismo, apesar de suja. Quanto aos hotéis de Brasília, não saberia opinar, pois não frequento. Já quanto aos restaurantes, considero muito caro. O que mais chama a atenção para a atividade turística em Brasília são os monumentos, a sua arquitetura.

As cidades satélites e o entorno não acho que contribuam para o crescimento do turismo do Distrito Federal. Não considero que dar para viver do turismo no Distrito Federal. A vivência e a experiência dos idosos no mercado de trabalho contribuem para a formação dos mais jovens, sim. A cidade de Brasília ainda não está preparada para sediar os jogos da copa do mundo de 2014. Como também quanto à pretensão de sediar grandes eventos como as olimpíadas de 2016, considero também que a cidade ainda não está preparada. Falta segurança e faltam hospitais. Como vai receber turista; sem segurança e sem hospitais. Esses *eventos*

não trarão oportunidades de emprego para os idosos/idosas, e o motivo são as manifestações. Com as manifestações é praticamente impossível empregar idosos.

Para alguns entrevistados o Distrito Federal ainda não apresenta estrutura para o turismo, para outros dizem que sim. Os hotéis em Brasília são bons. Brasília tem bons restaurantes. O que mais chama a atenção para a atividade turística em Brasília é a arquitetura. O Setor Público e o Setor Privado deveriam investir mais no turismo rural. Somente para poucas pessoas é possível viver com o trabalho do turismo no Distrito Federal.

As cidades satélites e o entorno, para uns não contribuem para o crescimento do turismo do Distrito Federal, para outros sim. A cidade de Brasília continua despreparada para sediar os jogos da copa do mundo de 2014 é a opinião de alguns, já para outros sim, (desde que seja levado a sério). Quanto à pretensão de sediar grandes eventos como as olimpíadas de 2016, alguns consideram que sim é possível, ainda dá tempo, outros consideram preocupantes. Todos estes eventos trarão oportunidades de emprego para os idosos/idosas, devido a sua especialização de trabalho e de vida.

*A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se
Em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o visitante sentou na areia da praia e
disse:*

*“Não há mais o que ver”, saiba que não era assim. O fim de uma viagem é apenas o
O começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na
Primavera que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde
Primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de
lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para
repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem.*

Sempre.

José Saramago

VII - CAPÍTULO

“Nosso grande medo não é o de que sejamos incapazes”.

Nosso maior medo é que sejamos poderosos além da medida.

É nossa luz, não nossa escuridão, que mais nos amedronta.

Perguntamo-nos: “Quem sou eu para ser brilhante, atraente, talentoso e incrível?”.

Na verdade, quem é você para não ser tudo isso?...

Bancar o pequeno não ajuda o mundo.

Não há nada de brilhante em encolher-se

Para que as outras pessoas não se sintam inseguras em torno de você.

E à medida que deixamos nossa própria luz brilhar, inconscientemente.

“Damos às outras pessoas permissão para fazer o mesmo”.

Nelson Mandela

7.1 A PARTICIPAÇÃO DOS GÊNEROS IDOSOS E IDOSAS NO TRABALHO DO SETOR DE TURISMO

O presente capítulo aborda questões dos gêneros e desenvolve algumas referências sobre o feminismo e análises sobre a participação destas pessoas no trabalho do setor de turismo no Distrito Federal.

O mundo público e o mundo privado das mulheres é um mundo de ambigüidades porque o mundo público não foi preparado para receber as mulheres. As mulheres vivem o espaço público como um mundo ameaçador, porque é um mundo dos homens, regido ainda pela lei dos homens, ao qual elas teriam que se adaptar. Não há um mundo público concebido compatível com o mundo privado. Eles são excludentes, de certa forma, ou vêm sendo excludentes. O que a sociedade vem pedindo às mulheres, na modernidade, é quase o impossível, é um paradoxo. Pede-se a elas: sejam como os homens, na vida pública, mantenham-se mulheres, na vida privada. Ou seja, homens ou mulheres. Seja você mesma e o outro. É uma mensagem contraditória. Mas há uma hesitação (GOLDENBERG; TOSCANO, 1992, p. 66).

O público e o privado são campos diferentes para o homem e para a mulher. Esta cultura tanto ocidental quanto oriental está mudando, mas enquanto cultura leva um tempo para que haja

um entendimento único. O Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 - Desafios Atuais dos Feminismos realizado em Florianópolis, Santa Catarina, entre 16 a 20 de setembro de 2013, abordou essa questão, as mulheres estão procurando avançar nas suas reivindicações, pois há uma compreensão clara e o homem sabe disso: “O mundo já é das mulheres”.

A grande perplexidade segundo GOLDEMBERG; TOSCANO (1992) que as mulheres encontram em seguir o ensinamento: “seja você mesmo e o outro” continua sendo a barreira cultural ao longo dos anos há uma tradição na cultura dos homens e na cultura das mulheres, continua sendo dois mundos intocáveis, mas não se constitui apenas uma questão de adaptação, mas de exclusão. No seminário “Fazendo Gênero 10” percebemos esse sentimento, um sentimento de hesitação na transformação dessa teoria em prática.

O Brasil vive um momento de profundas contradições e de dificuldades, e as feministas não estão alheias a esse quadro de dissenso. A única possibilidade de superar as diferenças é a busca de um projeto comum. A luta feminista não é uma luta apenas da mulher, mas da sociedade como um todo, um projeto maior para a sociedade brasileira e até para a civilização. A bandeira das mulheres, hoje, é uma bandeira de crítica civilizatória, é também de uma crítica revolucionária e de afirmação de ética e de valores, de reconstrução de sentido, não é uma crítica apenas da sociedade, é uma crítica de civilização, algo muito mais profundo GOLDENBERG; TOSCANO (1992, p. 87, 88, 91, 92). Essa também foi uma das discussões em tema de debate ocorrido no “Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 - Desafios Atuais dos Feminismos realizados em Florianópolis, Santa Catarina, entre 16 a 20 de setembro de 2013.”

Todas essas contradições e dificuldades são árduas de resolver sem que haja um consenso nas discussões em torno do feminismo. A partir dos anos sessenta (60) há um caminho aberto nessa direção, pois a sociedade passou a ver essas questões como essenciais para o avanço da humanidade. Com base nesses avanços há uma crítica pós-moderna à antiga civilização, à antiga ética e a antigos valores. O mundo globalizado cobra essa mudança. É uma necessidade de uma nova ordem social. Nesse sentido as mulheres ou a civilização têm um aliado; o avanço tecnológico, sempre presente nas entrevistas e questionários do nosso trabalho.

O feminismo foi uma verdadeira revolução das mulheres. O termo revolução era utilizado com o sentido de algo que mexe com a estrutura a partir das suas bases, uma transformação que não se limita às aparências, mas questiona as raízes da condição social da mulher. Revolução que não se restringe ao espaço doméstico, mas atinge o cotidiano de cada homem e

de cada mulher, obrigando-os a rever os termos de suas relações. As relações de poder são muito forte nas relações de gênero, no sentido do empoderamento da mulher GOLDENBERG; TOSCANO (1992, p. 93). Essa também foi uma das discussões em tema de debate ocorrido no “Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 - Desafios Atuais dos Feminismos realizados em Florianópolis, Santa Catarina, entre 16 a 20 de setembro de 2013”.

Os anos 60 assistiram inúmeras manifestações e movimentos, tensões em eixos ideológicos, conflitos étnicos e, na América Latina, à ditadura militar. Pensamentos como o existencialismo de Sartre e o feminismo existencialista de Simone de Beauvoir penetravam nas universidades, levando o sujeito a uma aventura para dentro de si, refletindo sobre a sua condição humana e, inevitavelmente, sua posição na sociedade. As protagonistas de Coutinho (Sonia) estão imersas nessa atmosfera, indagando-se sobre a questão humana e defendendo a idéia de que a constituição do ser está relacionada à escolha que a pessoa faz sobre a sua vida, como afirmava Sartre, e que Beauvoir articulou à condição da mulher – a mulher enquanto sujeito responsável pelos seus atos e condutora de seu destino (LEIRO, p. 193)⁵⁶.

7.2 TRABALHO E GÊNERO

Considerando os conceitos de Gênero e Trabalho mencionados no Capítulo II, aqui teremos mais detalhada essas questões, observadas na nossa investigação.

O mundo do trabalho para a mulher se encontra, caracterizado por uma maior taxa de desemprego e uma menor taxa de atividade. O trabalho feminino se caracteriza por várias jornadas de meio período, trabalho por horas ou trabalho domiciliar. Para reduzir o custo da mão de obra e de produção, as empresas buscam cada vez mais a subcontratação e o trabalho domiciliar. Nestes casos, a mulher costuma ser a empregada, combinando seu trabalho e a sua atividade doméstica em seu domicílio, e assim a linha que divide o setor público do setor privado desaparece. As melhores condições de trabalho estão associadas às mulheres que buscaram novas alternativas de emprego, como as que constituíram uma pequena ou média empresa com a ajuda de algum subsídio por parte do Estado, as autônomas ou as que trabalham por conta própria (PARRAGUEZ, 2009, p. 360).

Ao analisarmos a reconstrução da identidade social da mulher idosa na modernidade, analisamos também estigmas e mudanças na crítica da análise do discurso, tanto da construção, quanto da reconstrução de sua identidade social na sociedade moderna.

⁵⁶ <http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/simone.pdf>

O mundo trabalhista não foi historicamente o espaço de intervenção da mulher idosa, nem da mulher em geral. O mercado de trabalho mudou, incorporou as mulheres como um contingente significativo, “fixou novos limites para entrar na velhice e redefiniu as fronteiras entre atividade e aposentadoria”. No ciclo vital, foram estabelecidas novas relações entre idade e experiência trabalhista. Manifestando-se diretamente na resignação dos tempos: tempos vitais e tempos de trabalho. A atividade trabalhista faz com que as pessoas de conexões sociais configurem uma determinada identidade social, penetrando na sua sociedade e participando dela reconhecidamente. A ocupação define, em grande proporção, a vida social dos indivíduos. O trabalho não só ocupa o tempo dos indivíduos, mas, muitas vezes, configura suas vidas, nas quais as atitudes de conduta e sociais que comporta depende, principalmente, da função trabalhista que desempenha, integrando os diferentes grupos sociais que constituem nossa sociedade moderna. O fato de a atividade trabalhista configurar grande parte de nossa vida, por um lado, e de que a sociedade pós-industrial não exija grandes esforços, nem signifique um grande desgaste físico, por outro, afeta e atua, necessariamente, sobre o fenômeno da aposentadoria e a experiência de vida da pessoa idosa (PARRAGUEZ, 2009, p. 367, 368).

Na sociedade industrial e na sociedade da comunicação, da informação, da tecnologia, são limites diferentes. Daí os limites na idade da mulher idosa no trabalho, pode ser pensado como limites prorrogados. Com isso o mercado de trabalho toma um novo impulso, não só com a participação da mulher idosa, mas com a mulher de todas as idades. A redução da jornada ou tempo de trabalho deve estar no centro das ações do mundo do trabalho hoje, e é também um ponto de vista que concordamos e defendemos em nosso trabalho.

É interessante conhecer a expectativa e a definição de “aposentadas” que as mulheres idosas fazem delas mesmas. O gênero, como classificação socioantropológica e como componente da identidade social das pessoas, cumpre um importante papel na compreensão e na explicação de tal processo vital. Já “o pensamento feminista propiciou o desenvolvimento de um corpus teórico que analisa detalhadamente os fortes vínculos entre o gênero e o envelhecimento, ressaltando de maneira crítica e lúcida as diferentes posições com relação ao poder e status de homens e mulheres na hierarquia social (PARRAGUEZ, 2009, p. 369).

Considerando a segunda colocação que diz respeito ao pensamento feminista percebeu-se na nossa pesquisa que o gênero e o envelhecimento têm forte vínculo, uma vez que tanto os entrevistados homens, quanto as entrevistadas mulheres se reconheceram enquanto atores sociais de suas vidas e experiências.

As desigualdades de gênero presentes na vida laboral normalmente se projetam na aposentadoria. A cultura com os costumes, sistemas de valores e visão do mundo estão estreitamente ligados ao processo de envelhecimento. Segundo o estudo de Bernard et al (1996), no caso das trabalhadoras idosas casadas, para a saída do mercado de trabalho ou a aposentadoria involuntária

se apresentam os seguintes motivos: Necessidades da empresa – reestruturações de quadro de funcionários, encerramento das atividades ou demissões -, deterioração da saúde da própria trabalhadora e, como citado anteriormente, as necessidades de cuidados e assistência a terceiros e razões familiares. Estas saídas são consideradas não voluntárias, logo são motivadas por causas externas e não relacionadas com as expectativas de idade de retirada ou aposentadoria das trabalhadoras idosas. Assim, na decisão da mulher de aposentar-se encontramos três elementos que parecem ser importantes: no Chile, e em outros países, a idade de aposentadoria das mulheres é anterior à dos homens; o papel de cuidar de alguém, e os benefícios da segurança social levam a considerá-las como dependentes. A saúde também constitui um fator que influi na aposentadoria, assim como a composição do lar e a realidade conjugal (PARRAGUEZ, 2009, p. 369).

A nossa pesquisa demonstra que existem desigualdades de gênero. Trata-se de mulheres aposentadas, idosas ou que continuam na ativa acumulando a dupla jornada de trabalho, muitas vezes cuidando de netos, além de terem sérios problemas de saúde.

Como também há tratamento diferenciado entre trabalhadoras solteiras e trabalhadoras casadas, trabalhadoras com filhos e trabalhadoras sem filhos. A necessidade do capital está sempre em primeiro lugar. A necessidade do trabalhador/a vem sempre em segundo plano, ou desconhecido, inclusive a sua saúde. Homens e mulheres não são máquinas, mas o capital os tratam como tal. Trabalhar em ritmo de fábrica significa não adoecer, significa trabalhar o máximo de horas possíveis. As questões sociais; como férias, licença de maternidade e até a aposentadoria muitas vezes não são respeitadas. O fator dependência é algo tido como ameaçador para ambos os sexos, pensar em aposentar é pensar nas conseqüências da invalidez, do abandono e das privações que possam ocorrer com essa nova fase da vida. Mas não é só com a mulher que ocorre essa falta de atenção, com o homem também, nesse sentido; homens e mulheres se igualam e se unem em sindicatos para a mesma luta, para a mesma organização e para a mesma defesa.

7.3 A PESSOA IDOSA

O estudo das pessoas idosas é um estrato da população brasileira que passou, não faz muito tempo, a ser objeto de maior atenção, tornando-se tema de pesquisas por parte do mundo acadêmico e motivo de maior preocupação para aqueles que concebem e gerenciam políticas públicas.

Há 50 anos, ficava-se velho aos 50. A aposentadoria chegava junto com as doenças, e fazer 100 anos, por exemplo, era tratado como um acontecimento mundial, com direito a inserção em livros de recordes. Hoje é comum encontrar calouros com mais de 70 anos iniciando um curso superior, buscando um novo casamento ou uma atividade produtiva. E completar 80, 90 ou mesmo 100 anos já não é grande novidade (OKAMOTTO, 2009, p.392).

O país com a maior expectativa de vida é o Japão, com uma média de 82 anos. A Islândia está bem próxima, com média de 81, seguida de Suíça, Austrália, Suécia, Itália, Canadá e Israel, com 80 anos. O Brasil tem hoje expectativa de vida de 72 anos – e a tendência, conforme registro dos últimos anos, é aumentar essa faixa etária (OKAMOTTO, 2009, p.392).

Países que desejam alcançar níveis maiores de desenvolvimento, melhorar as condições de vida de suas populações e a competitividade das suas empresas não podem fazê-lo sem um setor de serviços dinâmico e bem estruturado (OKAMOTTO, 2009, p.393).

“O desenvolvimento econômico dos países depende da eficiência com que as empresas conseguem atender à demanda de serviços da população e de como estes podem impulsionar as inovações na economia” (OKAMOTTO, 2009, p.393).

“O setor, como importante fornecedor de insumos tanto para a indústria e para o comércio como para outros serviços, tem função relevante no crescimento da economia e na geração de emprego” (OKAMOTTO, 2009, p.393).

Com o que trabalhar para atender as demandas desse contingente populacional em crescimento? A atenção com a saúde e com a qualidade de vida implica uma série de serviços que já demonstram tendência de crescimento em nosso mercado. Clínicas geriátricas, academias de ginástica, de dança e de terapias alternativas especializadas na terceira idade, nutrição, estética, turismo... “É muito extensa essa lista” (OKAMOTTO, 2009, p.393).

O turismo brasileiro, por exemplo, cresceu 20% em janeiro e fevereiro de 2009, quando comparado ao primeiro bimestre de 2008, e um dos nichos que impulsionaram esse crescimento foi justamente o da terceira idade, que pode comprar pacotes fora de temporada, nas chamadas épocas baixas, quando é preciso movimentar o setor (OKAMOTTO, 2009, p.393).

De acordo com os nossos entrevistados, a qualidade de vida também se obtém trabalhando, desde que tenha saúde para a tarefa escolhida. Para tanto há uma proporção para a realização desse projeto como sejam; ter tido uma infância, uma juventude e uma fase adulta, com uma alimentação saudável, ter feito exercícios físicos, além de atividades recreativas e de lazer. Seguindo a linha do nosso trabalho: “A participação de pessoas idosas no Mercado de Trabalho do setor de Turismo do Distrito Federal: possibilidade e limites”, esse idoso terá

todas as condições de atuar na atividade do turismo; quer trabalhando, quer fazendo turismo, pois com ambas as atividades estarão contribuindo para o engrandecimento do turismo.

7.4 O TRABALHO COMO FATOR DE QUALIDADE DE VIDA

A expressão “qualidade de vida” tornou-se um ideal perseguido pelas pessoas, como se fosse um produto a ser adquirido. O marketing de diferentes produtos utiliza esta expressão para apresentá-los como algo que vai levar o consumidor à plena felicidade. Então vemos qualidade de vida associada a carros, imóveis, roupas e muitos outros itens. Por outro lado, as empresas entenderam a importância de garantir a chamada qualidade de vida aos seus empregados, de forma a retê-los e mantê-los felizes e saudáveis em seus quadros. Esta visão gera inúmeros programas semelhantes em inúmeras empresas, oferecendo atividades físicas, projetos culturais e eventos para integração dos empregados. Por outro lado, com o aumento da expectativa de vida gerado pelos avanços da medicina, surge, tanto nas empresas quanto na esfera social e de saúde dos governos, o interesse em garantir o que consideram que seja a qualidade de vida dos idosos. Finalmente, pretende-se mostrar a importância e a possibilidade de investir em programas de qualidade de vida no trabalho voltado para as pessoas idosas, aliados as ações de responsabilidade social empresarial (PEDROSA, 2009, p. 459).

As diferentes formas de aplicar a expressão qualidade de vida nos leva à necessidade de buscar referências teóricas e práticas institucionais que situem qualidade de vida no trabalho e na pessoa idosa PEDROSA (2009, p. 460). Com nossa pesquisa identifica-se que os idosos e idosas declaram que mesmo enfrentando problemas de saúde e acúmulo de atividades não reclamam da falta de qualidade de vida.

Lyndon Johnson, então presidente dos Estados Unidos, foi o primeiro a empregar a expressão qualidade de vida, ao declarar em 1964, que “os objetivos não podem ser medidos através do balanço dos bancos. Eles só podem ser medidos através da qualidade de vida que proporcionam às pessoas” (PEDROSA, 2009, p. 460).

A Primeira Conferência Internacional sobre a Promoção da Saúde, realizada em Ottawa em 21 de novembro de 1986, gerou a Carta de Ottawa – um dos documentos mais importantes que se produziram no cenário mundial sobre o tema da saúde e da qualidade de vida. A Carta afirma que são recursos indispensáveis para se ter saúde: paz, renda, habitação, educação, alimentação adequada, ambiente saudável, recursos sustentáveis, equidade, justiça social (PEDROSA, 2009, p. 460).

A definição da Organização Mundial da Saúde (OMS) é uma referência obrigatória para entender como se desenvolveram vários conceitos e práticas relacionadas à qualidade de vida. O Grupo de Qualidade de Vida da Divisão de Saúde Mental da OMS definiu qualidade de vida como “a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto de cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (WHOQOL Group, 1994), (PEDROSA, 2009, p. 460/461).

A qualidade da saúde dos homens e das mulheres ficou demonstrada nas entrevistas como sinônimos de qualidade de vida. A preocupação com a saúde é uma constante nos idosos, o próprio aprendizado ao longo dos anos e um eventual descuido na juventude levam-os a esse cuidado e a essa precaução.

É interessante notar que este conceito já nos coloca numa perspectiva bastante subjetiva sobre a definição de qualidade de vida. Adianta-nos que cada sujeito terá uma percepção única e exclusiva de sua qualidade de vida e que esta é influenciada por fatores externos e internos (PEDROSA, 2009, p. 461).

A expressão terceira idade surge na década de 90, no seio da publicidade de cosméticos, em revistas brasileiras voltadas para o público feminino que evitam a palavra velhice em seus anúncios publicitários (PALACIOS, 2004 *apud* PEDROSA, 2009, p. 465).

“Emerge, convivendo com a interpretação tradicional, uma segunda visão, que aponta para a existência de uma terceira idade”. O numeral ordinal terceira nos remete a uma compreensão de sucessibilidade, ou seja, à existência de fases anteriores: a primeira e a segunda idade. A terceira idade é postulada como o ponto culminante de uma linha abstrata, convencionalmente instituída como condutora da vida. Estaria posicionada subsequentemente a uma segunda idade, que compreende a maturidade, e uma primeira idade, que compreende a infância. Ainda que aponte para a etapa final da vida, a nomenclatura terceira idade faz desaparecer a alusão direta a vocábulos tão semanticamente marcados, como velhice, senilidade e envelhecimento (PEDROSA, 2009, p. 466).

Talvez pela grande utilização da expressão terceira idade, hoje, em todos os contextos, e não só na publicidade, novas expressões começam a surgir, como Idade Dourada, Idade de Ouro, Melhor Idade e outros termos e mesmo trocadilhos para substituir as palavras tradicionais que traduzem a condição de pessoas com mais de 60 anos (PEDROSA, 2009, p. 466).

Na percepção de qualidade de vida na terceira idade, há uma grande influência do fator preconceito em relação à condição de idoso. Interessante notar que o uso da palavra “velho” não só é evitado como repudiado em campanha desenvolvida pela Promotora do Idoso do Ministério Público Estadual do Rio de Janeiro, em que se lê: “Velho é o seu preconceito”. A mudança da palavra não muda a condição e certamente não muda a

percepção que o idoso tem de sua qualidade de vida (PEDROSA, 2009, p. 466).

Assim verificamos que percepção de qualidade de vida para o idoso envolve outras questões além daquelas normalmente consideradas pelo adulto saudável. É preciso considerar também que visão o idoso tem da faixa etária a que pertence e que percepção ele tem da forma com as pessoas em torno dele percebem esta idade. Isto influencia diretamente sua autoestima e sua percepção de qualidade de vida (PEDROSA, 2009, p. 466).

Em função da relação estreita entre auto-imagem e qualidade de vida do idoso, pode-se afirmar que uma percepção positiva da própria idade, aceitando-a não como o fim da vida, mas como um estágio do viver, pode prolongar a vida deste idoso e mesmo melhorar suas condições de saúde (PEDROSA, 2009, p. 466).

Um projeto de preparação para a aposentadoria acompanha o empregado um período antes da aposentadoria e algum período depois, de forma a garantir qualidade de vida nesse período. Obrigatoriamente, são incluídas atividades que possam adaptar o aposentado à rotina de uma casa – ele que, antes, só participava dessa rotina em finais de semana (PEDROSA, 2009, p. 467).

São inegáveis os benefícios que advêm, para o empregado, de um programa de preparação para a aposentadoria, mas naturalmente vem a pergunta sobre os benefícios que podem advir para a empresa que o implanta. Ainda que recente, o conceito de Responsabilidade Social Empresarial (RSE) está bastante difundido nas grandes empresas brasileiras e tem gerado uma postura mais responsável em suas ações (PEDROSA, 2009, p. 467).

Ainda com referência ao quadro da pesquisa, os idosos e idosas revelam que a qualidade de vida depende de cada um, na busca da autoestima procurando seguir as regras da boa saúde; como o cuidado com a alimentação, exercício físico, não fumar, não tomar bebidas alcoólicas, procurando assim levar uma vida saudável.

7.5 O CONCEITO DE GÊNERO

É necessário entender o gênero enquanto uma categoria de análise, relativizando o que entendemos por homens e mulheres (e não só inserindo-os como categorias já dadas) e nos aprofundamos nas maneiras como o corpo, o sexo e a biologia são “generificadas”, ou seja, trazidos para a prática social, para a história, ao invés de permanecerem intocáveis na natureza, que nos é apresentada como a-histórica, essencial e imutável.

Joan Scott *apud* Senkevics (2012) se interessa pelas formas como se constroem significados culturais para essas diferenças, dando sentido para essas e, conseqüentemente, posicionando-as dentro de relações hierárquicas. As relações sociais e as relações entre homens e mulheres são tratadas com a possibilidade de nos aprofundar nos sentidos construídos sobre os gêneros masculinos e femininos, transformando “homens” e ”mulheres” em perguntas, e não em categorias fixas.

Para Joan Scott *apud* Senkevics (2012) essa construção se dá no universo simbólico que organiza socialmente aquilo que podemos enxergar nos corpos, nas relações sociais entre homem e mulher.

Joan Scott (1995) esquematizou uma forma de se pensar gênero, a partir de uma crítica a outras concepções: concepções econômicas, políticas e sociais, concepção da construção do gênero, concepção das relações de poder, concepção das transformações e das mudanças provocadas pelas relações do saber. Inclusive a do sexo/gênero, que em sua opinião, era incapaz de historicizar a categoria sexo corpo. Assim Scott (1995) reforça uma utilidade analítica para o conceito de gênero, para além de um mero instrumento descritivo, e chama a atenção para a necessidade de se pensar na linguagem, nos símbolos, nas instituições e sair do pensamento dual que recai no binômio homem/mulher, masculino/feminino.

Uma vez que gênero é um saber e, entendendo que saber e poder nunca estão dissociados, gênero tem um sentido eminentemente político. Nesse ponto, chegamos à definição mais precisa da autora: (1) gênero é construído sobre a base da percepção sexual e (2) gênero é uma forma primária de dar sentido às relações de poder (SCOTT, 1995)⁵⁷.

Conforme Guita Grin Debert: “A defesa da igualdade ou a oposição às formas de hierarquia entre os sexos dá um substrato comum ao feminismo, seja na defesa do direito à igualdade ou do direito à diferença” (DEBERT, 2005, p.64).

A área de estudos de gênero é também um campo plural, não apenas por causa de seu caráter multidisciplinar, mas, sobretudo, em razão das polêmicas apresentadas nos encontros científicos, nas publicações e nos debates que marcam os programas de investigação que caracterizam os centros de pesquisa (DEBERT, 2005, p. 66).

⁵⁷ <https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2011/11/07/>

O que faz a diferença entre estudos de gênero e estudos de mulher? O que quer dizer gênero? Quais são os temas a serem pesquisados e os instrumentos conceituais a serem adotados na pesquisa? O que estes estudos podem dizer de novo para a história, para a antropologia, para a ciência política e para as outras disciplinas que compõem esse campo pluridisciplinar (DEBERT, 2005, p. 66)?

A categoria gênero foi promovida pelo feminismo precisamente para criticar e rejeitar a definição tradicional da natureza da mulher através do sexo biológico. As diferenças biológicas não proporcionam uma base universal para a elaboração de definições sociais, por isso “mulher” não é uma categoria analítica para a pesquisa antropológica. Não há mulheres que não sejam frutos de significados históricos e sociais. Do mesmo modo, não podem existir conotações analíticas em expressões tais como “situação da mulher”, “subordinação da mulher”, “dominação masculina” (DEBERT, 2005, p. 69).

A nosso ver quando Guita Grin Debert rompe com o senso comum, o estudo do gênero fica mais claro no sentido de podermos avançar na construção científica do gênero. A contribuição da antropologia feminista ao feminismo contemporâneo está na importância da comparação e no reconhecimento da centralidade do conceito de diferença (DEBERT, 2005).

Ser idoso ou ser idosa, no mercado de trabalho, conforme as nossas pesquisas mostram a formação do caráter de uma época, de um período de nascimento dos nossos entrevistados, quer seja da década de 50, de 40 ou de 30. A moral, a educação, o civismo, a religião, a organização social de um povo, na sua socialização e na sua formação de personalidade e de identidade, estão acima do entendimento de gênero ou de sexo.

Para Helena Hirata: Inicialmente, a divisão sexual do trabalho tinha o estatuto de articulação de duas esferas. Porém, essa noção de articulação logo se mostra insuficiente, o que nos levou a um segundo nível de análise: a conceituação dessa relação social recorrente entre o grupo dos homens e o das mulheres. Essa foi à origem do que nós, francesas, chamamos de “relações sociais de sexo”. (Não desenvolveremos essa noção, pois esse não é nosso objetivo aqui, embora, na França, ela seja indissociável da teorização em termos de divisão sexual do trabalho), (HIRATA, KERGOAT, 2007. p. 599).

De acordo com Britto da Motta:

O conceito de gênero é fundamental em qualquer análise da vida social que se faça. Como expressaram muito bem Malu Heilborn e Bruna Franchetto em um dos seus primeiros trabalhos, é “um ângulo de leitura do mundo”. Todo mito fundador é ao mesmo tempo, uma história de relações de gênero. Até alcançarmos à plena percepção de que essas relações complementares

são ao mesmo tempo desiguais, constituindo formas de exercício de poder e dominação, rolou a história da humanidade. E nesta luta continuamos. Mas acho que é o caso da geração, também (BRITTO DA MOTTA)⁵⁸.

De acordo com Britto da Motta, o nosso trabalho tem em comum alguns pontos: No que se diz respeito a gênero a autora afirma que:

A divisão emocional das mulheres enquanto donas-de-casa, patroas ou empregadas domésticas, sempre esteve no horizonte das minhas preocupações teóricas (1985b, 1986). As situações se dão assim: Mulheres, esposas, enquanto gênero são social e familiarmente subordinadas. Como empregadas domésticas e empregadoras, enquanto gênero é considerado de “natureza” social comum; enquanto classes são antagonistas. “Nas práticas cotidianas, predomina o cenário sempre mutável, composto por quadros de oposição ou de aproximação que, mesmo historicamente consolidados, se renovam sempre. É uma relações de poder” (BRITTO DA MOTTA, 1986)⁵⁹.

Na nossa pesquisa observamos que a dupla jornada de trabalho das mulheres ainda não é reconhecida pelos homens e já há pouca participação destes na divisão do trabalho doméstico. Neste sentido identificam-se alguns pequenos avanços na consciência masculina.

Com referência a velhice, de acordo com as considerações de Britto da Motta:

A vez dos idosos ainda está chegando. Marcados pelo afastamento do mercado de trabalho e por uma fragilidade física bem mais pesadamente atribuída que a real, na modernidade capitalista, de tecnologia avançada, sofisticada e de rápida obsolescência de modelos – inclusive de comportamento – seus gestos mais lentos e lembranças de tempos talvez mais tranquilos também os tornavam rapidamente descartáveis para a vida social. Pelo menos no Ocidente, e particularmente em países do Terceiro Mundo, parecia não haver mais lugar para eles (BRITTO DA MOTTA, 1999, p. 171, 172).

7.6 RELAÇÕES DE GÊNERO

Quanto às relações de gênero, as pessoas entrevistadas têm várias opiniões: algumas delas disseram que os direitos das mulheres não são respeitados pelos homens. Outras entendem por relações de gênero situações relacionadas a existência de discriminação destinadas as

⁵⁸ http://www.jornaliaras.ufpa.br/index.php?option=com_content&view=article&id=136%3Aentrevista-alda-britto-da-motta&catid=10%3Aedicao-8-janeiro--fevereiro-2013&Itemid=13

⁵⁹ <http://www.cadernocrh.ufpa.br/include/getdoc.php?id=1330&article=362&mode=pdf>.

mulheres. As demais acham que as mulheres são muito discriminadas, e que na divisão do trabalho entre homens e mulheres, os direitos delas não são respeitados.

Em nossa pesquisa cujos resultados teceremos maiores considerações no capítulo referente às análises indicam que existem possibilidades de participação dos gêneros homens e mulheres, idosos e idosas, no setor de trabalho do turismo no Distrito Federal. Neste sentido nomeadamente as mulheres encontrem limites e enfrentem desafios com maior frequência.

7.7 - A CONTRIBUIÇÃO DO TRABALHO DAS PESSOAS IDOSAS NO MERCADO DE TRABALHO DO SETOR DE TURISMO - ANÁLISES

(Lírio, 70 anos): Escolaridade: Primário. Ocupação: Barman. Aposentado. Tempo de trabalhado: 38 anos.

Sobre o trabalho e gênero o entrevistado tem pontos de vista antagônicos: considera que as possibilidades de inserção do idoso no mercado de trabalho se dão com uma indicação de pessoas que exerçam relações de poder, onde o empregado venha a se inserir em um determinado contexto de acordo com suas influências e observa que homens e mulheres devem ter direitos iguais. Os direitos das mulheres não são respeitados pelos homens e os homens ganham mais que as mulheres.

Na divisão sexual do trabalho e suas transversalidades entre as dimensões de classe e gênero: Vivencia-se um aumento significativo do trabalho feminino, que atinge mais de 40% da força de trabalho em diversos países avançados e tem sido absorvido pelo capital, preferencialmente no universo do trabalho *part time*, precarizado e desregulamentado. No Reino Unido, como já vimos o contingente feminino superou recentemente o masculino na composição da força de trabalho. Sabe-se que esta expansão do trabalho feminino tem, entretanto, significado inverso quando se trata da temática salarial, terreno em que a desigualdade salarial das mulheres contradita a sua crescente participação no mercado de trabalho. Seu percentual de remuneração é bem menor do que aquele auferido pelo trabalho masculino. O mesmo frequentemente ocorre no que concerne aos direitos e condições de trabalho (ANTUNES, 2009, p. 105).

(Rosa, 60 anos): Escolaridade: Secundária. Ocupação: Diretoria de Operações Comerciais. Anteriormente: Escotista – Voluntária. Não tem aposentadoria. Tempo de trabalho: 47 anos.

No que diz respeito ao gênero, a entrevistada acha que há muita imposição por parte do homem sobre as mulheres. Há muito machismo.

Há, ainda assim, vertentes bastante distintas em suas definições de quais são esses obstáculos, em suas considerações sobre o valor da autonomia e, em uma terceira aproximação, em seus entendimentos de quais são os requisitos para que as preferências e ações dos indivíduos sejam consideradas autônomas. No primeiro caso, é significativa a diferença entre a ênfase na ausência de coerções e na “consciência” da igualdade, mais próxima do enquadramento liberal para os obstáculos à autonomia, e a ênfase nas desigualdades estruturais e em seus componentes materiais. A crítica que enfatiza as desigualdades estruturais, colocando em xeque a identidade comum das mulheres, contesta entre outras coisas a equivalência entre “dor psicológica” e “privação material” Hooks (1984, p. 62). Em outras palavras, poderíamos situar aqui uma demanda pela clara diferenciação entre o problema da internalização dos padrões e estereótipos da feminidade, ainda que se tenha clareza das desvantagens a eles associadas, e o problema da pauperização e vulnerabilidade ampliada das mulheres” (BIROLI, 2013, p. 32, 33).

*“O tempo é muito lento para os que esperam,
Muito rápido para os que têm medo,
Muito longo para os que lamentam,
Muito curto para os que festejam.
Mas, para os que amam, o tempo é eternidade...”*

William Shakespeare

VIII - CAPÍTULO

*“A religião, a sociedade, a natureza: são as três lutas do homem.
 Estas três lutas são ao mesmo tempo as suas três necessidades;
 Precisa crer, daí o tempo; precisa criar, daí a cidade; precisa viver, daí a charrua e o navio.
 Mas há três guerras nestas três soluções.
 Sai de todas as misteriosas dificuldades da vida.
 O homem tem de lutar com o obstáculo sob a forma de superstição,
 Sob a forma preconceito e sob a forma elemento.
 Triplica ananke pesa sobre nós,
 O ananke dos dogmas, o ananke das leis, o ananke das coisas.*

Victor Hugo

8.1 A CONTRIBUIÇÃO DO TRABALHO DAS PESSOAS IDOSAS NO MERCADO DE TRABALHO DO SETOR DE TURISMO - ANÁLISES

8.1.1 Introdução

Conduzir por ordem os pensamentos, começando pelos mais simples e pelos mais fáceis de conhecer o pensamento de cada um, pouco a pouco, como por degraus, organizando as idéias a partir do simples para o composto, do singular para o plural, do elementar para o complexo, para aos poucos ir adquirindo o saber e o poder de cada categoria, para aos poucos ir adquirindo o conhecimento, acumulando o capital das análises, socializando, humanizando essas avaliações.

“A arte de bem exprimir o pensamento consiste em saber ordenar as ideias. Ordem que dá clareza a toda a comunicação”. Da reflexão passa-se ao plano. O plano é o itinerário a seguir: um ponto de partida, onde se indica o que se quer dizer, e outro de chegada, onde se conclui. (BOAVENTURA, 2003, p. 07). Com base nestas reflexões, este capítulo objetiva mostrar como os entrevistados percebem sua participação enquanto pessoas idosas trabalhadoras no setor de turismo.

A análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação. A análise de conteúdo como método, não possui qualidades mágicas e raramente se retira mais do que nela se investe e algumas vezes até menos; no fim de contas, nada há que substituir as ideias brilhantes (BARDIN, 1977, p. 19, 20).

Quadro 1 – Quadro dos /as entrevistados/as

NOMES	IDADE	SEXO	ESCOLARIDADE	OCUPAÇÃO ATUAL	JÁ APOSENTADO
Antúrio	77	M	SUPERIOR	DIRETOR COMERCIAL	SIM
Cravo	68	M	PRIMÁRIO	MENSAGEIRO	SIM
Crisântemo	63	M	SUPERIOR	ENCARREGADO DE COBRANÇA	SIM
Angélica	69	F	SUPERIOR	SÍNDICA	SIM
Girassol	80	M	PRIMÁRIO	TÉCNICO DE MANUTENÇÃO	SIM
Acácia	60	F	PRIMÁRIO	TAXISTA	NÃO
Cerejeira	61	F	SUPERIOR	PRESIDENTE DE UMA COOPERATIVA HABITACIONAL	SIM
Margarida	62	F	SUPERIOR	GOVERNANTA	SIM

Lírio	70	M	PRIMÁRIO	BARMEN	SIM
Rosa	60	F	SECUNDÁRIO	DIRETORA DE OPERAÇÕES COMERCIAIS	NÃO
TOTAL					

Fonte: pesquisa do autor.

Interpretando os conteúdos do quadro apresentado acima, foram aplicados dez questionários sendo cinco com pessoas do sexo masculino e cinco com o feminino. As pessoas entrevistadas depositaram total confiança no pesquisador, tivemos o maior cuidado, preservamos suas identidades e salvaguardando seus verdadeiros nomes.

A faixa etária variou entre 60 a 80 anos, sendo três pessoas do sexo masculino na faixa de 70 anos e um com 80 anos. Os demais estão na faixa de 60 a 69 anos, sendo dois homens e cinco mulheres. Verifica-se que o maior percentual de mulheres entrevistadas está nesta faixa etária. Quanto à escolaridade, cinco pessoas possuem o nível superior, três são mulheres e dois são homens. No nível secundário apenas uma mulher, no nível primário dois homens e duas mulheres. No que se refere à ocupação dos cinco homens entrevistados um é diretor comercial, outro técnico em manutenção, um encarregado de cobrança, um mensageiro, e um *barman*. Sobre a ocupação das mulheres entrevistadas variam entre síndica, taxista, governanta, e as outras duas; uma é diretoria de operações comerciais e a outra é presidente de uma cooperativa habitacional. Quanto à condição dos entrevistados enquanto trabalhadores apenas duas mulheres não estão aposentadas.

8.2 CONDIÇÕES DE TRABALHO

Passamos a descrever e analisar estas questões a partir de vários depoimentos identificados dos entrevistados.

(Antúrio, 77 anos): Escolaridade, Superior. Ocupação, Diretor Comercial, Aposentado. Tempo de trabalhado: 60 anos.

Analisando o sentido do trabalho na visão do entrevistado percebe-se a importância que esse idoso dá a sua vida mediante o trabalho, a participação ativa no mercado de trabalho, que segundo Antunes: “a longa história da atividade humana, em sua incessante luta pela sobrevivência e felicidade social, o trabalho é, em si e por si, uma atividade vital” (ANTUNES, 2009, p. 12).

(Cravo, 68 anos): Escolaridade: Primário. Ocupação: Mensageiro. Aposentado. Tempo de trabalho total: 55 anos

Analisando o depoimento do respondente senhor Cravo percebe-se a valorização que se dá ao trabalho e a importância de estar no mercado de trabalho na área de turismo. O trabalho segundo Antunes: “Emancipa e aliena, humaniza e sujeita, libera e escraviza, converte o estudo do trabalho humano numa questão crucial de nosso mundo e de nossas vidas neste conturbado século XXI, cujo desafio maior é dar sentido autoconstituente ao trabalho humano e tornar nossa vida fora do trabalho também dotada de sentido” (ANTUNES, 2009, p. 12).

(Crisântemo, 63 anos): Escolaridade: Superior. Ocupação: Encarregado de Cobrança. Aposentado. Tempo de trabalhado: 35 anos.

Para este entrevistado, o trabalho lhe dá prazer, pratica o lazer, valoriza o entretenimento, considera a experiência como possibilidade para a inserção do idoso no mercado de trabalho, desempenha bem suas funções e passa para os outros sua experiência. Como atividade cultural, gosta de música, de cinema e de dançar.

(Angélica, 69 anos): Escolaridade: Superior. Ocupação: Síndica. Aposentada. Tempo de trabalho: 30 anos. Outras atividades: Empresária – Firma de Treinamento e Liderança. Trabalho limites.

Sente-se bem no local de trabalho. O trabalho lhe dá prazer. Esta declaração em termos de trabalho encontra ressalvas nas afirmações de “Antunes”: “Nas últimas décadas a sociedade contemporânea vem presenciando profundas transformações, tanto nas formas de materialidade quanto na esfera da subjetividade, dadas as complexas relações entre essas formas de ser e existir da sociabilidade humana” (ANTUNES, 2009, p. 17).

Verifica-se que os limites de idade para o mercado de trabalho e a satisfação de trabalhar, de contribuir, de colaborar, de ter o seu próprio resultado do trabalho e da renda é um processo de uma construção social do trabalho.

(Girassol, 80 anos): Escolaridade: Primário. Ocupação: Manutenção. Aposentado. Tempo de trabalhado: 53 anos.

Para ele os indivíduos da terceira idade necessitam de uma oferta compatível com sua disponibilidade de tempo e de recursos, além de um atendimento específico no que tange às suas características específicas e adequadas às suas capacidades físicas, psíquicas e sociais. Por outro lado, vale lembrar o potencial econômico da terceira idade e o impacto causado sobre os setores produtivos, incluindo-se aí o turismo (SOUZA; JACOB FILHO; SOUZA, 2006, p. 10).

(Acácia, 60 anos): Escolaridade: Primário. Ocupação: Taxista. Local de Trabalho: Praça de Brasília – DF. Outras funções: Comerciante. Tempo de serviço trabalhado: 22 anos.

Sente-se bem no local de trabalho. Tem lazer, valoriza o lazer e o entretenimento. O seu trabalho lhe dar muito prazer. Considera que não existem limites no trabalho ou para encontrar um trabalho. Depende de cada um. Viaja com seus passageiros. O seu trabalho já é uma viagem. Considera a viagem um investimento. A educação recebida foi muito importante em todos os aspectos, em tudo que seus pais lhe puderam ensinar. É autônoma no seu local de trabalho. Considera-se uma boa profissional, pois tem vários passageiros. Sente-se bem aceita pelos colegas de trabalho e sente-se incluída no grupo no qual trabalha. Quanto ao senso de realização do seu trabalho considera que usa de seus talentos. Gosta de música. Como conforto considera; saúde, paz, família e trabalhar muito.

Vários fatores já citados possibilitam que as pessoas cheguem à terceira idade atualmente com melhor qualidade de vida do que antigamente. Entre esses, podem ser citados os progressos da medicina e os sistemas de atendimento à população. Nem mesmo a OMS (Organização Mundial da Saúde) conseguiu trazer solução para essa questão (envelhecimento e qualidade de vida). Na tentativa de contribuir para a uniformização desse conceito, a OMS publicou que “qualidade de vida é a percepção de cada indivíduo acerca de sua posição no mundo, de acordo com seu contexto cultural e sistema de valores e em relação a seus objetivos, normas expectativas e interesses” (OMS, 1985). A análise detalhada dessa definição permite diferentes interpretações e envolve tão grande número de variáveis que torna sua aplicabilidade prática muito limitada. Fica, porém, a certeza de que a qualidade de vida deve refletir uma avaliação individual de si mesmo em confronto com o ambiente que o cerca (SOUZA; JACOB FILHO; SOUZA, 2006, p. 23, 24).

A entrevistada é otimista, em suas afirmações, não reclama da saúde, trabalha com o que gosta, sente-se estimulada a levar uma vida alegre, mas que quanto ao gênero considera que ainda há discriminação quanto a categoria mulher pelo fato de ser taxista e desenvolver uma atividade que comumente é exercida pelos homens, mas ela é destemida quanto à ocupação deste espaço, mesmo com os desafios ela vai enfrentando e seguindo forte.

O impacto das formas cotidianas de opressão na produção das preferências das mulheres, e nas escolhas que são efetivamente realizadas, permanece como um problema mesmo quando não há normas exclusivas baseadas no sexo. Consideradas as hierarquias de gênero e o modo como funcionam no cotidiano das sociedades, não é necessário haver restrição à liberdade, coerção ou controle direto de um homem sobre uma mulher para que existam obstáculos distintos ao exercício da autonomia para mulheres e para homens. O entendimento amplamente presente nas teorias feministas de que a agência toma forma em contextos concretos, em redes de relações que não permitem considerar os indivíduos isoladamente e de maneira abstrata, abre uma agenda bastante produtiva para a análise das variáveis que definem as possibilidades de autodeterminação em sociedade que são, ao mesmo tempo, democráticas e desiguais (BIROLI, 2013, p. 32).

(Cerejeira, 61 anos): Escolaridade: Superior – (Formada em Estudos Sociais com Licenciatura Plena – Professora – Com Especialização em Cooperativismo e com Pós Graduação em Gestão Ambiental). – Tem a pretensão de fazer curso na área de Meio Ambiente. Aposentada do INSS e Fundo de Pensão. 40 anos trabalhados.

Sente-se bem aceita no trabalho. Não tem lazer. No entanto valoriza o lazer e o entretenimento. Considera que o trabalho lhe dá prazer. Entende que a experiência e a capacitação são os requisitos necessários para se inserir no mercado de trabalho. Os limites para se encontrar um trabalho é a busca por um emprego mais diplomático. Costuma viajar. Considera a viagem um investimento, porque enriquece o intelecto. A educação recebida foi importante no sentido do grande aprendizado para a vida, para a boa comunicação, para observar e viver melhor.

A entrevistada tem pretensão de trabalhar com a área de turismo, a mesma vê potencial no setor e acredita que é possível ganhar dinheiro fazendo algum investimento. Os idosos estão cada vez mais conscientes de que a busca de novos interesses é extremamente saudável e que o isolamento e o sedentarismo são fatores de risco para a saúde, especialmente para quem tem maior tendência a problemas como a depressão. Essa população reconhece que desenvolver

projetos pessoais ajuda a viver mais e que a participação em projetos de lazer é uma forma de melhorar a qualidade de vida. As viagens podem ser uma atividade agradável para esta fase da vida, uma vez que, na atual sociedade, a maioria das pessoas considera difícil armazenar experiências e conhecimentos e transmitir experiência acumulada a seus descendentes. Encontrar novos interesses, novos modos de manter-se ocupado, para poder crescer por meio de movimentos, poderá ser um dos objetivos da pessoa idosa (SOUZA; JACOB FILHO; SOUZA, 2006, p. 37, 39).

(Margarida, 62 anos): Escolaridade: Superior. Ocupação: Governanta. Aposentada. Tempo de trabalhado: 36 anos.

Considera que são difíceis as possibilidades de inserção do idoso no mercado de trabalho, mas que não são impossíveis. Ouvimos muitas afirmações na sua entrevista, cujos conteúdos estão em consonância com os alguns aspectos fundamentais sobre gênero tratados por, Scott, Beauvoir, Britto da Motta, Helena Hirata, Camarano, Saffioti, sobretudo no que se refere às inter - relações sociais dos dois gêneros e as experiências de vida, vivenciadas por idosos/idosas.

Remetamo-nos a Beauvoir, a qual declara que “Amam-se os filhos com generosidade, se aprova o caminho que escolheram, pode pensar com satisfação que se prolonga neles.” Mas, dado o fosso que geralmente separa as gerações esse caso é bastante raro. Quase sempre, o pai não se reconhece em seu filho. O nada toma conta dele todo (BEAUVOIR, 1970, p. 468). Mas, a entrevistada não vê o idoso, nem a família nesta realidade, mas acredita que existem diversos desafios a enfrentar quanto a se construir uma relação de compartilhamento no grupo familiar.

(Lírio, 70 anos): Escolaridade: Primário. Ocupação: Barman. Aposentado. Tempo de trabalhado: 38 anos.

Sente-se bem no local de trabalho, o trabalho é uma grande vitamina. Não tem lazer. Valoriza o lazer e o entretenimento. O trabalho lhe dá prazer. O trabalho é um milagre.

Considera que as possibilidades de inserção de idosos no mercado de trabalho, se dá com um pistolão. Os limites de idade para encontrar um trabalho são: para o homem a idade (com indicação, sem indicação impossível), e para a mulher a beleza e não ser negra. Costuma viajar. Acha que a viagem é uma terapia muito boa. Para ele a viagem é um investimento, um divertimento e uma terapia. Quanto à educação recebida foi importante: “meu velho pai me

dizia: vá com a verdade. Dinheiro e coragem digam sempre que não tem. Considera-se um bom profissional. O dono do hotel me aprova, sem nenhuma advertência, portanto sou sim um bom profissional”. Quanto à inclusão social da pessoa idosa: “sente-se aceito pelos amigos, sente-se incluído no grupo, no local de trabalho. Quanto ao senso de realização profissional faço a coisa certa, uso sempre à verdade”.

Como atividade cultural gosta muito de música e gosta de dançar. Como conforto, considera ter dinheiro e não se exhibir. A violência em Brasília existe e a solução para esse problema é um contingente militar, fechar as fronteiras contra a droga e fiscalizar mais. A segurança em Brasília está sem controle: ”não me sinto seguro, o perigo ronda a todos“.

Continuando o seu depoimento, o Senhor Lírio, (70 anos) acrescenta:

“Considero que o idoso não é respeitado no local de trabalho, há discriminação. Já na rua o ônibus não atende o idoso. Com a família, a minha relação é a melhor possível, temos uma educação militar, seguimos regras. A relação com o público de um modo geral é boa, mas também eu me imponho. Vou sempre ao médico. Hoje mesmo fui ao médico. No meu trabalho faço o que eu gosto.”

Comunicação: “Não uso a internet. Vejo televisão. Leio pouco jornal. Não pratico nenhum tipo de esporte. Direitos do trabalhador: Conheço os meus direitos e os meus deveres no trabalho. Considero importante trabalhar na área do turismo. Sinto-me importante trabalhando na área do turismo. Considero importante a participação do idoso no mercado de trabalho na área do turismo, sabendo que, o empresário quer sangue novo.“

8.3 CONTEÚDO QUALITATIVO

Considerando idade, escolaridade e ocupação de atores pesquisadores, se aposentado ou não, o tempo de trabalho, a faixa salarial, renda familiar. As possibilidades e os limites analisados em todas as categorias das entrevistas são percebidos nas confirmações em quase todos os atores, o ponto de vista, seus conceitos, suas realidades, com relação ao seu local de trabalho, ao lazer, no sentido da valorização do lazer e do entretenimento. Quanto ao sentido do trabalho, a necessidade ou ao prazer de fazê-lo, compreendem:

Nas melhores condições de trabalho, nas lutas dos trabalhadores que de início não visam à abolição do sistema, mas somente a redução da diferença entre os extremos do processo da mais-valia (dados pela produção e reprodução da força de trabalho), manifesta-se duas formas predominantes de luta: aquelas que procuram aumentar os insumos incorporados na força de trabalho e aquelas outras que procuram reduzir o tempo de trabalho despendido no processo de produção. Essas duas modalidades de luta articulam-se e mesclam-se frequentemente quando, por exemplo, visam melhores condições de trabalho; mas, segundo o autor, distinguem-se “na análise porque dão lugar a processos econômicos distintos” (ANTUNES, 2009, p. 276, 277).

8.4 PRINCIPAIS CATEGORIAS ANALÍTICAS: Idoso, Trabalho, Turismo, Gênero.

8.4.1 Categoria Idoso

O sentido etimológico da palavra Idoso, de acordo com o Dicionário da língua portuguesa é um adjetivo, e refere-se à pessoa que tem muitos anos, velho (LAROUSSE CULTURAL, 1992, p. 601). Enquanto que envelhecimento é um substantivo masculino, ato ou efeito de envelhecer (LAROUSSE CULTURAL, 1992, p. 425). Envelhecer segundo o mesmo dicionário “é um verbo transitivo, tornar velho, tornar-se velho, tornar-se desusado, inútil, perder a frescura, o viço, parecer velho”. Escolhemos para nossa análise a categoria idoso, conforme já anunciamos em capítulo anterior, utilizando o conceito brasileiro adotado pelo Estatuto do Idoso. Para alguns esclarecimentos nos referimos aqui ao processo de envelhecimento, mas para caracterizar as falas dos entrevistados/as e como naturalmente associam estas expressões, muito embora haja semelhança, são categorias distintas, para tais diferenças nos reportamos aos referenciais teóricos que abordam questões de idoso e do envelhecimento.

Atualmente é comum a presença de idosos aposentados exercendo um trabalho remunerado. Parte expressiva da PEA (População Economicamente Ativa) idosa de 1997 era composta de pessoas já aposentadas. O fato de o aposentado voltar ao mercado de trabalho é bem característico da sociedade brasileira. Em relação a outros países, essa é uma situação bastante esdrúxula, trazida até em termos semânticos. Por exemplo, em várias línguas aposentadoria quer dizer retiro. No caso da PEA masculina, apenas 45,6% não eram aposentados; os restantes 54,4% eram constituídos por aposentados que continuaram trabalhando. A participação dos aposentados masculinos na PEA cresceu substancialmente em relação a

1981. Nesse ano, aproximadamente 31% da PEA masculina eram formados por aposentados. No caso da PEA feminina, a proporção de aposentadas era menor do que a da PEA masculina – 34,7% em 1997 -, mas dobrou em relação a 1981, que fora de 18% (CAMARANO, 1999, p. 52).

Em entrevista o Senhor Antúrio, (77 anos) fala sobre natalidade: envelhecer é uma consequência e a natalidade não dever ser estimulada ou proibida. Para a igreja quanto mais gente melhor. Não conheço nenhuma ação pelas políticas públicas ao longo dos últimos anos em prol dessa fala sobre a pessoa idosa, o mesmo considera o envelhecimento como a principal etapa da vida, mas que na sua compreensão as pessoas não estão preparadas para o avanço da idade. Com a população ficando mais velha e a taxa de natalidade diminuindo como ocorre na Europa é importante buscar o equilíbrio problema. Sobre o futuro dos idosos: O futuro da velhice traçado pela tecnologia será importante a partir do momento em que der oportunidade de poder ter acesso aos seus avanços tecnológicos e científicos, afim de que possam envelhecer cada vez mais, com qualidade de vida. Sobre a caracterização da velhice: o envelhecimento é um processo que caracteriza o próprio envelhecimento.

Percebe-se no conteúdo das afirmações do entrevistado que há uma dimensão importante dada a cada etapa da vida, mas ao mesmo tempo há uma preocupação, uma ansiedade, com a falta de preparo da população idosa. Quanto ao futuro dos idosos, sobretudo com o acompanhamento de tecnologia que muitas vezes não se consegue acompanhar por falta de conhecimentos quanto ao seu uso, o Senhor Cravo, (68 anos) afirma:

“Todos nós temos que passar por isso. Mas nem todos estão preparados para o futuro de idosos. A minha saúde é boa. Alimento-me bem. Sinto-me bem. Com relação a fatores determinantes para a longevidade, sem dúvida a qualidade de vida é fundamental. Uma educação para a terceira idade é de fundamental importância para saber envelhecer com segurança, como também entendo que deva ser obrigação do Estado. Considero as mudanças e as transformações que ocorrem com a gente do nascimento até a morte algo normal, algo natural. Fazer valer os direitos dos idosos/idosas depende muito do comportamento de cada um durante toda a vida, como por exemplo, a prática de exercícios físicos. Existe preconceito com o idoso. Entretanto não considero que o idoso/idosas tome vaga de um jovem no mercado de trabalho, pois todo mundo precisa trabalhar. O sol nasceu para todos.”

Analisando os conteúdos deste depoimento com base em Debert, que trabalha com o envelhecimento encontramos:

O curso da vida como construção social e cultural não pode ser entendido como algo que os seres humanos podem fazer e refazer, um processo que não impõe limite à criatividade e ao qual qualquer sentido pode ser atribuído. É preciso olhar, com mais atenção, para os limites que a sociedade coloca à nossa capacidade de inscrever a cultura na natureza”. Para se tornar um ser humano aceito, uma pessoa confiável com plenos direitos de cidadão, são exigidos, na nossa sociedade, três tipos principais de competência: capacidade de comunicação; capacidade motora e capacidade emocional (DEBERT, 1999, p. 67).

Segundo o Senhor Crisântemo, (63 anos):

Tornar-se idoso é inevitável e mesmo assim a grande maioria não está preparada para envelhecer. Quanto as minhas condições de vida, de saúde posso dizer que com a idade o cansaço físico é inevitável, mas eu procuro me divertir, viajar, levar uma vida saudável. Não exagero na bebida. Não tenho noitada. Policio-me muito para levar uma vida mais longa. A longevidade com saúde é muito bom. Uma das coisas que eu sinto é não dar trabalho para os outros na velhice. Isso me assusta um pouco. Não sei se a família vai ter paciência comigo. O asilo me preocupa e me assusta. Com o governo não se pode contar.

Britto da Motta em “Reinventando fazes - a família do Idoso” afirma:

A família é o “nosso grupo”, primeiro, primário, fundamental, que é preciso preservar a todo custo da dissolução – mas também dos olhares externos. Por isso, seu estudo, sua observação, sua análise do ponto de vista das relações que o constituem, ou parecem constituí-la, é muito difícil. Relações de gênero (principalmente entre marido e mulher), de gerações (pais e filhos, avós, netos), e intrageracionais (os irmãos) são frequentemente tornadas opacas à análise do pesquisador. E não apenas pelo desejo, consciente ou inconsciente, dos indivíduos, de preservar a privacidade do grupo; também porque essas relações são carregadas de ambigüidade, nas suas contradições entre afetividade e poder/dominação, ou entre afetos polares, que podem não ser claros até para os que os vivenciam (BRITTO DA MOTTA, 1998, p.71).

A família é também o lugar social dos afetos radicais – onde as relações são quase simbióticas, as afeições mais doces e os embates entre os sexos/gêneros e as gerações podem ser mais dolorosos. Onde se encontram os modelos de sentimentos em estado mais depurado: os amores, as aceitações ilimitadas, as mais fundas solidariedades; ou as rejeições mais chocantes, os conflitos cotidianizados, ressentimentos “inexplicáveis” e ódios. Explícitos ou recalcados (BRITTO DA MOTTA, 1998, p.71).

Segundo Bardin sobre análise do conteúdo afirma que se começou a lidar com comunicações, que se pretende compreender para além dos seus significados imediatos, parecendo útil o recurso à análise de conteúdo (BARDIN, 1977, p. 29).

Sobre a mesma temática a entrevistada Angélica, (69 anos) declara:

Ser idoso é uma coisa natural de todos nós. É genético. Nascemos e morremos. Não dar para fugir. São as fases da vida. Mesmo assim, as pessoas não estão preparadas para envelhecer. Em minha opinião o que caracteriza a velhice é simplesmente uma mudança psicológica.

Em a Filosofia da Ambigüidade, Britto da Motta, Sardenberg e Gomes (2000, p. 51) e Beauvoir (1970) apontam a visão do existencialismo como uma filosofia da ambigüidade, na qual o homem, este ser cujo ser é não ser, tem a subjetividade realizada quando e enquanto presença no mundo, e no qual o surgimento do para-si é imediatamente remetido para o outro. Também salienta o fato de que toda moral é possibilidade pelo fracasso, pois que, “sem fracasso não há moral”.

Na visão do entrevistado Girassol, (80 anos):

Sobre o idoso, é um estado da pessoa, onde há a necessidade de um entendimento mais sério. Nos hospitais, por exemplo, há muita demora em um atendimento. Uma consulta é a coisa mais difícil. Há falta de comprometimento com o idoso/idosa. Para me as consequências para um país com a população envelhecendo e a taxa de natalidade caindo é a falta de recursos para tudo. Falta de emprego. Falta de moradia. E o pior é que não se ver nada sendo feito pelo Estado. O futuro deve ser preparado desde cedo, desde a infância. Há essa necessidade. Para mim o envelhecimento é a representação do calibre da pessoa, o modo de vida. A paz para o seu crescimento, para sua longevidade, a qualidade de vida. Ter tranquilidade.

Se nos tentamos distanciar em relação aos métodos de análise de conteúdo e ao domínio em que estes podem ser explorados, apercebemo-nos de que o campo de aplicação é extremamente vasto. Em última análise, qualquer comunicação, isto é, qualquer transporte de significações de um emissor para um receptor controlado ou não por este, deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo (BARDIN, 1977, p. 32).

Ao analisar as políticas, os planos e os projetos com relação às diretrizes da Política Nacional do Idoso busca viabilizar sua integração às demais gerações; descentralizar, tornando-o agente participativo na formulação, implementação e avaliação de políticas, planos e projetos a ele direcionados; priorizar as famílias no atendimento aos idosos em detrimento do atendimento asilar; assegurar prioridade aos idosos no acesso a serviços de órgãos públicos e privados; implementar sistemas de informações; e capacitar prestadores de serviços (Lei n. 8.842, de 03 de julho de 1993, cap. II *apud* CAMARANO, 1999, p. 65).

Na perspectiva da entrevistada Acácia, (60 anos):

Ser idoso, seria melhor não ser, mas faz parte da vida. É com o envelhecimento que adquirimos experiência. Segundo Roberto Carlos: Um dia eu fui moço hoje estou velho. Parabéns para aqueles que conseguem serem idosos saudáveis como o meu pai. Mas, nem todos, estão preparados para isto. Muitos não querem envelhecer, ou não aceitam serem idosos. Pintam o cabelo, (não é o meu caso). Um dia chega o fim. Vai ter que mudar. O Brasil está um país de idosos. Que futuro tem um país só de idosos? Mas, políticas públicas voltadas para essas ações não conheço nenhuma. Faltam incentivos para os mais jovens. Falta moradia, falta emprego, falta educação, falta saúde. Campo de atuação dos idosos/idosas no mercado de trabalho existe, os eventos são exemplos disso, para tanto é preciso criar alternativas: Esporte, congresso, seminário.

O conteúdo desta situação apresentada por esta entrevistada reside na inexistência de políticas públicas voltadas para atendimento a esta categoria no caso uma solução para diversos problemas tais como; emprego, educação saúde. O campo de trabalho para idoso existe, mas deve se criar alternativas e aproveitar essa mão de obra, principalmente em eventos e seminários.

Manifestando ainda sobre a situação do idoso, nossa entrevistada Cerejeira, (61 anos), afirma:

Ser idoso é uma coisa saudável. É preciso ter consciência do envelhecimento, ter equilíbrio, ter apoio da família, ter apoio dos amigos, levarem uma vida simples. De um modo geral as pessoas não estão preparadas para envelhecer, nem psicológica, nem financeira, não existe nenhuma preparação nem por parte do cidadão, nem por parte do Estado, não existe uma política de educação para o envelhecimento. Quanto a fatores determinantes para a longevidade aponto uma boa alimentação. Ter equilíbrio financeiro poder comprar medicação, ter lazer saudável, participar de atividade turística. A educação para a velhice é de fundamental importância, uma preparação educacional para a velhice, no sentido também de educar financeiramente é fundamental. É preciso ter uma conscientização que vai ter que mudar de hábitos, com relação à saúde, com relação à amizade com as pessoas, manter um bom relacionamento interpessoal. As mudanças que ocorrem com a pessoa humana da juventude até a velhice são inevitáveis. Tudo depende da conscientização do idoso. Existem limites, existem regras. É preciso obedecer a esses limites, é preciso seguir essas regras. Os limites do esporte e do lazer na juventude não são iguais na velhice. Se não aceitar essas mudanças, vai se deparar com a depressão. Há a necessidade de uma educação para a terceira idade. O idoso que conserva as práticas de antes de envelhecer manter-se-á conseqüentemente como uma pessoa mais alegre, mais feliz, melhor informado.

No pensamento da entrevistada Cerejeira, (61 anos):

“O bom relacionamento com a família, a preparação para a vida, a educação dos filhos, a casa, a assistência médica, o cuidado com a saúde, a busca da qualidade de vida para a família, o controle emocional, a boa alimentação, a busca pela prática constante de uma atividade física e mental, trabalhar o

intelecto sempre, a reserva financeira (quer seja em uma poupança, quer seja em investimento imobiliário, quer seja em outra atividade financeira qualquer), a previdência privada, uma religião, as viagens, os passeios culturais, a prática do esporte, são necessidades que não deixam de ser uma preocupação entre o entusiasmo e a inquietação com a preparação para o envelhecimento e para a aposentadoria”.

Há indicações de que, em média, o idoso está em melhores condições financeiras do que o jovem. A proporção de idosos que moram em casa própria é bem maior do que a dos adultos. Isso pode ser explicado pelo fato de os idosos estarem num estágio do ciclo vital mais elevado, o que já lhes permitiu a acumulação de um patrimônio, tal como a casa própria. Além disso, passaram a maior parte de suas vidas num período mais propício da economia brasileira. Há indicação de que a taxa de aquisição de casa própria tem-se reduzido entre as coortes mais jovens, o que leva a se pensar que os idosos do futuro não estarão em tão boas condições de vida como os de hoje (CAMARANO, 1999, p. 42).

Na visão da entrevistada Margarida, (62 anos):

Ser idoso significa o passar dos anos, quem não morre de novo vai ficar velho. Mas a grande maioria não está preparada para envelhecer e muitas vezes não têm essa preocupação por falta de conhecimento. Quanto a mim, sinto-me bem porque me cuido. Tenho zelo pela saúde e por meu bem-estar. Considero muito importante. Cultivo muito a família e isto me dá prazer. A vida familiar, em primeiro lugar com a proteção de Deus, com tranquilidade e com saúde. Acrescentando com trabalho, com exercício físico e com uma boa alimentação tem-se qualidade de vida, daí, portanto; vida longa e saudável. Com uma boa educação temos condições de entender melhor a vida, compreender melhor os problemas da vida, discernir melhor, entre o bem e o mal. Aceitar mais com paciência as indiferenças, as injustiças, as desigualdades, tudo isso contribui para a auto-estima e conseqüentemente para a saúde. Todos lutam por sua independência. O que mais preocupa o idoso é um dia se tornar dependente de alguém, dar trabalho, preocupação. Só se pensa em mudanças para melhor. Ninguém quer mudar para piorar. Todas as revoluções do mundo foram feitas na perspectiva de mudanças para o bem da humanidade, para melhorar. Para que o idoso/idoso faça valer os seus direitos depende muito do alicerce que cada um tenha preparada para a sua velhice. Se for feito esse alicerce ele/ela fará valer os seus direitos, se não foi feito, não conseguirá manter os seus direitos anteriormente conquistados.

Fazendo a análise de conteúdo da fala desta entrevistada de acordo com (BARDIN, 1977, p. 34), quanto ao valor que esta entrevistada dá à qualidade de vida, educação, a família, ao trabalho, ao exercício físico, a independência, a conquista de direitos e preocupações com o futuro, assim como a valorização de seus direitos, fica implícito que ela demonstra estar

preocupada com a situação futura e se faz necessário o uso da Política Nacional dos Idosos e outras tratativas com o Estatuto do Idoso e Políticas Públicas.

Conforme FREIRE (1985, p. 33, 34): “a educação na escola tradicional e a história vêm compreendidas como um desfile de datas, nomes e cifras. Para nós, a escola é a ocasião de saber não as façanhas dos poetas, santos e heróis, mas sim para saber as façanhas obscuras de milhões de trabalhadores que são os únicos que modificam a sociedade e imprimem uma marca a toda a história. Ao mesmo tempo, o estudo da história nos ajuda também a aprender a pensar, a discutir e a escrever. Com uma educação que não seja apenas aquisição individual de técnicas e de competências especializadas que cada um vende na idade adulta no mercado de trabalho, mas sim a formação de homens e mulheres autônomos e polivalentes, capazes de se inserir em comunidades dinâmicas e conflituais e, por isso mesmo, democráticas, e, porque democráticas, em permanente mutação”.

Com relação ao depoimento da Senhora Rosa, (60 anos):

Ser idoso faz parte da vida. É preciso saber envelhecer com saúde, com experiência e com sabedoria. Muitas pessoas não estão preparadas para envelhecer. A preocupação maior é com o presente, é com o momento. Só se fala do passado se queixando, e só se fala do futuro, no futuro, mas sem preparar esse futuro. Considero que a educação para a velhice começa pela conscientização das pessoas dando-lhes condições para essa educação e para a preparação para envelhecer com dignidade. Sobre o trabalho na juventude e na velhice: As mudanças causam tristeza, quando você poderia começar a viajar vêm as doenças. O idoso/ídosa conservando as práticas da juventude fica mais fácil envelhecer com saúde. Assim as pessoas não envelhecem no sentido de ficar velho e se envelhece – envelhece com vigor. Quanto aos limites para a qualidade de vida: É procurar sempre o melhor e evitar o que venha a prejudicar a saúde. A base é a família, para qualquer sentimento de afetividade e de preparação psicológica para a vida. A construção social da velhice no meu ponto de vista engloba tudo; é um conjunto de fatores, significando o reconhecimento da velhice, dando-lhe respeito e dando-lhe obrigações como também na conquista dos direitos.

Refletindo sobre o tema envelhecimento, Britto da Motta, assim se manifesta:

Só bem mais recentemente, entre as décadas de 1980 e 1990, esse outro grupo geracional, o dos velhos, é alçado a objeto de estudo, por uma razão, bem mais que científica diretamente utilitária. Passam a ser considerados, pelo seu acelerado crescimento relativo e sua duração maior de vida, um “problema social” que é preciso resolver; do mesmo modo como “problemas” teriam sido os jovens contestadores da década de 1960 e os “menores” em “erro social” dos anos de 1970 (BRITTO DA MOTTA, 2010, p. 233).

A “velhice”, assim como a “juventude”, não é uma espécie de característica substancial que acontece com a idade, mas uma categoria cuja delimitação resulta do estado (variável) das relações de força entre as classes e, em cada classe, das relações entre as gerações, isto é, da distribuição do poder e dos

privilégios entre as classes e entre as gerações (LENOIR 1998, 71, 72 *apud* BRITTO DA MOTTA, 2010, p. 234).

Levando em consideração os depoimentos das pessoas entrevistadas e os fundamentos dos autores que se seguem passamos a apresentar algumas reflexões em sentido mais amplo sobre algumas questões inerentes aos aspectos que tocam nosso objeto de análise:

O aumento da longevidade, conjugado com o momento pelo qual passa a economia brasileira, com efeitos expressivos sobre o jovem, tem levado a que o idoso assuma papéis não-esperados nem pela literatura, nem pelas políticas. Isto faz com que a associação entre envelhecimento e aumento da carga sobre a família e o Estado não se verifique de forma tão direta e, até pelo contrário, esteja assumindo cada vez mais um caráter bidirecional, segundo (CAMARANO, 1999, p. 70).

Para Camarano (1999), o cenário do envelhecimento populacional tem sido, em geral, visto com preocupação por acarretar mudanças no perfil das demandas por políticas públicas, colocando desafios para o Estado, a sociedade e a família.

Admite-se que o idoso “gasta” mais do que o jovem, e que o seu potencial produtivo tende a zero. Além disso, a baixa da fecundidade no médio/longo prazo, por reduzir relativamente à população adulta e dos contribuintes potenciais, bem como de pessoas adultas com capacidade para cuidar dos idosos, leva a um “aumento” da razão de dependência em algumas das medidas utilizadas. Nessa perspectiva, o pensamento comum é de que o envelhecimento populacional acarreta uma carga para a família e o Estado, já que o idoso é encarado como dependente (CAMARANO, 1999, p.301, 302).

A simetria jovem-velho segundo Beauvoir:

A sociedade só se preocupa com o indivíduo na medida em que este rende. Os jovens sabem disso. Sua ansiedade no momento em que abordam a vida social é simétrica à angústia dos velhos no momento em que são excluídos dela. Nesse meio tempo, a rotina mascara os problemas. O jovem teme essa máquina que vai tragá-lo e tenta por vezes defender-se com pedradas; o velho, rejeitado por ela, esgotado, nu, não tem mais que os olhos para chorar. Entre os dois, a máquina gira, esmagando homens que se deixam esmagar porque nem sequer imaginam que podem escapar. Quando compreendemos o que é a condição dos velhos, não podemos contentar-nos em reivindicar uma “política da velhice” mais generosa, uma elevação das pensões, habitações sadias, lazeres organizados. É todo o sistema que está em jogo, e a reivindicação só pode ser radical: mudar a vida (BEAUVOIR, 1970, p. 665).

Segundo Beauvoir (1970): há pessimismo por parte das pessoas idosas. Hoje o homem idoso não pode mais pressupor essa espécie de eternidade: o movimento da História acelerou-se. Ela

destruirá amanhã o que se construiu ontem. As árvores que o velho planta serão abatidas. Em quase todos os lugares, a célula familiar desintegrou-se. As pequenas empresas são absorvidas pelos monopólios, ou então se deslocam. O filho não recomeçará o pai, e este último sabe disso. Quando ele desaparecer, a propriedade será abandonada, a loja vendida, o negócio liquidado. As coisas que realizou e que davam sentido à sua vida encontram-se tão ameaçadas quanto ele (BEAUVOIR, 1970, p. 468)!?

As pessoas que entrevistamos dizem: “nem oito, nem oitenta. A exceção não é a regra. Os nossos filhos serão os seguidores de nossas ideias. A semente foi plantada... A vida continua neles!” Nestas declarações não há uma sintonia com a autora no que se refere à desintegração familiar.

Com relação ao processo de reprivatização da velhice, no Brasil, a coorte da meia-idade é a que tem, provavelmente, a maior disponibilidade de renda; e é, sem dúvida, a maior produtora, consumidora e divulgadora das tecnologias de rejuvenescimento, do processo de reprivatização da velhice, da transformação do prolongamento da vida humana em uma ameaça à reprodução da vida social (DEBERT, 1999, p. 241).

Em a “Reinvenção do Envelhecimento”, Debert revela:

Já não posso pensar na reinvenção do envelhecimento sem procurar imaginar como estará sendo reconfigurado o processo de negociação público e privado entre gerações; como os debates sobre realocação de recursos públicos redefinirão as relações na família e delas como o Estado; como os custos elevadíssimos das tecnologias de prolongamento da vida redefinirão os usos das heranças e o direito ao trabalho e ao não-trabalho; como serão rearticulados mercados de consumo e demandas políticas em um contexto em que ser jovens é um dever de todos (DEBERT, 1999, p. 249).

8.4.2 Categoria Trabalho

“Sobre o trabalho, o entrevistado Senhor Antúrio, (77 anos) entende que representa uma atividade necessária a sobrevivência humana. Na atividade privada ele representa uma constante procura de melhoria de uma forma geral atendendo a um conhecimento sempre em crescimento. Na atividade pública ele representa um passar de tempo, em que as suas responsabilidades lhes são impostas de forma que seus resultados não lhes são cobrados. Daí a grande diferença existente entre o público e o privado.”

Na perspectiva do Senhor Antúrio, (77 anos), ambos os setores; o público e o privado são analisados no seu conteúdo como importantes para o crescimento do país. As diferenças entre o público e o privado constituem-se pelo fato de que no setor público há uma importância: o interesse social. No setor privado a importância é o econômico. A sociedade cobra por parte do Estado a responsabilidade pela arrecadação dos impostos.

Na opinião do Senhor Girassol, (80 anos):

“As mudanças para uma vida tranqüila é trabalhar sempre. O contrário disso é uma falha do ser humano. Nós somos o que somos pelo trabalho. Conservar as boas amizades é saber socializar-se durante toda a vida, conservá-las, mantê-las.”

Antunes (2009, p. 17) afirma que: “Paralelamente, entretanto, têm sido frequentes as representações que visualizam nessas formas de (des)sociabilização novas e positivas dimensões de organização societal como se a humanidade que trabalha estivesse prestes a atingir seu ponto mais avançado de sociabilidade.

Para a nossa entrevistada Acácia, (60 anos):

Trabalhar é procurar fazer aquilo que você gosta para fazer com perfeição, com amor. Quando você trabalha com amor, esse trabalho traz harmonia. Quando você trabalha só por dinheiro está sempre de mal humor. O trabalho na vida privada não tem o devido valor. Há uma tendência de desqualificação, de desclassificação. É uma eterna luta pela sobrevivência. Já o trabalho na vida pública há uma divisão interna enorme, dentro da repartição. É preciso compreender o trabalho público como outro trabalho qualquer. O funcionário público não gosta do que faz.”

Nas questões sobre o mundo do trabalho Antunes (2009, p. 111) nos lembra:

É necessário lembrar que as mutações organizacionais e tecnológicas, as mudanças nas formas de gestão, também vêm afetando o setor de serviços, que cada vez mais se submete à racionalidade do capital. Veja-se, por exemplo, o caso da intensa diminuição do trabalho bancário ou da monumental privatização dos serviços públicos, com seus enormes níveis de desempregados, durante a última década (ANTUNES, 2009, p. 111).

A experiência inglesa recente, particularmente depois da ascensão de Margareth Thatcher e da implantação do projeto neoliberal, trouxe profundas consequências para o mundo do trabalho no Reino Unido e particularmente na Inglaterra. A sociedade inglesa alterou-se profundamente. Mutações em

seu parque produtivo, passando pela redução das empresas estatais, pela retração do setor industrial, pela expansão do setor de serviços privados, enfim, pela reconfiguração da Inglaterra na nova divisão internacional do trabalho (ANTUNES, Ricardo, 2009, p. 63).

A introdução dos *team work* foi concebida como fundamental para que a “nova cultura empresarial” fosse implementada, reduzindo-se os níveis de supervisão existentes. Os líderes tinham como atribuição:

- (1) a motivação dos times de trabalho;
 - (2) planejar, organizar e cuidar da qualidade;
 - (3) identificar as necessidades de treinamento e desenvolvimento;
 - (4) dimensionar a performance do trabalho, dos custos e do orçamento;
 - (5) estabelecer o padrão da produção e a discussão do desempenho;
 - (6) cuidar da comunicação, das questões disciplinares e outros problemas
- (ANTUNES, 2009, p. 86).

Sobre este tema os entrevistados abaixo, assim se manifestaram:

“Para mim o trabalho dignifica a pessoa humana (Três coisas são muito importantes: Deus, saúde e trabalho). Na empresa privada temos que produzir sempre mais. A empresa privada é uma grande escola. A empresa pública não serve como escola. Vive-se por salário, que por mais alto que seja continua sendo um salário e se esconde por trás do discurso da segurança” (Margarida, 62 anos).

“O trabalho para mim é uma terapia. É uma vitamina. Uma vitamina das melhores. O trabalho para mim é uma viagem (Lírio, 70 anos).

O trabalho é tudo. É pelo trabalho que nos socializamos. É pelo trabalho que nos projetamos. É pelo trabalho que nos preparamos para a sociedade (Rosa, 60 anos).

Correlacionando trabalho e renda, Camarano, (1999, p. 302) declara:

Se, além da idade, outras variáveis forem consideradas para o cálculo de outros indicadores de dependência para o mesmo subgrupo etário, tais como trabalho, renda, ser beneficiário (ou não) da previdência social, posição na família, ver-se-á que para os homens todas as “novas” medidas indicam uma dependência para mais baixa do que a dependência por idade. Ou seja, parcela expressiva dos homens idosos trabalha, tem renda, são chefes de família e algumas dessas razões têm diminuído no tempo.

Trabalho e renda, para a previdência social ou para a previdência privada têm a mesma conotação econômica quanto à questão da dependência econômica para a família. A presença

do idoso na sua grande maioria com renda contribui como chefe de família para a manutenção da casa.

É digno de registro o comentário do Senhor Lírio, 70 anos, sobre o trabalho e envelhecimento:

“Envelhecer é não ter atividade nenhuma. Se tivermos trabalho, se temos ocupação, não envelhece, pois o trabalho é uma atividade, deixa a pessoa sempre ativa. Entretanto nem todos estão preparados para envelhecer. Aliás, são poucos, os que estão preparados para envelhecer. Quanto a mim trabalho é como se eu tivesse menos idade. A idade não atrapalha. Não falto ao trabalho. Existe preocupação com a velhice. A família presente é mais importante que a tecnologia. Para mim o que marca muito o envelhecimento é a estrutura familiar, a sua presença ou a sua ausência, o acompanhamento ou não, dar os passos aos idosos para que se sintam bem envelhecendo. Uma coisa que ajuda muito é não olhar a vida dos outros”.

8.4.3 Categoria Turismo

Segundo Beni, (2001, p. 25):

No Turismo, pode-se imaginar, a priori, que tanto a área estatal como a empresarial têm como objetivo real o lucro. O Estado espera da atividade turística o superávit no balanço de pagamentos na conta específica, em razão do ingresso de divisas, e as empresas que atuam no setor igualmente dimensionam a prestação de seus serviços em razão da lucratividade dos investimentos necessários. Entretanto, quando se analisam as partes do sistema, verifica-se que a medida de seu rendimento global está na razão direta da capacidade de controle de seus componentes e atividades, e nem sempre esse rendimento está vinculado ao lucro. Ao Estado compete o investimento social não só na infra-estrutura de apoio à atividade, mas também na implantação de programas de turismo socializado, com o objetivo de facilitar o acesso ao turismo das classes favorecidas economicamente. E esse estrato da demanda somente poderá ser atendido e viabilizado sem objetivo de lucro e recuperação dos investimentos. A empresa privada igualmente terá de investir na qualificação de mão-de-obra e aperfeiçoamento de pessoal, sacrificando parte de seu lucro líquido.

Quanto ao turismo as pessoas entrevistadas em sua maioria consideram ser um setor dinâmico no mercado de trabalho, visto que agrega valores econômicos sociais e culturais. No que se refere aos direitos e deveres dizem ser conhecedores dos seus direitos e dos seus devedores no local de trabalho. Argumentam ser importante trabalhar na área do turismo. Sentem-se satisfeitos trabalhando na área do turismo. Declaram que a participação de pessoas idosas no

mercado de trabalho do turismo contribui para sua sociabilidade, além de aumentar a renda familiar.

Quanto à “Estrutura do Turismo no Distrito Federal”, as opiniões dos entrevistados estão divididas: uma parcela dos idosos considera que o Distrito Federal ainda não apresenta estrutura para o turismo, enquanto outra parcela considera que sim. Quanto aos hotéis e restaurantes de Brasília julgam bons, apesar de caros. Quando questionados para o que mais chama a atenção para a atividade turística em Brasília, a resposta mais comum é a arquitetura. Interrogados se as cidades satélites e o entorno contribuem para o crescimento do turismo do Distrito Federal, as respostas também são divididas: quanto ao quesito se é possível viver com o trabalho do turismo no Distrito Federal, a resposta é positiva, quanto à informação se a cidade de Brasília está preparada para sediar os jogos da Copa do Mundo de 2014 e quanto à pretensão de sediar grandes eventos como as Olimpíadas de 2016, parte considera que sim, parte considera preocupante. No entanto, a maioria concorda que estes eventos trarão oportunidades de emprego para os idosos/idasas.

As declarações do entrevistado refletem em nossa opinião a necessidade de políticas públicas defendida por Beni (2001), quando faz referência a ação do Estado na Estrutura da Administração Pública, no desenvolvimento endógeno do turismo, com a participação das empresas na tomada de decisão do turismo, como também com a participação das comunidades.

Os atores sociais no processo do sistema do turismo, como a sociedade civil organizada, o setor público, o setor privado, a universidade, as associações de moradores, o setor empresarial, o SEBRAE, a questão da territorialidade, as instâncias de governança regional, os cluster turísticos, o setor produtivo local, articulam a comunicação entre turismo, trabalho e mercado de trabalho.

Sobre o turismo, assim se manifesta nosso entrevistado, Senhor Cravo, (68 anos):

“Vejo no turismo, uma boa oportunidade, uma segunda chance para o idoso e um incentivo de poder voltar ao mercado de trabalho, que com sua experiência e com sua vivência tem tudo a contribuir para o desenvolvimento do Turismo”.

“Qualquer análise de conteúdo, passa pela análise da própria mensagem. Esta constitui o material, o ponto de partida e o indicador sem o qual a análise não seria possível” (BARDIN, 1977, p. 134). Daí com base no depoimento do entrevistado acima e com base em Moesch:

A crise no estatuto do saber científico, causada pela era pós-moderna, paradoxalmente, abre um espaço analítico qualificado para aprofundar as causas que gestaram um fazer-saber no turismo, senão um saber-fazer. Avançar sobre o saber-fazer direciona uma nova agenda para os estudos turísticos, em temas como a motivação, as escolhas, as necessidades, o prazer, as diferenças suportáveis, as trocas culturais, a aprendizagem, a desterritorialização, a homogeneização, a destruição ambiental, o impacto cultural e social, a comunicação intercultural, a hibridização cultural, o tempo atemporal, o espaço virtual, a construção de não-lugares, permitem uma posição de relevância, juntamente, aos demais temas da pesquisa acadêmica contemporânea (MOESCH, 2002)⁶⁰.

Neste final de milênio, fazer turismo, tanto para quem o produz como por quem o consome, é uma forma de apropriação de poder. Consumir o outro, o diferente, o exótico, o distante, supostamente, gera experiências prazerosas. Experiências possibilitadoras da quebra de rotina, relativizando a massividade imposta ao consumo cotidiano. Faz-se necessário, entretanto, recusar todos os modos de manipulação e telecomando, para permitir novos modos de sensibilidade humana, de relação com o outro que coincidam aos desejos, ao gosto de viver, à vontade de conhecer o mundo, com a instauração de dispositivos capazes de desterritorializar, criando novas relações, sentidos e representações na busca da transversalidade entre os grupos humanos (MOESCH, 2002, p. 15).

Na opinião dos nossos entrevistados abaixo, há espaço de trabalho no setor de turismo para os Idosos:

“Dar mais emprego ao idoso em vários setores, e em particular no turismo. Nas recepções diversas, nos aeroportos, nos hotéis, em restaurantes, em certas áreas que não exigem esforço físico do idoso, mas sim sua experiência. Com mais rotatividade, mais oportunidade, adotando o horário de seis horas” (Crisântemo, 63 anos)

As sugestões que eu daria para inserção dos idosos/idosas no mercado de trabalho do turismo e para o desenvolvimento do turismo; são a educação, começando bem cedo, e qualificação na área (Angélica, 69 anos).

“Um trabalho para o idoso no setor de turismo é válido porque tem experiência. Tem respeito para com o próximo. Tem compromisso para com a empresa para a qual trabalha. Sua

⁶⁰ <http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?IDConteudo=441>

instituição. O seu estilo de vida humano é fruto dos movimentos de uma longa vida. O idoso sabe receber e sabe conduzir o seu setor onde trabalha” (Girassol, 80 anos).

Os conteúdos dos depoimentos dos entrevistados acima têm base no conceito de trabalho segundo Antunes (1995), em *Adeus ao Trabalho*:

No plano genérico, entendido enquanto work, como criador de coisas úteis, como auto-atividade humana, o trabalho tem um estatuto ontológico central na práxis social, com justa razão se pode designar o homem que trabalha... Como um ser que dá respostas. Com efeito, é inegável que toda atividade laborativa surge como solução de respostas ao carecimento que a provoca. (...) O homem torna-se um ser que dá respostas precisamente à medida que (...) ele generaliza, transformando em perguntas seus próprios carecimentos e suas possibilidades de satisfazê-los; e quando, em sua resposta ao carecimento que a provoca, funda e enriquece a própria atividade com tais mediações, frequentemente bastante articuladas (ANTUNES, 1995, p. 83, 84).

“Considero o turismo um campo de atuação da experiência de vida, um campo aberto de liberdade e de independência. O idoso tem esse perfil, mais experiência, mais vivência, melhor preparo psicológico para a vida, melhor formação de caráter pelo próprio estilo de vida de cada um, mais consciência“ (Acácia, 60 anos).

Aliar turismo, trabalho e envelhecimento nos remetem as palavras de Beauvoir (1970, p. 661): “é preciso desejar conservar na última idade paixões fortes o bastante para evitar que façamos um retorno sobre nós mesmos. A vida conserva um valor enquanto atribuímos valor à vida dos outros, através do amor, da amizade, da indignação, da compaixão. Permanecem, então, razões para agir ou para falar. Aconselha-se frequentemente às pessoas a “preparar” sua velhice. Mas se isso significa apenas juntar dinheiro, escolher o lugar da aposentadoria, arranjar hobbies, não se terá, quando chegar à hora, avançado nada”.

Na visão de nossa entrevistada Cerejeira, (61 anos):

“Ser idoso com estudo, com escolaridade, com qualificação, com capacitação faz toda a diferença. O idoso tem muitas contribuições a dar. O idoso tendo um salário garantido, um patrimônio qualquer, lhe dar maior tranquilidade para um novo trabalho no mercado de trabalho. O turismo é a maior fonte de lazer para o idoso que vai lhe tirar da rotina. O turismo tem muito a oferecer para o idoso. O Setor do Turismo precisa elaborar bons projetos para os idosos. Divulgar junto à imprensa. Trabalhar em conjunto: “empresa pública e empresa

privada”. A entrevistada tem a pretensão de criar uma empresa no sentido de gerar emprego para o idoso, onde irá trabalhar menos de 08 horas por dia”.

A afirmação da entrevistada acima encontra eco nos fundamentos de Beauvoir (1970, p. 17):

Tanto ao longo da história como hoje em dia, a luta de classes determina a maneira pela qual um homem é surpreendido pela velhice; um abismo separa o velho escravo e o velho eupátrida, um antigo operário que vive de pensão miserável e um Onassis. A diferenciação das velhices individuais tem ainda outras causas: saúde, família etc. Mas são duas categorias de velhos (uma extremamente vasta, e outra reduzida a uma pequena minoria) que a oposição entre exploradores e explorados cria. Qualquer afirmação que pretenda referir-se à velhice em geral deve ser rejeitada porque tende a mascarar este hiato.

Na opinião dos entrevistados abaixo, o Idoso pode se inserir adequadamente no mercado de trabalho do setor de turismo:

“O idoso contribuirá para o desenvolvimento do Turismo com sua experiência. No Turismo se lida com o ser humano. O idoso sabe dialogar com o ser humano. O ser humano é muito sensível. O idoso tem essa sensibilidade, tem jogo de cintura, tem jogo político. O idoso nunca diz não. O Turista não gosta do não. Um hospede não gosto do não. Por isso o idoso nunca diz não, sempre arranja um jeitinho de agradar.” (Margarida, 62 anos):

“A maior contribuição que o idoso traz para o desenvolvimento do turismo é o conhecimento que ele tem. Somam-se a esse conhecimento; um idoso competente, sem doença, que impõe respeito, com sua própria vivência e com sua própria experiência de vida. (Lírio, 70 anos):

“No turismo o que mais conta é a experiência de vida, mas é preciso ser humilde, para ser respeitado. Quem viaja não envelhece, quem viaja adquire sabedoria, visão de mundo, abre-lhe perspectivas, passa a abraçar mais as atividades com naturalidade tornam-se participativo, socializa-se, projeta-se, torna-se modelo para os mais jovens com o mesmo significado contribui para com a comunidade, para a sociedade.” (Rosa, 60 anos).

O Turismo antes de ser um fenômeno econômico é uma experiência social, segundo (Gastal, 2002, p. 8). Há uma complexidade do Turismo, um fenômeno multisetorial em sua produção e interdisciplinar em sua teoria (MOESCH, 2002).

8.4.5 Categoria Gênero

O patriarcado⁶¹ estabeleceu o poder de uma autoridade religiosa masculina sobre seus subordinados. Mas estende-se também a situações em que os homens dominam familiares, empregados ou aspectos políticos de uma organização social. Embora as constituições ocidentais afirmem que há igualdade entre homens e mulheres (pois os homens também sofrem de subordinação aos patriarcas), e entre todos os indivíduos da sociedade, o patriarcado ainda se manifesta de alguma forma.

Há mudança no diálogo entre homens e mulheres, no mundo moderno, já há uma compreensão, um entendimento no sentido da aceitação do que é o papel do homem e do que é o papel da mulher na sociedade, onde a violência de gênero como um fenômeno social se constitui num diálogo também dos pesquisadores desta área. As relações afetivas e as relações de dependência econômica da mulher têm mudado esse quadro para a conscientização de um diálogo no sentido da sobrevivência do casal, pois a mulher inserida no mercado de trabalho muda um pouco em termos de dependência financeira. Por outro lado, a instrução escolar da mulher tem melhorado muito para a sua formação profissional, isso muda por parte da mulher a questão psicológica de entender o mundo dos homens como um mundo de competição e não como um mundo solidário como é constituído o mundo das mulheres. As construções de relações de gênero das lutas feministas no cenário brasileiro vêm também contribuindo para que haja mudança na formação desse diálogo. Com a criação das delegacias especializadas cria-se como objetivo a comunicação para discutir a violência doméstica.

A inserção da mulher no mercado de trabalho contribuiu para mudar muita coisa. A independência da mulher em termos financeiros foi um grande avanço, foi através de sua inserção no trabalho externo onde ela teve oportunidade de com ética, com seus valores morais, com seu pleno exercício de cidadania, mostrar a diferença em termos de cultura. O que antes fazia parte do imaginário diante das representações históricas, hoje faz parte de uma nova ordem mundial da sociabilidade e da sensibilidade feminina.

Segundo Britto da Motta; Sardenberg; Gomes (2000), para Beauvoir:

⁶¹ Patriarcado sistema social em que os homens dominam, oprimem e exploram as mulheres, considera-se que as relações sociais através das quais os homens dominam as mulheres, incluem a reprodução, a violência, a sexualidade, o trabalho, a cultura e o estado (Walby, p. 561, 1990) in Dicionário do Pensamento Social, do Século XX, Outhwaite W. & Tom Bottomore, Z. Editor, 1993 – RJ.

A liberdade é circunstanciada, ou seja, ela usa muito o conceito de situação, e a situação apresenta um grau de determinismo sem que seja uma camisa de força. No caso das mulheres, as circunstâncias históricas determinam um destino feminino, mas não é um destino para a mulher universal, como muita gente pensa, porque ela vai circunstanciando toda sua análise (BRITTO DA MOTTA; SARDENBERG; GOMES, 2000, p. 17).

Quanto a Gênero observa uma concorrência entre homens e mulheres no mercado de trabalho, os homens ganham mais do que as mulheres. Em Brasília-DF, o número de mulheres é maior do que o número de homens, isso é um fato. No Turismo a mulher toma a primazia sobre os homens. - Quanto à questão de gênero no mercado de trabalho, quanto à proporcionalidade entre a ocupação entre homem e mulher deveria ser igual, mas existe muito preconceito ainda. Já os direitos sociais do trabalhador idoso/idoso no setor do Turismo são mais fáceis assegurar pelo estilo de trabalho do setor turístico (Antúrio, 77 anos).

Helena Hirata ao efetivar sua pesquisa acerca de formas de vigência do trabalho feminino, também ofereceu indicações relevantes e semelhantes. Ela considera que “as teses de alcance universal como a da especialização flexível ou aquela da emergência de um novo paradigma produtivo alternativo ao modelo fordista de produção são fortemente questionáveis à luz de pesquisas empíricas que levam em consideração as diferenças Norte-Sul ou as diferenças relacionadas ao gênero” (HIRATA, 1995, p. 86).

A relação entre produção, reprodução e consumo na divisão de trabalho entre homem e mulher em minha opinião deveria ser tudo igual. Tudo deve ser proporcional. O trabalho para mim é tudo: É divertimento, é segurança para a família, e é lazer ao mesmo tempo. Problemas existem, no trabalho em uma empresa privada, há falta de diálogo, há falta de comunicação, já na empresa pública, é a mesma coisa; falta diálogo, falta comunicação (Cravo, 68 anos).

A igualdade de gênero, conforme análise de conteúdo com base em Araújo:

De maneira geral, a corrente feminista liberal igualitária está alinhada com a filosofia do liberalismo, o que significa afirmar que o feminismo liberal igualitário acredita numa sociedade capitalista possível de ser aperfeiçoada. Acredita numa capacidade de reformas. O problema reside no fato de que esta sociedade é mal ajustada para as mulheres. A prova: no interior do sistema capitalista, as mulheres sofrem discriminações sociais, econômicas e políticas. As causas encontram-se numa socialização diferenciada: os responsáveis são preconceitos, estereótipos, mentalidades e valores sociais retrógrados. Os lugares onde se exprime esta discriminação: na educação, no mundo do trabalho, nas profissões, nas igrejas, nos partidos políticos, no governo, no aparelho judiciário, nos sindicatos, na família, enfim, todos os setores da vida social (ARAÚJO, N., 2010, p. 37).

Em nossa opinião problemas existem na igualdade e na desigualdade de gênero. Luta-se por igualdade, por proporcionalidade, por paridade. Acredita-se em reformas, em ajustamento, em adaptação para as mulheres na sociedade, quer na empresa pública quer na empresa privada. Existe um caminho, existe comunicação, existe diálogo, entre a direita e a esquerda. Acreditar pode, mas reforma é pouco para por em prática na sociedade capitalista neoliberal a igualdade de gênero.

Quanto à questão de gênero, no ônibus houve o seguinte diálogo. Quantas pessoas têm aqui? Cem pessoas. Pois é, oitenta são mulheres. Está havendo uma inversão de valores. O homem está ficando em casa e a mulher sai para trabalhar. Quanto à divisão social do trabalho entre homens e mulheres há de se reconhecer que a mulher tem carga dupla. Uma na empresa e outra em casa. O trabalho para mim é uma forma de se manter vivo. Ter objetivo de vida. Ter projeto de vida. O estudo é um trabalho. Ser dedicado. Ter conceito de crescimento. Quem não contribui com nada pelo trabalho, simplesmente passa pela vida (Crisântemo, 63 Anos).

Segundo Hirata, a especialização flexível ou a organização do trabalho em pequenas ilhas ou módulos não se realiza de maneira indiferenciada quando se trata de ramo com mão de obra feminina ou masculina, em países altamente industrializados ou ditos subdesenvolvidos (HIRATA, Helena, 1995, p. 86).

Já segundo Araújo, no que se refere a carga dupla de jornada de trabalho das mulheres, as pesquisas sobre o uso de tempo no trabalho doméstico procuram captar comportamentos que não foram percebidos por pesquisas domiciliares tradicionais, que não conseguiram o ingresso no universo domiciliar e, portanto, não desvelaram como ocorre a repartição de trabalho e de recursos, entre eles, do uso do tempo, na esfera privada. Neste contexto se analisa como as pessoas empregam seu tempo, distribuindo esse recurso universal entre as mais diversas atividades, podendo esclarecer importantes formas de manifestação, principalmente no que se refere às desigualdades de gênero e raça (ARAÚJO, N., 2010, p. 76).

Sobre esta questão nosso entrevistado Senhor Girassol, (80 anos), assim se manifesta:

As relações entre os gêneros no mercado de trabalho, ainda é questionável, o homem ainda ganha mais, no geral. Mas há possibilidade de igualar. O nível salarial de cada um deve ser visto de acordo com o seu nível de escolaridade e nível de produção. Concordo que é possível assegurar os direitos sociais do idoso/idosa no mercado de trabalho do setor de Turismo. A mulher trabalha mais do que o homem e em geral ganha menos. A mulher tem jornada dupla. Ambos produzem e ambos consomem, portanto para trabalho igual salário

igual, para formação profissional igual, salário igual. Para mim o trabalho é o bem-estar da vida. É necessário trabalhar para viver bem. Estudar é um trabalho.

O depoimento do entrevistado encontra eco nos escritos históricos da autora Britto da Motta (1999, p. 229).

Diferem quanto a atitudes, práticas e representações, porque as relações de gênero, como construções sociais de formas de dominação e subordinação, têm resultado, historicamente, em experiências e trajetórias sociais diferenciadas para homens e para mulher. Para esta, a prescrição tradicional foi: domesticidade e maior repressão social e sexual, desestímulo ou dificuldade de acesso e permanência no mercado de trabalho, desigualdades de formação e de condições de trabalho em relação às dos homens, negação aparente de interesse e capacidade para a política e apropriação social do seu corpo expresso no controle familiar e na medicalização das funções reprodutivas.

Quanto à questão de gênero há uma concorrência sim entre homem e mulher, mas defendendo a igualdade, há um impacto muito grande. O homem não aceita ser inferior, mesmo sabendo que a mulher, muitas vezes é mais prática do que o homem e mesmo assim não tem a devida recompensa por isso. Na discussão entre a produção e a reprodução na divisão do trabalho acredito que falta companheirismo por parte dos homens para colaborar com a mulher no trabalho doméstico. (Acácia, 60 anos).

Ao analisar este depoimento com base nas questões do machismo e não aceitação da igualdade e com base nas autoras do gênero, entendemos que a lógica do patriarcalismo estabeleceu o poder de uma autoridade religiosa masculina sobre seus subordinados. Mas estende-se também a situações em que os homens dominam familiares, empregados ou aspectos políticos de uma organização social. Assim, as pessoas passam a dever obediência à imagem do homem dominante. De todo modo, o patriarcalismo ainda está embutido no subconsciente das sociedades. Embora as Constituições ocidentais afirmem que há igualdade entre homens e mulheres e entre todos os indivíduos da sociedade, o patriarcalismo ainda se manifesta de alguma forma. Suas raízes organizaram no ideário humano ao longo dos séculos e ainda hoje é preciso indicar as formas e as ocasiões em que aparece o efeito do patriarcado para fazer valer o ideal de igualdade entre as pessoas (PAULA, 2013, p. 32).

O movimento feminista, ao analisar a desigualdade social que acomete as mulheres, tem feito diversas críticas ao patriarcado, pregando a necessidade de sua eliminação para que a desigualdade entre homens e mulheres seja reduzida, e se possa criar uma sociedade mais igualitária e menos discriminatória e exploradora (WIKIPÉDIA).⁶²

⁶² <http://pt.wikipedia.org/wiki/Patriarcado>

A divisão do trabalho entre o homem e a mulher; produção e reprodução antigamente eram mais fortes. Hoje o homem já colabora na parte doméstica. Há uma maior participação, há maior compreensão, está mais democrático. Não existe mão de obra barata. É caro pagar uma diarista. Trabalhar para mim é viver. O trabalho é vida. É uma prova de existência, se trabalho, logo existo (Cerejeira, 61 anos).

Analisando este depoimento, de acordo com as declarações da entrevistada e de acordo com autoras do gênero:

A discussão sobre a caracterização do trabalho doméstico como modo de produção constitui um modo de produção específico, distinto e autônomo do modo de produção industrial, onde os homens exploram a força de trabalho feminino; portanto, neste modo de produção patriarcal as mulheres constituem uma classe social (ARAÚJO, N., 2010, p. 24).

Para os economistas do trabalho, emprego, salário, preços, tudo o que gera renda pode ser considerado trabalho. Como o trabalho doméstico é feito para uma família e é consumido ali dentro mesmo, ele não gera renda, não sai de casa para ser vendido. Trabalho seria, portanto, produzir mercadorias ou serviços e vendê-los para fora da família, trazendo dinheiro para dentro de casa (ARAÚJO, N., 2010, p. 29).

No mundo moderno a divisão do trabalho entre o homem e a mulher exige a participação do homem, a vida ficou mais cara, a mulher passou a entender que precisa estudar, e mesmo com um número de filhos menor há uma maior compreensão por parte do homem na atividade doméstica.

As reflexões abaixo encontram respaldo na autora Britto da Motta (1999), onde encontram eco.

Quanto ao gênero, à mulher está se igualando aos homens no mercado de trabalho. O grande tabu continua sendo o salário. Há diferença. Na relação produção e reprodução do trabalho: homem e mulher no mercado de trabalho há todo um histórico. Depois que a mulher passou a trabalhar fora de casa, muita coisa mudou. O padrão de vida mudou, a educação dos filhos mudou o relacionamento homem - mulher teve que ser ajustado, adaptado, para essa nova realidade. A dupla jornada de trabalho da mulher é maior do que a do homem. Em alguns casos, hoje, o homem já participa, colaborando em casa com a mulher na educação dos filhos, por exemplo, mas ainda podem-se considerar casos raros. A mulher termina trabalhando mais. A mulher termina saindo perdendo (com salários mais baixos). Quanto ao gênero concordo que o homem ganha mais do que a mulher. E eu defendo que para trabalho igual, salário igual. Direitos iguais em tudo (Margarida, 62 anos),

Na divisão social do trabalho entre o homem e a mulher é preciso afirmar que a mulher exerce dupla função, dupla jornada. Isso é completamente errado. Há uma exploração sobre a mulher e isso é uma pura realidade (Lírio, 70 anos).

Quanto ao gênero: muitas mulheres fazem a função do homem e, no entanto ganham menos. Há muita competitividade. Quanto à produção e a reprodução do trabalho entre o homem e a mulher acho que o homem deve ser mais participativo, pois os direitos são iguais. Se os direitos são iguais, as obrigações também deverão ser iguais (Rosa, 60 anos).

Com base na desigualdade, conforme afirmações da entrevistada e com base em estudo da autora Britto da Motta (1999) com relação ao patriarcalismo, a mulher vem lutando para diminuir essa desigualdade e atingir a igualdade de direito entre homens e mulheres. Historicamente, o homem vem dominando, mas nos últimos anos e principalmente após a década de 1960, a mulher já está se igualando ao homem no mercado de trabalho, principalmente aquelas que têm um nível escolar melhor. O padrão de vida está mudando com a escolaridade, o homem vem se adaptando a essa realidade. A dupla jornada de trabalho da mulher em todas as áreas termina sendo dobrada; quer no comércio e em casa, quer na faculdade e em casa, quer na política e em casa.

8.5 ANÁLISES DAS CATEGORIAS

Na categoria idoso:

Quanto ao conceito Camarano afirma que:

Do ponto de vista instrumental, uma definição também tem finalidade de caráter social. Na classificação de um indivíduo como idoso por formuladores de políticas predominam tanto objetivos relacionados à sua condição em determinado ponto do curso de vida orgânica quanto os relacionados ao seu posicionamento em um ponto do ciclo de vida social. Dentro do argumento de Geertz, não faz sentido pensar esses ciclos separadamente. Classificam-se idosos, por exemplo, com objetivos de se estimar demandas por saúde ou como um modo de distinguir a situação dos indivíduos no mercado de trabalho, na família ou em outras esferas da vida social (CAMARANO, 2004, p. 05).

De acordo com Neri (2007, p. 33-34), todos sonhamos com uma longa vida, coroada por uma velhice saudável, que virá como prêmio por nossas virtudes. Já na velhice, não nos reconhecemos velhos e, à medida que envelhecemos, tendemos a fixar com idades cada vez mais avançadas aquela que marca a entrada na última fase do ciclo vital. Ao longo da história,

o engenho humano colocou-se a serviço de driblar a morte e afastar o sofrimento. A filosofia e as religiões são subprodutos da nossa luta pela compreensão do sentido da vida, da velhice, da morte e da dor. A medicina, milenarmente, empenhou-se no enfrentamento da nossa intrínseca vulnerabilidade. No começo do século XX, a própria fundação da gerontologia foi marcada pela divulgação da descoberta de um tratamento que garantiria o retardamento da velhice. Na atualidade, a medicina antienvelhecimento é fonte de ilusões (e de polpudos lucros). Muitos produtos das artes e da arquitetura testemunham a nossa necessidade de deixar marcas no mundo, de forma a sobreviver longamente na memória do futuro. A morte não assusta, pois sabemos que faz parte da vida. No entanto, tememos a dependência, a perda de dignidade, a solidão e o sofrimento que, sabemos, podem anteceder a morte.

Em a reinvenção da velhice, Debert (1999, p. 36) nos fala:

O curso da vida moderno é reflexo da lógica fordista, ancorada na primazia da produtividade econômica e na subordinação do indivíduo aos requisitos racionalizadores da ordem social. Tem como corolário uma burocratização dos ciclos da vida, através da massificação da escola pública e da aposentadoria. Três segmentos foram claramente demarcados: a juventude e a vida escolar; o mundo adulto e o trabalho; e a velhice e a aposentadoria.

Nas palavras de Neri (2007, p. 110-111), a idéia de tempo livre para todos os cidadãos é relativamente nova e está vinculada à Revolução Industrial. Somente no século XX ocorreu a democratização do tempo livre para a maioria da população, nas sociedades industrializadas. Por um lado, diminuíram as horas semanais de trabalho e ampliaram-se as férias, especialmente pelas lutas dos sindicatos. Por outro, aumentou o tempo disponível, principalmente após a aposentadoria. Com o aumento da longevidade, o período de tempo livre aumentou. Muitas pessoas hoje chegam a viver 30 anos ou mais aposentadas. De modo geral, os idosos têm mais tempo para o lazer, a cujo cultivo é estimulado, seguindo os pressupostos da teoria da atividade. Contudo, não é a atividade em si que leva à satisfação, mas a percepção subjetiva do reconhecimento e da integração social a partir das atividades realizadas. Esta diferenciação ajuda a compreender por que aposentados não conseguem trocar simplesmente o trabalho profissional por alguma atividade de lazer. O trabalho traz para o trabalhador a sensação de estar integrado na sociedade. Através da atividade profissional, ele se sente útil e reconhecido. Já o lazer, um simples passatempo, não traz a mesma sensação, deixando um possível sentimento de vazio.

Beauvoir (1970, p. 20) nos fala que: “a velhice não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural”.

Considerar o envelhecimento como uma etapa da vida, por exemplo, requer uma preparação para o envelhecimento. Preocupação com a saúde, com a preparação física, com a construção de uma casa, com a construção de uma família, com o lazer, com as viagens, com a preparação para a aposentadoria, entre tantos outros pontos que cada um considerar prioritário para o seu estilo de vida, constituiu-se a opinião da maioria dos nossos entrevistados.

De acordo com Beauvoir, (1970, p. 300) há uma categoria que suporta mal a aposentadoria: é a dos funcionários em função de chefia; há, para eles, uma baixa séria de recursos. Não se adaptam aos lazeres. Procuram de maneira quase obsessiva atividades complementares. Mas é muito difícil para eles reformular suas vidas.

Um novo mapa da vida adulta se consolida com a maior e diferenciada longevidade entre homens e mulheres. Isso é fundamental para entender o que ocorre com as passagens que estes fazem ao longo do envelhecimento, o qual tem o início no momento em que a pessoa nasce e termina com sua morte (GOLDANI, 1999, p. 75).

[...] o caráter multidimensional e multideterminado do envelhecimento faz com que o entendimento e a variabilidade dos caminhos percorridos pelos indivíduos sejam uma tarefa complexa e obrigatória nas discussões sobre a população idosa. Isso significa ir além do comportamento e status individual e da forma de integração de homens e mulheres idosos na sociedade (ALENCAR; CARVALHO, 2009, p. 440).

Os depoimentos de idosos brasileiros alertam para os perigos das generalizações sobre a velhice e insistem na distinção entre os velhos em geral e a experiência pessoal, com uma clara diferenciação de gênero. Enquanto as mulheres enfatizam a autonomia e a liberdade como valores alcançados na velhice, para os homens é a lucidez que lhes garantiria nas idades mais avançadas o conhecimento das realidades social e política em que se encontram (DEBERT, 1997 *apud* NASCIMENTO; RABELO, 2008)⁶³.

O futuro da velhice tem sido traçado pela tecnologia. Será importante a partir do momento em que der oportunidade de poder ter acesso aos seus avanços tecnológicos e científicos, a fim de que possam envelhecer cada vez mais, com qualidade de vida. O envelhecimento é como um processo... O crescimento humano não tem crescido na mesma proporção que o crescimento tecnológico, é uma opinião dos nossos entrevistados; o crescimento tecnológico tem crescido em maior volume e com maior rapidez, porém com contrastes muito grandes entre os povos,

⁶³ http://strabalhoegenero.cienciassociais.ufg.br/uploads/245/original_stg2008-6-1.pdf

pois enquanto uns tem esse direito, outros continuam morrendo de fome perante os nossos olhares.

O aumento da longevidade deve ser reconhecido como uma conquista social, que se deve em grande parte ao progresso da medicina e a uma cobertura mais ampla dos serviços de saúde. No entanto, este novo cenário é visto como preocupação, por acarretar mudanças no perfil das demandas por políticas públicas colocando desafios para o Estado, a sociedade e a família. Nessa perspectiva, o pensamento comum é de que gastos sociais com o envelhecimento representam, sobretudo consumo para o Estado. Já gastos sociais com os jovens são percebidos como investimento e consumo. Essa é uma visão economicista por não considerar o caráter intergeracional dos gastos sociais e resultar em que a preocupação maior das políticas sociais se localize no nível individual e não no bem-estar coletivo (CAMARANO, 1999b, p. 1-2).

Em “O Segundo Sexo”, a mulher é o outro existencial. Em “A Velhice”, o velho é, o outro marginalizado (BRITTO DA MOTTA; SARDENBERG; GOMES, 2000, p. 145). É nesse ponto que o nosso trabalho não comunga com Beauvoir. Quando falamos de sujeito e de objeto, tratamos o idoso como aquele que trabalhou, que produziu e que procriou, portanto um cidadão, um trabalhador, um dono de casa, em fim um velho existencial. A negação da velhice encontrada em “A velhice” de Simone de Beauvoir, não é encontrada neste trabalho onde defendemos a posituação da velhice. Há de se reconhecer que estamos vivendo em outra época da de Simone (1970). Há uma evolução da história do idoso através dos tempos. Pode-se fazer uma ligação da história do idoso com a história das crianças e com a história dos jovens, podem-se fazer comparações, pode-se refletir o respeito e a sensibilidade por um lado, mas nunca o desprezo e a arrogância por outro. É importante ressaltar que o Século XIX foi um século do idoso no poder. O Século XX foi o século da colheita para a velhice. O Século XXI será o século do futuro sonhado para os idosos; com políticas públicas, com tecnologia, com trabalho, com dignidade, com turismo, com o gênero.

Será a velhice tão difícil de viver e ver, que nem Simone, como pessoa excepcional conseguiu suficientemente apreendê-la, do mesmo modo que a sociedade ainda não conseguiu apreendê-la?! Ao final, a esperança aventada é tênue. Pode vir pelo social. Refletir-se coletivamente sobre a diversidade das velhices segundo a classe social (e o gênero), sobre o falso humanismo da sociedade que abandona os velhos (ex-trabalhadores, e até sobre a insuficiência das tardias e paliativas “políticas da velhice”: “É todo o sistema que está em jogo e a reivindicação só pode ser radical: mudar a vida” (BEAUVOIR, 1970, p. 665 *apud* BRITTO DA MOTTA, SARDENBERG; GOMES, 2000, p. 148, 149).

Neste ponto, não há discordância possível, mas ainda não mudamos Simone!

Para Britto da Motta (2012, p. 287) há mudanças relativas, quanto a avanços na mudança de olhar os idosos/as.

Há uma mistura indigesta de alguma atenuação do preconceito contra os velhos, com a persistência da desinformação sobre eles. Essa desinformação que considero abismal, aliada ao medo da morte que o velho prenuncia, resulta em um mundo de atitudes inadequadas que os mais jovens têm em relação aos mais idosos, que leva, inclusive, a grandes lapsos científicos e inadequadas políticas públicas, de que bastaria dar um exemplo: que se sabe se trabalha e se age em relação à violência contra os idosos, que é mais uma questão das relações entre as gerações que da propalada violência de gênero.

Segundo Britto da Motta (2013):

Na visão tradicional da sociedade, a velhice das mulheres era como bem analisou Lins de Barros (1981, p. 13), “duplamente insignificante”: Ao homem velho se dá uma atenção maior, na medida em que se percebe a aposentadoria como uma mudança radical de vida – uma passagem de um mundo amplo e público para um mundo doméstico e restrito... A mulher, na velhice, está no último estágio de um continuum sempre ligado à esfera doméstica⁶⁴.

Na nossa análise não concordamos com Beauvoir; a liberdade da mulher não é circunstanciada, é uma conquista. Não há circunstâncias históricas, há fatos históricos vivenciados pelas mulheres, não há causas independentes de sua vontade, não há um destino feminino, mas uma direção, um objetivo, um projeto.

Na categoria Trabalho:

A presença feminina no mundo do trabalho nos permite acrescentar que, se a consciência de classe é uma articulação complexa, comportando identidades e heterogeneidades, entre singularidades que vivem uma situação particular no processo produtivo e na vida social, na esfera da materialidade e da subjetividade, tanto a contradição entre o indivíduo e sua classe, quanta aquela que advém da relação entre classe e gênero tornou-se ainda mais aguda na era contemporânea (ANTUNES, 1999, p. 46).

⁶⁴ http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&id=65:g%C3%...

O trabalho representa uma atividade necessária à sobrevivência humana.

A classe que vive do trabalho é tanto masculina quanto feminina. É, portanto, também por isso, mais diversa, heterogênea e complexificada. Desse modo, uma crítica do capital, enquanto relação social, deve necessariamente apreender a dimensão de exploração presente nas relações capital/trabalho e também aquelas opressivas presentes na relação homem/mulher, de modo que a luta pela constituição do gênero para si mesmo possibilite também a emancipação do gênero mulher (ANTUNES, 1999, p. 46).

Quanto ao trabalho para jovens e idosos a maioria dos nossos entrevistados considera normais as mudanças que ocorrem. Acha que as práticas exercidas na juventude não são suficientes para fazer valer na velhice. Entende que existe aceitação do idoso/idosa no mercado de trabalho. É favorável que o idoso/idosa venha a ocupar uma vaga de um jovem no mercado de trabalho.

No que concerne à divisão sexual do trabalho é visível a distinção que se opera entre trabalho masculino e feminino. Enquanto o primeiro atua predominantemente em áreas de capital intensivo, com maquinaria informatizada, o trabalho feminino se concentra nas áreas mais rotineiras, de trabalho intensivo (ANTUNES, 2009, p. 87).

A relação entre produção e consumo, entre produção e reprodução na divisão sexual do trabalho ou divisão social do trabalho, na opinião dos entrevistados, há uma tendência para um equilíbrio. Com toda a evolução histórica do mundo do trabalho há um caminho para a igualdade.

No que se refere à qualificação do idoso/idosa no mercado de trabalho, o que mais tem caracterizado a era do trabalho é a produção, no entanto a experiência tem um peso muito grande, segundo nossos entrevistados.

Na opinião de Brito da Motta (1992):

Na linha de continuidade da produção feminista acadêmica, outro quadro de referência foi produzido, a partir do convencimento de que, sendo a realidade social complexa e multifacetada, o seu desenvolvimento requeria várias “entradas” teóricas, tais como, no caso do trabalho doméstico, as relativas à classe, gênero, identidade, ética, etc., articuláveis em tecido conceitual comum. A percepção das possibilidades de convergência analítica dessas categorias construídas em diversas relações sociais possibilitou, também, uma aproximação maior de certas contradições do real concreto (A gama de alternativas para o ser homem ou ser mulher, de determinada classe,

de determinada raça, de determinada idade!). Ensejou, igualmente, o necessário recurso a categorias pouco trabalhadas sociologicamente, como as de ambiguidade e ambivalência⁶⁵.

Na categoria Turismo:

Segundo Beni (1991, p. 41):

Observa-se uma preocupação interrogativa em alguns meios acadêmicos, no sentido de saber se Turismo é ciência, em que estágio de desenvolvimento se encontra e se poderia ser tratado em etapa de cientização. A verdade é que muitos teóricos, desde Krapf e Hunziker e todos os pesquisadores da escola berlinense, passando por Fuster, da escola funcionalista, que compendiou pela primeira vez o conhecimento do Turismo, apresentando as diversas correntes de pensamento teórico, bem como os autores da atualidade como Jafari, Ritchie, Krippendorf, Keller, Swarbrooke, Figueirola, Cardenas, Wahab, Gutiérrez, Bordas, Defert, Acerenza, Baretje, pela Escola de Frankfurt que faz a crítica teórica dos marxistas vendo o Turismo circunscrito à relação de consumo, até os estruturalistas da corrente do sistemismo como Sessa, Beni, Pierre Lané, Molina, Boullón, fenomenologistas como Ceteno, e estudiosos do cotidiano como Maffesoli, vêm investigando e preparando as bases de categorização epistemológica do Turismo, contribuindo todos eles para o estabelecimento de seus fundamentos científicos.

Nossos entrevistados consideram imprescindível assegurar os direitos sociais dos idosos/idosas no mercado de trabalho do setor de Turismo principalmente com base em sua vivência. Na visão deles o turismo, é uma atividade que não exige esforço físico, mas sim conhecimento, credibilidade e capacidade.

Na categoria Gênero:

Segundo Abramo; Abreu, (1998, p. 14-15) entendem que a associação (naturalizada e quase exclusiva) entre a mulher e o cuidado dos filhos está interiorizada entre os próprios trabalhadores e trabalhadoras, referindo-se centralmente a dois aspectos: por um lado, à pressão dos maridos para que as mulheres deixem de trabalhar a partir do momento em que se transformam em mães; por outro, à aceitação, por um grande número de mulheres, de que

⁶⁵ <http://www.cadernocrh.ufba.br/include/getdoc.php?id=1330&article=362&mode=pdf>.

esses dois papéis são inconciliáveis, o que as leva, muitas vezes, a renunciar ao trabalho assalariado após a maternidade. A autora apresenta também indícios de novas tendências que vem surgindo entre operárias mais jovens e com militância sindical que, a partir da vivência da mesma contradição (ou seja, a dificuldade de conciliar os papéis de mãe e de trabalhadora), optam por renunciar à maternidade, com o objetivo de manter-se no mercado de trabalho. Longe de representar uma solução, essa tendência parece ser mais uma expressão da dificuldade de encontrar uma alternativa para a repartição das tarefas reprodutivas que seja menos onerosa para as mulheres.

Camarano (1999^a, p. 76) ao discutir o envelhecimento diferenciado entre homens e mulheres, destaca a maior e crescente proporção de mulheres no total da população idosa, ou a chamada feminização da velhice. Este fenômeno, resultante da maior longevidade feminina, ganha sua expressão máxima entre os grupos de idosos mais velhos.

“Segundo Peres (2007, p. 143) quando se consolida um peso relativo maior dos idosos na população total do país – 12% em 2020 -, e mais ainda, quando as mulheres representam 57% destes, é que se confirma para o Brasil o fato de que o mundo dos muitos idosos é um mundo de mulheres”.

Nas palavras de Britto da Motta; Sardenberg; Gomes, (2000, p. 113):

A mulher não se quer mais “outra”, “objeto”, a mulher se quer “sujeito”, a mulher ser quer “eu”, um “eu” refletido nos seus escritos, que se pode traduzir por “quem fala de mim sou eu”, “quem me conhece sou eu”, “eu estou querendo me descobrir, através de mim e das outras mulheres”. Esta é a consequência daquela leitura que analisava a representação feminina.

8.6 CONCLUSÃO DAS ANÁLISES DAS CATEGORIAS

Com essas principais categorias, o nosso trabalho entende cobrir os principais temas envolvendo o nosso estudo sobre: “A Participação de Pessoas Idosas no Mercado de Trabalho do Setor de Turismo do Distrito Federal: Possibilidades e Limites”. Entretanto, sabemos que esse tema não se esgota neste trabalho, no entanto, abre-se uma oportunidade para o aprofundamento em estudos futuros. Artigos diversos poderão ser trabalhados no sentido de dar ênfase a todas essas questões iniciadas aqui como sugestão.

8.7 INSERÇÃO DOS IDOSOS/AS NO MERCADO DE TRABALHO

8.7.1 Segundo os Entrevistados

Segundo os nossos entrevistados as possibilidades e os limites de idade para encontrar um trabalho, após os 60 anos, observamos que uns consideram que há possibilidades e limites, outros acham que não.

Colocada a idade e a escolaridade na balança do emprego, considero que o saber é mais importante. Uma pessoa, mesmo com 60 anos de idade, com conhecimentos tem mais facilidade. Um jovem de 20 anos sem escolaridade e um idoso com 60 anos com escolaridade a vaga é do idoso. Com o idoso/idoso a expectativa de melhoria para as próximas gerações é válida porque o idoso tem experiência. Tem respeito para com o próximo. Tem compromisso para com a empresa, para a qual trabalha. O seu estilo de vida humano é fruto dos movimentos de uma longa vida. O idoso sabe receber e sabe conduzir o seu setor onde trabalha (Girassol, 80 anos).

No momento da procura de um emprego em minha opinião o peso da idade e da escolaridade é igual. Porque para a idade: “joga-se com a experiência”. Para a escolaridade: “joga-se com o diploma, com o currículo, com a concorrência”. O idoso contribuirá com mais experiência, com mais vivência. Contribuirá com melhor preparo psicológico para a vida, melhor formação do caráter pelo próprio estilo de vida de cada um, mais consciência (Acácia, 60 anos).

Com relação às viagens, (Antúrio, 77 anos) vê à viagem como um investimento: para os estudos, para os negócios, para a saúde, para o lazer, são sempre fundamentais como projetos de vida.

No que se refere à educação recebida dos pais, a educação de berço consideram de suma importância para o seu autoconhecimento, bem como para serem aceitos como profissional. A educação contribuiu para suas respectivas inclusões sociais como pessoas idosas (Angélica, 69 anos).

Sobre a Educação para a velhice assim se manifesta nosso entrevistado:

Uma educação para a velhice, preparando o idoso/idoso para após sua aposentadoria seria o ideal, mas o país não está preparado para isso. São poucos países que cuidam do idoso. Sinto saudade da juventude. Tudo isso faz falta, mas é inevitável. O corpo já não obedece mais ao comando da mente. Nunca me imaginei velho, dando milho para os pombos, jogando dominó, jogando conversa fora. Trabalho não por necessidade financeira, mas para me manter ativo (Crisântemo, 63 anos).

Uma boa educação para a velhice é: manter uma boa dieta, ajudar aos outros, não ser materialista. O acompanhamento das mudanças que nos ocorrem da criança a velhice é muito importante e deve-se começar desde cedo, desde criança. Todos nós somos iguais, não importa a idade. Certa vez uma criança de seis anos de idade disse que não abraçava pessoas velhas. Atribuo essa educação a televisão que cultiva o corpo do jovem, bonito e esbelto. Isso é preciso mudar. As práticas da juventude na velhice fazem parte da vida. A cabeça diz que você pode, mas o corpo diz que não. Subia numa cerca, em um muro com facilidade até certa idade, hoje já não consigo mais (Angélica, 69 anos).

Quanto ao senso de realização profissional e quanto ao uso dos seus talentos para realizar o seu trabalho os entrevistados são unânimes em afirmar que procuram realizar todas as suas tarefas com perfeição; o seu local de trabalho é uma extensão de sua própria casa, portanto, fazem com carinho tudo aquilo que leva o seu nome, a sua participação, tudo quanto passa pelo seu controle.

Como atividade cultural alguns idosos costumam ir ao cinema, ir ao teatro, ir a um concerto, ir a bailes de terceira idade. Com exceção das atividades que exigem esforços físicos como jogar futebol, o idoso procura pôr em prática tudo aquilo que utilizou durante a fase adulta. A sua imaginação leva a cultivar todos os momentos bons da vida que o levou a se divertir. Assim cada um tem seu hobby preferível para seu passa tempo na fase da velhice.

Como confortos para a sua vida consideram: a saúde, a família, a segurança, a paz, como fatores preponderantes. O dinheiro não é o mais importante é um complemento. É uma opinião quase unânime nos questionários e nas entrevistas.

“A caracterização das famílias, vistas por grupos de renda diz respeito à média da população brasileira e como tal mascara a grande heterogeneidade que marca essa sociedade. Com o objetivo de avaliar o impacto que o nível de renda pode ter nos arranjos familiares e/ou vice-versa” (CAMARANO, 1999b, p. 25).

No quesito “Violência em Brasília”, há quase uma unanimidade na afirmação sobre a existência da violência em Brasília e de que a solução para esse problema começa pela educação. Nem mesmo com o melhor padrão de vida, como no Distrito Federal, não exclui, por si mesmo, nem a violência intrafamiliar nem a violência sociopolítica (FALEIROS, 2007, p. 338).

No sentido das mudanças das dimensões históricas:

O problema maior que se coloca àqueles que por questão de viabilidade histórica não têm outro caminho que o da mudança gradual das partes, com a qual pretendem alcançar a mudança da totalidade, consiste em: ao mudar uma das dimensões da estrutura, as respostas a esta mudança não tardam. São respostas de caráter estrutural e respostas de caráter ideológico. De um lado, são as demais dimensões da realidade que, ao se conservarem como estão, criam obstáculos ao processo de transformação da dimensão sobre a qual está incidindo a ação transformadora; de outro lado, são as forças contrárias à mudança que tendem a se fortalecer diante da ameaça concreta da mudança de uma das dimensões em transformação (FREIRE, 1986, p. 53).

No que se refere a competência, no sentido de se tornar um ser humano aceito, uma pessoa confiável com plenos direitos de cidadão, são exigidos, na nossa sociedade, três tipos principais de competência: habilidades cognitivas, controle do corpo e controles emocionais (DEBERT, 1999, p. 67).

A segurança em Brasília não é paradigma para nenhuma cidade. Ninguém tem sua própria segurança garantida. É também uma opinião quase unânime. Consideram que o idoso é respeitado no local de trabalho. Com a família o respeito é tido como algo sagrado. A relação com o público de um modo geral é boa.

Quanto ao cuidado com a saúde, os idosos afirmam que vão sempre ao médico. Apesar da dificuldade de se marcar uma consulta, uma vez que a saúde pública em Brasília deixa muito a desejar. Muitos utilizam de convênios firmados com suas respectivas repartições de trabalho.

Com relação a esses pontos o Senhor Lírio (70 anos) considera:

Um dos determinantes para a longevidade é sem dúvida o cuidado com a saúde, o cuidado com a alimentação, respeitar a si próprio em primeiro lugar. Observar seus próprios limites. Considero a saúde um fator importantíssimo, para viver bem e viver muito. Infelizmente em Brasília a saúde pública é uma das piores do país. A área da saúde deixa a desejar. Além da saúde também são muito importantes a segurança e a educação. A educação para a velhice deve ser como um programa social. É muito importante. As mudanças que ocorrem ao longo do tempo é uma consequência natural, a tecnologia trouxe muita novidade. O computador faz tudo. Água demais mata a planta. Um idoso que se cuida, cuida da sua saúde, pratica esporte, vale por dois. O idoso precisa impor-se. O idoso tem que ter prioridade.

Nem todos usam a internet, nem todos vê televisão, nem todos tem o hábito de lê o jornal diariamente, mas ao mesmo tempo se consideram bem informados.

Na maioria dos questionários verificou-se que os idosos não praticam nenhum tipo de esporte. Com raras exceções; alguns fazem caminhadas e alguns dançam em grupos de terceira idade, ou em bailes da cidade.

Com relação ao mercado de trabalho, o Senhor Antúrio (77 anos) assim se manifesta:

Não considero que exista aceitação do idoso/idoso no mercado de trabalho. Como também não considero que o idoso/idoso venha a ocupar uma vaga de um jovem no mercado de trabalho. Na participação de pessoas idosas no mercado de trabalho do Setor de Turismo, considero imprescindível assegurar os direitos sociais dos idosos/idosas. Quanto ao campo de atuação dos idosos/idosas no mercado de trabalho, existe sim essa possibilidade, principalmente no setor do Turismo, isso levado pela sua vivência. Quando um idoso/idoso fala sobre algum assunto, ele/ela o faz pela sua experiência de vida. Quando um(a) jovem fala sobre algo ele/ela o faz porque leu nos livros ou alguém lhe contou. Na Análise da inserção do idoso/idoso no mercado de trabalho no setor de turismo, creio ser uma necessidade inclusive com uma formulação que está muito em moda, que é a pretensão de colocação para o grupo da terceira idade, no sentido do seu aproveitamento no turismo, uma vez que é uma atividade que não exige esforço físico, mas sim conhecimento, credibilidade e capacidade, ainda de aprendizado sobre esse ramo de atividade que é a atividade turística. A qualidade de inserção social do idoso/idoso no mercado de trabalho contribui para a sua qualidade de vida.

Para o Senhor Cravo, (68 anos), sobre a aceitação do Idoso no mercado de trabalho, tem a seguinte opinião:

Considero pouco aceita, pois os empresários dão mais valor ao jovem. Ainda há muito preconceito nesse sentido. Caso esse quadro se reverta considero importante para a auto-estima do idoso/idoso e irá contribuir muito para a sua qualidade de vida.

Para o Senhor Crisântemo, (63 anos) quanto à aceitação do idoso/idoso no mercado de trabalho declara:

Entendo que ainda há barreira, o empresário tem medo de empregar o idoso. Acha que o idoso não é capaz. Vai morrer logo. Para a empresa talvez um estágio apenas para o idoso seja considerado bom porque o compromisso para com este não pesaria tanto. Uma proposta boa seria para cada 100 funcionários "X" de idosos, tanto quanto já existe, por exemplo, para deficientes físicos. O PIB aumentará com a participação do idoso/idoso no mercado de trabalho e a sua qualidade de vida melhorará, para cada função determinada: espaço físico e espaço intelectual.

Ainda sobre este tema a Senhora Angélica, (69 anos) declarou:

Não existe aceitação de pessoas idosas no mercado de trabalho. Para quem já está fica porque já conquistou o seu espaço. Mas para entrar depois dos 60 anos, nem com conhecimentos consegue mais. Sobre a inserção do idoso/idoso no mercado de trabalho acho que pode fazer muita coisa. As possibilidades e limites variam de pessoa para pessoa.

O Senhor Girassol, (80 anos) sobre a aceitação do idoso no mercado de trabalho explica:

Tudo é muito relativo. Se esse idoso, se essa idosa tem capacidade sim. O idoso não ocupa vaga de um jovem no mercado de trabalho. O que acontece é que muitas vezes, o jovem não tem compromisso, é desanimado. O idoso no trabalho é prestativo, está sempre à disposição das pessoas, nunca dizem não. A aceitação do idoso/idosa, no mercado de trabalho é entendida por mim como uma consideração para com o idoso, uma ajuda, uma oportunidade, portanto acho que existe sim essa possibilidade. O conhecimento de cada um, a instrução que cada um tem em seu campo de atuação, a passagem do conhecimento de uma pessoa mais idosa para uma pessoa mais jovem. Eu vejo o guia turístico como um exemplo desse modelo de passagem do conhecimento. E o idoso pode desempenhar esse papel. O idoso/idosa no mercado de trabalho contribui para a arrecadação do PIB. Que por sua vez deverá contribuir para a sua qualidade de vida.

Quanto aos diferentes campos de atuação do Turismo em Brasília a Senhora Acácia, (60 anos) assim se expressa:

Promoção de viagens, congressos, ONGs voltadas para trabalhos com o idoso no Turismo. Com a participação do idoso/idosa no mercado de trabalho no setor do Turismo haverá aumento na arrecadação do PIB, pois a partir de maior participação de trabalhadores no mercado de trabalho, haverá conseqüentemente mais renda para todos. A qualidade de vida do idoso é também medida pela sua inserção no mercado de trabalho. No entanto não concordo que viver muito seja viver bem. O importante é viver até seus limites e ser independente. Esses limites para mim significam viver em harmonia consigo mesmo. Comunicar-se, relacionar-se, socializar-se. A boa harmonia começa pela família, com os vizinhos. Depois vem a harmonia do cidadão para com a sociedade e para com o Estado.

A Senhora Cerejeira, (61 anos) sobre o mercado de trabalho, sobre o turismo e sobre o Idoso fez as seguintes considerações:

O idoso é bem aceito no mercado de trabalho, principalmente em São Paulo. Para o turismo em Brasília, que ainda está engatinhando falta uma secretaria de Turismo atuante, falta projeto. O idoso tem muitas contribuições a dar. O idoso tendo um salário garantido, um patrimônio qualquer, que lhe dar maior tranquilidade para um novo trabalho no mercado de trabalho. O turismo é a maior fonte de lazer para o idoso que vai lhe tirar da rotina. O Turismo tem muito a oferecer para o idoso. O Setor do Turismo precisa elaborar bons projetos para os idosos. Divulgar junto à imprensa. Trabalhar em conjunto; empresa pública e empresa privada. A entrevistada tem a pretensão de criar uma empresa no sentido de gerar emprego para o idoso, onde irá trabalhar menos de 08 horas por dia.

Para a Senhora Margarida, (62 anos) sobre a aceitação do idoso/idosa no mercado de trabalho pensa que:

Existe aceitação do idoso/idosa no mercado de trabalho, para aqueles idosos com preparação profissional. Se não tiver formação profissional esse idoso não será aceito no mercado de trabalho. Um idoso não toma vaga de um jovem

no mercado de trabalho. Não acredito. Cada um tem o seu lugar determinado, desde que tenha se preparado para isso. O jovem tem a vantagem da juventude a seu favor, mas se não tiver qualificação, formação profissional, conhecimento, tudo isso se constituirá em desvantagem. É possível assegurar os direitos sociais do idoso/ídosa, no mercado de trabalho do Setor de Turismo sim, porque a experiência das pessoas mais velhas vai dar uma boa formação para os mais jovens no setor do Turismo.

O Senhor Lírio, (70 anos) sobre a aceitação do idoso/ídosa no mercado de trabalho acha que:

Não existe aceitação do idoso no mercado de trabalho, a não ser quando lhe conhece. O idoso não toma vaga de um jovem no mercado de trabalho. Eu sou uma prova disso. O dono deste hotel me considera de grande importância e não me trocaria por um jovem. Por razões do compromisso, da responsabilidade, do respeito, da assiduidade, da pontualidade.

A Senhora Rosa, (60 anos) tem a seguinte opinião sobre o mercado de trabalho no setor de turismo para o idoso:

Assegurar os direitos sociais do idoso/ídosa, no mercado de trabalho do Setor de Turismo, é muito relativo, nem todos buscam, nem todos lutam pelo seu espaço, e é preciso lutar para que isso lhe seja assegurado.

O Senhor Antúrio, (77 anos) sobre o exercício da cidadania assim nos fala:

O exercício da cidadania é um conjunto de fatores; tanto a família, quanto a sociedade, como o Estado, deve participar dessa construção, sem se esquecer que compete a cada indivíduo buscar os seus próprios benefícios. Quanto à construção social da velhice no Brasil, na atualidade estão falando muito no quesito velhice, no entanto a nossa “Constituição Federal”, o nosso “Estatuto do Idoso” contêm vários artigos disciplinando os direitos desses idosos e que não são nem respeitados nem praticados.

Para Crisântemo, (63 anos) sobre a cidadania diz:

A cidadania é uma conquista, mas o idoso não vai atrás dos seus direitos, não vai a esplanada dos ministérios reivindicarem e o governo por sua vez não faz nada.

Para Angélica, (69 anos) quanto ao exercício da cidadania considera:

O respeito ao próximo faz toda a diferença. No processo de socialização é preciso pensar, um dia vou ficar velho/velha e assumir isso. Existem muitas leis que não funcionam no país. O respeito é o caminho, pois, as leis não funcionam.

O Senhor Girassol, (80 anos) acha que:

O exercício da cidadania é movimento. Movimentar-se é importante. A vida é um grande movimento. A manifestação sim é um exercício da cidadania. A depredação não. O que a gente viu esses dias nas ruas por parte de alguns vândalos, que inclusive passaram dos limites, não deve ser copiado por ninguém. São destruidores do nosso patrimônio, dos nossos impostos, são

baderneiros, insultadores da ordem pública, da ordem estabelecida, não merecem nossa atenção.

Para a Senhora Acácia, (60 anos):

Exercer a cidadania significa cumprir com seus deveres, ter direitos ter uma boa resposta sobre todos esses aspectos, e você poder cobrar. Uma construção social da velhice no Brasil simboliza uma construção de conquista. Mas os idosos ainda podem conquistar muito mais. Bons asilos por exemplo. E assim como existe campanha para as crianças como “criança esperança” também poder ser criada campanha para os idosos: “envelhecer com esperança”.

Para a Senhora Cerejeira, (61 anos):

A cidadania é viver bem com todos, é cuidar do social, é viver bem consigo mesmo e com os outros, vivemos em sociedade. Ninguém quer se isolar é o respeito ao próximo. Respeitar uma fila no banco é exercer a sua cidadania. A construção social é fruto do respeito, da consideração e da valorização do idoso. Tudo isso é fundamental para a vida do idoso, essa construção é tudo. É o patamar. Mas infelizmente não existe essa preocupação por essa construção. Há um pensamento filosófico: “Um é o espelho do outro”. Todos precisam de calor humano.

A Senhora Margarida, (62 anos) nos fala:

Trabalhando todos conseguem viver melhor, tanto por condições financeiras, quanto por condições sociais e psicológicas. Com o avanço da tecnologia, muita coisa pode mudar, inclusive em benefício da velhice. Viver é muito importante, mas viver bem, desde que não dependa dos outros, não dar trabalho para os outros. Viver com lucidez, com saúde, com amor. É muito bom viver, quando se sente bem, consigo mesmo. Exercer a cidadania é conhecer os limites; onde começa e onde termina os nossos direitos e os direitos do outro. Quem tem experiência de vida sabe com certeza exercer sua cidadania. No Congresso Nacional boa parte dos nossos congressistas é idoso, eles sabem muito bem exercerem sua cidadania. A cidadania é uma permanente conquista. Primeiro é preciso conquistá-la depois é preciso exercê-la. Os políticos buscam ao mesmo tempo: direitos, reconhecimento e respeito.

O Senhor Lírio, (70 anos) sobre o exercício da cidadania assim se expressa:

Para exercer bem a cidadania é preciso respeitar os direitos do outro, para ser respeitado. O conjunto dos direitos e deveres deverá compor a construção social da velhice.

A Senhora Rosa, (60 anos) tem o seguinte conceito sobre o exercício da cidadania:

Para o idoso o exercício da cidadania é a confirmação de uma conquista de toda a sua vida, de toda a sua trajetória, de toda a sua preparação, de todo o seu percurso.

Com relação ao avanço da tecnologia e o crescimento humano, o Senhor Antúrio, (77 anos) declarou:

O Brasil não tem exemplos ainda. A ciência já fala hoje em dia que as crianças que irão nascer nos próximos cinco anos, terão oportunidade de chegarem aos 120 anos de idade, caso o Estado modifique principalmente as suas preocupações e as suas ações na proteção ao indivíduo desde o seu nascimento até os seus 120 anos. Os limites para a qualidade de vida são os cuidados pessoais com a saúde, com a alimentação, com a educação, com a higiene. E não se esquecendo da participação do Estado no cumprimento de sua parte social. O crescimento humano não tem crescido na mesma proporção que o crescimento tecnológico, o crescimento tecnológico tem crescido em maior volume e com maior rapidez, porém com contrastes muito grandes entre os povos, pois enquanto uns tem esse direito, outros continuam morrendo de fome perante os nossos olhares.

O Senhor Cravo, (68 anos) com relação ao avanço da tecnologia tem mesma opinião:

No meu ponto de vista, se não tiver qualidade de vida, não será nada bom. Os limites para se ter qualidade de vida são: alimentação saudável, exercício físico e trabalhar. Fala-se muito no tripé: Estado, sociedade e família, mas na minha compreensão a base de tudo é a família. Com uma família sólida fica mais fácil conquistar a cidadania. Com a cidadania conquistada também fica mais fácil o respeito para a construção social da velhice. Já para o futuro da velhice com a tecnologia, não vejo futuro para o idoso com base na tecnologia. A velhice é um conjunto de fatores que se passou pela vida. Portanto, o homem tem simplesmente acompanhado o crescimento tecnológico.

Para Crisântemo, (63 anos) sobre o crescimento humano com o avanço da tecnologia, tem a seguinte opinião:

É significativo desde que ele consiga caminhar, viajar, seria muito bom. Imagine daqui a cem anos ou mais. Seria muito bom ver toda essa evolução da tecnologia. Tudo muda. Com o cuidado para com o idoso deveria ter lugares preparados; para alimentação, para divertimento, para lazer, para atividade cultural, para exercícios físicos. Ou seja, um serviço social, pago pelo Estado acompanhando o idoso. Mas hoje conta-se apenas com a família, na maioria dos casos, em alguns casos, conta-se com alguns amigos. Com o Estado esse não se pode contar. O crescimento tecnológico está bem na frente do crescimento humano. Seria importante que houvesse um equilíbrio. A tecnologia deveria estar mais a serviço do idoso. Mas não dar para frear esse avanço tecnológico. É inevitável. Agora falando da tecnologia no sentido de dar vida longa as pessoas, considero loucura. A tecnologia não vai conseguir substituir todos os órgãos. É loucura.

Para a Senhora Angélica, (69 anos) o crescimento humano e o crescimento tecnológico em sua opinião:

Significa o futuro da velhice. Com a tecnologia é um discurso que na prática não funciona, tudo é muito bonito, tudo é muito importante, mas tem que ser aceito pelas pessoas. As pessoas precisam se aceitar como elas são. Sem radicalizar. Não é preciso fazer plástica para se sentir bem.

Para Girassol, (80 anos), a tecnologia não pode fazer milagre, portanto o idoso aos 150 anos, se chegar lá a dependência aumenta. Nesse sentido não considero louvável.

Para Acácia, (60 anos) sobre o avanço da tecnologia declara:

Não concordo com a tecnologia no sentido de inovar o corpo. É preciso aceitar a velhice. Vamos ser transformados com o tempo de qualquer maneira. É preciso aceitar simplesmente. Plástica jamais. O que caracteriza a velhice é o tempo, são os anos. Há maior disparidade no crescimento tecnológico, com relação ao crescimento humano.

Para Cerejeira, (61 anos) falando sobre o avanço da tecnologia, afirma:

A tecnologia não pode garantir o sucesso planejado com relação à parte médica. No meu ponto de vista é uma grande ilusão. Ter uma alimentação sempre diferenciada e adequada é um dos caminhos para uma qualidade de vida das pessoas. Manter uma dieta correta é necessário na terceira idade. Uma das coisas que limita a qualidade de vida é a falta de dinheiro. Um dos sentimentos do calor humano, de confraternização, de solidariedade, de entendimento, de compreensão, de uma boa comunicação entre as pessoas começa pela família, seguido pelos amigos. Mas é preciso ter a consciência de que é uma construção nascida na família, dando a oportunidade de os filhos se criarem amorosos, pelo contrário vão ter problemas no futuro. É preciso criar em cada um no lar o sentimento de respeito, de compromisso, de responsabilidade, de amor. Enquanto o crescimento humano permanece estabilizado, o crescimento tecnológico avança.

Para Margarida, (62 anos) a respeito do crescimento humano e o crescimento tecnológico tem o seguinte pensamento:

O futuro da velhice com a tecnologia acredito que até certo ponto é bom. A tecnologia não tem limites. A velhice tem limites. Uma pessoa com 60, 70 anos não pode ter a mesma beleza de outrora. A tecnologia não consegue fazer milagre com nossos limites. Na velhice as pessoas envelhecem diferentemente umas das outras. Varia de pessoa para pessoa, varia conforme o estilo de vida que cada um leva, conforme suas condições de vida, sua família reunida em sua volta, ter paz, ter tranquilidade, ter amor para com o próximo. Isso para mim são as caracterizações da velhice. O crescimento humano e o crescimento tecnológico têm crescido nas mesmas proporções para quem teve uma boa educação, frequentaram uma boa universidade, para quem teve uma boa vida, com boa alimentação, com condições de participar das coisas boas que a vida oferece, como por exemplo, viajar, pode-se dizer que sim, para outros não.

Sobre o avanço da tecnologia e o crescimento humano, o Senhor Lírio, (70 anos) se posiciona:

Com o avanço da tecnologia, o crescimento humano pode acompanhar esse progresso. O japonês é muito cuidadoso, desde a alimentação. O brasileiro nem tanto. Os limites para se viver bem em minha opinião são: boa alimentação (sem gordura, sem fritura), praticar esporte, não fumar, não beber bebida alcoólica. O exercício da cidadania é um exercício que se pratica no dia a dia na vida social e na vida política, em família, na sociedade e perante o Estado. O crescimento humano e o crescimento tecnológico têm crescido de maneiras diferentes a meu ver; com relação às ferrovias e as estradas, por exemplo, a tecnologia andou para traz, com relação ao homem, a guerra agora é contra as drogas, é contra as quadrilhas de bandidos, é contra os arrastões, contra os seqüestros, contra os extrupos, contra a corrupção.

A Senhora Rosa, (60 anos) sobre o crescimento humano e o crescimento tecnológico é da seguinte opinião:

A tecnologia tem tudo para ajudar aos idosos/idosas, na velhice. Mas de pouco vai adiantar. Quando a idade chega. Chegou. Para mim o que mais contribui para o envelhecimento e o que mais marca é a falta de perspectiva, é a falta de atividade, falta de uma ocupação, falta de um hobby. É a falta de saúde. A tecnologia está bem avançada, mas o ser humano não acompanha.

Para o Senhor Antúrio, (77 anos) sobre produção e consumo tem a sua opinião:

Quanto a relação entre produção e consumo, entre produção e reprodução na divisão sexual do trabalho, ou divisão social do trabalho: no meu entendimento este crescimento está ultrapassado e na medida em que a educação se fizer mais presente em todos os níveis temos certeza de que haverá equilíbrio entre estas colocações.

O Senhor Antúrio, (77 anos) sobre a expectativa de melhoria para as próximas gerações, assim se expressa:

Sobre a expectativa de melhoria para as próximas gerações acredito que são locais onde o turismo representa força econômica tais como o Norte e o Nordeste e outros pontos em que existam atividades turísticas que seja alavancadora de receita, aí os governantes deverão preocupar-se em estender as possibilidades de que o idoso/idoso pudesse participar de forma mais efetiva nessa força de trabalho e dar consequência para outros estados da união acreditar por colocar em prática tais políticas. Não separar o turismo de outras atividades, mas sim colocar o turismo como uma atividade como principal atividade e preocupar-se com o aprimoramento da força de trabalho das pessoas, com experiência, com mais suporte, com mais coragem, com mais determinação, e que na verdade é à força da terceira idade. O país que não cuida da sua velhice é um país que não tem conhecimento do que o futuro lhe reserva.

Sobre a aposentadoria, o Senhor Cravo, (68 anos) tem a seguinte opinião:

No meu entendimento com relação à aposentadoria, o idoso/idoso de um modo geral nunca está preparado e o Estado tem a obrigação de amparar o idoso/idoso. A aposentadoria é um direito adquirido. O Brasil ainda é Terceiro Mundo. Não dar para comparar com outros países. Não haverá controle de natalidade e o envelhecimento é uma consequência da vida. As consequências para o país são graves se não tiver ação do Estado. Campo de atuação dos idosos/idosas no mercado de trabalho do setor de Turismo existe. O setor hoteleiro é um exemplo disso.

Para o Senhor Crisântemo, (63 anos) a respeito da aposentadoria entende:

Quanto à aposentadoria acredito que as pessoas ainda não estão preparadas para se aposentarem, o Estado não está preparado com as despesas que terão com os aposentados. Ainda falta muito. Em relação a muitos países estamos aquém da realidade. Os políticos são corruptos. Não ligam para nada. A Hungria é um país de velhos. No Brasil deve haver controle de natalidade. E

para o velho; laser, dança, forró, construir casa para o idoso com a figura do cuidador, como acompanhante, é preciso mais assistência médica para o idoso. Não concordo com a aposentadoria precoce.

A Senhora Angélica, (69 anos) sobre a aposentadoria considera:

Acho que quem se aposenta fica presa. É preciso planejar a aposentadoria. Viajar por exemplo. O que vou fazer quando aposentar? Esse é um projeto que tem que ser pensado.

Para a Senhora Acácia, (60 anos) a respeito da aposentadoria defende:

Sou da opinião de que o idoso não está preparado para se aposentar. O idoso está sempre querendo mais. O idoso não tem estrutura para a aposentadoria. Quando se envelhece fica-se desestruturado e acaba muitas vezes em depressão. As consequências para um país, cuja população envelhece e a taxa de natalidade diminui, são péssimas.

Para a Senhora Margarida, (62 anos) A aposentadoria:

É um assunto muito sério, e em minha opinião muitos não estão preparados para a aposentadoria, uma grande parcela nem pensa no futuro, nem pensa no amanhã. Não tem qualidade de vida no momento em que vive e conseqüentemente não terá qualidade de vida quando envelhecer. Se não se preparou não vai ter uma boa qualidade de vida no futuro. O resultado disso é uma má preparação da vida, falta de orientação, falta de estudo, falta de organização, falta de conhecimento. Muitos estão preparados para a aposentadoria. Mas a grande maioria não. Muitos adoecem quando se aposentam principalmente as pessoas de baixa renda. Quando não se tem uma ocupação. Não é bom. Quem pode viajar foge da depressão. Para quem não pode viajar e não se programou não se estruturou é melhor continuar trabalhando.

Sobre a desaposentação a Senhora Angélica, (69 anos) tem a seguinte opinião:

Em minha opinião a desaposentação é um erro. A desaposentação não deve ser correta. Aumentar o limite da aposentadoria deve ser a saída para esse tipo de problema. Há inserção do idoso/idoso no mercado de trabalho. Há uma boa aceitação, principalmente no setor de Turismo, como por exemplo, na hotelaria, em agência de viagens. Existem pilotos idosos trabalhando. Com a participação do idoso/idoso no mercado de trabalho haverá aumento na arrecadação do PIB, e com isso poderemos cobrar melhor distribuição de renda para melhoria da qualidade de vida da população.

A Senhora Margarida, (62 anos) sobre a desaposentação declara:

Considero correta a desaposentação. O país precisa crescer e as pessoas serão atendidas. A aceitação do idoso no mercado de trabalho depende muito do empresário. Deveria não ter preconceito. Mas tem. Sabe trabalhar porque não trabalhar. Tem responsabilidade deve trabalhar. Trabalhando estamos contribuindo para o PIB, estaremos contribuindo para a nossa própria qualidade de vida, para mim como exemplo, é muito importante.

Para o Senhor Lírio, (70 anos) sobre a aposentadoria considera:

Em minha opinião nem as pessoas, nem o estado estão preparadas para a aposentadoria. Falta preparo por parte das pessoas e falta preparo por parte do governo. A proporção de idosos vai aumentar conseqüentemente. Se um casal não pode criar um filho – fica difícil ter mais um filho, as conseqüências para esse país com essas características é parar, é estacionar.

Para a Senhora Rosa, (60 anos) é muito preocupante, mas não existe esta preocupação por parte do governo. Não se faz nada.

Sobre a aposentadoria precoce, o Senhor Cravo, (68 anos) declara:

O estímulo a aposentadoria precoce é um erro, como também foi um erro do governo na época o incentivo ao PDV (Programa de Demissão Voluntária). Se eu pudesse faria uma previdência privada, mas falta incentivo. Como também se pudesse faria uma poupança, mas falta incentivo. Se tudo isso mudar, já estou preparado para qualquer mudança.

Para o Senhor Girassol, (80 anos): sou contra a aposentadoria precoce, não é coisa de um país sério.

Para a Senhora Acácia, (60 anos) sobre a aposentadoria precoce considera que:

A construção social da velhice no Brasil passa por um processo de socialização. A aposentadoria precoce, por exemplo, estimulada em algumas empresas para quem acha que é correto sim. É preciso respeitar a opinião de cada um.

Para a Senhora Cerejeira, (61 anos) com relação à aposentadoria precoce considera que:

Há uma pressão psicológica. Trocar o velho pelo novo só é feito, em função do salário para enxugar a contabilidade da empresa. A previdência privada é uma educação para um complemento salarial. No Brasil infelizmente não existe incentivo para a poupança. Sem poupança não existe crescimento de um país. A base para isso é a educação financeira nas escolas. Mudanças na fórmula de aposentadoria são o que mais se fala ultimamente.

Para a Senhora Margarida, (62 anos) sobre a aposentadoria precoce tem a seguinte opinião:

Nós idosos precisamos aprender com os políticos a construir o social para nós mesmos. Faremos toda a diferença. Não se fala em aposentadoria precoce para os políticos. Não concordo com aposentadoria precoce é prejuízo para o trabalhador.

A Senhora Rosa, (60 anos) sobre a aposentadoria precoce é da seguinte opinião:

Quando se aposenta precocemente não se pensa nas conseqüências. Só se estimula a aposentadoria precoce ou ao PDV (Programa de Demissão Voluntária), por exemplo, a pessoas despreparadas. Porque não é uma coisa racional.

Para o Senhor Cravo, (68 anos) no que diz respeito à qualificação do idoso no mercado de trabalho tem a seguinte opinião:

A qualificação profissional e a idade, ambas pesam para a sua inserção, sendo que a educação pesa mais. Essa é minha visão. Uma segunda chance ao idoso e um incentivo de poder voltar ao mercado de trabalho, com sua experiência e com sua vivência tem tudo a contribuir para o desenvolvimento do Turismo. A qualificação profissional, a especialização, a produção, a escolaridade é bem mais cobrada na hora de se buscar um emprego do que a idade, esse é o meu ponto de vista. É preciso aproveitar mais o idoso em vários setores, e em particular no turismo. Nas recepções diversas, nos aeroportos, nos hotéis, em restaurantes, em certas áreas que não exigem esforço físico do idoso, mas sim sua experiência. Com mais rotatividade, mais oportunidade, adotando o horário de seis horas.

Para o Senhor Crisântemo, (63 anos) sobre a qualificação profissional do idoso tem o seguinte pensamento:

A qualificação do idoso/idoso no mercado de trabalho é muito importante, inclusive considero que um idoso com qualificação ganha de um jovem sem qualificação profissional, ou seja, a idade pesa muito, mas a instrução, a formação, a especialização pesa mais. Essa é a minha sugestão para a inserção do idoso no mercado de trabalho: qualificação profissional e educação. O idoso contribuirá para o desenvolvimento do Turismo com sua experiência. No Turismo se lida com o ser humano. O idoso sabe dialogar com o ser humano. O ser humano é muito sensível. O idoso tem essa sensibilidade. O idoso tem jogo de cintura. O idoso tem jogo político. O idoso nunca diz não. O Turista não gosta do não. Um hóspede não gosta do não. Por isso o idoso nunca diz não, sempre arranja um jeitinho de agradar.

Para a Senhora Margarida, (62 anos) quanto à idade ou a escolaridade no momento de uma colocação em um trabalho, em um emprego acredito que a idade pesa mais.

Para o Senhor Lírio, (70 anos) a respeito do conhecimento e da qualificação é da seguinte opinião:

O empresário quer produção. O empresário vai apostar no mais jovem. As sugestões que eu daria para a inserção dos idosos/idosas no mercado de trabalho é que o idoso seja competente e seja sadio, um idoso sem doença, para que ele seja aceito e respeitado. A maior contribuição que o idoso traria para o desenvolvimento do Turismo é o conhecimento que ele tem. Sua própria vivência e sua própria experiência de vida.

Para o Senhor Crisântemo, (63 anos) sobre políticas públicas tem o seguinte parecer:

Desconheço se o Estado tem políticas públicas voltadas para o problema do envelhecimento populacional e voltadas para baixa taxa de natalidade. Campos de atuação para os idosos/idosas no mercado de trabalho no setor de Turismo existem; o aeroporto, por exemplo, é um dos locais onde o idoso/idoso possa atuar recebendo as pessoas, dando-lhes boas vindas. O velho

é simpático às pessoas. É só colocá-los nos locais certos que não exijam esforços físicos.

A Senhora Cerejeira, (61 anos) sobre as políticas públicas defende o seguinte ponto de vista:

O idoso não está preparado para se aposentar. Além do mais, não existem políticas públicas voltadas para o idoso. É preciso uma política para a causa dos idosos. Ninguém se preocupa com o amanhã do idoso. Não existe casa de repouso. Os parentes não se empenham. Os idosos não estão preparados para envelhecer e o Estado não contribui para a solução desse problema, por isso não existe um fundo de pensão. Faltou uma educação financeira.

Para a Senhora Margarida, (62 anos) levando em consideração as políticas públicas é da seguinte opinião:

As conseqüências para um país onde a população envelhece e a taxa de natalidade diminui como ocorre com o Brasil são graves. Isso tem que mudar. Claro que é preciso de mais jovens para nos substituir amanhã. Será um colapso. As ações que têm sido feitas pelas políticas públicas ao longo dos últimos anos são muito poucas, pela dimensão do nosso país. É preciso que o Estado faça mais investimento na educação do povo. É preciso que o Estado trabalhe mais a formação profissional do povo, como incentivo a construção de novos lares. Como vão ter filhos se não tem moradia? Se não tem emprego? Se não tem segurança? Se não tem escola? Faltam hospitais? O Estado precisa participar para a solução desse problema que é bastante preocupante. Com relação ao campo de atuação dos idosos/idosas no mercado de trabalho aponto a hotelaria com serviços para gerente e administrador.

Previdência Privada: O Senhor Crisântemo, (63 anos) sobre a previdência privada tem a seguinte opinião:

Não concordo em fazer uma previdência privada. O idoso deve pegar sua reserva e investir nele mesmo. Guardar para que? Para o Governo? Como também não concordo em fazer poupança. Pela mesma razão anterior. O dinheiro perde um pouco o sentido para o idoso aplicar em poupança. Ele deve sim é gastar com ele mesmo. Ele deve é usufruir do dinheiro que tem. A aposentadoria no Brasil é muito desproporcional, deveria haver um limite de salário, a partir daí sim. Falar de preparação para a classe trabalhadora que ganha pouco não tem como está preparada.

Para o Senhor Girassol, (80 anos):

Os juros são muito altos em nosso país. São muitos os impostos. O incentivo a previdência privada é baixar os juros e baixar os impostos. Portanto nem faria uma previdência privada, nem abriria uma conta poupança. As mudanças que ocorrem no Brasil, nunca ocorrem para melhorar a classe operária. Qualquer melhoria que se inventa é para melhoria do Estado.

A Senhora Acácia, (60 anos) sobre a previdência privada:

Para uma previdência privada que garanta uma velhice mais tranquila deve-se criar um incentivo. Criar um mecanismo, sem tantos juros, tantas, taxas, tantos

impostos, para que se possa acreditar, para que se possa confiar. Da mesma forma, com relação à poupança, não existe nenhum incentivo. Não vale apenas poupar. Aplicar em imóveis ou em outra atividade é melhor do que aplicar em poupança, (não compensa, não tem retorno). Para a aposentadoria teria que ter mudanças. Há muita desigualdade.

Para a Senhora Margarida, (62 anos) sobre a previdência privada é da seguinte opinião: Faria uma previdência privada. É uma ajuda no orçamento quando se aposentar. Sempre é bom preparar o futuro. Também abriria uma caderneta de poupança. Poupar é um jogo. É bom arriscar.

Para o Senhor Lírio, (70 anos) tem a opinião sobre a previdência privada de que:

Faria uma previdência privada se tivesse condições. Para quem pode é válido. O mesmo acontece com a poupança, muito embora os juros sejam altos, com a inflação galopante, mesmo assim para quem pode é bom fazer. Para qualquer mudança que o país faça, seja com relação à aposentadoria pelo INSS, para quem contribuiu para a Previdência Social, seja com relação à aposentadoria privada, seja com relação à poupança, privada, ou outra questão social deverá ser mudada para a melhoria do povo brasileiro. O povo espera por essas mudanças, é preciso acreditar, é preciso confiar. Não dar para criticar antes que aconteça.

Quanto ao futuro que o idoso/idosa espera na velhice, assim se expressa o Senhor Crisântemo, (63 anos);

É um futuro bom. Se o Estado oferecer hospital para os idosos, academia, passeio cultural, esporte, uma vez por semana pelo menos. Esse é um futuro que todos desejam. Para mim o envelhecimento é inevitável; tanto físico, quanto mental. Da parte física ainda se cuida, mas da parte mental é difícil, devido às preocupações, a violência, o medo, a falta de condições financeira, há temeridade generalizada, há insegurança. É muito ruim se sentir desprotegido e o Estado não oferece essas condições.

Em se referindo à vida pública e vida privada, O Senhor Crisântemo, (63 anos) diz:

O trabalhador enfrenta problemas tanto na empresa pública, quanto na empresa privada. Na empresa privada o patrão não delega poderes. Há concentração de poder na mão do dono da empresa. A empresa privada deveria ser acompanhada pelo Estado em função da existência humana; (recursos humanos, psicólogos). Na empresa privada há dificuldade de olhar para o funcionário como cidadão. Já na empresa pública o principal problema a meu ver é não ter FGTS na hora de se aposentar. Falta isso.

Para a Senhora Cerejeira, (61 anos) sobre a vida pública e a vida privada considera que:

Os principais problemas que o trabalhador encontra na vida privada é a falta de garantia do emprego. São as incertezas se amanhã ele continua empregado. Já os principais problemas que um trabalhador encontra na vida pública é o comodismo, ou seja, a culpa é do próprio funcionário público. Em minha opinião o que mais pesa na hora de se procurar um emprego é o estudo, a

escolaridade. Ser jovem, sem estudo, nada feito. Ser idoso com estudo, com escolaridade, com qualificação, com capacitação faz toda a diferença.

O senhor Lírio, (70 anos) considera a vida pública e a vida privada como:

Os principais problemas que o trabalhador enfrenta na vida privada é que ele tem que mostrar competência todo dia. Não pode falhar. O trabalhador torna-se uma máquina. E os principais problemas que o trabalhador enfrenta na vida pública é ter que ser correto com o horário do trabalho, é ser obediente.

A vida pública e a vida privada para a Senhora Rosa, (60 anos) tem em sua opinião a seguinte concepção:

Na empresa privada há falta de coleguismo. Falta solidariedade. Há muita concorrência. Há muita competitividade. A figura do outro não existe. Há muito individualismo. Só existe o “EU”. Na empresa pública prevalece à luta pela vaga. Há uma dança das cadeiras diária. A idade pesa mais, na hora da busca por um emprego, porque o patrão liga produção à juventude, o patrão quer retorno imediato. Minha sugestão é que o idoso tenha qualificação profissional. A contribuição que ele traria para o desenvolvimento do turismo é justamente sua experiência de vida.

8.7.2 Segundo os Teóricos Sobre as Declarações dos Entrevistados

O curso da vida como construção social e cultural não pode ser entendido como algo que os seres humanos podem fazer e refazer, um processo que não impõe limite à criatividade e ao qual qualquer sentido pode ser atribuído. É preciso olhar, com mais atenção, para os limites que a sociedade coloca à nossa capacidade de inscrever a cultura na natureza (DEBERT, Guita Grin, 1999, p. 67).

Para se tornar um ser humano aceito, uma pessoa confiável com plenos direitos de cidadão, são exigidos, na nossa sociedade, três tipos principais de competência: capacidade de comunicação; capacidade motora e capacidade emocional (DEBERT, 1999, p. 67).

O excesso de burocracia, o desperdício e o desvio de recursos públicos no nível governamental tornam necessária a criação de instrumentos para identificar as famílias, assim como seus dependentes, que estão vivendo em situação de pobreza e são os principais destinatários da política de assistência social. Assim, um dos principais norteadores para assegurar, por meio das políticas de assistência e programas públicos, o acesso efetivo a bens,

serviços e riquezas da sociedade é a convergência de setores, tais como sociedade civil, empresariado e governo em diferentes níveis (ACOSTA; VITALE, 2008, p. 197).

A violência contra a pessoa idosa é uma violação dos direitos consagrados não só no Estatuto do Idoso, mas na legislação civil e penal. Essas violações se referem tanto à integridade física como à integridade psicológica e ao respeito da pessoa, como cidadã e membro da sociedade. A integridade física é violada por meio de encarceramentos, agressões, homicídios, lesões. A integridade da personalidade é violada por ameaças de todo o tipo, inclusive por assédios. O respeito e a dignidade são violados pela discriminação, pela negligência, pelo abandono, pela falta ou desrespeito no acesso aos serviços públicos e privados e pela negação ou violência ao direito à convivência familiar e comunitária (FALEIROS, p. 2007, p. 332).

Ao analisar as políticas, os planos e os projetos com as diretrizes da Política Nacional do Idoso busca viabilizar sua integração às demais gerações; descentralizar, tornando-o agente participativo na formulação, implementação e avaliação de políticas, planos e projetos a ele direcionados, priorizar as famílias no atendimento aos idosos em detrimento do atendimento asilar, assegurar prioridade aos idosos no acesso a serviços de órgãos públicos e privados, implementar sistemas de informações, e capacitar prestadores de serviços (Lei n. 8.842, de 03 de julho de 1993, cap. II *apud* CAMARANO, 1999, p. 65).

Quanto à expectativa de melhoria de vida para as próximas gerações acreditamos que são locais onde o turismo representa força econômica tais como o Norte e o Nordeste e outros pontos em que existam atividades turísticas que seja alavancadora de receita, aí os governantes deverão preocupar-se em estender as possibilidades de que o idoso/idosa pudesse participar de forma mais efetiva nessa força de trabalho e dar consequência para outros estados da união acreditar por colocar em prática tais políticas. Não separar o turismo de outras atividades, mas sim colocar o turismo como uma atividade como principal atividade e preocupar-se com o aprimoramento da força de trabalho das pessoas, com experiência, com mais suporte, com mais coragem, com mais determinação, e que na verdade é à força da terceira idade. O país que não cuida da sua velhice é um país que não tem conhecimento do que o futuro lhe reserva (Antúrio, 77 anos).

Considerando a identidade das mulheres no mercado de trabalho são importantes na identidade da mulher, na sua formação, nas mudanças e na constituição do discurso feminino, conforme observados nas entrevistas e questionários da pesquisa. O trabalho como força de

sua identidade na construção ou na reconstrução de suas vidas como forma de resultados da globalização da economia.

A construção da identidade como mulheres idosas ocorre com novos elementos, relações interpessoais e um autoconceito positivo, que lhes permite um desenvolvimento integral de suas capacidades. Estas mudanças e a geração de novos processos de construção de identidade nas mulheres trabalhadoras nem sempre ocorrem durante a juventude ou coincide cronologicamente com a incorporação dos homens ao mercado de trabalho (PARRAGUEZ, 2009, p. 365).

A crítica feminista à socialização feminina tradicional tem apontado o fato de a identidade da mulher definir-se prioritariamente na esfera do doméstico, da casa. Ancora-se nesse ponto a reivindicação de um lugar público para as mulheres, no mercado de trabalho e na política, como possibilidade de realização individual e de autonomia. Tal reivindicação, por sua vez, retorna para as próprias paredes domésticas, questionando desde a organização e divisão de trabalho entre homem e mulher até o próprio conceito de privacidade. De fato, a expressão “o pessoal é político” – uma proposta teórica e prática do movimento feminista – significa que o reduto do privado (o sexo, a emoção, a família, cotidianidade) pode tornar-se objeto de uma intervenção política, ou seja, pública. Esse discurso, com suas implicações existenciais concretas, só podiam viabilizar-se pelas mulheres, donas-prisioneiras do privado e da domesticidade (FRANCHETTTO, 1981, p. 08).

*Para conseguir a amizade de uma pessoa digna é preciso desenvolver em nós
mesmos as qualidades que naquela admiramos.*

Sócrates

CONCLUSÃO

A desvalorização do mundo humano aumenta
em proporção direta com a valorização
do mundo das coisas

Karl Marx

Quanto ao objetivo geral analisar a inserção do idoso/a no mercado de trabalho do setor de turismo, consideramos que foi alcançado.

No que se refere à hipótese de trabalho: existe um campo de atuação para idosos/idasas no mercado de trabalho do setor de turismo no Distrito Federal, e neste sentido há a inserção destes no mercado de trabalho. Nossa hipótese foi confirmada baseada em toda a análise realizada neste trabalho, onde os entrevistados/as relataram como experiência vivenciada esta inserção.

A partir do título de nossa dissertação, “A participação de pessoas idosas no mercado de trabalho do setor de turismo do Distrito Federal: Possibilidades e Limites”; elegemos as categorias que se identificam com o tema e passamos a analisá-las de acordo com a representação da situação do nosso sujeito e do nosso objeto de estudo, como sendo: “O idoso e as categorias que envolvem o Trabalho, o Turismo e o Gênero e para isto acreditamos que há uma coerência quanto o título e o objeto de estudo.

O conceito de Idoso: O Estatuto do Idoso e a Política Nacional do Idoso definem como população idosa, aquela de sessenta (60 anos ou mais). Essa definição resulta numa heterogeneidade do segmento considerado idoso/idosas.

Conclui-se que é importante o discurso da família, da sociedade por políticas públicas de atendimento às pessoas idosas. Só uma grande mobilização por parte da sociedade civil organizada fará valer o artigo 230 da Constituição da República Federativa, cobrando do Estado o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando-lhes sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida. Como também só uma educação de base fará valer por parte da família o devido amparo às pessoas idosas. Esses motivos nos serviram de base para nossa inspiração.

Procuramos estudar os idosos/idosas, o envelhecimento, os direitos das pessoas idosas, políticas de estado, a feminilização da velhice, o estatuto do idoso.

O conceito de Trabalho: Trabalho é o esforço humano dotado de um propósito e envolve a transformação da natureza através do dispêndio de capacidades mentais e físicas. Tal interpretação, contudo, conflita com o significado e a experiência mais limitada do trabalho nas atuais sociedades capitalistas. Para milhões de pessoas, trabalho é sinônimo de emprego remunerado, e muitas atividades que se qualificariam como trabalhos na definição mais ampla são descritas e vivenciadas como ocupações em horas de lazer, como algo que não significa verdadeiramente trabalho. O conceito de trabalho é ambíguo, indicando diferentes atividades em diferentes sociedades e contextos históricos.

Concluimos que o idoso/idososa pode contribuir com suas experiências diversificadas e adquiridas em anos de vivência e de trabalho. Indivíduos saudáveis na terceira idade ainda podem exercer atividades profissionais, por apresentarem capacidade física e intelectual e por possuírem conhecimentos e experiências acumuladas.

Quanto à participação de idosos/as na vida do trabalho, na realidade as forças físicas diminuem, o que acarreta certa reserva para o trabalho industrial, mas estamos falando em nosso trabalho de uma nova sociedade, de comunicação, informação, informática, da tecnologia. Neste sentido, não há como negar a participação ativa dos idosos na área da comunicação, e informação, por exemplo. Reconhecemos que a geração da qual estamos falando não é ainda a geração da tecnologia, mas, da comunicação e informação. Portanto, tem muito a contribuir para o mundo do trabalho, em uma sociedade que se moderniza a cada ano.

Com relação à inserção das mulheres no mercado de trabalho, apontamos esta necessidade do mercado de trabalho como um todo, uma vez que as mulheres estão assumindo cada vez mais um papel de protagonistas no mercado de trabalho.

Quanto ao sentido do trabalho, segundo Antunes (2009)

[...] a luta pela redução da jornada ou tempo de trabalho deve estar no centro das ações do mundo do trabalho hoje, em escala mundial. Lutar pela redução do trabalho visando, no plano mais imediato, minimizar o brutal desemprego estrutural que é consequência da lógica destrutiva do capital e de seu sistema. Reduzir a jornada ou o tempo de trabalho para que não prolifere ainda mais a sociedade dos precarizados e dos desempregados. A justa consigna trabalhar menos para todos trabalharem deve-se, entretanto,

adicionar outra não menos decisiva: produzir o que? E para quem (ANTUNES, 2009, p. 175)?

Para as mulheres idosas conforme entrevistas, as mesmas defendem que as pessoas maiores de 60 anos, devem ter um horário reduzido em função da idade, por outro lado defendem o ponto de vista de que assim haverá mais oportunidade de emprego para todos.

Quanto ao conceito de Turismo: visto não como soma aritmética das partes, mas como a articulação interna de todas as múltiplas relações do fenômeno turístico. A possibilidade de resignificação dessas categorias, bem como o desenvolvimento de nova concepção do fenômeno turístico requer, por parte do pesquisador, uma postura interdisciplinar (GASTAL, 2005).

Na nossa pesquisa nos inspiramos na concepção de (Moesch) sobre a interdisciplinaridade do turismo, sobretudo observando as relações e práticas dos idosos/as entrevistados, como se vem transformando no setor de turismo. Tanto as práticas antigas de viagens quanto as práticas atuais do mundo moderno requerem um estudo dos atores; como o poder público, o poder privado, o consumidor, nós pesquisadores e educadores.

Referente ao conceito de Gênero: Segundo (SCOTT, 1995) é um saber e, entendendo que saber e poder nunca estão dissociados, gênero tem um sentido eminentemente político. Nesse ponto, chegamos à definição mais precisa da autora: (1) gênero é construído sobre a base da percepção sexual e (2) gênero é uma forma primária de dar sentido às relações de poder (SCOTT, 1995). Desta forma, nesta pesquisa identificamos por um lado que a inserção das mulheres no mercado de trabalho contribuiu para mudanças positivas. A independência das mulheres em termos financeiros foi um grande avanço, através da inserção no trabalho externo, onde elas tiveram oportunidade de desenvolver seus valores morais, pleno exercício de cidadania, mostrar a diferença em termos de cultura. O que antes fazia parte do imaginário diante das representações históricas, hoje faz parte de uma nova ordem mundial da sociabilidade feminina.

Por outro lado, observa-se desigualdade para as mulheres no mercado de trabalho, os homens ganham mais do que elas. Em Brasília-DF, o número de mulheres é maior do que o número de homens, isso é um fato. No Turismo as mulheres tomam a primazia sobre os homens. Quanto à questão de gênero no mercado de trabalho, à proporcionalidade entre a ocupação entre homem e mulher deveria ser igual, mas ainda existe muito preconceito. Já os direitos sociais

do trabalhador idoso/idoso no setor do Turismo são mais fáceis assegurar pelo estilo de trabalho do setor turístico. Um entrevistado que considera mais fácil, porque, o idoso/idoso, já sendo um aposentado/a tem mais facilidade de firmar uma proposta de emprego com uma negociação de salário que seja bom para ambos: patrão/empregado. Há limites para patrão, mas também há limites para o empregado. É uma negociação fácil.

Conforme descrição das análises das entrevistas realizadas reconhecemos que a participação de pessoas idosas no mercado de trabalho do setor de Turismo do DF: possibilidades e limites é evidente, uma vez que ficou comprovada dentro da realidade pesquisada.

A partir de Joan Scott; onde o lado social pesa mais que as características biológicas (principalmente em Scott, 1989), de acordo com Beauvoir, Britto da Motta, Hirata, Camarano, Debert, Saffioti, Antunes, Morin, Beni, entendemos que é preciso defender políticas públicas, com a cobrança da sociedade e o cumprimento por parte do Estado na implementação de benefícios para o bem de toda uma comunidade.

Acreditamos que seja possível uma formalização de políticas públicas que tragam encaminhamento nacional e internacional para as questões que envolvem as necessidades dos Idosos/Idosas com relação aos quesitos renda e trabalho.

Visando outras pesquisas e ações que venham contribuir para a inserção dessas pessoas no mercado de trabalho, apontamos que é necessário desenvolver pesquisas sobre as políticas públicas, inclusão social e qualidade de vida. E como ação indicamos: o cuidado com a saúde, educação, estrutura familiar no sentido de preparar o futuro do idoso, a formação profissional, a qualificação profissional para os idosos/as.

Os resultados desta pesquisa nos evidenciam a situação da participação dos idosos/as no mercado de trabalho no setor de turismo do Distrito Federal, indicando que existem possibilidades e limites para tais trabalhadores exercerem estas atividades, necessitando de uma maior proteção profissional e social, e para isto se faz necessária a existência de políticas públicas voltada para o atendimento desta categoria.

Os limites são a confiança dos idosos no mercado de trabalho, que consideram muitas as possibilidades, a partir da preparação de cada um para isso e a partir de políticas públicas voltadas para o setor.

“Se você conhece o inimigo e conhece a si mesmo, não precisa temer o resultado de Cem batalhas. Se você se conhece, mas não conhece o inimigo, para cada vitória ganha Sofrerá também uma derrota. Se você não conhece nem o inimigo nem a si mesmo, perderá todas as batalhas.”

Sun Tzu

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABRAMO, Laís Wendel; ABREU, Alice Rangel de Paiva. **Gênero e trabalho na sociologia latino-americana**. São Paulo: Assoc Latino Am Soc Trab, 1998. 368 p.

ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amália Faller. **Família: redes, laços e políticas públicas**. 4ª. Ed. São Paulo: Cortez, PUC-SP, Instituto de Estudos Especiais, 2008. 316 p.
ANAIS, do curso básico sobre acessibilidade ao meio físico. Brasília: Coordenação Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994. 214 p.

ALCANTARA, Adriana de Oliveira. **Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos**. Campinas-SP: Editora Alínea, 2009.

ALENCAR, Maria do Socorro Silva; CARVALHO, Cecília Maria Resende Gonçalves de. **O envelhecimento pela ótica conceitual, sociodemográfica e político-educacional: ênfase na experiência piauiense**. Intertace comunicação saúde educacional. v. 13, n. 29 p.435-44, abr./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v13n29/v13n29a15.pdf>>. Acesso em: 02 abril 2014.

ANDRADE FILHO Evaldo Solano de; RAMALHO, Rosângela Palhano. **A efetividade legal do estatuto do idoso constituído sob a lei 10.741/2003**. Disponível em: <http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/a_efetividade_legal_do_estatuto_do_idoso_constituado_sob_a_lei_10.7412003_1343915256.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2014

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho. ensaio sobre as metamorfoses e centralidade do mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez/UNICAMP, 1995.

_____. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2. Ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

_____. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo, SP: Boitempo. 2000.

_____. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo, SP: Boitempo, 1999.

ARAÚJO, Neuza de Farias. **Contribuição econômica das mulheres para a família e a sociedade: ensaio sobre gênero e economia numa perspectiva comparativa**. Brasília: Editora Otimismo, 2010.

ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. **A respeito da centralidade do trabalho**. Disponível em: <<http://www.ufpa.br/ce/gepte/imagens/artigos/centralidade%20do%20trabalho%20-%20doutorado.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2014

BARRETO, Margarita. **Cultura e turismo: discussões contemporâneas**. Campinas: Papirus, 2007

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARZOTTO, Luciane Cardoso. Trabalho decente: Dignidade e sustentabilidade. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XIII, n. 78, jul 2010. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7913>. Acesso em 29 jun. 2013.

BARROS, José D' Assunção. **Cidade e história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BAUX, Jean-Pierre. O trabalho na terceira idade na França: necessidades e desafios. In: BARROS JÚNIOR, Juarez Correia (org). **Empreendedorismo, trabalho e qualidade de vida na terceira idade**. 1.ed, São Paulo: Editora Edicon, 2009, 500 p. Disponível em: <<http://www.sfipec.org.br/artigos/social/Empreendedorismo3aIdade.pdf>>. Acessado em: 16 jun. 2012.

BEAUVOIR, Simone de. **Velhice(a)**. Rio de Janeiro: Difel Difusão, 1970.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 6ª. Ed. Atual. São Paulo: SENAC – São Paulo, 2001.

_____. O profissional de turismo na sociedade pós-industrial: Cartas abertas aos estudantes, futuros profissionais. XXI ENBETUR – Congresso Brasileiro de Turismo – 2001. Fortaleza, Ceará. In: GASTAL, Susana. (Org.). **Turismo: investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.

BIROLI, Flávia. **Autonomia e desigualdades de gênero: contribuição do feminismo para a crítica democrática**. Vinhedo, SP: Editora Horizonte, 2013.

BOAVENTURA, Edivaldo M. **Como ordenar as idéias**. 8ª. Ed. São Paulo. Ática, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Questions de Sociologie, Paris: Ed. du Minuit, 1980.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988**.

_____. **Estatuto do Idoso: Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003**.

_____. **Política Nacional do Idoso: Lei nº 8842, de 04 de janeiro de 1994**.

BRITTO DA MOTTA, Alda. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. **Sociedade e Estado**. v. 25, nº 02, Brasília maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/05.pdf>> Acesso em: 31 mar. 2014.

_____. As dimensões do gênero e classe social na análise do envelhecimento. **cadernos pagu** (13) 1999, p. 191-221. Disponível e: <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.ifch.unicamp.br.pagu/files/n13a07.pdf>>. Acesso em: 02 abril 2014.

_____. **Entrevista**: Alda Britto da Motta. Reprodução de Entrevista publicada na Revista Gênero na Amazônia (www.generonaamazonia.ufpa.br), n. 2, jul./dez., 2012. Disponível em: <<http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicoes/edicao-2/Artigos/Entrevista%20Alda%20Britto%20da%20Motta.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

_____. Emprego doméstico: revendo o novo. **Caderno CRH**, n. 16, p. 31-49, jan/jun, 1992. Disponível em: <<http://www.cadernocrh.ufba.br/include/getdoc.php?id=1330&article=362&mode=pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

_____. "**Não tá morto quem peleia**": a pedagogia inesperada nos grupos de idosos. - Salvador, 1999. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia. 1999. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/2751/1/ACAO020.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

_____. Reinventando fases: a família do idoso. **Caderno CRH**, Salvador, n. 29, p. 69-87, jul./dez. 1998. Disponível em: <<http://www.cadernocrh.ufba.br/include/getdoc.php?id=1032&article=223&mode=pdf>>. Acesso em 25 mar. 2014.

BRITTO DA MOTTA, Alda; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia (Org.). **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas**. Salvador: NEIM/UFBA, 2000. Disponível em: <<http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/simone.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

BRUSCHINI, C. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não remunerado? **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.24, n. esp., 2006.

CAMARGO, Orson. **A mulher e o mercado de trabalho**. Disponível em: <<http://www.brasilescola.com/sociologia/a-mulher-mercado-trabalho.htm>>. Acesso em: 26 mar. 2014.

CAMARANO, Ana Amélia (cord). **Como via o idoso brasileiro**. Rio de Janeiro IPEA, 1999b. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td_0681.pdf>. Acesso em: 03 abril 2014.

_____. **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999a.

_____. **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?**. Rio de Janeiro: IPEA, 2004

_____. **Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica**. Coletiva, n. 05, jul/ago/set. 2011. Disponível em: <
http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&layout=item&id=58&Itemid=76&idrev=8>. Acesso em: 19 mar 2014.

CAVALCANTE, Deise Keller. Educação ambiental na educação profissional: a prática da educação ambiental em Escolas Agrotécnicas Federais do estado de Minas Gerais. 2007. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2007. Disponível em: <
<http://www.ia.ufrj.br/ppgea/dissertacao/Deise%20Keller%20Cavalcante.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2014

CODEPLAN – Companhia de Planejamento do Distrito Federal. **Indicadores Sociodemográficos Prospectivos para o Distrito Federal 1991-2030**, Brasília: 2009.

_____. **Perfil da população idosa no DF**. Brasília, 2012. Disponível em: <
<http://pt.scribd.com/doc/142872741/Perfil-da-populacao-idosa-do-Distrito-Federal>>
Acesso em: 15 jun. 2012.

COLMAN, Evaristo; DALA POLA, Karina. Trabalho em Marx e serviço social. Disponível em: <
http://www.uel.br/revistas/ssrevista/pdf/2009/2009_2/Artigo%20evaristo.pdf>. Acesso em: 22/03/2014.

COSTA RICA, São José. **Informe para o Brasil III conferência regional intergovernamental sobre envelhecimento na América Latina e Caribe**. 2012. Disponível em: <
<http://www.cepal.org/celade/noticias/paginas/9/46849/Brasil.pdf>>. Acessado em: 16 jun. 2012.

DAL-ROSSO, Sadi; FORTES, José Augusto Abreu Sá. **Condições de trabalho no limiar do século XXI**. Brasília: Época, 2008. 215 p.

DEBERT. Guita Grin. **Família, classe social e etnicidade: um balanço da bibliografia sobre a experiência de envelhecimento**, 1992. Disponível em:<
www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman...>. Acessado em: 10 jan. 2013

_____. Os estudos do gênero na Unicamp. **Gênero nas fronteiras do sul**, 2005, p. 63-74. Disponível em: <
<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.ifch.unicamp.br.pagu/files/colenc.02.a05.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

_____. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento.** São Paulo: EdUSP, 1999.

DECLARAÇÃO da OIT sobre a justiça social para uma globalização equitativa adotada pela Conferência Internacional do Trabalho em sua nonagésima sétima reunião, Genebra, 10 de junho de 2008.

Disponível em: <www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---cabinet/documents/publication/wcms_099768>. Acessado em: 16 jun. 2012.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais.** 3ª. Edição. São Paulo, SP: Atlas, 1995, 293 p.

_____, **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos.** 2ª. Ed. Campinas: Papyrus, 2001. 135 p.

DIAS, Reinaldo. **Sociologia do turismo.** São Paulo: Atlas, 2003.

DICIONÁRIO do Pensamento Social do Século XX. Rio de Janeiro: 1996.

DORTIER, jean-françois. **Dicionário de ciências humanas.** São Paulo: Editora wmf martinsfontes, 2010.

DURKEIM, Emile. **As regras do método sociológico.** São Paulo: Ed. Nacional, 1990.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Violência contra a pessoa idosa: ocorrências, vítimas e agressores.** Brasília: Universa, 2007, 394 p.

FORTUNY, Mariangels. O desafio do envelhecimento da população e o papel chave da promoção do emprego produtivo e do trabalho decente para todas as idades – Tendências Demográficas. In: BARROS JÚNIOR, Juarez Correia (org). **Empreendedorismo, trabalho e qualidade de vida na terceira idade.** 1.ed, São Paulo: Editora Edicon, 2009, 500 p.

Disponível em: <<http://www.sfiec.org.br/artigos/social/Empreendedorismo3aIdade.pdf>>. Acessado em: 16 jun. 2012.

FRANCHETTO, Bruna. **Perspectivas antropológicas da mulher.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 149 p.

_____. **Educação e mudança.** 11. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986..

_____. **Vivendo e aprendendo: Experiências do idac em educação popular.** 9ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 125 p.

GASTAL, Susana. **Turismo imagem e imaginário**. São Paulo: Aleph, 2005.

_____. (Org.). **Turismo: investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.

GERGEN, Mary M. (Ed.). **O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

GIACOMIN, Karla Cristina. O papel do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso na elaboração e implementação de políticas públicas no Brasil. In: **Revista dos Direitos da Pessoa Idosa: o compromisso de todos por um envelhecimento digno no Brasil**. Presidência da República; Secretaria de Direitos Humanos. Brasília/DF, 2011. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/3cndpi/doc/Revista_DireitosPessoa_Idosa.pdf>. Acessado em: 20 jun. 2013.

GIAQUETO, Adriana; SOARES, Nanci. O Trabalho e o trabalhador idoso. In: **VII Seminário de Saúde do Trabalhador e V Seminário O Trabalho em Debate "Saúde Mental Relacionada ao Trabalho"**. Disponível em: < <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/sst/n7/a07.pdf> >. Acessado em 10 jan. 2013.

GOLDANI, Ana Maria. Mulheres e envelhecimento: desafios para os novos contratos intergeracionais e de gêneros. In: CAMARANO, A. A. (org.). **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio e Janeiro: IPEA, p. 75-114, 1999.

GOLDENBERG, Mirian; TOSCANO, Moema. **A Revolução das Mulheres: um balanço do feminismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

GONSALVES, Flávia Reis Sulz. **A inserção da mulher no mercado de trabalho: conquista ou imposição social**. 2013. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/carreira/a-insercao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho-conquista-ou-imposicao-social/69626/>>. Acesso em: 27 mar. 2014.

GONTIJO, Amanda Moreira; FARIA, Dayane Santos; SILVA, Elizabete Bianca Tinoco. **Inserção do idoso no mercado de trabalho: uma inclusão social**. 2009. Disponível em: < http://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo_licenciatura.php?codigo=TL0213 >. Acessado em: 10 jan de 2013.

GRADELLA JÚNIOR, Osvaldo. Psicólogo (ser ou não ser?) escolar ou um ator à procura de um papel. 1989. 88 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Fundação Getúlio Vargas, 1988. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/9239/000054636.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 04 abril 2014.

HIRATA, Helena. **Globalização e divisão sexual do trabalho**. [19--?]. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a06.pdf> > Acessado em 10 jan. 2013.

_____. **Nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

_____. **Relações sociais de sexo e do trabalho:** contribuição à discussão sobre o conceito de trabalho. Brasília, v. 15, n. 65, jan/mar. 1995.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. Novas configurações da divisão social do trabalho. In: **Caderno de pesquisa**, v.37, n. 132, set/dez 2007. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>. Acessado em 10 de jan. 2013.

HOOKS, B. **Feminist theory: from margin to center.** Boston: South End Press, 1984.

IBGE. **Perfil dos idosos responsáveis por domicílios no Brasil 2000.** Rio de Janeiro, 2002.

_____. **Síntese de indicadores sociais:** uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinte_seindicsociais2010/SIS_2010.pdf>. Acessado em: 15 jun. 2013.

JACCOUD, Luciana de Barros. Envelhecimento e Políticas de Estado: Pactuando Caminhos Intersetoriais. In: **Revista dos Direitos da Pessoa Idosa:** o compromisso de todos por um envelhecimento digno no Brasil. Presidência da República; Secretaria de Direitos Humanos. Brasília/DF, 2011. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/3cndpi/doc/Revista_DireitosPessoa_Idosa.pdf>. Acessado em: 20 jun. 2013.

LAROUSSE CULTURAL, **Grande Dicionário Larousse Cultura da Língua Portuguesa.** São Paulo: Nova Cultural, 1992.

LEIRO, Lúcia. **Relações de gênero em o jogo de ifá.** In: In: Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. BRITTO DA MOTTA; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia (Org.). Salvador: NEIM/UFBA, 2000. Disponível em: <<http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/simone.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

LEMOS, Leonardo. **O Valor Turístico: (Re) Definindo a Economia do Turismo - Out/03.** Disponível em: <<http://www.revistaturismo.com.br/artigos/valortur.html>>. Acessado em: 10 jan. 2013.

LIMA, Elmar Rodrigues de. A participação de pessoas idosas no mercado de trabalho do setor de Turismo do Distrito Federal: Possibilidades e Limites. In: **Simpósios Temáticos – ST 106 – Relações de Poder e Gênero: desafios dos feminismos - Fazendo Gênero 10 – Desafios Atuais dos Feminismos.** Florianópolis – SC. 2013.

LIMOEIRO, Beatrice Cavalcante. Representações e identidades da pessoa idosa: um estudo sobre políticas públicas e direitos dos idosos no Brasil. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/ifisp/ppgs/eics/dvd/documentos/gts_1lleics/gt1/gt1beatrice.pdf>. Acesso em 19 mar. 2014.

LIUDVIK, Caio. Gente como a gente: colaboração para a folha. **Folha de São Paulo**, São Paulo. 26 ago. de 2007. Índice geral. Disponível em: <
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2608200702.htm>>.
 Acesso em: 17 mar 2014.

LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. Imagem e auto-imagem: da homogeneidade da velhice para a heterogeneidade das vivências. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: SESC-SP, 2007.

MARQUES, Márcia Siqueira Costa; PADILHA, Sônia. **Envelhecimento na revista Veja: análise dos conteúdos publicados**. Disponível em: <
http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/d/d2/Envelhecimento_na_Revista.pdf>.
 Acesso em: 26 mar. 2014.

MARUJO, Maria Noémi (2005), A Sociologia e o Turismo. In: RAMOS, Francisco Martins; SILVA, Carlos Alberto da. **Sociologia em Diálogo II**, Évora: Departamento de Sociologia/Universidade de Évora (Referee).

MARX, Karl. **O Capital**. Livro I, Tomo I. São Paulo, Nova Cultural, 1988. (Os Economistas).

MAZÓN, Tomás. **Sociologia del turismo**. Madri: Centro de Estudios Ramón Areces, 2001.
 MAUPAIN, Francis. **Mondialisation de l'économie et universalité de la protection des droits des travailleurs**. (Paper da Conferência, 26/ 27 de julho de 2000, Strasbourg)

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JUNIOR, Carlos E.A. **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCEUZ, 2002. Disponível em:
 <<http://static.scielo.org/scielobooks/d2frp/pdf/minayo-9788575413043.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2014.

MOESCH, Marutschka Martini. **Construção Metodológica Dialética: Por uma Epistemologia do Turismo**. Dissertação. PUCRS. Porto Alegre, 1999.

_____. Para além das disciplinas: o desafio do próximo século. In: GASTAL, Susana. (Org.). **Turismo: investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **A produção do saber turístico**. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2002. 140 p.

_____. A produção do saber turístico. **Etur**, 2002. Disponível em: <
<http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?IDConteudo=441>>. Acesso em: 01 abril 2014.

MORAGAS RM. **Gerontologia social: envelhecimento e qualidade de vida**. São Paulo: Paulinas, 1997.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. Rio de Janeiro: Forense, 1967.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Editora Salina, 2006.

MOTA, Érica Regina Coutinho Ferreira; SOUZA, Marta Alves de. **A evolução da mulher na contabilidade: os desafios da profissão**. Disponível em: <http://unibhcienciascontabeis.files.wordpress.com/2013/11/artigo_mulher_contabilista_completo.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2014.

NASCIMENTO, Ana Júlia Rodrigues do; RABÊLO, Francisco Chagas Evangelista. **Memória e envelhecimento: narrativas sobre questões de gênero e do mundo do trabalho**. In: **Sociedade e Cultura: Revista de Pesquisa e Debates em Ciências Sociais**: UFG, v.11, n.2, jul./dez, 2008.

NASCIMENTO, Ana Júlia Rodrigues do; RABÊLO, Francisco Chagas Evangelista. **Memória e envelhecimento: narrativas sobre questões de gênero e do mundo do trabalho**. Goiânia, 2008. Disponível em: <http://strabalhoegenero.cienciasociais.ufg.br/uploads/245/original_stg2008-6-1.pdf>. Acesso em: 02 abril 2014.

NERI, Anita Liberalesso (Coord.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: SESC, 2007.

_____, **Envelhecer bem no trabalho: possibilidades individuais, organizacionais e sociais. A terceira idade**. São Paulo, 2002. v.13, n. 24. p. 7-27.

NOTARI, Maria Helena de Aguiar; FRAGOSO, Maria Helena J. M. de Macedo. **A inserção do Brasil na política internacional de direitos humanos da pessoa idosa**. **Rev. direito GV**, 2011, vol.7, n.1, p. 259-276. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rdgv/v7n1/a13v7n1.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2014.

O TRABALHO da mulher no Brasil. 2014. Disponível em: <<http://www.colegiointegracaoonline.com.br/ci/2014/03/o-trabalho-da-mulher-no-brasil/>>. Acesso em: 27 mar. 2014.

OKAMOTTO, PAULO. **Empreendedorismo e a Terceira Idade**. In: BARROS JÚNIOR, Juarez Correia (org). **Empreendedorismo, trabalho e qualidade de vida na terceira idade**. 1.ed, São Paulo: Editora Edicon, 2009, 500 p. Disponível em: <<http://www.sfiac.org.br/artigos/social/Empreendedorismo3aIdade.pdf>>. Acessado em: 16 jun. 2012.

OLIVEIRA, Marcia Cristina de. **Envelhecer com dignidade: sentidos de uma cidadania possível**. In: **Revista dos Direitos da Pessoa Idosa: o compromisso de todos por um**

envelhecimento digno no Brasil. Presidência da República; Secretaria de Direitos Humanos. Brasília/DF, 2011. **Disponível em:** <
http://portal.mj.gov.br/sedh/3cndpi/doc/Revista_DireitosPessoa_Idosa.pdf>. Acessado em: 20 jun. 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Plano de ação internacional contra o envelhecimento, 2002**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003. (Série Institucional em Direitos Humanos; v. 1). Disponível em:<<http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/manual/5.pdf>>. acessado em: 21 jun. 2013.

OUTHWAITE, William & BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Zahar, 1996.

_____. **Dicionário do Pensamento Social, do Século XX**. RJ. : Z. Editor, 1993.

PAULA, José Maria de. **Isauras e Capitus: o percurso da atuação feminina na segunda metade do século XIX**. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013. Disponível em: <
<http://www.cesjf.br/index.php/mestrado-em-letras-dissertacoes/2013/30--16/file>>
. Acesso em: 02 abril 2014.

PERES, Marcos Augusto de Castro. Velhice, trabalho e cidadania. as políticas da terceira idade e a resistência dos trabalhadores idosos à exclusão social. 2007. 372 f. Tese (Doutorado em educação) – Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação, São Paulo, 2007. Disponível em: <
www.teses.usp.br/teses/disponiveis/.../TeseMarcosAugustoCastroPeres.pdf>. Acesso em: 05 abril 2014.

PARRAGUEZ, Paulina Osório. Mulheres da Terceira Idade e sua relação com o trabalho: Expectativas de qualidade de vida. In: BARROS JÚNIOR, Juarez Correia (org). **Empreendedorismo, trabalho e qualidade de vida na terceira idade**. 1.ed, São Paulo: Editora Edicon, 2009, 500 p. Disponível em: <
<http://www.sfiac.org.br/artigos/social/Empreendedorismo3aIdade.pdf>>. Acessado em: 16 jun. 2012.

PEDROSA, Vera. O trabalho como fator de qualidade de vida na terceira idade. In: BARROS JÚNIOR, Juarez Correia (org). **Empreendedorismo, trabalho e qualidade de vida na terceira idade**. 1.ed, São Paulo: Editora Edicon, 2009, 500 p. Disponível em: <
<http://www.sfiac.org.br/artigos/social/Empreendedorismo3aIdade.pdf>>. Acessado em: 16 jun. 2012.

PEREIRA, Fabíola. O que é turismo. **Agitos Campinas**. São Paulo - Campinas, 2008?. Disponível em< <http://www.agitocampinas.com.br/materias/o-que-e-turismo/1498>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

PRADO, Shirley Donizete. O curso da vida, o envelhecimento humano e o futuro. In: **Textos Envelhecimento** v.4 n.8 Rio de Janeiro 2002. Disponível em: <http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-59282002000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 jan. 2013.

RAQUEL, Tatiane - **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. 2008. Disponível em: <http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_4029/artigo_sobre_a_evolucao_da_mulher_no_mercado_de_trabalho>. Acesso em: 26 mar. 2014.

REIS, E. R., 2010, **Deficiência física e atividade turística: um contraponto entre a legislação e a realidade**, Belo Horizonte, MG.

ROCHA JÚNIOR, José Rodrigues. **A importância da população idosa para o país**. 2010. Disponível em: <<http://www.mt.gov.br/imprime.php?sid=151&cid=61168>>. Acesso em: 26 mar. 2014.

SAFFIOTI, Heleieth. **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994. 283 p.

_____. **Mulher brasileira: Opressão e exploração**. Rio de Janeiro: Achiamé. 1984.

_____. Parte I: dialogando com Simone. Conferência: o segundo sexo à luz das teorias feministas contemporâneas. In: BRITTO DA MOTTA; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia (Org.). **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas**. Salvador: NEIM/UFBA, 2000. Disponível em: <<http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/simone.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

SCOTT, Joan. Gênero; uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

_____. **Gênero: uma categoria útil para análise história**. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/6393/mod_resource/content/1/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2014.

SEABRA, Giovanni de Farias. **Paisagem, turismo e gestão de recursos naturais no meio técnico - científico globalizado**. 2000?. Disponível em: <[http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/81B33672E25AE19003256FE8004848F0/\\$File/NT000A6A5A.pdf](http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/81B33672E25AE19003256FE8004848F0/$File/NT000A6A5A.pdf)>. Acesso em: 17 mar 2014.

SENKEVICS, Adriano. O conceito de gênero por Joan Scott: gênero enquanto categoria de análise. Ensaio e Gênero. 2012. Disponível em: <<http://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/04/23/o-conceito-de-genero-por-joan-scott-genero-enquanto-categoria-de-analise>>. Acesso em: 30/03/2014.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10 - DESAFIOS ATUAIS DOS FEMINISMOS. Florianópolis, Santa Catarina, 2013.

SOUSA, Heloísa Maria Rodrigues de; JACOB FILHO, Wilson; SOUZA, Romeu Rodrigues de. **Turismo e qualidade e vida na terceira idade**. Editora Manole Ltda. Barueri, SP. 2006.

SOUZA, Adelina Maria de; SILVA, Andrine de Souza; SILVA, Niedja de Lima. **Efeitos de tornar-se mulher no Brasil**. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/download/388/216>>. Acesso em: 27 mar. 2014.

TAYLOR, Charles. **Hegel e a sociedade moderna**, [S. l]: Loyola, 2005

TOLFO, Suzana da Rosa; PICCININI, Valmíria. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicol. Soc.* 2007, v.19, p. 38/46. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19nspe/v19nspea07.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2014.

TOMIKAWA, Jun Matsuoka. **Marketing turístico e internet**: uma análise dos sites oficiais de turismo dos estados brasileiros. Dissertação de mestrado em Turismo. Brasília: Centro de Excelência em Turismo, Universidade de Brasília (UnB), 2009.

URVOY, Jeanne. **Ser sênior na França**: o lugar que os seniores ocupam na sociedade. In: BARROS JÚNIOR, Juarez Correia (org). **Empreendedorismo, trabalho e qualidade de vida na terceira idade**. 1.ed, São Paulo: Editora Edicon, 2009, 500 p. Disponível em: <<http://www.sfiec.org.br/artigos/social/Empreendedorismo3aIdade.pdf>>. Acessado em: 16 jun. 2012.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: Fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991.

WIKIPÉDIA. **Patriarcado**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Patriarcado>>. Acesso em: 02 abril 2014.

_____. **Demografia do Brasil**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Demografia_do_Brasil>. Acesso em: 23 mar. 2014.

REFERÊNCIA ELETRÔNICA

http://www.achetudoeregiao.com.br/atr/demografia_do_brasil.htm

<http://www.brasilecola.com/sociologia/a-mulher-mercado-trabalho.htm>

<http://www.administradores.com.br/artigos/carreira/a-insercao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho-conquista-ou-imposicao-social/69626/#>

http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_4029/artigo_sobre_a_evolucao_da_mulher_no_mercado_de_trabalho

<http://www.advivo.com.br/blog/marco-paulo-valeriano-de-brito/as-geracoes-boomer-baby-boomer-x-y-z>

<http://jornalouvidor.com.br/noticia/geracoes-x-y-e-z/737>

<http://www.vitacorporativa.com.br/2013/02/geracoes-xy-z-acabou-o-alfabeto-e-agora/>

(http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&id=65:g%C3%...).

(http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=6723&Itemid=368).

<http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=223>

<http://www.ufpa.br/ce/gepte/imagens/artigos/centralidade%20do%20trabalho%20-%20doutorado.pdf>

(http://www.achetudoeregiao.com.br/atr/demografia_do_brasil.htm)

NOTAS:

http://www.achetudoeregiao.com.br/atr/demografia_do_brasil.htm

http://www.achetudoeregiao.com.br/atr/demografia_do_brasil.htm

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1808-24322011000100013&script=sci_arttext

(<http://www.ufpa.br/ce/gepte/imagens/artigos/centralidade%20do%20trabalho%20-%20doutorado.pdf>).

<http://www.brasilecola.com/sociologia/a-mulher-mercado-trabalho.htm>

<http://www.administradores.com.br/artigos/carreira/a-insercao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho-conquista-ou-imposicao-social/69626/#>

http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_4029/artigo_sobre_a_evolucao_da_mulher_no_mercado_de_trabalho

<http://www.cadernocrh.ufba.br/viewarticle.php?id=223>.

<http://www.infoescola.com/sociedade/patriarcalismo/>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Patriarcado>

ANEXO A - Carta de apresentação

Ilustríssimo Senhor/Senhora

Saudações

Venho através desta, apresentar o Senhor Elmar Rodrigues de Lima, estudante do Mestrado Profissional em Turismo do Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília, o qual desenvolve uma pesquisa sob minha orientação intitulada, Participação de pessoas Idosas no mercado de trabalho em turismo: possibilidades e limites.

Para fundamentar as análises da pesquisa se faz necessário entrevistar pessoas idosas dos dois sexos, que trabalham ou já trabalharam em atividades turísticas, cujo objetivo se destina a dar maior conhecimento sobre a participação destas pessoas e quais as possibilidades e limites desta inserção profissional.

Diante do exposto venho solicitar autorização para a realização das referidas entrevistas e preenchimento dos questionários, vos salientando que os dados colhidos serão para uso da dissertação de mestrado, que depois de defendida e aceita pela banca examinadora, estará disponível na biblioteca pública da Universidade de Brasília. Quanto à identidade dos entrevistados/as, será totalmente resguardada, assim como os dados pessoais não serão divulgados.

Para maiores esclarecimentos nos colocamos à disposição e desde já agradecemos por vossa colaboração.

Atenciosamente,

Neuza de Farias Araújo

Professora Doutora em Sociologia Política

Centro de Excelência em Turismo – CET/UnB

E-mail: Neuza@unb.br

ANEXO B - Lista de ilustrações

FIGURAS:

Figura 1 – Mapa do Setor Hoteleiro Sul – (SHS) e Setor Hoteleiro Norte – (SHN).....

MAPA DOS HOTEIS

APÊNDICE A - Guia das entrevistas proposta de e guia das entrevistas para pesquisa de campo

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO

MESTRADO PROFISSIONAL EM TURISMO

APRESENTAÇÃO:

Prezado(a) servidor(a) de Hotéis, Restaurantes, Bares, Lanchonetes e Pizzarias de Brasília – DF.

Sou estudante do curso de Mestrado Profissional em Turismo da Universidade de Brasília – UnB, e estou fazendo uma pesquisa para defender em minha Dissertação:

“A participação do Idoso no Mercado de Trabalho no Setor de Turismo do Distrito Federal: possibilidades e limites”.

Para tanto necessito de sua atenção para responder perguntas a serem gravadas e transcritas para o meu trabalho. Com esta entrevista pretendo verificar a real participação de pessoas idosas no Mercado de Trabalho do Setor de Turismo.

Agradeço a compreensão e a colaboração.

MESTRANDO: ELMAR RODRIGUES DE LIMA

Envelhecimento:

1. O que você acha do envelhecimento? Fale um pouco sobre o envelhecimento?
2. Na sua compreensão as pessoas estão preparadas para envelhecer?
3. Poderia falar um pouco de sua vida, das condições de saúde, como se sente?

Vida familiar:

4. Além dos fatores determinantes da longevidade; como o cuidado com a saúde, as novas tecnologias voltadas para a saúde, os avanços em pesquisas na área biomédica, a busca pela melhoria na qualidade de vida, a disposição de resultados públicos para políticas públicas, como o serviço de saneamento e a saúde. Qual outro ou quais outros determinantes você apontaria para a longevidade?

Educação:

5. Você considera que deva haver uma educação para a velhice, uma espécie de preparação para a velhice, a criação de uma ponte, de um feedback para envelhecer com saúde, com qualidade de vida, como por exemplo: alimentar-se de forma saudável, praticar esportes e manter-se ativo?

Trabalho na juventude e na velhice:

6. Desde o nascimento até a morte estamos em constantes mudanças, e essas mudanças variam de pessoa para pessoa: como por exemplo: perdas de força física, perdas de agilidade mental, tornar-se dependente, tornar-se limitado, dificuldade de executar trabalhos que praticava na juventude. O que você acha dessas mudanças?
7. Se o idoso/idoso conserva as práticas de antes de envelhecer, como: exercitar-se, manter as amizades, estar sempre ativo, manter-se bem informado. Este idoso/idoso faz valer os seus direitos?
8. Você acha que existe aceitação do idoso/idoso no mercado de trabalho?
9. Você acha que o idoso/idoso vindo a ocupar uma vaga no mercado de trabalho está tomando vaga de um jovem?

Gêneros:

10. Como você ver a relação entre os gêneros no mercado de trabalho? Há uma concorrência? Os homens ganham mais do que as mulheres? O número de mulheres é maior do que o número de homens? Essa relação tanto de número quanto de salário deve ser proporcional? Por quê?

A participação de pessoas idosas no mercado de trabalho do Setor de Turismo:

11. Você acha que é possível assegurar os direitos sociais do idoso/idoso, no mercado de trabalho do Setor de Turismo?

Os locais mais freqüentados pelos idosos/idosas:

12. Em sua opinião, além dos hotéis e restaurantes, quais são os locais mais freqüentados pelos idosos/idosas?

A aposentadoria:

13. Sabemos que o crescente envelhecimento da população é um fato que diz respeito à sociedade em geral. Em sua opinião o idoso/idoso está preparado para se aposentar? O Estado está preparado para os gastos com idosos/idosas? Existem políticas públicas voltadas para o idoso/idoso?

14. A população envelhece e a taxa de natalidade diminui. O Brasil já pode ser comparado com o Japão, com a China, com a França? Quais as conseqüências para um país com essas características?

15. Se a população envelhece e a taxa de natalidade diminui. Quais as ações que têm sido feitas pelas políticas públicas ao longo dos últimos anos?

Campo de atuação dos idosos/idosas no mercado de trabalho:

16. Existe um campo de atuação para os idosos/idosas no mercado de trabalho do setor de Turismo no Distrito Federal? Onde?

A desaposentação:

17. O que você acha da desaposentação? Poderia falar um pouco? Qual o seu ponto de vista?

Análise da inserção do idoso/idoso no mercado de trabalho no setor de turismo:

18. O objetivo geral de minha Dissertação é analisar a inserção do idoso/idoso no mercado de trabalho no setor de Turismo. Poderia falar um pouco sobre o que você entende por inserção destes idosos/idosas no mercado de trabalho do setor de turismo?

Os objetivos específicos:

19. Você poderia falar um pouco sobre os diferentes campos de atuação do Turismo?

20. Você acha que com a participação do idoso/idoso no mercado de trabalho haverá aumento na arrecadação do PIB?

21. A qualidade de inserção social do idoso/idoso no mercado de trabalho contribui para a sua qualidade de vida?

Avanço da tecnologia:

22. Até onde avançará a tecnologia médica? Viver até 150 anos como planejam os japoneses é importante para o crescimento humano? Até que ponto é válido viver até 150 anos?

23. Você poderia falar um pouco sobre os limites para a qualidade de vida?

Exercício da cidadania:

24. Simone de Beauvoir (escritora francesa), em 1997 escreveu “A velhice”. Nesse livro ela faz a seguinte reflexão: A velhice é menos árida nos indivíduos que em sua idade adulta, foram capazes de sentimentos calorosos. Esses sentimentos calorosos você analisa de que ângulo? Do ponto de vista familiar? Do ponto de vista da Sociedade? Do ponto de vista do Estado?

25. Para você: A cidadania se dar ou a cidadania de conquista?

26. Em “A reinvenção da velhice” a escritora Guita Grin Debert (1999) oferece uma análise ousada do processo que vem prescindindo a construção social da velhice no Brasil. Para você, essa construção significa conquista de direitos? Significa reconhecimento? Significa respeito?

Histórico da aposentadoria no Brasil:

27. A construção social da velhice no Brasil passa por um processo de socialização. Esse processo vem prescindindo, vem dispensando, vem deixando de lado direitos e vantagens, como por exemplo, o uso da aposentadoria precoce, estimulada em algumas empresas. Em sua opinião o estímulo à aposentadoria precoce é correto? Como você classificou ou classifica o PDV (Programa de Demissão Voluntária)?

28. Você faz ou você faria uma previdência privada, para garantir uma velhice mais tranquila financeiramente? Você acha que compensa, ou você acha que a taxa de juros é muito alta no Brasil? Deve ser criado um incentivo para a previdência privada?

29. A poupança é algo tido com prevenção, como cuidado com o futuro. No Japão existe incentivo para a poupança. Você acha que no Brasil existe incentivo, existe estímulo para a poupança?

30. No Japão não existe aposentadoria remunerada de marajá. No Brasil a fórmula de cálculo da aposentadoria também pode mudar. Você está preparado? Você está acompanhando esse debate?

O futuro da velhice:

31. A que preços os idosos farão o caminho que hoje é traçado pela tecnologia, pela medicina, pela engenharia, pela informática, pela genética, que vem constituindo um mundo de inovações para o corpo? (e que se oferecem para a construção de um futuro desejado). Que repercussão trará para a velhice com esse futuro que a tecnologia delinea?

A caracterização da velhice:

32. O que caracteriza para você o envelhecimento?

Medida do crescimento humano em proporção ao crescimento tecnológico:

33. Em sua opinião o crescimento humano após a II Guerra Mundial tem crescido e se desenvolvido na mesma proporção que o crescimento tecnológico?

A relação entre produção e consumo:

34. A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos. A divisão sexual do trabalho é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos: O homem pertencente à visão da esfera produtiva e a mulher pertencente à visão da esfera reprodutiva. Em sua opinião qual a relação entre produção e consumo? Entre produção e reprodução?

O trabalho e o seu significado:

35. O que você entende por trabalho?

36. Quais os principais problemas que o trabalhador enfrenta na vida privada?

37. Quais os principais problemas que o trabalhador enfrenta na vida pública?

A qualificação do idoso/idoso no mercado de trabalho:

38. A qualificação, a especialização, a produção, no mundo contemporâneo, tem se caracterizado como a era do trabalho, cujo mercado movido por uma crescente tecnologia, vem exigindo que o profissional seja mais qualificado, mais especializado, mais produtivo. Que pesa mais na hora do emprego? A Idade? Ou a escolaridade?

Expectativa de melhoria para as próximas gerações:

39. Que sugestões você daria para inserção dos idosos/idosas neste mercado de trabalho e quais as contribuições que traria para o desenvolvimento do Turismo?

**APÊNDICE B - Guia dos questionários proposta de questionário para
pesquisa de campo**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO
MESTRADO PROFISSIONAL EM TURISMO**

APRESENTAÇÃO:

Prezado(a) servidor(a) de Hotéis, Restaurantes, Bares, Lanchonetes e Pizzarias de Brasília –
DF.

Sou estudante do curso de Mestrado Profissional em Turismo da Universidade de Brasília –
UnB, e estou fazendo uma pesquisa para defender em minha Dissertação:

“A participação do Idoso no Mercado de Trabalho no Setor de Turismo do Distrito Federal:
possibilidades e limites”.

Para tanto necessito de sua atenção para preencher este formulário e eventuais perguntas a
serem gravadas e transcritas para o meu trabalho. Com este questionário e com esta entrevista
pretendo verificar a real participação de pessoas idosas no Mercado de Trabalho.

Agradeço a compreensão e a colaboração.

MESTRANDO: ELMAR RODRIGUES DE LIMA

1. Nome: _____
2. Idade: _____ Sexo: _____
3. Função ou cargo atual que exerce ou que exerceu: _____
4. Qual o local do seu trabalho? _____
5. Além de suas funções específicas, você desempenha outras atividades? _____
6. Você exerce outra atividade remunerada fora de sua área de trabalho atual? _____ Especificar: _____
7. Você _____ já _____ tem aposentadoria? _____
8. Qual o tempo de serviço total trabalhado? _____
9. Escolaridade: Primário: _____ Secundário: _____ Superior: _____
10. Qual _____ a _____ sua _____ faixa salarial? _____
11. Poderia indicar quanto é a sua renda familiar? _____
12. Você se sente bem no trabalho? _____
13. Você tem lazer? _____ Você valoriza o lazer e o entretenimento? _____ O seu trabalho lhe dá prazer? _____
14. Você costuma viajar? _____
15. Você considera a viagem um investimento? _____
16. A educação recebida foi importante? _____ Em quais aspectos? _____
17. Qual o seu cargo? Qual a sua ocupação na empresa? _____
18. Você se considera um bom profissional? _____

19. Quanto ao sentimento de pertença. Você sente-se aceito pelos amigos, você se sente incluído no grupo? _____
20. Quanto ao senso de realização, de compromisso, de responsabilidade: você acha que usa dos seus talentos, para realizar o que deve ser feito no seu trabalho? _____

21. Quais suas atividades culturais? Música? _____
Teatro? _____ Cinema? _____ Dança? _____
22. O que significa conforto para você? Dinheiro? Saúde? Uma vida sossegada? Paz? Família reunida? Um trabalho bem remunerado? _____

23. A violência em Brasília - DF, já chegou? Se você considera que chegou qual a solução para o problema? _____

24. A segurança em Brasília está sob controle, ou ainda não é modelo para nenhuma cidade? _____

25. Quanto a sua própria segurança. Você se sente seguro, se sente fora de perigo? Você se sente protegido? _____
26. O idoso é respeitado no local de trabalho?

27. E em casa, como é essa relação com a família? Existe respeito? Consideração? Estima? Estímulo? Qual a sensação de realização pessoal com a família? _____ e com o público externo? _____
28. E quanto ao seu cuidado com a saúde. Vai sempre ao médico?

29. Você se sente realizado com o seu trabalho? _____ Por quê? _____
30. Você usa a internet? _____
31. Você se liga muito em televisão? _____

32. Você lê jornais todos os dias? _____
33. Você pratica algum tipo de esporte? _____
34. Você toca algum instrumento musical? _____
35. Você se considera estimulado a levar uma vida alegre e encontrar motivo nas coisas para o bem viver? _____
36. Você conhece os seus direitos e os seus deveres no trabalho? _____
37. Você percebe a importância de trabalhar na área do Turismo? _____
38. Você se sente importante participando da atividade Turística? _____
39. A participação do idoso/idoso no mercado de trabalho é importante para você? _____
40. O que você entende por gênero? _____
41. Você se sente bem aceito(a) na atividade em que trabalha no Turismo? _____
42. Em sua opinião o Distrito Federal já apresenta estrutura para o Turismo? _____
43. Brasília tem grandes hotéis para oferecer aos visitantes? _____
44. Brasília tem grandes restaurantes para oferecer aos visitantes? _____
45. O que chama mais atenção em Brasília para a atividade Turística, em sua opinião? _____
46. As cidades satélites e o entorno contribuem para o crescimento do Turismo do Distrito Federal? _____
47. É possível viver com o trabalho do Turismo no Distrito Federal? _____
48. A vivência e a experiência do idoso/idoso no mercado de trabalho, em sua opinião colaboram para a formação dos mais jovens? _____
49. Em sua opinião a cidade de Brasília está preparada para sediar os jogos da copa do Mundo de 2014? _____
50. Quais são os limites de Brasília, quanto à pretensão de sediar grandes eventos, como por exemplo, as olimpíadas de 2016? _____

APÊNDICE C- Locais de visitas para aquisição de dados para leitura e posteriormente fazer a pesquisa de campo

1. UNESCO: ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA.

ENDEREÇO: SAS – QUADRA 05 – BLOCO “H” – LOTE 06 – ED. CNPq/IBICT/UNESCO – 9º. ANDAR – CEP: 70.070-914 – BRASÍLIA – DF – FONE: (61)-2106-3500

2. IBGE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

IBGE: UNIDADE ESTADUAL DO DISTRITO FEDERAL - ENDEREÇO: SDS – BLOCO “H” – ED. VENÂNCIO II – 2º. ANDAR – SALA 205 – ASA SUL – BRASÍLIA – DF – FONE: (061)-3319-2123

3. IBGE: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

AGÊNCIA BRASÍLIA – ENDEREÇO: SCRS 509 – BLOCO A LJS 1/5 – W/3 SUL – BRASÍLIA – DF – CEP: 70.360-510 – FONE: (61)-3319-2123

4. MINISTÉRIO DO TURISMO

ENDEREÇO: ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS – BLOCO “U” - 2º./3º. ANDAR – BRASÍLIA – DF – 70.065-900

5. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PARTICIPANTES DE FUNDOS DE PENSÃO

ENDEREÇO: SCS – QUADRA 06 – BLOCO “A” – ED. CARIOCA – SALA 709 – BRASÍLIA – DF – CEP: 70.325-900 – FONE: (61)-3326-3086 – 3326-3087 – 3328 – 5326

6. MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO

ENDEREÇO: SCS – QUADRA 09 – LOTE “C” – TORRE “A” – 12º. PAVIMENTO – BRASÍLIA – DF – CEP: 70.308-200 – TELEFONE (61) – 33148500

7. SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

ENDEREÇO: SCS – “B” – QUADRA 09 – LOTE “C” – ED. PARQUE CIDADE COPORATE – TORRE “A” – 10º. ANDAR – BRASÍLIA – DF – CEP: 70.308-200

8. SECRETARIA DE ESTADO DE TRABALHO

ENDEREÇO: SETOR BANCÁRIO NORTE – QUADRA “02” – LOTE “09” – BLOCO “k” – ED. WAGNER – 3º. SUBSOLO – CEP: 70.041-901 – FONE: (61)-3326-1379 – 3328-5549

9. MINISTÉRIO DO TURISMO: Secretaria Nacional de Políticas de Turismo – Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico – Coordenação-Geral de Segmentação.

ENDEREÇO: SCN – ANEXO ID - QUADRA 06 – BLOCO A – 12º. ANDAR –
SALA 1213

BRASÍLIA – DF – 70.716-900

Sr. Cristiano Araujo Borges

10. MINISTÉRIO DO TURISMO

ENDEREÇO: SCN – SHOPING ID - QUADRA 06 – EDIFÍCIO VENÂNCIO 3.000 – TORRE “A” – SALA 1107

11. OIT: ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO

ENDEREÇO: SETOR DE EMBAIXADA NORTE – LOTE 35 – BRASÍLIA – DF – 70.800-400 – TELEFONE: + 55.61 (2106-4600)

HORÁRIO: DE SEGUNDA A QUINTA- DAS 08H ÀS 12H E DAS 14H ÀS 17H30 E SEXTA: DAS 08H00 ÀS 13H30

12. AGENDE: AÇÕES EM GÊNERO CIDADANIA E DESENVOLVIMENTO:

ENDEREÇO: SCLN 315 – BLOCO B – SALA 101 – ASA NORTE – BRASÍLIA – DF – CEP: 70.774-520 – FONE: (061)-3273-3551

13. SNAS: SECRETARIA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

ENDEREÇO: ED. ÔMEGA – SEPN (515) – BLOCO “B” – 3º. ANDAR – SALA 360 – CEP: 70.770-502 – BRASÍLIA – DF

14. CONSELHO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

ENDEREÇO: SEPN (515) – BLOCO “A” – LOTE 1 – 4º. - ANDAR – ED. BANCO DO BRASIL - BRASÍLIA – DF – CEP: 70.770-501

15. SECRETARIA DE ESTADO E AÇÃO SOCIAL DO DISTRITO FEDERAL:

ENDEREÇO: SEPN (516) – BLOCO “F” – S/N – SALAS: 14/15 – NA “1” – SS – BRASÍLIA – DF – CEP: 70.770-520 – FONE: (61) – 3349-0365.

16. SECRETARIA ESPECIAL DO IDOSO DO DISTRITO FEDERAL

ENDEREÇO: SIA – TRECHO 02 – LOTE 2075 A 2115 – ED. AZULÃO – CEP: 71.200-020 – FONE: 3355-8001 – 3355-8011 – 3355-8012 – 3355-8013 – 3355-8054 – 335580905.

17. CODEPLAN - COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL

SAIN – PROJEÇÃO “H” – EDIFÍCIO SEDE – CODEPLAN – CEP: 70.620-000 – DF

TELEFONE: (61)3342-2222 – e-mail: codeplan@codeplan.df.gov.br

18. SECHOSC – DF: SINDICATO DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO HOTELEIRO, RESTAURANTES, BARES E SIMILARES DO DISTRITO FEDERAL – FILIADO A CUT.

Endereço: SDS – Edifício Venâncio III – Loja 04 – 1º e 2º Subsolo – 70.393-900 – Brasília – DF – Fone: (61)-3223-6142 / 6469

Presidente: Elesbão Ferreira Oliveira

e-mail: adv@sechosc.com.br

SECRETÁRIA: Rosângela

19. SINDHOBAR: SINDICATO DE HOTÉIS, RESTAURANTES E SIMILARES DE BRASÍLIA

Endereço: SDS – Edifício Boulevard Center – Bloco “A” – 1º Andar – Sala 117 a 124, Brasília, Distrito Federal, 70-391-900 Fone: 61-3312-1000/1009

<http://www.sindhobar.com.br>

Secretária: Maria Rafael

20. ABIH: Associação Brasileira da Indústria de Hotéis de Brasília – Distrito Federal

Endereço: Q. 02 – Bloco “J” – Loja 42 – Asa Norte

Kubitschek Plaza Hotel – Sobreloja 41

– CEP: 70.702-909 – Fone: (061) – 3329-3343

Presidente: Helder Carneiro

Secretária: Jô

**APÊNDICE D – Capítulo referente a pesquisa aos locais de visita:
Orgãos Distrital e Federal**

1 – TRABALHO DECENTE – CONCEITO:

<http://jus.com.br/revista/texto/17550/trabalho-decente-segundo-estudos-da-organizacao-internacional-do-trabalho>

2 - A OIT E A CIDADANIA DO PONTO DE VISTA ECONÔMICO, POLÍTICO E SOCIAL

http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v1n2_aspectos.htm

http://www.dgz.org.br/out00/Art_02.htm

3 - OBSERVATÓRIO IGUALDADE DE GÊNERO

<http://www.spm.gov.br/publicacoes-teste/publicacoes/2012/revista-observatorio-2012>

4 - INDICADORES SOCIAIS DA POPULAÇÃO BRASILEIRA

<http://www.coladaweb.com/economia/indicadores-sociais>

http://www2.fct.unesp.br/nera/atlas/caracteristicas_socioeconomicas_a.htm

5 - A OCUPAÇÃO DOS IDOSOS, DADOS ESTATÍSTICOS

http://www.saudeemmovimento.com.br/conteudos/conteudo_exibe1.asp?cod_noticia=91

<http://www.scielo.br/pdf/ape/v18n4/a11v18n4.pdf>

http://www.incor.usp.br/sites/webincor.15/docs/ouvidoria/cartilha_idosos.pdf

**APÊNDICE E - Relatório de visitas aos hotéis e restaurantes
questionários e guias de entrevistas**

1.	HOTEL NACIONAL	DIA: 24.06.13
2.	HOTEL ALVORADA	DIA: 25.06.13
3.	BRISTOL HOTEL	DIA: 25.06.13
4.	HOTEL DAS AMÉRICAS	DIA: 25.06.13
5.	HOTEL DAS NAÇÕES: Em construção	DIA: 25.06.13
6.	CARLTON HOTEL	DIA: 26.06.13
7.	GRAN BITTAR HOTEL: (1) – REDE BITTAR HOTEL	DIA: 26.06.13
8.	PHENÍCIA BITTAR HOTEL: (2) – REDE BITTAR HOTEL	DIA: 26.06.13
9.	SAN MARCO HOTEL	DIA: 27.06.13
10.	AMÉRICA BITTAR HOTEL: (3) – REDE BITTAR HOTEL	DIA: 28.06.13
11.	MONUMENTAL BITTAR HOTEL: (4) - REDE BITTAR HOTEL	DIA: 01.07.13
12.	PLAZA BITTAR HOTEL: (5) – REDE BITTAR HOTEL	DIA: 01.07.13
13.	BITTAR INN HOTEL: (6) – REDE BITTAR HOTEL	DIA: 02.07.13
14.	HOTEL NAOUM PLAZA BRASÍLIA	DIA: 03.07.13
15.	HOTEL MELIÃ BRASIL 21: REDE DE HOTÉIS BRASIL 21	DIA: 04.07.13
16.	HOTEL 21 CONVENTION: REDE DE HOTÉIS BRASIL 21	DIA: 05.07.13
17.	HOTEL 21 CONVENTION: REDE DE HOTÉIS BRASIL 21	DIA: 08.07.13
18.	ESPLANADA BRASÍLIA HOTEL	DIA: 09.07.13
19.	BRASÍLIA IMPERIAL HOTEL	DIA: 10.07.13
20.	NAOUM EXPRESS BRASÍLIA: REDE NACIONAL HOTÉIS	DIA: 11.07.13
21.	RIVIERA HOTEL	DIA: 11.07.13

- | | | |
|---|--|---------------|
| 22. | ECONOTEL | DIA: 11.07.13 |
| 23. | PLANALTO BITTAR – HOTEL E EVENTOS | DIA: 12.07.13 |
| 24. | S.T. PETER HOTEL | DIA: 15.07.13 |
| 25. | BONAPARTE BLUEPOINT HOTÉIS | DIA: 16.07.13 |
| 26. | S. T. PAUL PLAZA HOTEL | DIA: 17.07.13 |
| 27. | MANHATTAN PLAZA HOTEL | DIA: 18.07.13 |
| 28. | KUBITSCHEK PLAZA HOTEL | DIA: 19.07.13 |
| 29. | BRASÍLIA PLAZA LOTEL | DIA: 22.07.13 |
| 30. | METROPOLITAN FLAT HOTEL | DIA: 23.07.13 |
| - | | |
| 31. | HOTEL CASABLANCA | DIA: 24.07.13 |
| 32. | HOTEL DIPLOMATA | DIA: 25.07.13 |
| 33. | BYBLOS HOTEL LTDA | DIA: 25.07.13 |
| 34. | EL PILAR HOTEL | DIA: 26.07.13 |
| 35. | ARISTUS HOTEL | DIA: 29.07.13 |
| 36. | GARVEY PARK HOTEL | DIA: 30.07.13 |
| 37. | GARVEY PARK HOTEL | DIA: 31.07.13 |
| 38. | H PLUS HOTELATIA: REDE DE HOTÉIS | DIA: 02.08.14 |
| 39. | SAINT MORITZ HOTEL: REDE DE HOTÉIS | DIA: 05.07.14 |
| OBS: RH – NO EDIFÍCIO LIBERT MALL SALA 634 - | | |
| 40. | TORRE PALACE HOTEL:
EM REFORMA – EM PROCESSO DE IMPLOÇÃO | DIA: 06.08.13 |
| 41. | AIRAM BRASÍLIA HOTEL
OBS: RH - NO BAY PARK – (VILA PLANALTO) | DIA: 07.08.13 |
| 42. | NOBILE SUÍTES MONUMENTAL HOTEL | DIA: 09.08.13 |

- | | | |
|------------|---|----------------------|
| 43. | ALLIA GRAN HOTEL – BRASÍLIA SUÍTES | DIA: 12.08.13 |
| 44. | CONFORT HOTEL (SUÍTES) | DIA: 13.08.13 |
| 45. | ARACOARA HOTEL | DIA: 14.08.13 |
| 46. | MERCURE LÍDER (HOTEL) | DIA: 15.08.13 |
| 47. | MERCURE HOTEL | DIA: 16.08.13 |